



Centro de Competências de Artes e Humanidades

**Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais
no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário**

Volume I

Orientador:

Professor Doutor Carlos Valente

Andreia Patrícia Rodrigues Tomás

Julho de 2010

Resumo

Esta dissertação surge no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais do ensino do 3º ciclo e Ensino Secundário. É composta por três partes: fundamentos teóricos, investigação científica e relatório da prática pedagógica.

A primeira parte corresponde aos fundamentos teóricos, em que foi feito um estudo sobre a educação artística em Portugal e o papel do professor na educação pela arte.

A investigação científica, que tem como título “O corpo na linguagem performativa”, apresenta uma abordagem à arte da *performance* referindo conceitos e representantes. Nesta análise foram fundamentais os conceitos e teorias de alguns autores, como por exemplo Roselee Golberg, Renato Cohen, Jorge Glusberg, entre outros.

A terceira parte é concernente ao relatório da prática pedagógica realizado em duas escolas distintas, na Escola Secundária Francisco Franco e na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, ambas no concelho do Funchal.

O estágio realizado visou a aplicação da investigação científica nas práticas de ensino que decorreram nas referidas escolas, permitindo aos professores estagiários a experiência de leccionar e transmitir os seus conhecimentos na prática pedagógica e, conseqüentemente, reflectir acerca do ensino artístico no panorama actual.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, Corpo, *Performance*, Acção, Expressão, Educação, Ensino-Aprendizagem.

Abstract

This study comes within the Master in Teaching the Visual Arts education in the 3rd cycle and secondary education. It consists of three parts: theoretical, scientific research and report of pedagogical practice.

The first part corresponds to the theoretical foundations on which a study was done on Arts Education in Portugal, and the teacher's role in Education through Art.

The scientific research, which is entitled "The body in performative language" presents an approach to *performance art* referring to concepts and representatives. In this analysis were the fundamental concepts and theories of some authors, such as Roselee Goldberg, Renato Cohen, Jorge Ginsberg, among others.

The second part is concerned at the report stage of the pedagogical practice carried out in two separate schools in the High School Francisco Franco and the Primary and Secondary School Gonçalves Zarco, the municipality of Funchal.

The internship project aims the implementation of scientific research in teaching practices that took place in those schools, enabling teachers to teach trainees the experience and impart their knowledge in teaching practice and therefore reflect on the current landscape in art education.

Keywords: Contemporary Art, Body, *Performance*, Action, Expression, Education, Education-Learning.

Índice

Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Lista de Figuras.....	viii
Lista de Gráficos.....	x
Agradecimentos.....	xi
Introdução.....	12
I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
1. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	15
1.1. A arte e a educação	15
1.2. O papel do professor e da escola na Educação Artística	20
1.3. Educação Artística em Portugal.....	25
II - INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.....	29
2. O CORPO NA LINGUAGEM PERFORMATIVA.....	31
2.1. Dos objectivos	31
2.2. Dos conceitos	32
2.3. Enquadramento Histórico.....	36
2.3.1. Antecedentes da <i>Performance</i> : antes da década de 60	36
3. A ARTE DA PERFORMANCE	45
3.3. Artista, público, espaço-tempo, expressão cénica, corpo	45
4. A PERFORMANCE ALIADA ÀS NOVAS TECNOLOGIAS	56
5. A <i>PERFORMANCE</i> COMO LINGUAGEM INTERDISCIPLINAR	59
6. A INTERDISCIPLINARIEDADE NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	60
7. A EXPRESSÃO CORPORAL NO CONTEXTO EDUCATIVO	61
III- RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA-DIDÁTICA.....	63
8. PRIMEIRA FASE DA PRÁTICA PEGAGÓGICA.....	65
8.1. Introdução	65
8.2. Caracterização da Escola.....	66

8.2.2. Dados históricos	66
8.2.3. Caracterização do Meio Sócio-Económico.....	67
8.2.4. Alunos e Docentes	68
8.2.5. Serviços e Espaços.....	68
8.2.6. Horário de Funcionamento.....	69
8.3. Caracterização da disciplina de Desenho A	69
8.3.1. Caracterização do programa da disciplina	69
8.4. Caracterização da sala de Desenho A.....	71
8.5. Caracterização da turma	73
8.5.1. Análise de dados referentes aos alunos.....	73
8.5.2. Análise do trabalho com a turma	75
8.6. Formação Pedagógica	76
8.6.1. Observação das aulas da orientadora pedagógica cooperante.....	76
8.6.2. Observação das aulas das colegas em estágio	77
8.7. Acção Didáctica e Pedagógica.....	79
8.7.1. O projecto desenvolvido com a turma.....	80
8.7.2. Organização da visita de estudo.....	81
8.7.3. Aulas de grupo.....	82
8.7.3.1. Primeira aula assistida: Preparação para a visita de estudo	82
8.7.3.2. Segunda aula assistida: Visita de estudo ao Centro das Artes	83
8.7.3.3. Terceira aula assistida: Preenchimento de um Teste Diagnóstico..	86
8.7.4. Análise crítica das aulas.....	87
8.7.5. Aula individual	88
8.7.5.1. Primeira aula assistida: O corpo na linguagem performativa.....	88
8.7.6. Análise crítica da aula.....	90
8.7.7. Análise do trabalho dos alunos	91
8.8. Avaliação em Desenho A	92
9. SEGUNDA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	93
9.1. Introdução	93
9.2. Caracterização da Escola.....	94
9.2.2. Dados Históricos.....	94
9.2.3. Caracterização do Meio Sócio-Económico.....	96
9.2.4. Alunos e Docentes	97
9.2.5. Serviços e Espaços.....	98
9.2.6. Horário de Funcionamento.....	98

9.3. Caracterização da disciplina de Educação Visual.....	99
9.3.1. Caracterização do Programa.....	99
9.4. Caracterização da sala de Educação Visual.....	101
9.5. Caracterização da Turma	103
9.5.1. Análise de dados referentes aos alunos.....	103
9.5.2. Análise do trabalho com os alunos.....	105
9.6. Formação Pedagógica	105
9.6.1. Observação das aulas da orientadora pedagógica cooperante.....	106
9.6.2. Observação das aulas das colegas em estágio	107
9.7. Acção Didáctica e Pedagógica	108
9.7.1. O projecto desenvolvido com a turma.....	108
9.7.2. Aulas individuais	109
9.7.2.1. Primeira aula assistida	110
9.7.2.2. Segunda aula assistida.....	111
9.7.2.3. Terceira aula assistida	112
9.7.2.4. Quarta aula assistida.....	114
9.7.3. Aula de grupo.....	115
9.7.4. Análise crítica das aulas.....	119
9.7.5. Análise do trabalho dos alunos	121
9.8. Avaliação.....	122
10. ANÁLISE CRÍTICA DO ESTÁGIO.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128

Lista de Figuras

Figura 1 - Marcel Duchamp, <i>Tonsure</i> , 1919.....	37
Figura 2 - Marcel Duchamp, <i>Rose Sélavy</i> , 1920.....	37
Figura 3 - Jackson Pollock, <i>Action Painting</i> , 1950.....	39
Figura 4 - Murakami Saburo, <i>Passage</i> . 1955.....	40
Figura 5 - Allan Kaprow, <i>18 happenings in 6 Parts</i> , 1959.....	41
Figura 6 - Yves Klein, <i>Salto para o Vazio</i> , 1960.....	42
Figura 7 - Yves Klein, <i>Antropometria do Período Azul</i> , 1960.....	43
Figura 8 - Hermann Nitsch`s, <i>The Orgien Mysterien Theaters</i> , 1984.....	49
Figura 9 - Gilbert & George, <i>The singing sculpture</i> , 1969.....	49
Figura 10 - Joseph Beuys, <i>Coyote: I like America and America likes me</i> , 1974.....	51
Figura 11 - Marina Abramovic, <i>Art must be beautiful</i> , 1975.....	52
Figura 12 - Anne Teresa De Keersmaeker, <i>Rosas Danst Rosas</i> , 1983.....	54
Figura 13 - Vanessa Beecroft, <i>Still Death Darfur, Still Death</i> , 2007.....	55
Figura 14 - Stelar, <i>Terceira Mão</i> , 1982.....	57
Figura 15 - Stelarc, <i>Exosqueleton</i> , 1998.....	58
Figura 16 - Logótipo da Escola Secundária Francisco de Franco.....	66
Figura 17 - Fotografia da Escola Secundária Francisco de Franco.....	66
Figura 18 - Sala de aula da disciplina de Desenho A.....	71
Figura 19 - Visita de estudo - os alunos no espaço exterior do Centro das Artes na Calheta.....	84
Figura 20 - Visita de estudo - os alunos no espaço interior do Centro das Artes na Calheta.....	84
Figura 21 - Visita de estudo - os alunos no espaço interior do Centro das Artes na Calheta.....	85
Figura 22 - Trabalho elaborado pelo grupo I.....	89
Figura 23 - Trabalho elaborado pelo grupo VI.....	89
Figura 24 - Trabalho elaborado pelo grupo II.....	92

Figura 25 - Trabalho elaborado pelo grupo II	92
Figura 26 - Logótipo da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco	94
Figura 27 - Fotografia da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco	94
Figura 28 - Sala de aula da disciplina de Educação Visual	101
Figura 29 - Sala de informática da disciplina de Educação Visual.....	102
Figura 30 - Registo fotográfico de uma expressão realizada pelo grupo I	112
Figura 31 - Registo fotográfico de uma expressão realizada pelo grupo II	112
Figura 32 - Exploração digital de uma imagem realizada pelo grupo III	114
Figura 33 - Exploração digital de uma imagem realizada pelo grupo I	114
Figura 34 - Sombra dos alunos projectadas sobre o papel de cenário	116
Figura 35 - Realização dos contornos a guache negro da imagem projectada no papel de cenário.....	116
Figura 36 - Realização dos contornos das silhuetas dos colegas que estiveram em retro projecção.....	117

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos estudantes por nível etário	73
Gráfico 2 - Distribuição dos estudantes por nacionalidade.....	73
Gráfico 3 - Distribuição dos estudantes por concelho de residência	74
Gráfico 4 - Distribuição dos estudantes por naturalidade.....	74
Gráfico 5 - Distribuição dos estudantes por disciplinas com maiores dificuldades	74
Gráfico 6 - Distribuição dos estudantes por disciplinas preferidas.....	74
Gráfico 7 - Distribuição dos estudantes por profissão desejada.....	103
Gráfico 8 - Distribuição dos estudantes por alunos com situações especiais.....	104
Gráfico 9 - Distribuição dos estudantes por modos de trabalho de pedagógico preferido.....	104
Gráfico 10 - Distribuição dos estudantes por eventuais dificuldades na aprendizagem.....	104
Gráfico 11 - Distribuição dos estudantes por qualidades apreciadas no professor....	104

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao Orientador, Professor Carlos Valente, o apoio prestado durante o desenvolvimento desta dissertação.

À professora cooperante, Filipa Venâncio, pelo apoio dado durante o estágio na Escola Secundária Francisco Franco.

À professora cooperante, Cristina Duarte, pelo apoio dado durante o estágio na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

Aos demais professores da Universidade da Madeira que contribuíram, directa indirectamente, para a minha formação académica.

Aos amigos pelo incentivo e apoio prestado ao longo da realização deste projecto (tese).

Ao grupo de estágio, particularmente à Carolina Martins pelo apoio incansável, pela amizade e pela atenção.

Agradeço também aos meus familiares pelo apoio prestado, não só na realização deste trabalho, como no acompanhamento ao longo do curso.

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, e tendo em conta as investigações científicas realizadas no primeiro ano do curso (na disciplina de Práticas das Artes do Multimédia e do Design e na disciplina de História das Artes, do Multimédia, e do Design Contemporâneos), foi proposto aos discentes, em Julho, em reunião organizada pela Prof.^a Dr.^a Idalina Sardinha, o desenvolvimento de uma investigação científica que daria continuidade ou não às investigações realizadas anteriormente. Esta investigação teria de ser aplicada nas duas disciplinas do estágio supervisionado.

O propósito desta dissertação consistiu em desenvolver a investigação científica “O corpo na linguagem performativa”, cujo conteúdos pudessem posteriormente ser aplicados na leccionação das aulas de estágio, e consistiu também na análise e descrição de toda a prática pedagógica. Tendo em conta os objectivos pretendidos, quer a investigação, quer o relatório, deverá permitir uma reflexão sobre o ensino, ou seja, como deve ocorrer o processo de ensino - aprendizagem.

O trabalho desenvolvido nesta dissertação foi motivado pela necessidade de aprofundar os conhecimentos relativos à temática escolhida e também pela necessidade de compreensão de como deve acontecer o processo de ensino-aprendizagem na escola.

Para alcançar os objectivos propostos foi importante, em primeiro lugar, proceder a fundamentação teórica, sendo necessário realizar um estudo sobre a educação artística em Portugal e o papel do professor na educação pela arte. Após a fundamentação teórica realizada, foi feito um estudo sobre a temática em questão “O corpo na linguagem performativa”. Posteriormente, foi dedicado algum tempo ao estudo e análise dos conteúdos a desenvolver nas aulas de estágio. Por fim, foi realizada uma descrição e análise da prática pedagógica desenvolvida nas escolas.

Deste modo, a presente dissertação divide-se em três partes: a primeira que diz corresponde aos fundamentos teóricos, em que foi feito um estudo sobre a educação artística em Portugal e o papel do professor na educação pela arte; a segunda diz respeito à investigação sobre “O corpo na linguagem performativa”; a terceira parte corresponde à prática pedagógica na Escola Secundária Francisco de Franco e na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

Na primeira parte, é realizada uma fundamentação teórica sobre a educação artística em Portugal e o papel do professor na educação pela arte.

Na segunda parte, o objecto de estudo é a linguagem artística, a *performance*, justamente por ser considerada uma manifestação contemporânea se que tem afirmado nas últimas décadas. A presente investigação tem como objectivo analisar o papel do corpo na linguagem performativa, desde a década de 60 e 70 até a actualidade, bem como investigar através de obras marcantes, os elementos que caracterizam a *performance*. Para fundamentar esta investigação, foram essenciais as ideias e conceitos abordados por alguns autores, designadamente: Roselee Goldberg, Renato Cohen, Jorge Glusberg, Richard Schechner, entre outros.

Da terceira parte consta o relatório do estágio referente à prática pedagógica ocorrida nas duas escolas. A primeira fase do estágio sucedeu na Escola Secundária Francisco Franco, na turma 13 do 12º ano, sob orientação da coordenadora pedagógica Filipa Venâncio. Este estágio foi realizado no primeiro período, na disciplina de Desenho A. A segunda fase do estágio decorreu na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, na turma 5 do 9º ano, sob orientação da coordenadora pedagógica Cristina Duarte. Este estágio foi realizado no segundo período, na disciplina de Educação Visual.

Na parte final da dissertação são apresentadas as considerações finais, que incluem uma apreciação global e crítica de todo o trabalho desenvolvido neste projecto.

I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

1.1. A arte e a educação

A arte é uma linguagem reconhecida globalmente e foi uma forma de expressão utilizada pelos primórdios da humanidade. Através da arte é possível observar os vários momentos da história do Homem e analisar o seu processo de evolução ao longo dos tempos, até a actualidade.

O Homem, desde sempre, concebeu formas de arte evidenciadas nas mais diversas vertentes, tais como: a escultura, a pintura, o desenho, a música, a arquitectura, entre outras. A criação artística surgiu da necessidade do Homem comunicar e de procurar o “belo” e o sublime.

Relativamente ao conceito de “belo”, já Platão o considerava como algo “...de natureza espiritual e não material. Não concebe como bela uma obra de arte, que é apenas uma produção material, mas o estado espiritual que essa obra de arte produz em quem contempla.”¹ Segundo Platão, o homem deve admirar a beleza das coisas à sua volta, apoiando-se para “criar a beleza, não apenas simples objectos artísticos, meras imagens da beleza, mas imagens internas, espirituais, que o elevam na ascensão espiritual.”² Para Platão:

“... quem acreditar que há coisas belas, mas não acreditar que existe a beleza em si nem for capaz de seguir alguém que o conduzisse no caminho do seu conhecimento, vive em sonho.” Mas “Aquele que, ao contrário deste, entende que existe o belo em si e é capaz de o contemplar, na sua essência e nas coisas em que tem participação, e sabe que as coisas não se identificam com ele, nem ele com as coisas. Vive na realidade.”³

Para Aristóteles a arte é vista “como imanente”⁴, isto porque, considera que a arte pertence ao homem e não aos deuses, pois possui uma dimensão psicológica. Do ponto de vista de Aristóteles “não há uma beleza nas formas físicas, mas uma beleza de natureza emocional, que as formas físicas despertam na pessoa que as contemplam.”⁵

¹ SOUSA, Alberto B. *Educação pela arte e artes na educação*. 1º volume, s.d. Lisboa: Instituto Piaget-Horizontes pedagógicos, 2003, p.20.

² Ibid, p.18.

³ Platão. *A República*, Livro V. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p.257.

⁴ SOUSA, Alberto B. op.cit. p.20.

⁵ Ibid, p.20.

Já Platão concebia a arte como algo inacessível e extremamente superior ao homem, *“algo luminoso que é reflexo do esplendor dos deuses, de nível transcendente mas para o qual o homem tende e através da qual se aproxima da sua via espiritual, que é motivada pela contemplação de obras que despertam esse sentimento espiritual que é o Belo.”*⁶

Na antiguidade clássica o “belo” definia-se como o belo ideal, sinónimo de perfeição, harmonia e equilíbrio. A partir do século XV alguns movimentos artísticos adoptaram os ideias de belo da época greco-romana, nomeadamente o Renascimento, o Neoclassicismo, entre outros.

No século XVIII, no romantismo, já se anunciava uma ruptura com o ideal de belo, pois as criações dos artistas deste movimento identificavam-se pelas paixões, pela imaginação, sonho, apelando ao irregular e ao subjectivismo.

A partir do século XIX, na arte moderna, os artistas assumem uma atitude crítica em relação aos dogmas artísticos e ao conceito de belo. Com o progresso da industrialização e o surgimento de novas tecnologias, houve uma grande mudança artística na concepção da obra, na execução da técnica e, principalmente, na relação entre o artista e a obra de arte. A obra do artista tornou-se mais reflexiva, interiorizada, reflectindo as suas preocupações face ao desenvolvimento da industrialização e dos meios de comunicação. Os artistas desta época começaram a explorar o novo provocando o espanto da sociedade.

Na segunda metade do século XX, na arte contemporânea, a concepção da obra de arte não é a questão fundamental dos artistas, mas sim a ideia subjacente à obra. Os artistas pretendiam provocar no fruidor o questionamento e a reflexão. Segundo Isabelle Rouge,

“... o fim dos anos sessenta é uma época de contestação. A Arte Minimal, a partir de 1965, radicaliza a sua acção reduzindo ao mínimo os meios pictóricos; os seus artistas [...] escolhem materiais do campo da tecnologia (matérias plásticas, Plexiglas, alumínio, iluminações de néon) e utilizam-nos tal e qual pelas suas qualidades particulares: brilho, transparência, rigidez, cor... Com a Arte Povera, o partido tomado é da pobreza, encontrando uma matéria bruta, uma forma de primitivismo que se opõe à omnipresença da técnica no mundo [...] A arte conceptual vai separar a obra da sua forma material. Pode então afirmar-se como pura sensação ou sair unicamente da linguagem. Sobrepondo o objecto (uma cadeira, por exemplo) à sua imagem (a fotografia dessa cadeira) e à sua definição o dicionário (escrita numa legenda ao lado) [...] Em França, o grupo Support-

⁶ Ibid, p.18.

Surface desnuda o quadro: os artistas retiram a tela do seu suporte, tingem-na, penduram-na na parede ou pousam-na no chão, revelando o caixilho.”⁷

Nas produções artísticas contemporâneas, o conceito de “Belo” adquire uma nova dimensão, indo para além da significação clássica, “*estende-se a uma pesquisa de emoções, de verdade, de tomada de consciência. É preciso sentir a veemência das obras, compreender a sua singularidade, o seu poder de impacto.*”⁸ *Então é possível concluir que a arte é:*

“a capacidade que o Homem possui de produzir objectos ou realizar acções com as quais-cumprindo ou não finalidades úteis-ele possa expressar ideias, sentimentos ou emoções estéticas, isto é, susceptíveis de produzir prazer estético (entendido este não apenas na acepção grega e renascentista da beleza formal, mas principalmente como manifestação de riqueza e plenitude do ser.”⁹

Como Fischer refere, a “*arte é quase tão antiga quanto o homem, é uma actividade característica do homem.*”¹⁰ Através da arte, o homem transforma a realidade visível numa realidade imaginária, fruto da sua percepção e interpretação. Desde sempre, o homem sentiu a necessidade de criar objectos, acções de modo a comunicar com o outro de modo mais eficaz. Como Fischer menciona, “*O homem também sonha com um trabalho mágico que transforme a natureza, sonha com a capacidade de mudar os objectos dando-lhes nova forma por meios mágicos.*”¹¹

Segundo Herbet Read, no seu livro “*Education trough art*” defende que “*a arte deve ser a base da educação*” considerando as artes

“como o método mais eficaz para se efectuar a educação, propondo o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação como objectivos imediatos de uma intervenção lúdico-expressivo-criativa que envolve o drama, a dança, a música, a plástica, a verbalização e a escrita.”¹²

⁷ ROUGE, Isabelle de Maison. *A Arte Contemporânea*. Mira-Sintra: Editorial Inquérito, 2003, pp. 71-75.

⁸ Ibid, p.68.

⁹ PINTO, Ana Lídia, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela Cernadas. *Cadernos de História de Arte*. História de Arte 12º ano. Portugal: Porto Editora, s.d, p.4.

¹⁰ Fischer *apud* CARDOSO, Maria de Fátima, SILVA, Marta Ferreira, BASTOS, Pedro André. *Educação pela Arte*. Instituto da Inovação Educacional. Lisboa, 2002, p.15.

¹¹ Fischer *apud* CARDOSO, Maria de Fátima, SILVA, Marta Ferreira, BASTOS, Pedro André. *op.cit.* p.15.

¹² SOUSA, Alberto B. *Educação pela arte e artes na educação*. 2º volume. Lisboa: Instituto Piaget-Horizontes pedagógicos, 2003, p.27.

Para Read, a educação artística não deve restringir-se às artes visuais e plásticas, mas sim, deve integrar várias formas de expressão artística, nomeadamente: dança, música, literatura, poesia, teatro, entre outras. A arte e a educação devem complementar-se, de modo, a facultar à criança novas várias experiências, possibilitando a descoberta do mundo envolvente e de si mesma. Por conseguinte, vai possibilitar à criança enriquecer os seus conhecimentos e adquirir uma maior sensibilidade perante a realidade perceptível.

Ainda para Read, a educação propõe-se “...desenvolver, ao mesmo tempo que a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo”¹³, ou seja, ele defende que a educação faz parte de um processo, e que esse não deve ser apenas de individualização, mas também de integração. A criança deve reconhecer-se como um ser individual e deve ter plena consciência de que está inserida numa sociedade com a qual se harmoniza. Para Platão, a educação é considerada como algo que proporciona ao indivíduo um desenvolvimento moral e contribui, por sua vez, para a elevação espiritual. Relativamente a esta questão, Platão refere:

*“Cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso, semelhante a olhos que só poderiam voltar-se das trevas para a luz, deve voltar-se com toda a alma para o que há de mais luminoso do ser, aquilo a que chamamos o bem!”*¹⁴

Também Rosseau defende uma educação pela via do desenvolvimento espiritual, referindo que *“a pessoa poderá ou não nascer fundamentalmente boa, mas tornar-se-á fundamentalmente boa através de uma boa educação, de uma educação voltada para a própria pessoa, tentando fazer desabrochar as suas capacidades tendentes para o belo espiritual.”*¹⁵

Para Almeida Garret, a educação deve envolver uma formação espiritual, uma formação do corpo e do coração procurando fazer o indivíduo feliz na sociedade em que está inserido, daí que ele afirma *“O fim geral da educação é fazer um membro útil e feliz na sociedade.”*¹⁶ As razões apontadas anteriormente pelos autores justificam a efectuação da arte na educação e a sua importância de ensinar as crianças recorrendo à arte.

¹³ READ, Herbert. *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70, 1982, p.17.

¹⁴ SOUSA, Alberto B. op.cit.p.17.

¹⁵ Rousseau *apud* SOUSA, Alberto B. op.cit. p.42.

¹⁶ Almeida Garret *apud* SOUSA, Alberto B. op.cit. p.42.

No que concerne à relevância da arte na educação, Platão defende que só a educação artística é que consagra ao indivíduo harmonia do corpo exaltando a alma, daí que, a educação deve ser feita *“...com base na arte logo desde muito cedo, porque ela pode operar na infância durante o sono da razão. E quando surge, a Arte terá preparado o caminho para ela. Então ela será bem-vinda, como um amigo cujas feições essenciais têm sido há muito familiares”*¹⁷

Através da educação artística é possível estimular na criança a inteligência, a sensibilidade e a afectividade, o professor não deve condicionar o aluno, mas sim deve motivá-lo para a expressão livre, a expressão dos sentimentos, a criatividade e espontaneidade. A educação artística deve contribuir para a construção do “eu” na sua plenitude, propiciando a relação entre a criança e o mundo que o envolve, de modo a que este se torne um indivíduo integrado, autónomo, crítico e criativo. Como Alberto Sousa refere, a educação consiste na:

*“...preparação de cada criança para o seu lugar na sociedade, não apenas no seu aspecto vocacional mas também espiritual e mental, então não é de informação que ela necessita: é de sabedoria, equilíbrio, auto-realização, gosto - qualidades que apenas podem provir de um exercício unificado dos sentimentos para a actividade de viver.”*¹⁸

A educação artística não deve dissociar-se do papel que a arte tem na sociedade, da capacidade de observar com um olhar crítico o meio envolvente, apoiado numa determinada cultura, para adquirir conhecimentos e desenvolver as capacidades criativas do indivíduo na sua relação com o meio.

A educação artística, englobando as suas várias áreas (artes gestuais, artes plásticas, música, teatro, cinema e dança), deve ampliar as suas acções de modo a se tornar num instrumento pedagógico que promova uma acção educativa alargada e que tenha em conta as exigências da sociedade. Com a educação pela arte pretende-se levar os alunos a se tornarem indivíduos mais completos, mais atentos, adquirindo assim uma sensibilidade perante a realidade envolvente, tornando-os capazes de transformar o seu mundo e reconhecendo a arte como algo mais do que um bem de consumo.

Contudo, tem-se verificado que, ao longo dos tempos, a educação artística foi desvalorizada por muitos sectores da sociedade e, desde então, isso tem levado a que

¹⁷ Platão *apud* SOUSA, Alberto B. op.cit. p.21.

¹⁸ SOUSA, Alberto B. op.cit.p.25.

esta tenha passado por constantes mudanças, que muitas vezes foram desapropriadas e irreflectidas, e que acabaram por criar um certo vazio entre a sociedade e a arte em si. Nestas mudanças não foi tida em consideração a opinião dos docentes da área em relação às tomadas de decisão.

1.2. O papel do professor e da escola na Educação Artística

Anteriormente, o professor da área artística *“limitava-se a desenvolver a destreza manual e visual dos alunos que aprendiam a desenhar formas precisas e a copiar”*¹⁹ exactamente o que visualizam. O objectivo pretendido era que os alunos desenhassem a realidade perceptível. Actualmente, este modelo mudou, o professor enaltece o esforço dos alunos, dando-lhes meios e condições para explorarem e desenvolverem as suas capacidades expressivas, estimulando a criatividade.

Segundo Ângelo Ribeiro, actualmente o professor deve ter as seguintes atitudes e aptidões:

- desenvolver uma atitude investigadora frente aos fenómenos artísticos e educativos - mostrar interesse em conhecer, saber questionar e ser capaz de estimular essa atitude nos alunos;
- ser capaz de se apropriar e de criar conhecimentos escolares, promovendo o desenvolvimento dessas capacidades nos alunos;
- compreender os processos de produção, apreciação crítica e contextualização as artes nas suas distintas manifestações;
- ser portador de uma sensibilidade estética e comunicá-la aos alunos, no que se refere à apreciação e experiência do mundo natural e cultural;
- ser criativo, imaginativo, utilizando o pensamento visual e metafórico na prática educativa.”²⁰

Nos nossos dias, verifica-se que a expressão e a reflexão prevalece em detrimento da técnica. O professor já não é aquele que apenas debita conhecimentos numa determinada sala ou espaço, mas é sim aquele que leva os alunos à descoberta de novas experiências e, conseqüentemente, os leva a reflectir sobre as mesmas.

Tendo em consideração o programa de uma disciplina, o professor deve estruturar, de forma organizada, aquilo que pretende desenvolver com os alunos de

¹⁹ ARNHEIM, Rudolf. *Consideraciones sobre la educación artística*. Paidós: Barcelona, 1993, p.57.

²⁰ RIBEIRO, Ângelo. *A imagem da obra de arte no uso dos manuais de Educação Visual*. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 2005, p. 20.

acordo com as necessidades dos mesmos. Essa capacidade do professor planificar as suas aulas, consoante a turma em questão, dependerá do seu conhecimento relativamente ao meio envolvente, da sua sensibilidade e experiência.

O professor não deve abordar conteúdos, nem lançar propostas de trabalho à turma sem antes familiarizar-se com a mesma. Como Maurice Barret ²¹ refere, os objectivos e os métodos só fazem sentido se forem envolvidos no contexto do aluno e na sociedade em que ele está inserido. Ou seja, o professor deverá incrementar práticas de ensino que vão ao encontro das expectativas e capacidades dos alunos. Também, deve utilizar estratégias distintas, pois apesar de os alunos por vezes terem a mesma faixa etária, têm níveis de aprendizagem diferentes; e o currículo ²² do ensino artístico, de acordo com Barret, possibilita fazer essa demarcação, sem esquecer as finalidades e os objectivos a atingir.

Na educação pela arte, o professor deve motivar o aluno para que este aborde o mundo à sua volta de forma criativa, tornando-o capaz de transmitir sentimentos, ideias, sensações através de formas e meios diversos. Os alunos devem exteriorizar aquilo que sentem, que pensam, experienciando o campo da sensibilidade. Como Barret ²³ refere, a Educação pela Arte está intimamente ligada com o desenvolvimento dos sentidos para levar à percepção do mundo e conseqüentemente exprimir-se através dessa percepção.

É essencial proporcionar o contacto e a manipulação com diversos materiais, pois esses transformam o mundo da criança, pelos incentivos que acarretam. Na sala de aula, o professor deve deixar que os alunos explorem os seus conhecimentos e colocá-los em prática na sua relação com os materiais, com o meio, e com os outros; de modo que, possam adquirir competências que permitam resolver problemas, desafios de forma eficaz e fazê-los serem autónomos. Como Barrett ²⁴ menciona, o aluno deve ser capaz de identificar um problema, pois só quando o fizer, se tornará autónomo e independente. Assim, cabe ao professor incentivar o aluno e dar-lhe meios e processos para que desenvolva essas competências.

²¹ BARRET, Maurice. *Educação em arte*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.

²² O autor Elliot Eisner, que dedicou-se ao estudo do ensino artístico, define o currículo como *“uma sequência de actividades que se desenvolvem de forma intencional com o fim de oferecer experiência educativa.”* (In: Eisner, Elliot *Educar la visión artística*. Barcelona: Paidós Educador, 1995, p 139.)
Para Maria do Céu Roldão o *“currículo escolar é-em qualquer circunstância-o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar.”* (In: Roldão, Maria do Céu. *Gestão Curricular, Fundamentos e práticas*. Lisboa: ME, 1999, p.24.)

²³ BARRET, Maurice. op.cit.

²⁴ BARRET, Maurice. op.cit.

É substancial o professor na educação pela arte, estimular a curiosidade dos alunos e conseqüentemente a criatividade dos mesmos, orientando-os na execução do trabalho. Para Munari ²⁵, o professor deve ter a noção que a criatividade não é improvisação sem processo, para que não seja transmitida a ideia aos alunos, de que estão a formar-se artistas e jovens completamente independentes. A orientação do professor no processo artístico dos alunos é fundamental, devendo este ser capaz de ser objectivo até no campo da improvisação, de modo que, as aulas não se tornem num caos, sem coerência e previsivelmente, sem resultados produtivos ao nível da aprendizagem. O professor não deve impedir qualquer criação artística do aluno, mas pelo contrário, deve incentivá-la, orientando o aluno de forma lúdica. Relativamente a esta questão do aprender de forma lúdica, Sousa apela: *“Não uses de violência na educação das crianças, mas procede de modo que se instruem brincando; poderás assim discernir melhor as tendências de cada uma.”* ²⁶

Relativamente à postura pedagógica do professor na educação artística, Herbet Read lembra em algumas das suas obras que *“O professor deve ser a mais modesta e humilde das pessoas, capaz de ver nas crianças um milagre de Deus e não uma coisa a instruir.”* ²⁷

A escola, sendo o espaço onde decorre o processo de aprendizagem e reflectindo a sociedade onde está inserida, deve ser pensada de modo que faculte aos professores a autonomia necessária para a realização de estratégias que permitam contribuir para o desenvolvimento da consciência individual do aluno, fazendo com que este enriqueça a sociedade em que está inserido.

Tendo em conta as finalidades e objectivos presentes nos programas das disciplinas de Educação Artística, cabe ao professor definir estratégias para os alunos enriquecerem os seus conhecimentos e suas experiências e ainda para compreender e contribuir para a redução de alguns problemas que existem nas escolas. Para Canário:

“a escola de hoje, só conseguirá vencer os desafios que se lhe apresentam se[...] considerar a realidade educativa enquanto realidade social e historicamente construída, reintroduzindo na sua apreciação a flecha do tempo, ou seja, o seu carácter de irreversibilidade que faz de cada situação educativa uma situação

²⁵ MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70, 1982.

²⁶ SOUSA, Alberto B. op.cit. p.18.

²⁷ Read *apud* SOUSA, Alberto B. op.cit. p.27.

singular, num contexto singular, desejavelmente dependente de um público singular, relativamente ao qual deverá construir a sua pertinência.”²⁸

A escola deve continuar a desempenhar o seu papel, contribuindo para o desenvolvimento da criança, mas investindo em todas as vertentes do conhecimento e da sensibilidade, para não suceder o que Rubem Alves²⁹ refere:

“As nossas escolas têm-se dedicado a ensinar o conhecimento científico, com todos os esforços para que isso aconteça de forma competente. Isso é muito bom. A ciência é indispensável para que os sonhos se realizem. Sem ela não se pode plantar nem cuidar do jardim. Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens desejar plantas ou jardins. Ela não tem o poder de fazer sonhar. Não tem, portanto, o poder para criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo, pois, como disse Santo Agostinho ‘um povo é um conjunto de seres racionais unidos por um mesmo objecto de amor’. Por isso me assombra a incapacidade das escolas para criar sonhos.”

Para além da escola transmitir o conhecimento científico, também é importante levar os alunos a reflectirem sobre o mundo que os envolve, e por conseguinte, levá-los a transmitir as suas ideias, emoções, sonhos, desejos através de actividades que envolvam a expressão plástica, verbal, musical, corporal... Não basta somente o professor transmitir conhecimentos aos alunos, é necessário estimular a curiosidade deles, proporcionando momentos de reflexão, imaginação, criatividade, expressividade, promovendo o conhecimento e a sensibilidade perante o mundo. Caso isso não aconteça, os alunos dominaram o conhecimento científico, mas não terão a capacidade de sonhar. Daí que, na escola, quer a arte, quer a ciência são áreas necessárias na vida escolar dos alunos, como Grossi³⁰ refere, aliando a arte e ciência haverá mais possibilidades de desvendar a complexidade do mundo que exige do Homem o desafio de respeitá-lo, recriá-lo e transformá-lo para produzir mais bem-estar para todos.

²⁸ CARDOSO, Maria de Fátima, SILVA, Marta Ferreira, BASTOS, Pedro André. *Educação pela Arte*. Instituto da Inovação Educacional; Lisboa, 2002, p.25.

²⁹ Rubem Alves *apud* CARDOSO, Maria de Fátima, SILVA, Marta Ferreira, BASTOS, Pedro André. *op.cit.* p.25.

³⁰ GROSSI, Ester Pilar(org.). *Construtivismo Pós-Piagetiano*. Petrópolis : Vozes, 1993.

É fundamental a prática de uma acção educativa e integral, através da educação artística, que vai possibilitar a independência, a organização e a inserção dos alunos na sociedade. Para tal é necessário ter em conta que a educação deverá ser sempre encaminhada para o seu carácter global, e o ensino deverá cada vez mais promover a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Para desenvolver a interdisciplinaridade na Escola, é crucial que todos os membros envolvidos no processo ensino-aprendizagem comecem a visualizar o todo não pela junção das partes que o compõem, mas pela compreensão de que os resultados mais interessantes e criativos ocorrem com base no diálogo entre as várias áreas do saber.

Actualmente, é necessário repensar no currículo escolar, pois um currículo actualizado “*não deve ignorar o modo de funcionamento da mente humana, as necessidades de aprendizagem e as novas tecnologias informáticas.*”³¹ É fundamental considerar o conhecimento como uma ampla rede de significações e a escola, para além de um lugar do saber, deve ser um lugar de construção colectiva.

Para uma educação que vise a interdisciplinaridade é necessário rever os conteúdos, metodologias e actividades e o que se pretende que o projecto proporcione aos alunos, nomeadamente: a auto-expressão (livre, crítica, criativa, consciente); a responsabilidade (iniciativa, participação, colaboração); a curiosidade e a autonomia na construção do conhecimento, entre outros.³²

A melhoria na educação só ocorrerá se for promovido o trabalho em equipa (parceria, cooperação), superando o individualismo e a aquisição do conhecimento isolado. O professor tem um papel fundamental nesta acção, pois ele será o impulsionador da transformação, da mudança, no alcance da melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Deste modo, insistimos que a educação artística deve ser devidamente valorizada na nossa sociedade, de modo a proporcionar um desenvolvimento integral da criança através das disciplinas artísticas (artes visuais, dança, música e teatro), em que estas devem ter o mesmo peso que as restantes disciplinas no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emotivo.

³¹ ANDRADE, Rosa Maria Calaes de. Interdisciplinariedade. Um novo paradigma curricular. Pedagoga e Pós- Graduada em Psicopedagogia, p.6. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/ensinofts/interdisci.html>
Acedido a 11 de Maio de 2010,

³² Ibid, p.7.

1.3. Educação Artística em Portugal

Num país que, durante muitos séculos, mostrou pouco interesse pelas artes, e após várias tentativas de desenvolver disciplinas artísticas no sistema escolar, a implementação destas nos planos curriculares do sistema escolar foi movida por Henrique Nogueira em 1835, que nos seus “Estudos sobre a reforma em Portugal” sugere pela primeira vez, a música vocal e instrumental nas escolas. Mais tarde, é introduzido o canto coral nas escolas. Assim, as disciplinas artísticas existentes nos currículos das escolas portuguesas até os anos 70 foram o canto coral e o desenho.

Em 1829, Almeida Garret, foi o primeiro homem em Portugal, que se pronunciou para defender o papel das artes na educação, defendendo a ideia de que a educação deveria abranger uma formação estética e artística, que abarcasse todas as áreas artísticas; permitindo ao aluno o contacto com várias áreas; ampliando os seus conhecimentos e permitindo a descoberta de possíveis aptidões numa das áreas artísticas. Para além dos seus discursos teóricos, Garret, formou o Conservatório Nacional, para colocar em prática os seus ideais e dar a possibilidade da formação de artistas.

Alguns homens da época seguiram esta perspectiva pedagógica de Garret, entre os quais: A.F. Castilho, A. Quental, J. Deus, J. Barros, Cardoso Júnior, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Adolfo Lima, Adolfo Coelho, César Porto e Álvaro Viana de Lemos, que defende “*o valor educativo das artes como elemento essencial na formação do homem.*”³³

As primeiras ideias sobre educação pela arte começaram a emergir em Portugal em 1950, sustentadas por pedagogos como João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, Chiró, J. F. Branco, António Pedro, Adriano Gusmão, Cecília Menano e outros, que em 1956 ergueram a Associação Portuguesa de Educação pela Arte.

O modelo pedagógico que então foi instituído visava uma educação realizada através das artes. Este adoptou nas várias áreas artísticas metodologias mais convincentes para se alcançar uma educação integral a todos os níveis: afectivo, cognitivo, social e motor. Sendo este o único modelo até hoje existente que propôs este objectivo.

Posteriormente, em 1965, foram desenvolvidos estudos sobre a perspectiva da educação pela arte, no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian, por Rui Grácio, Breda Simões, Bernardo da Costa, Arquimedes Santos e outros

³³ SOUSA, Alberto B. op.cit. p.30.

pedagogos. Deveu-se a este último a criação de uma área de estudos interdisciplinar que se “*designou por psicopedagogia da expressão artística*”³⁴, pois “*Não há sociedade democrática que possa viver progredindo sem o culto da arte.*”³⁵

Mais tarde, em 1971, Madalena Perdigão, presidente da então reforma educativa, cria o curso de professores de educação pela arte, “*tendo como professores Arquimedes Santos, Wanda Ribeiro, Graziela Gomes, Freitas Branco, José Sasportes, Francisco d’Orey, Raquel Simões, Maria de Lurdes Martins, Helena Cidade, João Mota e outros.*”³⁶

A influência que os alunos formados por este curso exerceram, fez-se sentir, principalmente após o 25 de Abril de 1974, com a inserção da área do movimento, música e drama nos programas de escolaridade primária. Em 1978 é determinado oficialmente o Projecto de Plano Nacional de Educação Artística, a “Educação pela Arte”. O ministro Vítor Crespo, em Outubro de 1980, suspende a Educação pela Arte, pelo despacho nº 379/80.

Só com a Lei de Bases de Sistema Educativo de 1986³⁷ é oficializado o ensino em arte nos currículos escolares. É focado o papel inequívoco da arte na formação integral do indivíduo, determinando que nos currículos dos níveis Pré-Escolar, Ensino Básico, Ensino Superior, Educação Extra-Escolar e Ensino Especial, se integrem áreas disciplinares que pressuponham o desenvolvimento das capacidades de expressão, a actividade lúdica e a promoção da educação artística, da sensibilidade estética e da imaginação criativa.

Posteriormente, os responsáveis pela educação em Portugal, parecem ter compreendido as perspectivas de Garrett, no que diz respeito a “*uma educação artística e estética global, decorrente de uma educação pela arte e um Ensino Artístico específico naturalmente evoluído destas bases.*”³⁸

Quatro anos depois, em 1990, é apresentado o diploma³⁹ que determina o ensino pela arte em Portugal e, no preâmbulo introdutório, faz-se uma crítica séria ao que se passava no sistema escolar português relativamente a este tipo de ensino:

“A educação artística tem-se processado em Portugal, desde há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigente na

³⁴ SOUSA, Alberto B. op.cit. p.31.

³⁵ João de Barros *apud* CARDOSO, Maria de Fátima, SILVA, Marta Ferreira, BASTOS, Pedro André. op.cit. p.27.

³⁶ SOUSA, Alberto B. op.cit. p. 31.

³⁷ (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro)

³⁸ SOUSA, Alberto B. op.cit. pp.32-33.

³⁹ O diploma refere-se ao decreto de lei nº 334/90 apresentado a 2 de Novembro de 1990.

maioria dos países europeus.” e que “A extrema complexidade intrínseca desta área da educação e a sua sempre problemática inserção...são alguns dos factores que explicam este estado de coisas. O Governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter.”

Neste documento ⁴⁰, estabelecem-se as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar e «*entende-se por educação artística a que se refere, nomeadamente, às seguintes áreas: a) Música; b) Dança; c) Teatro; d) Cinema e audiovisual; e) Artes Plásticas.*» Alguns dos objectivos definidos neste Artigo, são:

- “a) Estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afectivo equilibrado;*
- b) Promover o desenvolvimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global;*
- c) Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;*
- d) Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com actividades de natureza artística;*
- e) Detectar aptidões específicas em alguma área artística;*
- f) Proporcionar formação artística especializada, a nível vocacional e profissional, destinada, designadamente, as executantes, criadores e profissionais dos ramos artísticos, de forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico, artístico e cultural;*
- g) Desenvolver o ensino e a investigação nas áreas das diferentes ciências das artes;*
- h) Formar docentes para todos os ramos e graus do ensino artístico, bem como animadores culturais, críticos, gestores e promotores artísticos.”* ⁴¹

O projecto desenvolvido no estágio em ambas as escolas, que adiante se desenvolve, intitulado de “Manifestações Artísticas Contemporâneas”, visa alguns destes objectivos, nomeadamente: *estimular diferentes formas de comunicação e*

⁴⁰ In: Decreto de Lei nº 344/90 de 2 de Novembro de 1990.

⁴¹ Art. 2º do Dec. Lei nº 344/90 de 2 de Novembro.

expressão; estimular a imaginação criativa; desenvolvimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas; educar a sensibilidade estética; estimular a capacidade crítica e proporcionar experiências práticas artísticas individuais e de grupo.

O projecto desenvolvido visou a integração de várias áreas da educação artística em simultâneo, proporcionando aos alunos a possibilidade de obterem resultados mais criativos e interessantes.

II - INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

“...a performance tornou-se um catalisador na história da arte do século XX: cada vez que determinada escola – quer se tratasse do cubismo, do minimalismo ou da arte conceptual – parecia ter chegado a um impasse, os artistas recorriam à performance para demolir categorias e apontar para novas direcções.”

Roselee Golberg, em *A Arte da Performance*, p.8

2. O CORPO NA LINGUAGEM PERFORMATIVA

2.1. Dos objectivos

Sendo a *performance art* uma linguagem artística que abrange diversas áreas (o teatro, a dança, a música, as artes plásticas, etc), e tendo, como elemento principal, o corpo, é relevante entender de que forma os artistas se distanciaram da tela e do pincel e dos demais materiais tradicionais. Muitos artistas dedicaram-se à exploração de corpo recorrendo às mais diversas áreas, criando obras únicas, efémeras, das quais apenas fica o registo em vídeo e fotografia.

Este tema trata de forma sucinta as circunstâncias que fizeram com que irrompesse, nos anos 60 e 70, a *performance*, e de que forma os artistas seguidores exploraram o corpo nos seus trabalhos. Assim, este trabalho irá centrar-se na linguagem da *performance* a partir dos anos 60 e 70 até à actualidade, através de uma análise de trabalhos de artistas conceituados, apesar de esta linguagem ter começado a manifestar-se anteriormente.

O presente estudo tem como objectivos principais: rever alguns antecedentes históricos da *performance art*, rever a linguagem performativa no campo das artes; analisar a relevância do corpo como suporte e matéria de arte; analisar a ligação entre o uso do corpo nas artes visuais e a sua utilização em outras formas de expressão artística do universo performativo.

Este tema é pertinente no âmbito das artes quer por ser um tema actual, quer por ser transversal a outras áreas da arte (dança, teatro, música, artes plásticas, entre outros) ou disciplinas artísticas. No campo pedagógico, este tema poderá ser igualmente pertinente, visto que, sendo a *performance* uma linguagem que se caracteriza pela sua interdisciplinaridade e expressão cénica e corporal, e tendo como elemento principal o corpo, o professor poderá proporcionar ao aluno a realização de trabalhos que englobem várias áreas em simultâneo, de acordo com as suas preferências, partindo de si próprio, dos seus gestos e capacidades expressivas do corpo.

Esta investigação contribui para a compreensão do trajecto da linguagem performativa, visto que realizará uma análise à produção de alguns artistas contemporâneos, revendo os caminhos que estes têm seguido nesta área. Esta temática desenvolverá uma discussão em torno de alguns conteúdos que devemos de ter em consideração quando falamos da linguagem performativa.

Pretende-se com este trabalho tentar compreender de que modo o corpo tem sido explorado pelo artista na linguagem performativa, para poder aplicar, no campo pedagógico, projectos interdisciplinares que envolvam outros tipos de expressão para além da expressão plástica, nomeadamente: corporal, verbal, musical, entre outros.

2.2. Dos conceitos

Para proceder a análise que foi realizada, nesta investigação é necessário deixar bem claro quais os conceitos, teorias e autores que são necessários para fundamentar este trabalho.

A partir da década de 60, a *performance* despontou como uma linguagem explorada pelos literatos, pelos músicos, pelos artistas visuais e cénicos. O termo *performance*, “...foi usado inicialmente nos Estados Unidos no final dos anos sessenta, referindo-se a acções em geral, e acrescentando-se o termo *arte-performance art*)-para referir-se a uma forma espetacular [sic] específica.”⁴²

Esta expressão artística afirmou-se essencialmente na década de 1970, tornando-se assim, um movimento independente. Os artistas sentiram a necessidade de explorar novas possibilidades artísticas em relação à arte dita tradicional (escultura e pintura) recorrendo à *performance* “para demolir categorias e apontar novas direcções.”⁴³

De acordo com Roselee Goldberg a “*história da performance*”⁴⁴ no século XX é a história de um meio de expressão maleável e indeterminado com infinitas variáveis, praticado por artistas insatisfeitos com as limitações das formas mais estabelecidas e decididos a pôr a sua arte em contacto directo com o público.”⁴⁵

Para Jorge Glusberg, “a *performance* pode ser definida como algo que ainda não foi nomeado, que carece de uma tradição, ou de lugar nas instituições. Glusberg considera como movimentos precursores da *performance*, o *kabuki*⁴⁶, o *nô*⁴⁷, o

⁴² FERNANDES, Ciane. *Em algum lugar do presente: performance, performance art, ou prática espetacular?* Repertório Teatro e Dança. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 5, 2001, p.3.

⁴³ GOLDBERG, Roselee. *A Arte da Performance*. Do Futurismo ao Presente. 1º ed., Lisboa: Orfeu Negro, 2007, p.8.

⁴⁴ Para Roselee Goldberg, a história da *performance*, iniciou-se nos rituais tribais, passando pelos dramas da Paixão da Idade Média e pelos espectáculos do Renascimento.

⁴⁵ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p. 8.

⁴⁶ “Teatro tradicional japonês, concentrado nos gestos, nas expressões corporais e no espectáculo da beleza física e psicológica, fundado no início do século XVII por Okuni, uma sacerdotisa e bailarina do templo xintoísta de Izumo, em Kyoto. Por esta altura, o *kabuki* rivalizava com outras formas tradicionais de teatro como o espectáculo de marionetas (*jôruri* ou *bunraku*), persistindo ainda as representações

Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo e a Bauhaus. Contudo, a performance torna-se um gênero artístico independente a partir do início dos anos setenta."⁴⁸ Para Glusberg as linguagens artísticas que antecederam a *performance*, nomeadamente, *happening* e *body-art*, apresentam como "denominador comum, o desfetiche do corpo humano, trazendo-o à sua verdadeira função: a de instrumento do homem."⁴⁹ Os artistas manifestavam uma enorme vontade de quebrar as barreiras entre a arte e a vida, utilizando o corpo como matéria e suporte de arte. Relativamente a esta situação, Glusberg menciona:

*"Poetas, pintores, dramaturgos e músicos denunciavam a estagnação e o isolamento da arte de então. O que se buscava era uma vasta abertura entre as formas de expressão artística, diminuindo de um lado à distância entre vida e arte, e, por outro lado, que os artistas se convertessem em mediadores de um processo social ou estético-social."*⁵⁰

Por sua vez, Wilton Garcia refere que, conforme "a formação do artista, privilegia-se na performance uma determinada linguagem, ora com enfoque nas artes cénicas, ora nas artes plásticas, ou em outros campos, como forma de provocar o espectador."⁵¹ A performance pode envolver uma ou várias expressões artísticas em simultâneo, e dependendo do que o artista pretende e da sua formação, pode incidir nas artes plásticas, nas artes cénicas ou ainda em outros campos, como vídeo,

clássicas de nô. Os cenários, a encenação e a maquilhagem tem muitas semelhanças com o teatro nô, mas os actores não usam máscaras e têm maquilhagens complexas [...]no século XX, e resistindo aos vários conflitos políticos e militares, incluindo a II Grande Guerra que fez desaparecer muito actores, o kabuki ainda concorre com outras formas de representação mais populares como o cinema, o espectáculo televisivo ou o teatro contemporâneo, e persiste no Japão como arte tradicional enormemente respeitada. Em Tóquio, existem hoje salas especialmente dedicadas ao kabuki." (In: E-Dicionário de Termos Literários, disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/K/kabuki.htm>. Acedido a 18 de Março de 2009).

⁴⁷ "Nô, que significa "talento" ou "habilidade", é uma tradicional forma teatral do Japão e uma das mais antigas do mundo. Ao contrário do que ocorre no teatro ocidental, em que os atores [sic] representam a ação, na peça nô os atores [sic] são simples contadores de histórias que usam sua aparência e movimentos para transmitir o drama. A encenação consiste principalmente numa metáfora visual do que numa ação propriamente dita." (In: Teatro Nô e a Cultura Japonesa, disponível em: <http://www.emdiv.com.br/pt/arte/enciclopediaarte/2560-teatro-no-e-a-cultura-japonesa.html> Acedido a 18 de Março de 2009).

⁴⁸ CALDEIRA, Solange. *Corpo: Expressão estética no Tanztheater de Pina Bausch*. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008, pp. 1-2. Disponível em:

<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Solange%20Caldeira.pdf>
Acedido a 10 de Janeiro de 2009.

⁴⁹ Glusberg *apud* CALDEIRA, Solange. op.cit, p.1. Disponível em:

<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Solange%20Caldeira.pdf>
Acedido a 10 de Janeiro de 2009.

⁵⁰ GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p.12.

⁵¹ GARCIA, Wilton. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p.127.

música, técnicas mistas. No que concerne às origens da *performance*, e de acordo com a Beatriz Ferreira Pires:

“A origem do happening e da performance está diretamente [sic] relacionada com a live art ⁵², movimento que buscou trazer a arte para o dia-a-dia, dissociando-a dos ambientes onde usualmente acontece e dando aos atos cotidianos [sic], como andar, fazer compras, trabalhar, etc, o status de arte.⁵³

No *happening* os artistas abandonaram o objecto de arte, valorizando o evento como produção artística. Nesta linguagem artística, a arte produzida é reconhecida como um acto efémero, convertendo o objecto artístico numa acção. O artista tornou-se o elemento fulcral da obra, pois no *happening*, este apresenta-se como interveniente do evento, proporcionando a união entre a arte e a vida. Na década de 70, as acções realizadas pelos artistas começam a enveredar por um caminho mais individualizado e subjectivo, abrindo espaço para o aparecimento da *performance art*.

Muitas vezes a *performance* é confundida com o *happening* mas, apesar de apresentarem algumas semelhanças, estas manifestações divergem em alguns aspectos. A *performance* consiste num acontecimento mais reflectido, mais trabalhado e geralmente não tem de a participação dos espectadores. Segue com frequência um percurso determinado antecipadamente, havendo a possibilidade de ser reproduzida noutro local ou noutro momento. À semelhança do *happening*, pelo seu carácter efémero e a sua curta duração, necessita de recorrer a registos de vídeo e de fotografia para chegar ao grande público.

Também na sequência do *happening*, surge a *body-art*, manifestação artística na qual o *"denominador comum era desfetichizar o corpo humano, eliminando toda a exaltação à beleza a que ele foi elevado durante séculos pela literatura, pintura e escultura - para trazê-lo à sua verdadeira função: a de instrumento do homem, do qual, por sua vez depende o homem"*⁵⁴ Glusberg considera que a arte da *performance* pode ser encarada como um desenvolvimento da *body-art*, uma vez que, esta linguagem está intimamente ligada ao corpo do artista; à sua roupa e aos seus

⁵² “A *live art* é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação directa com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado. A *live art* é um movimento que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista. A ideia é de resgatar a característica ritual da arte, tirando-a de “espaços mortos”, como museus, galerias, teatros, e colocando-a numa posição “viva”, modificadora.” (In: COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva., 2009, p.38.)

⁵³ PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac, 2005, p.72.

⁵⁴ GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo: Perspectiva, 1980, p.42.

objectos. Com a *body-art* o corpo torna-se no elemento crucial da criação artística, sendo utilizado como suporte da obra. Estando a *body-art* intimamente ligada à *performance*, alguns autores consideram que toda a *performance* é reconhecida como *body-art*, mas nem toda a *body-art* é encarada como *performance*, pois a primeira, por vezes, recorre ao corpo, utilizando-o apenas como suporte de arte e não envolve nenhuma acção, como no caso da *performance*. Richard Schechner nos seus estudos sobre *performance*, refere:

*"Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais ou cotidianas [sic] - são todas feitas de "comportamentos duplamente exercidos", "comportamentos restaurados", ações [sic] performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar."*⁵⁵

Tendo em conta que a *performance* engloba uma acção, Ricardo Biriba afirma que a importância desta linguagem, nas artes plásticas, *"está principalmente em aproximar o corpo do artista, a obra e o público num só momento."*⁵⁶ Enquanto nas artes plásticas (pintura ou escultura) cada artista concebe a sua obra e o público não acompanha o processo criativo, na *performance*, o corpo do artista faz parte do acto criativo e da obra em si, estando o público presente em todo o processo. Daí que esta linguagem acabe por aproximar o público do artista e consequentemente da obra. Dependendo da intenção do artista, o público poderá ser um agente passivo ou activo. Contudo, o que o artista pretende acima de tudo é comunicar com o público. De acordo com Solange Caldeira, *"A performance vem como resposta a uma tentativa de recolocar as artes no campo das necessidades humanas básicas [...] remetendo a um dos três pilares do paradigma das artes contemporâneas: o corpo"*⁵⁷ Roselee Goldberg, ainda relativamente à *performance*, refere que:

"...ao contrário do que acontece na tradição teatral, o performer é o artista, quase nunca uma personagem, como acontece com os actores, e o conteúdo raramente segue um enredo ou uma narrativa nos moldes tradicionais. A performance pode também consistir numa série de gestos íntimos ou numa manifestação teatral com elementos visuais em grande escala e durar apenas alguns minutos ou várias horas; pode ser apresentada uma única vez ou

⁵⁵ SCHECHNER, Richard. *O que é Performance?* Texto apresentado na aula do Prof. Zeca Ligiéro. Teatro na Comunidade, em Novembro de 2003. UNIRIO Pós-Graduação em Teatro. Tradução de Dandara.

⁵⁶ BIRIBA, Ricardo Barreto. *Nordestinados: uma performance armorial. Dissertação* (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997, p.26.

⁵⁷ CALDEIRA, Solange. *Corpo: Expressão estética no Tanztheater de Pina Bausch*. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom. Disponível em : <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Solange%20Caldeira.pdf>, p.3.

repetidas diversas vezes e seguir ou não um guião; tanto pode ser fruto de improvisação espontânea como de longos meses de ensaios.”

Assim, quanto ao seu percurso histórico, Golberg afirma que “*a arte da performance continua a desafiar definições e mantém-se tão imprevisível e provocadora como outrora.*”⁵⁸, pois os artistas podem realizar as mais diversas experiências recorrendo a várias expressões artísticas.

2.2. Enquadramento Histórico

2.3.1. Antecedentes da *Performance*: antes da década de 60

Esta abordagem inicial consiste num breve enquadramento histórico. Neste mostrar-se-á alguns acontecimentos que influenciaram o aparecimento da *performance art* e que tiveram algum ponto de contacto com o *happening* e a *body-art* nos anos 60-70.

De acordo o autor Jorge Glusberg, tanto os futuristas como os dadaístas, utilizaram a *performance* como um meio de provocação e desafio, tentando «romper» com a arte tradicional e propor novas formas de arte. Naqueles movimentos, as *performances* eram exercícios de improvisação em que se misturavam técnicas de teatro, dança, fotografia, música e cinema. As acções realizadas por estes artistas, denunciavam a estagnação e o isolamento da arte e, procuravam o envolvimento do público na actividade artística.

Aproximadamente em 1910, realizavam-se manifestações performativas na França, Itália e Rússia. Os eventos ocorriam em reuniões, cafés, salas e, mais tarde, começaram a ocorrer nas ruas. Na Itália, salienta-se o trabalho realizado pelo poeta Marinetti que realizava *performances* juntamente com pintores e músicos. Estes eventos consistiam em recitais poéticos, leituras de manifestos, danças e representações de peças teatrais.

Por volta de 1916, Hugo Ball e Emmy Hennings, abriram em Zurique o Cabaret Voltaire, um espaço idêntico aos bares e cafés que haviam antes da primeira guerra, em Munique, incluindo no seu programa a leitura de poemas, a execução de *performances* musicais e exposições de pinturas; atraindo assim dezenas de artistas e

⁵⁸ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p. 282.

pessoas ligadas à arte, que fugiam dos horrores da guerra. Segundo Golberg, nesta altura “ a declamação e a performance eram a chave para a redescoberta do prazer da arte.”⁵⁹ Neste ambiente desenvolveu-se o movimento Dadá.

Em 1917, sucedem-se dois acontecimentos importantes: as estreias de *Parade* de Jean Cocteau e *Les Manelles de Tirésias* de Appollinaire, que revolucionam o conceito de dança e de encenação. Estas duas peças, na época, deixaram o público surpreendido.



Figura 1 - Marcel Duchamp, *Tonsure*, 1919.



Figura 2 - Marcel Duchamp, *Rose Sélavy*, 1920.

No Dadaísmo, os artistas tinham realizado experiências desencadeando o espírito transgressor, pois estes artistas, quebrando os modelos tradicionais da arte, ampliaram o conceito de obra a objectos comuns do quotidiano. Também ampliaram o conceito de arte, fazendo a junção da literatura, dança, para além da própria presença do artista.

O artista Marcel Duchamp contribui efectivamente para a criação de novas possibilidades no campo da arte. Dando continuidade ao pensamento dos artistas do Dadaísmo, Marcel Duchamp foi considerado um artista inovador, na medida em que, em muitas das suas obras, retirou os objectos do seu local de origem, desligando a sua função e apresentando-os como um *ready-made*.⁶⁰

⁵⁹ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.72.

⁶⁰ Com os *ready-made*, Duchamp pôs em causa os métodos tradicionais e considerava que o mais importante não era fazer o trabalho com as próprias mãos, mais sim a ideia que já é uma forma de criação. Nas suas obras, coloca em evidência o acto criativo. Segundo Anne Cauquelin “*Em relação a obra, ela pode então ser qualquer coisa, mas numa hora determinada. O valor mudou de lugar: está agora relacionado ao lugar e ao tempo, desertou o próprio objeto [sic].*” (In: CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005, p.94.)

No ano de 1919, Marcel Duchamp estava em França, e após a sua fase norte-americana, Man Ray fotografou uma pequena intervenção a que Duchamp se submeteu. Ele rapou o seu cabelo de modo a formar, na parte superior da cabeça, uma estrela cadente. Esta obra denominou-se de “*Tonsure*” (figura 1). A acção de Duchamp é considerada por alguns autores, como o trabalho de arte com o corpo mais próximo da *performance*, para a época, em que a acção de cortar o cabelo, formando uma estrela, são registados como obra. O objecto artístico refere-se ao próprio corpo do artista, a obra trata da acção que o artista realizou na sua cabeça. A obra artística ganha, assim, uma nova dimensão; o suporte de arte é alterado, já não se trata de tela, mas de um corpo. Neste caso, o processo artístico é valorizado, procurando levar o espectador à reflexão, estabelecendo a ligação entre obra-artista-espectador.

Em 1920, Marcel Duchamp (Figura 2) explorou novamente o seu corpo, deixando-se fotografar como Rose Sélavy. O acto do artista se disfarçar de uma personagem conhecida por ele, tornou-se na obra de arte. Para a concepção da sua obra, o artista recorreu, uma vez mais, ao corpo. Estas obras efémeras, que ocorreram num determinado tempo e espaço, ganharam um estatuto artístico, quer pela acção do artista realizada com o seu corpo, quer pelo acto fotográfico realizado por Man Ray. Para alguns autores, Duchamp foi considerado um dos grandes precursores da arte do corpo. Segundo Gardner, “*o fundador da moderna arte do corpo foi Duchamp, que se vestiu como uma drag queen nos anos vinte e fez com que escrevessem palavras em sua cabeça através de cortes de cabelo na esperança de espremer o último sumo do modernismo.*”⁶¹

Em 1924, Breton lançou seu Manifesto Surrealista no qual estabeleceu os fundamentos de uma nova forma de arte, o Surrealismo. Os artistas deste movimento, deixaram de fazer *performances* e voltaram-se para a difusão da poesia, ensaios, pintura, escultura e cinema. No mesmo ano, os departamentos de dança e teatro da escola alemã Bauhaus, atingiam progressos em trabalhos realizados por Schlemmer, que integrava, numa só linguagem, a música, o figurino e a dança, efectuando experiências cénicas com pinturas e esculturas na utilização do espaço. A Bauhaus foi a primeira instituição de arte a organizar workshops de *performances*.

Em 1933, a Bauhaus, deixou de funcionar, devido às pressões do governo nazista. Então, alguns professores foram para uma nova escola norte americana de educação artística chamada *Black Mountain College*, na Carolina do Norte que,

⁶¹ GARDNER, James. *Cultura ou Lixo?*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.202.

velozmente, se tornou o foco da vanguarda norte-americana e internacional, mantendo viva a corrente precursora da arte da *performance*.



Figura 3 - Jackson Pollock, *Action Painting*, 1950.

Em 1950, Jackson Pollock (Figura 3) contribuiu para o aparecimento da *performance* pelo carácter particularmente cénico de sua pintura. Sendo artista do Expressionismo Abstracto, Pollock passou a valorizar a interacção entre o artista e os seus materiais (tela, tintas, objectos...) como parte fundamental na criação da própria obra de arte. Assim, foi concebida a técnica denominada por *dripping*, que consistia na prática de respingar ou fazer pingar tinta do pincel sobre a tela.

A *action painting*⁶² do artista retirava o pincel da sua função primordial, dando-lhe outra função, fazendo com que os respingos invadissem a superfície da tela, que estabelecia uma espécie de arte corporal. O artista liberta-se do cavalete, colocando as telas sobre o chão, escorrendo e respingando a tela através de movimentos da sua mão e, do seu corpo, conseqüentemente Pollock foi reconhecido como o “...primeiro pintor a abandonar toda e qualquer convenção temática central e a derramar tinta em

⁶² A *action painting* “nascida nos EUA, foi a designação dada à pintura de psíquico (relação directa entre o inconsciente e o gesto criativo) e o material pictórico como veículo do conteúdo interior”. Por isso recorreu a processos que favoreceram o acaso, a acção, libertando-se da linguagem figurativa e utilizando o *dripping* como técnica. A sua pintura, de grande formato, foi concebida como um verdadeiro ritual, cujo resultado visual é denso, cheio de escorridos policromáticos que definem tramagens lineares complexas.” (In: PINTO, Ana Lúcia, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela Cernadas. *Cadernos de História de Arte*. História de Arte 12º ano. Portugal: Porto Editora, s.d, p.34.)

vez de usar pincel e paleta”⁶³ Para além disso, ao contrário do que sucedia anteriormente no trabalho deste artista, o corpo é envolvido na execução da obra de arte, tornando-se um elemento fulcral na concepção da obra. Este faz parte do processo criativo, torna-se no instrumento e objecto de arte.

Deste modo, é valorizado o resultado plástico, e por outro lado, a acção exercida pelo artista que levou à concepção da obra. Esta interacção entre o corpo e a pintura resulta numa fusão de gestos. Toda esta envolvência ocorre num espaço e tempo determinados, concebendo um mundo pictórico novo. Também é visível, na sua obra, que o Pollock explora intensamente o “eu” durante o processo criativo.



Figura 4 - Murakami Saburo, *Passage*, 1955.

Em Osaka, o grupo Gutai desenvolveu propostas que são consideradas como acções antecipadoras da *performance*. Este grupo representou a primeira manifestação artística experimental do pós-guerra no Japão. Murakami Saburo, um dos principais representantes do Grupo Gutai apresentou *performances*, explorando a capacidade que o corpo humano tem de produzir gestos e movimentos diversos, e exibiu, também, objectos artísticos com a proposta de participação/interacção do público. Um dos seus trabalhos “*Passage*”, realizado em 1955 (Figura 4), acção em que o artista atravessou uma fila disposta com diversas telas construídas em papel, atribui uma nova função ao instrumento de arte, a tela. Esta já não tem a função de suporte para a pintura, mas serve para ser alvo de intervenções corporais. A tela que é

⁶³ BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p.369.

reconhecida como suporte de arte, adquire outra dimensão colocando em evidência novas formas de arte e abrindo caminho para a *performance*.

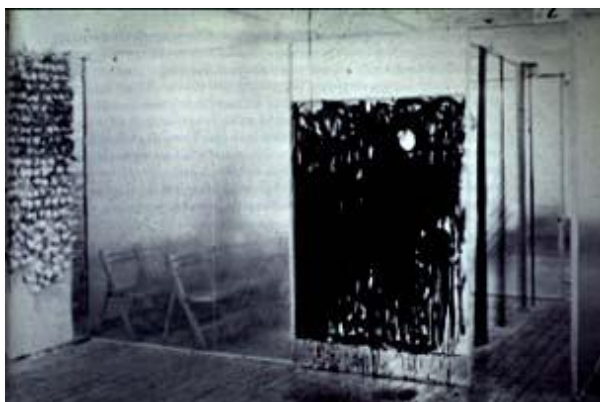


Figura 5 - Allan Kaprow, *18 happenings in 6 parts*, 1959.

Em 1959, alguns artistas realizam vários espectáculos em Nova Iorque, surgindo assim uma nova expressão artística: o *happening*.⁶⁴ Allan Kaprow, um artista de destaque nesta linguagem, criou a obra intitulada “*18 Happenings in 6 Parts*”⁶⁵ (Figura 5), dando a oportunidade a um público mais vasto de assistir a eventos ao vivo que, anteriormente, vários artistas apresentavam em privado. Kaprow tinha decidido que deveria envolver o espectador na sua obra e, para tal, enviou convites para várias pessoas com a seguinte informação “*O público fará parte integrante dos happenings, irá vivenciá-los simultaneamente.*”⁶⁶ Ao público caberia vivenciar o momento e reflectir sobre o mesmo. Como Golberg refere:

“Ao público coube imaginar o que significariam aqueles eventos fragmentados, pois Kaprow advertia que “ as acções não terão nenhum sentido muito claro no que diz respeito ao artista”. Da mesma maneira, o termo happening não tinha

⁶⁴ O *happening* corresponde a uma acção, a um acontecimento, a um evento, e engloba várias áreas artísticas, nomeadamente: teatro, música e dança.

⁶⁵ Obra apresentada na Reuben Gallery, em Nova Iorque, em 1959. No que concerne a esta performance, Roselee Golberg refere que “Cada visitante recebeu um programa e três cartões agrafados “A performance está dividida em seis partes”, explicava-se. “Cada parte inclui três happenings que ocorrem ao mesmo tempo. O início e o fim de cada um serão marcados por uma campainha. No final da performance, a campainha soará duas vezes.” Os espectadores foram avisados de que teriam de seguir criteriosamente as instruções: durante as partes um e dois, podiam sentar-se na segunda sala, durante as partes três e quatro podiam passar para primeira sala, e assim por diante, sempre ao soar da campainha. Os intervalos durariam exactamente dois minutos, e dois intervalos de quinze minutos separariam as unidades maiores. “Não haverá aplausos após cada unidade, mas poderão aplaudir depois da sexta unidade, caso queiram fazê-lo.” (In: GOLDBERG, Roselee. *A Arte da Performance*. Do Futurismo ao Presente. 1º ed., Lisboa: Orfeu Negro, 2007, pp. 162-163.)

⁶⁶ GOLDBERG, Roselee. op.cit., p.162.

*significado: pretendia-se que indicasse “algo de espontâneo, algo que acontece por acaso”.*⁶⁷

Porém, todas as acções desta obra tinham sido ensaiadas durante duas semanas antes da estreia, de modo que, o evento decorresse como Kaprow tinha planeado e cada sequência de movimentos fosse mantida rigorosamente. Nesta obra o artista privilegia a relação com o público, envolvendo o público o mesmo no decorrer da sua obra, levando-o à reflexão. Através de acções realizadas pelo corpo, o artista procurava retirar o público de um estado de passividade.



Figura 6 - Yves Klein, *Salto para o Vazio*, 1960.

Em 1960, Yves Klein “passou a sua vida determinado a encontrar um repositório para um espaço pictórico “espiritual”, e foi essa preocupação que algumas vezes o levou à prática de acções ao vivo.”⁶⁸ Este artista prescindiu do pincel, da tela e do ateliê e explorou novas criações artísticas através de acções que ocorrem num determinado espaço-tempo. Na sua obra “*Salto para o vazio*” (Figura 5), é possível observar Klein saltando de uma janela. Na época em questão, esta obra foi considerada um dos principais estímulos a uma acção efémera e, mais ainda, eternizada através do registo fotográfico. Para o autor Weitemeier “...a imagem que retrata Yves Klein a lançar-se livremente no espaço, um ano antes do primeiro voo espacial tripulado, assumia um valor iconográfico muito particular.” Esta obra de Klein

⁶⁷ Ibid, p.163.

⁶⁸ Ibid, p.181.

evidencia o desejo do homem ter a capacidade de voar e se libertar no espaço. O explora o seu corpo como objecto de arte num determinado espaço e tempo. Para a execução da obra, basta-lhe somente ter o seu corpo e, através de acções realizadas pelo mesmo é patente a vontade de ultrapassar os limites impostos à condição humana.

A obra “Salto para o Vazio” de Yves Klein desempenhou uma grande influência em vários movimentos da arte produzida naquela época. Como o autor Weitemeier refere:

*“Ainda hoje, numa época em que as novas tecnologias e o satélite possibilitam uma circulação extremamente rápida de informação, a invenção mediática de Yves Klein continua a ser um fenómeno verdadeiramente notável. Publicado há mais de 30 anos, o seu auto retrato em Salto para o Vazio abriu inegavelmente caminho para uma arte prioritariamente fundamentada na imaginação. A autenticidade da sua contribuição para a concretização do sonho de voar explica por que motivo Yves Klein é considerado não só o grande pioneiro da arte europeia da década de 60 e do século XX, mas também a sua projecção internacional ao longo dos anos 70 e 80 do mesmo século. Joseph Kosuth consagrou-o como fundador da arte conceitual. Os movimentos «Fluxus», os «Happenings», as «performances» e a «body-art», cada um à sua maneira, encontraram-se estruturalmente relacionados com o seu trabalho.”*⁶⁹



Figura 7 - Yves Klein, *Antropometria do Período Azul*, 1960.

Também Yves Klein, conhecido pela sua obra “*Antropometria do Período Azul*”⁷⁰ (Figura 7), constatou que não precisava de pintar baseando-se em modelos vivas, mas sim que, estas poderiam ser utilizadas como próprios instrumentos de arte. Em

⁶⁹ WEITEMEIER, Hannah. *Klein*. Köln: Taschen, 2001, p.51.

⁷⁰ Obra exposta em Paris, a 9 de Março de 1960, que exibia os corpos de modelos nuas que, pintadas de azul, comprimiam os seus corpos contra uma superfície branca, ao som de uma orquestra que tocavam *Symphonie Montone*, assistido por um público.

relação a esta questão, Golberg refere que o artista “retirou então os quadros do seu ateliê e pintou os corpos das modelos com o seu azul perfeito, pedindo-lhes que pressionassem os corpos encharcados de tinta contra as telas preparadas.”⁷¹ A criação artística é, neste caso, resultado da acção desenvolvida pelos corpos das modelos na tela. O artista aproxima a relação entre o corpo e a obra através do processo criativo. Relativamente a esta obra, Yves Klein menciona:

“...elas transformaram-se em pincéis vivos [...] Sob minha orientação, a própria carne aplicava cor à superfície, e fazia-o com irretocável exactidão [...] A obra consumava-se ali, à minha frente, com a total colaboração da modelo. E eu podia saudar o seu nascimento para o mundo tangível de maneira adequada, vestido a rigor.”⁷²

Também o corpo nu apresentado nas suas obras já não é aquele corpo estático representado numa tela, mas sim um corpo em constante movimento que é utilizado como instrumento artístico, e introduz, em simultâneo, uma componente interessante de *performance* nas suas criações.

A partir da década de 70, os artistas vão realizar experiências mais aprimoradas e diversificadas recorrendo, por vezes, à tecnologia. Neste contexto, é já atribuída a esta linguagem a designação de *performance art*.

⁷¹ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p.182.

⁷² Yves Klein *apud* GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.183.

3. A ARTE DA PERFORMANCE

3.1. Artista, público, espaço-tempo, expressão cénica, corpo

A arte contemporânea “... impôs-se sobretudo a partir dos anos 80 suplantando as expressões «arte actual» e «arte viva», mas caracteriza uma época cujo nascimento se situaria entre 1960 e 1969.”⁷³ A arte produzida nesta época pode ser “definida pela dissipação das fronteiras entre as disciplinas clássicas e pelo aparecimento de novas técnicas (técnicas mistas, multimédia), que alargam o campo artístico tornando simultaneamente a sua abordagem mais complexa.”⁷⁴ Rouge também refere que na arte contemporânea os artistas estimulam o interesse do público pelas suas criações, como também incentivam a sua participação e envolvimento. O espectador é convidado a comunicar com o artista, já não é aquele que tem meramente um papel passivo, mas passa a ter um papel activo através da interacção com a obra.

A partir da década de 60 surgiram imensos movimentos artísticos que vieram por em causa os anteriores. No século XX, tendo ao dispor vários meios de comunicação (televisão, a fotografia e o vídeo...) os artistas exploraram outras possibilidades no campo da arte, criando obras que vão para além da pintura e da escultura. Como o autor Rouge refere:

“Os artistas do início do século XX experimentaram, fizeram tentativas, aventuraram-se em territórios desconhecidos. Os artistas de hoje mantêm sempre a pintura em mira, mas são as relações da própria pintura com outras técnicas que mudaram: pintura sem pincéis ou sem tela, pintura – escultura ou ainda fotografia retocada, técnicas mistas...”*⁷⁵

Entre os movimentos que emergiram nesta época, a arte conceptual, privilegiando as ideias em detrimento da obra física, influenciou o surgimento da *performance*, que também privilegiou essencialmente a ideia subjacente à obra.

Segundo Goldberg “a arte conceptual implicava a experiência do tempo, do espaço e do material, e não a sua representação na forma de objectos, o corpo tornou-se no meio de expressão mais directo.”⁷⁶ Esta autora ainda refere que desta

⁷³ ROUGE, Isabelle de Maison. *A Arte Contemporânea*. Mira - Sintra: Editorial Inquérito, 2003, p.6.

⁷⁴ Ibid, p.6.

⁷⁵ Ibid, p.24.

⁷⁶ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p.194.

forma “a *performance* representava, assim, o meio ideal para materializar os conceitos da arte e, como tal, proporcionava uma forma de aplicação prática dessas teorias.”⁷⁷

Assim como a *body-art* adoptava o corpo como suporte artístico e “deslocava o ponto focal do produto para o processo, da obra para o criador”⁷⁸, a *performance* também fazia exactamente o mesmo, valorizando o processo criativo e o papel do criador na execução da obra artística. Relativamente à postura que a *performance* assumiu no contexto contemporâneo, Golberg refere:

*“Devido à sua postura radical, a performance tornou-se um catalisador na história da arte do século XX; cada vez que determinada escola – quer se tratasse do cubismo, do minimalismo ou da arte conceptual – parecia ter chegado a um impasse, os artistas recorriam à performance para demolir categorias e apontar para novas direcções. Além do mais, no âmbito da história da vanguarda – refiro-me aqui aos artistas que, sucessivamente, lideraram o processo de ruptura com as tradições -, a performance situou-se, ao longo do século XX, no primeiro plano dessas actividades: uma vanguarda da vanguarda.”*⁷⁹

A *performance* encontra-se ligada a uma acção, a uma expressão cénica (um acto de “peça teatral”), convergindo em vários aspectos: o espaço-tempo, o artista e o público. Essa acção é desenvolvida num determinado espaço e tempo, possuindo uma determinada duração, e sendo definida pelo artista. Contudo, numa *performance* podem eventualmente suceder imprevistos e os artistas podem improvisar.

Para Cohen a *performance* é considerada como uma expressão cénica, de tal modo que afirma:

*“Apesar de sua característica anárquica e de, na sua própria razão de ser, procurar escapar de rótulos e definições, a performance é antes de tudo uma expressão cênica [sic]: um quadro sendo exibido para uma plateia não caracteriza uma performance; alguém pintando esse quadro, ao vivo, já poderia caracterizá-la.”*⁸⁰

Apesar de ser considerada uma expressão cénica, a *performance* está longe de ser encarada como teatro propriamente dito, isto é, o teatro convencional que se apoia numa dramaturgia, num tempo e espaço, e numa forma de actuação em que o artista interpreta uma personagem. A *performance* aproxima-se do teatro na medida

⁷⁷ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.194.

⁷⁸ COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva., 2009, p.15.

⁷⁹ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.8.

⁸⁰ COHEN, Renato. op.cit, p.28.

em que o artista, através da acção dramática, apresenta algo para um determinado público, onde surgem objectos, animais, pessoas, entre outros, baseada num “texto” e formando, assim, a teatralidade.

Segundo Maria Beatriz Medeiros, a *performance* “*não se trata de dança ou de teatro. A carga de improviso eleva a tensão. O texto pode existir, mas não rege a acção [sic]. O corpo se coloca com tal. O outro é parte do projeto [sic].*”⁸¹ A *performance*, para se concretizar necessita de um corpo. Quando o artista realiza uma *performance* comunica através da expressão corporal, ou seja, através de movimentos e acções. No que concerne aos vários elementos que fazem parte de uma *performance*, Medeiros refere que:

*“Artista, obra, público são elementos estéticos da performance. O quarto elemento estético é o tempo. A performance artística se dá no tempo, sua efemeridade é condição. Os registos permanecerão registos, e, por permanecerem, estarão semi-mortos, ainda que capazes de leves ressonâncias. Os registos são apenas obscuro reflexo, eco ensurdecido de um prazer para sempre estancado.”*⁸²

Para além dos elementos que constituem uma *performance*, a autora Roselee Goldberg acrescenta ainda que

*“...a performance “pode ter a forma de espectáculo a solo ou em grupo, com iluminação, música ou elementos visuais criados pelo próprio performer ou em colaboração com outros artistas, e ser apresentada em lugares como uma galeria de arte, um museu, um “espaço alternativo”, um teatro, um bar, um café ou uma esquina.”*⁸³

Desde o passado idealista clássico, passando por rupturas, transgressões e mudanças no modernismo até a actualidade, o corpo tem sido tratado pelos artistas de forma diferenciada, consoante os entendimentos de cada um. Para além do corpo ser representado nos modos considerados tradicionais, como pintura, desenho, gravura e escultura, este também está presente em outros modos de representação, nomeadamente, em *performances*, fotografias, vídeos e realidade virtual. Através

⁸¹ MEDEIROS, Maria Beatriz de, *Performance Artística e a Censura*, disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/territorios/Maria%20Beatriz%20de%20Medeiros%20-%20Performance%20artistica%20e%20a%20questao%20da%20censura.pdf>, Acedido a 10 de Abril de 2010.

⁸² MEDEIROS, Maria Beatriz. *Aisthesis: estética, comunicação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.

⁸³ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p.9.

destes novos modos de criação, as convenções artísticas e sociais têm sido questionadas, tendo-se o corpo como tema, referência e veículo da arte.

No início do século XX a arte desfigurava e dividia esse corpo, antes apresentado de forma total e “perfeita”, começando posteriormente a explorar novos elementos, tais como a efemeridade, a acção, as imperfeições e a dor. A partir da segunda metade do século XX, a materialidade e a animalidade ganharam ênfase, revelando visões do corpo antes reprimidas, como a sexualidade.

A essência da *performance* não está presente no trabalho realizado com o corpo, mas sim do discurso sobre ele. Através do discurso do corpo os artistas da *performance* procuram questionar as convenções, transmitir ideias, reflectir sobre a arte e a vida. O artista, de certo modo, propõe ao espectador a reflexão sobre a acção desempenhada com o seu corpo, estabelecendo através da arte corporal a comunicação com o espectador.

Assim, foram criadas *performances* em que o artista se preocupou com questões formais do corpo e do espaço, que é o caso do artista Bruce Nauman que, nas suas *performances*, explorava “o corpo enquanto elemento no espaço”⁸⁴ Na sua obra, realizada em 1968, “*Caminhando de maneira exagerada ao redor do perímetro de um quadrado*”, fazia relação directa com a escultura. Ao caminhar ao redor do quadrado, o artista explorava as dimensões e a colocação de objectos no espaço.

Outras *performances* tiveram um carácter mais emotivo e expressivo, é o caso do artista Hermann Nitsch⁸⁵ em que as suas produções tinham a capacidade de sensibilizar e emocionar o espectador uma vez que, envolviam ritual e sangue. As suas *performances* apresentavam-se numa linha mais “emotiva e expressionista.”⁸⁶ A partir da década de 60, Nitsch representa antigos ritos dionisíacos e cristãos em um contexto moderno, recorrendo à catarse de Aristóteles (Figura 8), através do medo e do terror, procurando a purificação.

⁸⁴ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.203.

⁸⁵ O artista austríaco Hermann Nitsch (Viena, 1938) é um dos mais importantes representantes dos Accionistas de Viena, grupo pioneiro da Arte do Corpo. Fundaram o Teatro de Orgias e Mistérios, e desde 1971, Nitsch realiza *performances* em que as cenas decorriam entre as colinas e vinhedos do castelo de Nitsch, em Prinzenhof.

⁸⁶ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.207.



Figura 8 - Hermann Nitsch's, *The Orgien Mysterien Theaters*, 1984.

Nitsch considerava que estes rituais de matar animais foram reprimidos nos *medí*a; mas para o homem primitivo, estes rituais eram considerados algo natural. Então, este defendia que “os actos ritualizados constituíam um meio de libertar essa energia reprimida, traduzindo um acto de purificação e redenção através do sofrimento.”⁸⁷ A arte praticada pelo seu grupo pode ser, de algum modo, considerada como “perversa” e “subversiva”. Estes artistas foram “destemidos” na medida em que derrubaram os tabus da sociedade conservadora da época, neste caso, a Áustria na década de 1960-70.

Outras *performances* tiveram, ainda, um carácter satírico e humorístico. É o caso dos artistas Gilbert e George. Nas suas produções, esta dupla apresenta-se como “esculturas vivas”, e os seus trabalhos estão relacionadas com as suas acções quotidianas.



Figura 9 - Gilbert & George. *The singing sculpture*, 1969.

⁸⁷ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.207.

Na performance “*The singing sculpture*”⁸⁸ apresentada em 1969 (Figura 9), e que foi uma das suas primeiras exposições, Gilbert e George alteraram de forma radical o conceito de escultura. Relativamente ao trabalho destes artistas, Walker refere:

*“Da mesma forma que as grandes estrelas do cinema e dos ídolos pop, Gilbert e George transformaram toda sua vida pública em arte. Por meio de uma urdida promoção deles mesmos e uma cuidadosa atenção para a imagem, apresentação e “toque”, eles tornaram-se celebridades. “Nunca deixaremos de pousar para ti, oh arte”. São famosos por serem famosos. Em troca de fama eles oferecem às suas plateias o espírito, a nostalgia, uma paródia de ser inglês e, acima de tudo, uma devastadora crítica de vida artística e do mundo da arte do qual se valem, ao mesmo tempo que o ridicularizam.”*⁸⁹

A postura assumida por esta dupla de artistas serviu como meio de ultrapassar o objecto. Através da arte do corpo, estes artistas estabeleceram um discurso decisivo, estabelecendo a união entre a arte e vida. Também, Joseph Beuys⁹⁰, um dos artistas mais conceituados do século XX, “...acreditava na possibilidade de a arte transformar efectivamente a vida quotidiana das pessoas, tendo recorrido a encenações e conferências numa tentativa de modificar as consciências.”⁹¹ Isabelle Rouge, refere que este artista “defende a «noção de uma arte alargada»”⁹² e “insiste na necessidade do artista se comprometer, sendo a arte para ele o vector perfeito para propor um modelo humano e social ideal.”⁹³ Todo o seu trabalho artístico encontra-se intimamente ligado às suas vivências, como Isabelle Rouge refere:

“Utiliza materiais espectaculares-lebre morta, coiote bem vivo, feltro, gordura animal-como «símbolos de energia». Toda a sua reflexão está ligada directamente à sua biografia. O acontecimento essencial da sua vida, que tornou um episódio lendário, volta, sempre ao centro da sua obra: o avião da Luftwaffe que pilotava

⁸⁸ Esta performance consistiu em apresentarem-se a si próprios como “esculturas vivas”. Esta performance “fê-los aparecer de rosto maquilhado de cor-de-bronze (alusão à escultura), vestidos de forma idêntica e a cantar uma melodia popular, um envergando uma luva, outro com uma bengala na mão. No fim da ária, trocavam os seus acessórios e retomavam a lengalenga, como autómatos.” (In: Cohen, Renato, *Performance como Linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva., 2009, p.31.

⁸⁹ WALKER, John. *A arte desde o Pop*. Editorial Labor, S.A, 1977, p.56.

⁹⁰ Este fez parte do grupo Fluxus, e realizou *performances* que se destacavam pelo sentido social, político e pela implicação filosófica.

⁹¹ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p.187.

⁹² ROUGE, Isabelle de Maison. op.cit, p.30.

⁹³ Ibid, p.30.

foi abatido em 1943. Tendo escapado são e salvo, Beuys sobreviveu junto a camponeses na Crimeia, que o besuntam de gordura e eo envolviam em feltro, de acordo com os métodos tradicionais do xamamismo...Conseqüentemente, nas suas exposições ou instalações, os espectadores são frequentemente levados a participar numa «escultura social» com a sua presença físicas, que também tem uma incidência sobre a evolução térmica do espaço.”⁹⁴

As produções artísticas de Beuys, que envolviam aspectos formais relacionados com o espaço e diversos materiais, envolviam “*um jogo de proximidade e distância, simpatia e estranhamento, entre fenómenos distintos. Na relação entre as formas e os materiais empregados para fabricar as esculturas tal jogo se aprofunda.*”⁹⁵

Segundo John Walker, “*por meio de suas enigmáticas acções, esculturas, desenhos e múltiplos, ele estabeleceu reputação como artista mas a sua notoriedade pública é o resultado de sua acirrada determinação de difundir a arte como vida.*”⁹⁶ Beuys acreditava na ideia da arte transformar decisivamente a vida quotidiana das pessoas, as suas mentalidades, através das suas acções. O corpo do artista envolve-se com os elementos que envolvem a acção, havendo uma grande aproximação entre a arte e a vida. Beuys também considerava que quando um homem é criativo e livre, pode criar algo original revolucionando a sua época. Para tal, utiliza o seu próprio corpo como objecto artístico nas suas performances, colocando em evidência as suas ideias. Beuys também criou o conceito de “*Escultura Social*” que “*consistia em longas discussões com um público numeroso em diversos contextos, servia basicamente para expandir a definição de arte enquanto actividade especializada.*”⁹⁷



Figura 10 - Joseph Beuys, *Coyote: I like America and America likes me*, 1974.

⁹⁴ Ibid, p.30.

⁹⁵ TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001, p.110.

⁹⁶ WALKER, John. op.cit, p.53.

⁹⁷ GOLDBERG, Roselee. op.cit, p.189.

Uma das suas *performances* mais conhecidas é “*Coyote: I Like America and America Likes Me*” realizada em 1974 (Figura 10). Nesta *performance* o artista passou uma semana com um *coiote*, num espaço fechado, realizando rituais diários de interacção entre ambos. Nesta interacção com o animal vários materiais foram surgindo no local, nomeadamente feltro, bengala, luvas, lanterna eléctrica e um jornal.

Segundo Goldberg o “*Coyote representou, nos termos de Beuys, uma acção “americana”, o complexo de coiote”, reflectindo, ao mesmo tempo, a história de perseguição aos índios norte-americanos e “toda a relação entre os Estados Unidos e a Europa.”* ⁹⁸ Ou seja, nesta *performance* o artista faz uma crítica ao domínio norte-americano sobre os povos indígenas e sobre outras nações. Relativamente a esta *performance* Beuys refere “*Eu queria concentrar-me unicamente no coiote. Queria isolar-me, segregar-me, não ver nada da América a não ser o coiote (...) e inverter os papéis.*” ⁹⁹



Figura 11 - Marina Abramovic, *Art must be beautiful*, 1975.

Alguns artistas atingiram extremos de violência no seu corpo para exporem as suas ideias. Temos assim os artistas Chris Burden, Marina Abramovic ¹⁰⁰, Gina Pane que, através das suas acções, testavam a resistência do seu corpo, recorrendo à auto-mutilação e a situações de violência extrema. Nas *performances* desenvolvidas por

⁹⁸ Ibid, p.189.

⁹⁹ Beuys *apud* GOLDBERG, *op.cit*, p. 189.

¹⁰⁰ Na sua obra “*Art must be beautiful, Artist must be beautiful*” (ver figura 11), esta artista faz referência ao estado mental que pode advir da dor. No vídeo desta *performance* podemos visualizar a artista pentear os seus cabelos agressivamente. Tendo uma escova numa mão e um pente em outra, à medida que vai penteando o cabelo, ela repete constantemente a frase “*Art must be beautiful, Artist must be beautiful*” (arte deve ser linda, o artista deve ser lindo). Apesar de a artista utilizar um tom de voz suave quando repete a frase, é evidente pela suas acções que está a sentir dor. Através da dor provocada no seu próprio corpo, esta artista defende que o corpo deve ser libertado das restrições impostas pela cultura ocidental. Também sustenta que a arte da *performance* pode ser utilizada para desafiar e transgredir os limites físicos e mentais. Esta artista realizou os seus trabalhos baseados na tradição: corpo-espaço-movimento, explorando os limites da dor humana recorrendo à auto-mutilação, em todos os seus trabalhos, ela explora a questão do espaço, ou seja, a relação entre o corpo em movimento e o espaço em que decorre a acção.

estes artistas, o corpo é visto muitas vezes como mártir. Seja martirizando-se a si mesmo, seja transmitindo horror ao espectador, estas acções visam levar o espectador a reflectir sobre certas questões da sociedade (políticas, sociais, ecológicas...), retirando-o de um estado de indiferença perante determinados factos.¹⁰¹

De acordo com alguns autores, a *performance* é considerada uma linguagem híbrida, linguagem que pertence às artes visuais, mas também pertence ao teatro. Apesar de serem necessário vários elementos para a realização de uma *performance*, tais como, espaço, tempo, acção, entre outros, o corpo é elemento primordial indispensável para que ocorra uma acção deste tipo.

Se analisarmos esta questão, é possível verificar que a *performance* tem nas suas origens na *body-art*, em que o artista é sujeito e objecto de arte, mas que se transforma na *performance*, através de uma acção (artista cénico). A *performance* surgiu por parte dos artistas plásticos, e não dos artistas do teatro. Segundo Cohen “...a *performance* se colocaria no limite das artes plásticas e das artes cénicas, sendo uma linguagem híbrida que guarda características da primeira enquanto origem e da segunda enquanto finalidade.”¹⁰²

Relativamente às *performances* que envolvem a dança, Pina Bausch alcançou o expoente máximo neste género de obras, como Goldberg refere

*“Adoptando como modelo o vocabulário liberal dos anos 70 - do ballet clássico aos movimentos naturais e à repetição -, Bausch fez experiencias no teatro visual em escala semelhante à de Robert Wilson. Combinando-as com o tipo de expressionismo extático associado ao teatro do Norte europeu (herdado da Alemanha de Bertold Brecht, Mary Wigman e Kurt Joos), instaurou, assim, um teatro dramática e visceral.”*¹⁰³

Entre outros artistas da época, também Anne Teresa De Keersmaeker criou uma espécie de teatro -*performance* que reflectia o entusiasmo e a energia de época. A sua obra *Rosas Danst Rosas* (figura 12) é um exemplo disso, em que os elementos do grupo realizam uma espécie de dança, que ao mesmo tempo tem um carácter teatral. Trata-se de uma *performance* que envolve várias áreas do campo das artes, nomeadamente: teatro, dança contemporânea, música.

¹⁰¹ No fim do século XX e início do século XXI, com o advento da tecnologia computacional, a expressão do corpo passa a estar integrada em cenários virtuais. Assim, temos o caso do artista Stelarc, cujas *performances* são um exemplo do apoio da tecnologia na concretização das suas ideias.

¹⁰² COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva., 2009, p.30.

¹⁰³ GOLDBERG, op.cit, p.257.



Figura 12 - Anne Teresa De Keersmaeker, *Rosas Danst Rosas*, 1983.

A artista e coreógrafa Anne Teresa De Keersmaeker fundou a companhia *Rosas*, em 1983, quando tinha apenas vinte e três anos. A sua companhia surgiu num contexto em que:

*“...os caminhos da performance na União Europeia foram ditados quer pelas generosas verbas públicas, com a intenção de elevar o status cultural das grandes capitais, quer pela chegada à maturidade de artistas cuja formação tinha raízes na vanguarda das décadas de 70 e 80. A energia dessas obras ainda mais estimulada pela existência de uma rede bem organizada de teatros – entre os quais o Kaaitheater de Bruxelas, o Theater and Turm de Frankfurt ou Hebbel de Berlim -, bem como pelos festivais e conferências que neles se realizaram. Na Bélgica despoletou uma nova vaga que incluía Jan Fabre, Anne Teresa De Keersmaeker, Jan Lauwers e Alain Platel. Estes artistas, que tinham o privilégio de poder criar material novo para a imponente arquitectura dos teatros oficiais do Estado, beneficiaram de apoio financeiro desde o início das suas carreiras [...]”*¹⁰⁴

Nesse mesmo ano, estreou o seu trabalho no Kaaitheater e, alguns anos mais tarde, a sua companhia foi nomeada companhia do residente do Théâtre Royal de la Monnaie, em Bruxelas. As criações de Keersmaeker incluíam coreografias atléticas, arrojadas criações visuais com música ao vivo, que enchiam grandes palcos. Nas suas obras explora intensamente a expressão corporal através de movimentos do corpo. Esta artista não explora as artes plásticas, mas sim, dá enfoque às artes cénicas, através da dança que, de certo modo, apresenta um carácter teatral. O corpo torna-se na obra de arte, pois é o principal único elemento utilizado para a concretização da

¹⁰⁴ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p.181.

obra. O público tem um papel passivo, uma vez que, não participa no evento, apenas observa e reflecte sobre o mesmo.



Figura 13 - Vanessa Beecroft, *Still Death Darfur Still Death*, 2007.

Com o decorrer do tempo, e caminhando para a actualidade, são muitos os artistas que exploram o corpo através da *performance*, experimentando as mais diversas áreas artísticas e técnicas, como Goldberg refere:

*“Fantasistas dos primórdios do século XXI, [...] a performance ao vivo, as projecções de vídeo e a fotografia com o profissionalismo dos directores artísticos comerciais – utilizam maquilhadores e desenhadores de luz para criar performances e fotografias de performances que ilustram a convergência entre a moda e a história de arte.”*¹⁰⁵

Segundo Goldberg, a arte da *performance* é uma expressão artística que continua desafiando as definições e mantém-se tão imprevisível e provocadora como outrora. Os artistas continuam sempre a realizar novas experiências, concebendo obras extremamente criativas do ponto de vista estético.

¹⁰⁵ GOLDBERG, Roselee. op.cit. p.278.

4. A PERFORMANCE ALIADA ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

Ainda dentro das hibridações artísticas, nas quais a *performance* está inserida, vemos surgir, com o advento da tecnologia computacional, a expressão do corpo integrada em cenários virtuais. Segundo Renato Cohen:

*“A performance alargou suas bordas, partindo de suportes que tinham o corpo como entorno e significação, passou para explorações do matérico e desemboca em experimentações que fazem uso de outros entornos, a desmaterialização do objeto, a criação da cena virtual e o uso dos mais diversos suportes e mídias.”*¹⁰⁶

O artista contemporâneo para além de recorrer às artes plásticas e artes cénicas na concretização das suas performances, também alia-se das novas tecnologias para expor as suas ideias. Através do corpo explora um mundo virtual que só possível com o surgimento das novas tecnologias. Relativamente à exploração do corpo, inserido no campo da tecnologia, o autor Couto menciona:

*“A celebração do corpo está presente na arte actual, seja na recepção das obras, de forma táctil, interactiva e participativa. O corpo contemporâneo é um lugar de inscrição, mutante e de passagem. As intervenções se voltaram para o interior do corpo, transformando-o; as nanotecnologias e as próteses invadem o nosso interior.”*¹⁰⁷

Entre os artistas (Marina Abramovic, Bruce Nauman, entre outros) que utilizaram o corpo numa vertente tecnológica, um artista que se destaca é Stelarc que realiza *performances* desde a década de 60, e que têm explorado intensamente a expressão do corpo associado às novas tecnologias. Este artista considera que o corpo se encontra obsoleto e é necessário recorrer às tecnologias para levar o corpo a ser repensado. Segundo este artista:

“Miniaturizada e biocompatível, a tecnologia pousa sobre o corpo. Embora não enunciada, é um dos eventos mais importantes da história humana - enfocando a mudança física em cada individuo. A tecnologia não é apenas presa ao corpo,

¹⁰⁶ COHEN, Renato. *Work in Progress na Cena Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p.70.

¹⁰⁷ COUTO, Edvald Sousa. *Além do Homem, além da máquina*. Atrator Estranho, NTC, ECA-USP, n.29, 1998, p.174.

*mas também é implantada. Tenho sido anteriormente um contêiner, a tecnologia agora se torna um componente do corpo.”*¹⁰⁸

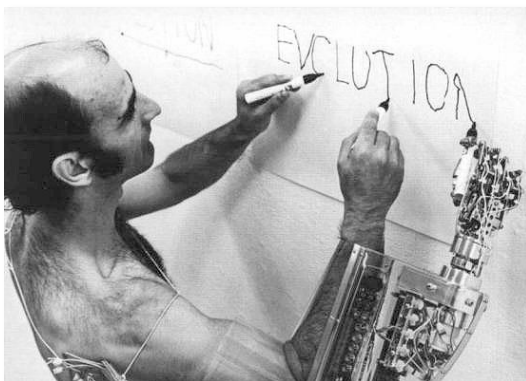


Figura 14 - Stelarc, *Terceira Mão*, 1982.

Na década de 80, o artista desenvolveu, com o apoio de engenheiros, a *Terceira Mão* (Figura 14), que consiste num manipulador robótico apto a agarrar e largar objectos “e girar 290° para qualquer lado. “O artefato-afixado ao braço direito do artista e controlado por impulsos elétricos [sic] de músculos de seu abdome [sic] e perna-passa, a partir de 1981, a integrar a maioria de seus eventos performáticos.”¹⁰⁹

Gradualmente, Stelarc vai deixando de realizar suspensões e foca o seu trabalho em encenações do *corpo ciborgue-performances*, em que envolve o seu corpo com máquinas, controlado por “instrumentos médicos, ligado a dispositivos electrónicos, estendido por próteses e conectado a sistemas de realidade virtual e à internet.”¹¹⁰ Numa entrevista concedida em 1995, ele afirma que:

*“O importante para mim é plugar, estender o corpo com ciber-sistemas e ver o que ele pode realmente fazer. (...) Estou especulando sobre maneiras através das quais os indivíduos não seriam forçados, mas desejariam, redesenhar seus corpos – dado que o corpo tornou-se profundamente obsoleto no ambiente informacional intenso que criou (...) Talvez agora seja a hora de projetar [sic] o corpo para que ele se equipare a suas máquinas. Temos que de alguma maneira turbinar o corpo-implante e aumentar o cérebro. Temos que fornecer maneiras de conectá-lo à ciber-rede”*¹¹¹

¹⁰⁸ DOMINGUES, Diana (org.). STELARC. *Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a prótica a robótica e a existência remota. A arte no século XXI. A humanização das tecnologias.* São Paulo: Unesp, 1997, p.55.

¹⁰⁹ SILVA, Priscilla Ramos da. *Corpo e Artes nos anos 1990: Panorama de 97 e Bienal de 98.* Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007, pp. 47-48.

¹¹⁰ Ibid, p. 48.

¹¹¹ Stelarc. *Extended-Body: Interview with Stelarc.* disponível em: <http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=354> Acedido a 15 de Setembro de 2009.



Figura 15 - Stelarc, *Exoskeleton*, 1998.

As suas *performances* integram movimento (Figura 15), som e iluminação, aspectos que estão sempre presentes no seu trabalho. Para este artista “*não se trata de apenas “corrigir” o corpo obsoleto, fornecendo-lhe os aparatos necessários para melhor adaptá-lo e conectá-lo ao ciberespaço: o artista planeja cuidadosamente cada um de seus eventos, procurando dramatizá-los por meio de recursos cênicos.*”¹¹² Este sabe metamorfosear suas *performances* em espectáculos. As suas apresentações têm a presença de vários elementos, desde raios laser, computadores, vídeo, luzes, entre outros.

Sterlarc defende que a utilização da tecnologia permitirá superar as falhas do corpo humano; daí que, com os objectos tecnológicos criados, pretende redesenhar a forma humana, melhorando o seu desempenho. A sua produção artística não chega a atingir, como é óbvio, esse radicalismo. Os seus trabalhos são, como ele próprio afirma, “*meramente especulativos, suas cyberperformances apenas investigam os possíveis modos de construção de um corpo pós-humano.*”¹¹³ Este artista defende a ideia de que com a união entre o homem e máquina, este estará apto a desenvolver com mais precisão actividades do quotidiano. Relativamente à interligação entre as novas tecnologias e o corpo humano, o autor Domingues relata:

*Neste momento, longe de negações ou temores, há que se pensar em novas formas de vida que reconfiguram e redefinem o que significa ser humano. Neste panorama do homem sempre assistido por máquinas e seus softwares, ocorre uma comunicação integral e integrada com sistemas informatizados, numa espécie de desmaterialização do corpo em que os seus órgãos humanos são conectados a máquinas. Neste final do século, está se delineando uma simbiose homem-máquina e anunciando-se, para o próximo milénio, uma situação em que será cada vez difícil de distinguir “a prótese no humano e a parte da carne na máquina”*¹¹⁴

¹¹² SILVA, Priscilla Ramos da. op.cit., p. 50.

¹¹³ Ibid, p. 50.

¹¹⁴ DOMINGUES, Diana (Org.) *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997, pp. 28-29.

5. A PERFORMANCE COMO LINGUAGEM INTERDISCIPLINAR

Tratando-se de uma manifestação artística complexa, a *performance* não se limita a um conceito exacto, a uma disciplina. Pelo contrário, esta apropria-se de diversas disciplinas e meios de comunicação, nomeadamente: literatura, poesia, teatro, música, dança, arquitectura, pintura, vídeo, cinema, entre outros. Esta linguagem alberga uma grande diversidade de expressões teatrais, visuais, corporais, e sonoras. Os artistas de vanguarda do final do século XIX e início do século XX, interessados na expansão e na experimentação de novos modos de produção artística, proporcionaram o aparecimento da *performance*.

A interdisciplinaridade artística adveio da necessidade de, na segunda metade do século, os artistas romperem com as fronteiras disciplinares. A característica mais frequente nesta linguagem é a procura de novas soluções, pois esta não se sustenta em verdades absolutas. A linguagem performativa, ao convergir com a interdisciplinaridade artística, permite configurar o vasto campo de pesquisa e experimentação dos novos referenciais que constituem a contemporaneidade. A interacção dessas linguagens admite a utilização de elementos que podem remeter a novas leituras, proporcionadas pela fruição artística.

Segundo Aguilar os *“artistas usam livremente quaisquer disciplinas e quaisquer meios como material – literatura, poesia, teatro, música, dança, arquitectura e pintura, assim como vídeo, película, slides e narrações, utilizando-os nas mais diversas combinações.”*¹¹⁵ Nesta linguagem não existem limitações de exploração, os artistas podem recorrer às mais diversas áreas para a concretização da sua obra. Como refere Aguilar, *“a performance utiliza uma linguagem de soma: música, dança, poesia, vídeo, teatro de vanguarda, ritual... Na performance o que interessa é apresentar, formalizar o ritual. A cristalização do gesto primordial.”*¹¹⁶

A compreensão da interdisciplinaridade artística representa uma contribuição marcante para a ampliação do conhecimento e a possibilidade de novas experimentações; de modo que a sua presença se torna evidente no campo das artes e das ciências (tecnologia), permitindo aos artistas concederem obras artísticas diversificadas e criativas.

¹¹⁵ GOLDBERG, Roselee., op.cit., p.7.

¹¹⁶ AGUILAR, em roteiro de A Noite de Apocalipse Final, *performance* apresentada por Aguilar e a Banda Performática.

6. A INTERDISCIPLINARIEDADE NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Na actualidade, os artistas recorrem à interdisciplinaridade e transdisciplinaridade para a concretização das suas obras, obtendo resultados diferenciados dos demais artistas. A interdisciplinaridade permite ao artista fazer a junção das mais diversas áreas, explorando situações novas e criativas. Na escola, deverá ser facultada aos alunos uma educação artística actual e pertinente, para que os alunos possam compreender a Arte Contemporânea na sua globalidade, reconhecendo à *performance* como uma expressão artística que recorre à expressão corporal, e à exploração de diversas áreas em simultâneo, favorecendo a experimentação neste campo.

Deve ser promovida na escola a integração de várias áreas, proporcionando ao aluno a ampliação dos seus conhecimentos. O professor não deve deixar que os trabalhos escolares se limitem apenas ao suporte de papel, mas sim deve motivar os alunos para a concretização de trabalhos que englobem várias áreas, obtendo assim resultados mais diversificados e criativos. Se o trabalho do aluno for restringido apenas a uma disciplina, a sua criatividade será condicionada, e este factor levará à produção de trabalhos esteticamente mais limitados. Segundo Antunes, os alunos devem

*“participar activamente no processo de educação-aprendizagem para serem capazes de compreender os conhecimentos que vão adquirindo. Neste sentido, devem ter a oportunidade de experimentar, de verificar, de ter opinião crítica, de discutir, de ter conhecimento de perspectivas alternativas...relativamente aos assuntos em estudo.”*¹¹⁷

No processo de ensino-aprendizagem os alunos também devem explorar a relação entre o seu corpo e o espaço. Através do movimento, e de acções que o corpo realiza, os alunos podem reflectir sobre o corpo como um meio de comunicação que esta inserido num determinado espaço. É essencial promover a reflexão na concepção de uma proposta de trabalho. Os alunos devem proceder, à *priori*, a uma reflexão sobre um dado tema ou assunto para depois então procederem à concretização do trabalho. Quando os alunos exploram a expressão corporal, esta devem estar envolvida de uma intencionalidade.

¹¹⁷ ANTUNES, Maria da Conceição. *Teoria e Prática Pedagógica*. Portugal: Horizontes Pedagógicos-Instituto Piaget, 2001, p.159.

7. A EXPRESSÃO CORPORAL NO CONTEXTO EDUCATIVO

A arte integrada na educação proporciona o desenvolvimento do pensamento artístico do aluno, e através deste amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte não envolve somente, a realização de trabalhos artísticos; implica também conhecer, apreciar e reflectir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e colectivas de distintas culturas e épocas. A educação em artes visuais vai proporcionar o desenvolvimento artístico dos alunos, contribuindo para que estes alcancem um nível cultural mais elevado, prevenindo novas formas de iliteracia.

A implementação da arte na educação vai possibilitar a aprendizagem dos elementos visuais e a fruição do património artístico e cultural, estimulando a relação entre dois pólos: o do sujeito e o da arte, como expressão da cultura. Esta vai contribuir para a formação do aluno, devendo ser exploradas todas as suas áreas - música, expressão corporal, expressão dramática e expressão plástica - sempre que possível, estas devem ser trabalhadas em conjunto.

A expressão corporal consiste na capacidade de conceber e realizar acções, que transmitem emoções. Através do movimento, do gesto, o homem comunica, e para tal, utiliza a linguagem corporal. Como foi dito anteriormente, esta linguagem é explorada no campo das artes cênicas, da dança e no panorama contemporâneo. É necessário cada vez mais recuperar na escola a relação do aluno com o seu corpo, como modo de exteriorizar os seus sentimentos, angústias e alegrias.

Assim como os artistas se libertaram do pincel e da tela, explorando novos meios e formas artísticas, também na escola o professor deve incentivar os alunos a se libertarem do pincel e da tela, levando-os a explorar novos meios e linguagens através de acções que ocorrem num determinado espaço-tempo. Os alunos poderão desenvolver propostas de trabalhos que compreendam acções com o próprio corpo, ou seja, podem explorar a expressão corporal, mas também podem explorar em simultâneo a expressão verbal, plástica, musical, etc. Estas propostas, devido ao seu carácter efémero, serão registadas através do acto fotográfico, permitindo aos alunos uma posterior reflexão. É importante propor aos alunos a reflexão sobre os seus trabalhos para que desenvolvam a capacidade crítica e de análise

Relativamente ao estágio desenvolvido nas escolas, e mais concretamente nas aulas leccionadas, foi proposto aos alunos realizarem um trabalho que envolveu a criação de expressões corporais. A realização desta surgiu integrada num projecto de grupo intitulado de “Manifestações Artísticas Contemporâneas”. Este envolveu a

integração de várias manifestações artísticas (Poesia Visual, Arte Pública e *Performance*), e teve como objectivo a realização de um exercício performativo. Neste projecto, a realização das expressões foi trabalhada em associação com outras áreas, visando a concretização do projecto final. A presença da interdisciplinaridade artística neste projecto, fez com que os alunos não reflectissem numa área isoladamente, mas sim, reflectissem sobre cada proposta, como fazendo parte de um todo, neste caso fazendo parte do projecto final.

III- RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA-DIDÁTICA

“Ensinar, não é, pois, transmitir mas orientar e conduzir o aluno a aprender, levá-lo a pensar, a ter uma opinião pessoal e crítica, a ser ele mesmo, ou seja, a ser livre.”

(Antunes, 2001, p.164)

8. PRIMEIRA FASE DA PRÁTICA PEGAGÓGICA

8.1. Introdução

O estágio desenvolvido no ano lectivo 2009/2010, introduzido no Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, decorreu em duas escolas diferentes, designadamente: Escola Secundária de Francisco Franco e Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

A primeira parte da prática de Ensino Supervisionado decorreu na Escola Básica e Secundária Francisco Franco, teve início a 30 de Setembro de 2009 e terminou a 05 de Novembro de 2009. O Núcleo de Estágio foi constituído por cinco estagiárias: Andreia Tomás, Carolina Martins, Helena Rodrigues, Teresa Barros e Neide Ferreira.

Na primeira reunião organizada pela Prof.^a Dr.^a Idalina Sardinha no mês de Julho de 2009, com o objectivo de acertar alguns questões referentes ao estágio que iria decorrer nas escolas, tivemos conhecimento formal de que seria a professora cooperante, e fomos informadas que a disciplina com a qual iríamos trabalhar era Desenho A, disciplina específica do curso científico-humanístico de Artes Visuais. A professora cooperante da escola, Filipa Venâncio, já era conhecida por quase todas nós uma vez que já tinha leccionado algumas disciplinas na Universidade da Madeira.

No início de Setembro, o grupo de estágio voltou a reunir-se com a professora cooperante, com o objectivo de organizar e planificar o desenvolvimento das aulas. Antes de iniciarmos a prática pedagógica, graças a disponibilidade da professora cooperante, foi nos permitido assistir às suas aulas desde o dia 30 de Setembro até 19 de Outubro, o que foi benéfico, na medida em que ficamos a conhecer melhor a turma e observámos a prática pedagógica da professora Filipa, o que nos fez reflectir sobre a preparação das nossas aulas.

Relativamente às aulas do grupo de estágio, estas não decorreram como nós tínhamos previsto, uma vez que a orientadora pedagógica teve que se ausentar a partir de meados do mês de Novembro. Isto fez com que cada elemento do grupo de estágio leccionasse apenas uma aula.

Após a professora Filipa se ausentar, e com a vinda da professora de substituição, não nos foi possível assistir às aulas até o fim do período. A nossa prática pedagógica decorreu entre 21 de Outubro até 05 de Novembro, o que não nos possibilitou ampliar a nossa experiência relativamente à prática pedagógica.

8.2. Caracterização da Escola

Esta Escola é denominada por “Escola Escola Secundária de Francisco” Franco, localiza-se na Rua João de Deus no Funchal, e tem como patrono o escultor madeirense Francisco Franco. Celebra o seu dia a 9 de Outubro, aniversário do nascimento do seu patrono.

No que concerne à bandeira, a Escola tem uma bandeira a ser hasteada, pelo menos no dia do patrono, em ocasiões solenes ou outras que a Direcção Executiva entenda.

A cor do actual edifício da Escola tem sido, desde sempre, o amarelo; contudo, as cores identificativas da Escola são o grená ¹¹⁸ e o azul-cobalto.

Relativamente à sua identificação oficial, a presente escola tem o seguinte logótipo, que deve ser usado em todos os documentos oficiais:



Figura 16 - Logótipo da Escola Secundária de Francisco Franco.

8.2.2. Dados históricos

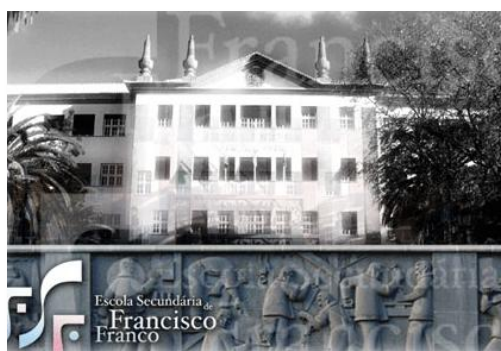


Figura 17 - Escola Secundária Francisco de Franco.

¹¹⁸ Termo referido no Regulamento Interno da Escola.

A “Escola Secundária de Francisco Franco” (ver figura 16) teve as suas origens no século XIX e surgiu da necessidade de formação de quadros técnico-profissionais no sector empresarial madeirense.

Esta Escola começou a funcionar na Rua de Santa Maria onde, em 1889, ainda tinha o nome de “Escola Josefa de Óbidos”. Depois, esta deslocou-se para a Rua da Mouraria onde, em 1893, funcionava com a designação de “Escola Industrial António Augusto de Aguiar”. Mais tarde, em 1925, a escola deslocou-se para a Travessa do Nogueira, com a denominação de “Escola Industrial e Comercial António Augusto de Aguiar”. Em 1957, a escola foi deslocada para o edifício onde, actualmente se encontra, com a designação de “Escola Industrial e Comercial do Funchal”. Posteriormente, em 1980, a escola passou decisivamente a denominar-se “Escola Secundária de Francisco Franco”. A Escola foi designada por este nome, em homenagem à figura notável da História Portuguesa - Francisco Franco.

A Escola Secundária de Francisco Franco, promovendo o ensino das artes, desde sempre, teve como objectivo fornecer à sociedade um serviço de formação e educação nas na área das Artes e das Tecnologias. Esta Escola, com a sua tradição ligada às Artes e Tecnologias, desempenhou um papel de extrema importância na formação dos alunos, pois contribuiu fortemente para o crescimento social da cidade e também da região.

Actualmente, verifica-se que esta Escola, outrora tão prestigiada, conserva os seus modelos tradicionais de ensino, oferecendo alguma resistência face à evolução que tem ocorrido nos últimos tempos, no campo das Artes.

8.2.3. Caracterização do Meio Sócio-Económico

A Escola está situada na freguesia de Sé, no concelho do Funchal, que se localiza na costa Sul da ilha da Madeira e que tem uma população de 98. 583 Habitantes (dados relativos ao ano 2008), sendo este o concelho mais desenvolvido da Ilha.

Este concelho, ocupando uma área de 76,25 km², está dividido em dez freguesias, nomeadamente: Imaculado Coração de Maria, Monte, Santa Luzia, Santa Maria Maior, S. Gonçalo, S. Martinho, S. Pedro, S. Roque, Santo António e Sé.

A freguesia da Sé está situada no centro da cidade do Funchal, com 3,67 km² de área e 2 148 habitantes (dados relativos ao ano 2001). Esta é conhecida pela Catedral que se encontra na baixa da cidade e que se identifica pelo seu estilo manuelino.

A cidade do Funchal, na qual está inserida a Escola Básica e Secundária de Francisco Franco, é muito conhecida por constituir um grande centro turístico, nesta encontra-se vários sectores de trabalho ligados ao turismo, nomeadamente: comércio, restauração e serviços de hotelaria.

Por outro lado, uma grande parte da população trabalha nas indústrias de construção, lacticínios, floricultura e artesanato e ainda temos uma parte da população que trabalha em serviços públicos e empresas.

8.2.4. Alunos e Docentes

Na presente Escola, estudam cerca de cerca de dois mil quatrocentos e cinquenta e três alunos, dos quais dois mil e duzentos e três alunos estão a frequentar o horário diurno (laboral) e duzentos e cinquenta estão a frequentar o horário nocturno (regime pós-laboral). Os estudantes estão distribuídos por vários cursos, nomeadamente: Cursos Científico - Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos de Educação e Formação.

Estão ao serviço da Escola uma média de duzentos e noventa e um professores, que trabalham no horário diurno e nocturno.

8.2.5. Serviços e Espaços

Os serviços e espaços¹¹⁹ que a Escola disponibiliza são os seguintes:

Serviços: Gabinete da Direcção Executiva, Sala do Conselho da Comunidade Educativa/Conselho Pedagógico, Serviços administrativos, Sala dos Directores de Turma, Gabinete dos Coordenadores de Departamento, Gabinete dos coordenadores de ciclo e dos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar, Biblioteca, Cantina, Bar, Reprografia dos professores, Reprografia dos alunos, Papelaria, Economato, Dois arquivos e Casas-de-banho.

Salas especializadas: duas salas de professores, uma sala de funcionários, duas salas de sessões, dois laboratórios de química; um laboratório de física, uma oficina de artes, uma oficina de design, duas salas de desenho, dois laboratórios de biologia, duas oficinas de educação tecnológica, uma oficina de mecânica, uma oficina de electrotecnia/electrónica, uma sala de línguas, seis salas de informática, um pólo

¹¹⁹ Informação que consta no Regulamento Interno da Escola.

tecnológico de informática, duas salas de audiovisuais, cinco espaços desportivos descobertos e balneários e um ginásio.

Gabinetes: dezasseis gabinetes de grupos disciplinares.

Outros espaços: Pavilhão Polivalente, Gabinete da Associação de Estudantes, Sala Francisco Franco e Galeria de Arte.

8.2.6. Horário de Funcionamento

A Escola funciona todos os dias úteis da semana das 07h00 às 23h 30m e os períodos lectivos estão organizados em três partes, que são as seguintes:

- **Período da manhã:** das 08:00 às 12:50 (currículo antigo) e das 08:15 às 13:30 (currículo novo)
- **Período da tarde:** das 13:00 às 18:50 (currículo antigo) e das 13:15 às 18:30 (currículo novo)
- **Período da noite:** das 19:00 às 22:40 (currículo antigo) e das 19:00 às 23:20 (currículo novo).

Esta também está aberta ao sábado para a realização de actividades que por alguma razão não possam ser realizadas no período lectivo. E ainda para actividades/formações que sejam requeridas por entidades exteriores à escola.

8.3. Caracterização da disciplina de Desenho A

8.3.1. Caracterização do programa da disciplina

“O desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante. Marca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais-valia com que a proposta gráfica enriquece

a dinâmica social; se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir, na interacção cultural.”¹²⁰

A disciplina de Desenho A insere-se no curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, faz parte da formação específica do 10º, 11º e 12º ano, e tem uma carga horária semanal de 90 + 90 + 135 minutos, que é aplicada nos três anos lectivos. O plano curricular desta disciplina encontra-se dividido em dois programas. O primeiro corresponde ao do 10º ano, no qual, estão presentes as finalidades, os objectivos, os conteúdos e temas, sugestões metodológicas, competências a desenvolver, recursos e avaliação. O segundo programa curricular corresponde ao 11º e 12º ano, que contém os conteúdos e sugestões metodológicas. Ambos os programas apresentam sugestões bibliográficas de apoio referentes a cada conteúdo dos programas. Também cada um dos programas apresenta sugestões quanto às estratégias a serem desenvolvidas nas aulas.

Relativamente aos objectivos gerais desta disciplina, pretende-se promover a comunicação, o domínio e a percepção do desenho de forma eficiente e expressiva. De acordo com o programa, pretende-se levar o aluno a comunicar, perceber, dominar o desenho, de uma maneira produtiva, usando os meios expressivos do desenho (grafite, carvão, tinta da china...).

Da disciplina do 12º ano fazem parte cinco conteúdos programáticos, nomeadamente: materiais, procedimentos, sintaxe e sentido. A abordagem dos conteúdos de Desenho A deve envolver práticas com diferentes materiais e técnicas, levando o aluno a ampliar o domínio do desenho. Também deverá consistir no aprofundamento e sensibilização dos conteúdos, tendo em conta que os alunos já possuem conhecimentos relativos aos conteúdos abordados nos anos lectivos anteriores.

Desde os primórdios, o desenho é uma forma eficaz de comunicar. Foi através dos desenhos elaborados pelos povos da antiguidade que ficamos a conhecer a história da humanidade. Assim como, também, por meio do desenho ficamos a conhecer as técnicas utilizadas por estes, suas vivências e suas ideias.

Através do desenho é possível transmitir ideias, sentimentos, sensibilidades e emoções. O desenho não tem necessariamente de ser um retrato fiel da realidade, mas sim deve ser fruto da percepção que o sujeito tem da realidade. “O *desenho* é

¹²⁰ RAMOS, Artur, QUEIROZ, João Paulo, BARROS, Sofia Namora, et al. *Programa de Desenho A 10º Ano-Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais*, Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário, 2001, p.3.

assim um instrumento que nos permite analisar, conceber e comunicar sobre a nossa realidade.”¹²¹

Segundo o programa, “a disciplina de Desenho A responde, no leque curricular do 10º, 11º e 12º anos, a objectivos globais de aquisição de uma eficácia pelo desenho a um nível pré-profissional e intermédio.” No que concerne ao ensino secundário “o desenho está na linha de formação comum aos profissionais das áreas de artes plásticas, design e arquitectura, ou ainda da área nova dos interfaces virtuais, novas tecnologias, internet, e edição de conteúdos multimédia.”¹²²

Através desta disciplina, deverá ser promovido o conhecimento na sua plenitude. Esta disciplina deverá permitir a exploração a vários níveis. Deverá também proporcionar aos alunos o gosto pelo desenho e fomentar o espírito crítico, tornando-se uma prática construtiva e consciente.

8.4. Caracterização da sala de Desenho A

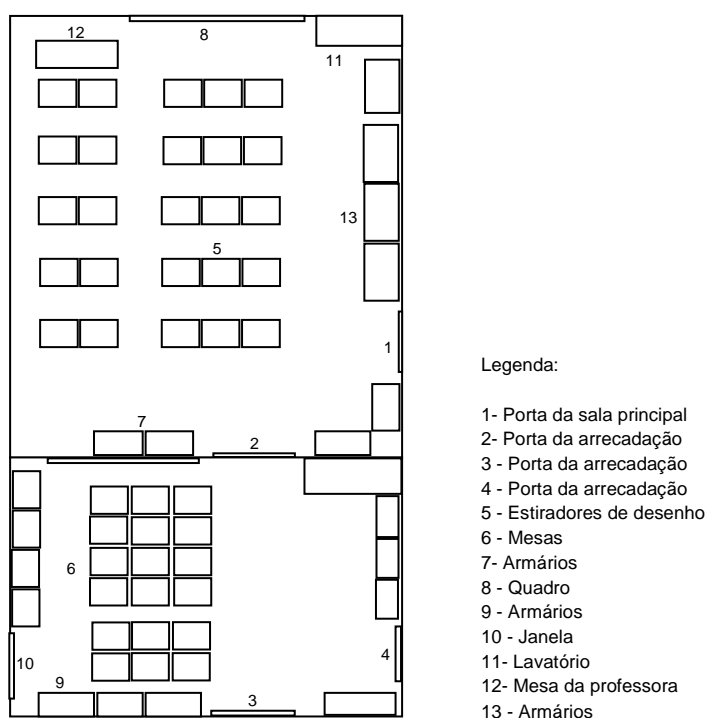


Figura 18 - Sala de aula da disciplina de Desenho A.

¹²¹ RAMOS, Elza, PORFÍRIO, Manuel. *Manual do Desenho*. Ensino Secundário 12º ano. 1º ed. Portugal: Edições ASA, 2009, p.2.

¹²² Ibidem, p.3.

A sala de Desenho A é a sala nº 418, que fica no terceiro andar e é constituída pela sala principal e uma sala menor que funciona como uma arrecadação. Os alunos utilizam esta arrecadação para a arrumação de material (capas, telas, cavaletes, tintas, pincéis, entre outros) e por vezes para realizarem actividades, uma vez que a sala principal se torna insuficiente para todos os alunos. Esta arrecadação também é partilhada pelos alunos da sala do lado oposto. Os alunos, por terem esta arrecadação, que é considerada a “sala do meio”, não ficam limitados apenas à sala principal, ficando com mais espaço para trabalharem.

Esta “sala do meio” encontra-se equipada com mesas dispostas em quadrados no centro da sala, e dispõe de um quadro de giz negro, um painel de projecção amovível e um lavatório com água e armários de arrumação.

A sala principal é uma sala considerada pequena, tendo em conta que os alunos necessitam de um espaço mais amplo para determinados exercícios da disciplina. Esta tem um quadro de giz preto, armários onde os alunos arrumam as capas de formato A3 e as folhas com os seus trabalhos, lavatório com água, estiradores de desenho e cadeiras. Por questões de segurança e controlo dos trabalhos dos alunos, alguns armários encontram-se fechados à chave, sendo apenas abertos pelos professores quando estão a dar as suas aulas. Esta sala não oferece as melhores condições de trabalho, pois esta disciplina necessita de um espaço mais amplo para os alunos trabalharem à vontade e também de mais armários para os alunos arrumarem os seus trabalhos.

Como os alunos não cabem todos na sala principal; têm de se distribuir pela arrecadação e pelo corredor, o que não é muito produtivo para eles, uma vez que estão constantemente a ser perturbados pelos colegas, pelos funcionários e por outros alunos que partilham a mesma arrecadação.

No que concerne aos materiais da sala, estes encontram-se um pouco degradados, alguns estiradores não funcionam, outros um pouco velhos, o painel de projecção amovível não funciona bem e tem um aspecto velho. Relativamente às condições físicas da sala, as janelas são antigas e os cortinados já encontram-se estragados e velhos e, isso faz com que o sol incida sobre a sala, dificultando o desempenho do professor e dos alunos na realização das actividades. É extremamente perturbador quando a luz invade a sala, pois dificulta a visualização de trabalhos que os alunos estão a desenvolver na aula e também dificulta a visualização de imagens que o professor possa projectar.

Outro aspecto negativo na sala de Desenho A é o desrespeito às condições do piso da sala, que se encontra muito degradado, pois o chão é revestido por tacos de madeira e estes já estão muitos velhos.

Seria benéfico para os alunos que, no futuro, a sala de Desenho fosse remodelada para oferecer melhores condições de trabalho para estes.

8.5. Caracterização da turma

8.5.1. Análise de dados referentes aos alunos

A turma analisada neste relatório tem um total de vinte e dois estudantes, que frequentam o 12º ano da turma 3, na Escola Secundária de Francisco Franco, dos quais, treze alunos são do género feminino e nove alunos são do género masculino. Na turma verifica-se, pois, a predominância do género feminino.

A faixa etária dos alunos em análise situa-se entre os dezasseis anos e os vinte anos, tendo em conta ambos os géneros. A diferença de idades entre o aluno mais novo e o aluno mais velho é de quatro anos e a idade média dos estudantes é de dezassete anos.

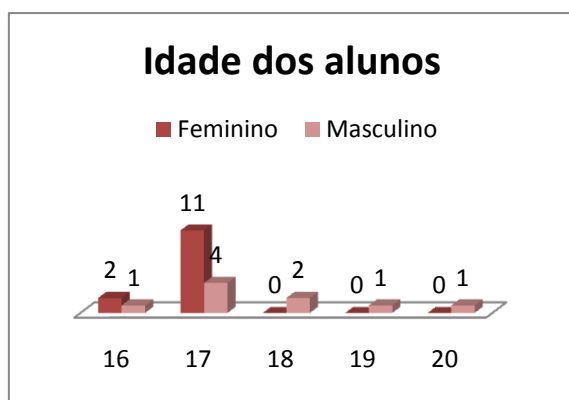


Gráfico 1 - Distribuição dos alunos por nível etário.

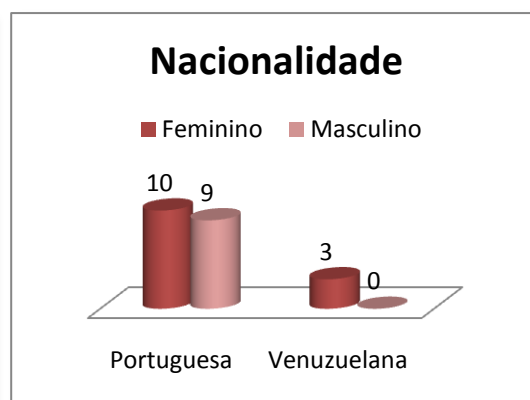


Gráfico 2 - Distribuição dos alunos por nacionalidade.

Através da análise do gráfico 1, verifica-se que a maioria dos alunos que frequentam o 12º ano apresentam o nível etário de 17 anos.

Quanto à nacionalidade dos estudantes, através do gráfico 2 verifica-se que quase todos os alunos que frequentam esta turma têm nacionalidade Portuguesa.

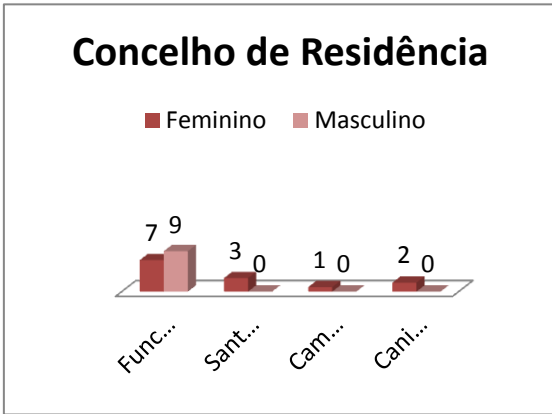


Gráfico 3 - Distribuição dos alunos por concelho de residência.

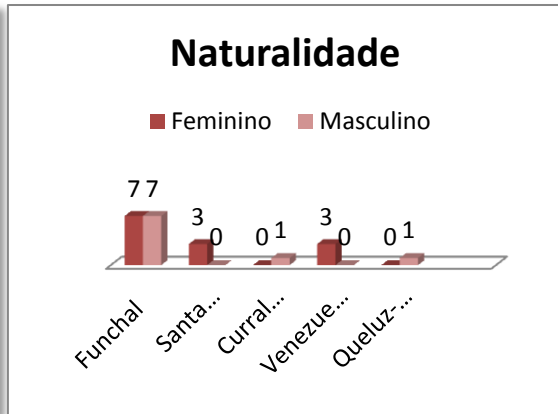


Gráfico 4 - Distribuição dos alunos por naturalidade.

Constata-se que a maioria dos alunos desta turma reside no concelho do Funchal e também são naturais deste. Não existe uma grande afluência de alunos nesta Escola que residam fora do concelho.

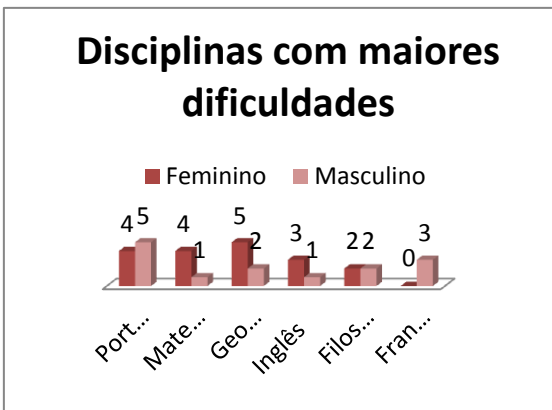


Gráfico 5 - Distribuição dos alunos por disciplinas com maiores dificuldades.

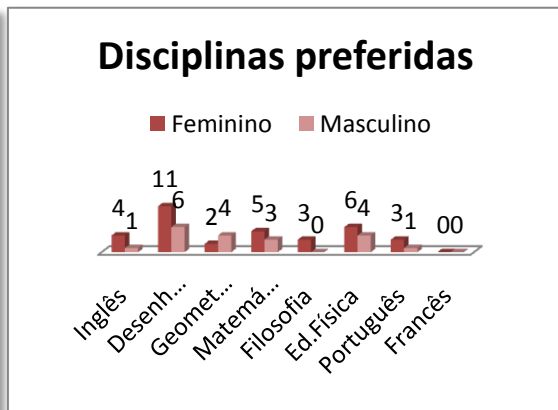


Gráfico 6 - Distribuição dos alunos por disciplinas preferidas.

Verifica-se no gráfico 6 e 7 que as disciplinas em que os alunos apresentam maior dificuldade são: Português, Geometria e Matemática. E as disciplinas preferidas dos alunos são: Desenho A, Educação Física, Matemática.

Constata-se que a disciplina de Desenho A é que revela maior interesse por parte dos alunos, o que mostra que esta disciplina sendo de uma área artística é fortemente procurada pelos alunos.



Gráfico 7 - Distribuição dos alunos por profissão desejada.

Na profissão desejada pelos estudantes, através do gráfico 5 verifica-se que a maioria dos alunos pretendem ser arquitectos. Alguns estudantes pretendem seguir profissões que não apresenta qualquer ligação com a área de Arte ou Design, que é o caso dos alunos que pretendem seguir a área de gestão e jornalismo.

No que concerne aos problemas de saúde, verificou-se que na turma existem alunos com problemas comuns de asma, um aluno tem a doença de *Crohn* e outro aluno sofre de hiperactividade (ver apêndice 1).

8.5.2. Análise do trabalho com a turma

Esta turma apresenta um bom comportamento, respeita as regras da aula, é uma turma dinâmica que desenvolve trabalhos com criatividade. Ao longo das aulas, os alunos tiveram um comportamento e uma postura adequada, com excepção do caso especial de um aluno que é hiperactivo e tem um défice de concentração característico da doença. Este aluno acaba muitas vezes por desconcentrar os colegas e faz intervenções sem ser solicitado.

Os alunos desta turma demonstram interesse a participam sempre que solicitados. Quando estimam a proposta e estão entusiasmados, os alunos revelam um grande empenho e criatividade na realização do trabalho proposto.

Relativamente à organização do trabalho de grupo, os alunos revelam autonomia na realização das tarefas. Cooperam uns com outros procurando assim responder da melhor forma ao que é pretendido.

No que concerne aos conteúdos teóricos abordados nas aulas, é visível uma certa ausência de conhecimentos relativamente a determinados conteúdos para o nível de escolaridade em que se encontram. Esta situação deve-se ao provavelmente ao facto dos alunos não terem tido a disciplina de História da Cultura e das Artes, disciplina esta se tornou opcional dentro do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Isto dificulta muitas vezes a acção do professor, pois os alunos não têm conhecimentos suficientes ao nível histórico-estético, para poderem compreender certas abordagens teóricas.

8.6. Formação Pedagógica

8.6.1. Observação das aulas da orientadora pedagógica cooperante

Como já foi dito anteriormente, graças à disponibilidade da professora Filipa, foi possível que as professoras estagiárias assistissem às suas aulas antes de iniciarem a leccionação, o que constitui uma mais-valia na prática pedagógica.

A assistência às aulas permitiu observar a turma, conhecer os alunos e reflectir sobre a maneira de motivá-los nas aulas. Estas aulas foram essencialmente práticas, tendo por vezes alguns momentos teóricos, os quais ocorriam sempre que a professora orientadora achava que era necessário relacionar determinados aspectos com a componente prática.

As intervenções teóricas em vários momentos da aula fizeram-nos reflectir e perceber sobre a importância de tal estratégia, sempre que o professor detectar que os alunos necessitam perceber determinados conteúdos ou ideias para a reflectirem sobre o trabalho que estão a desenvolver.

Para além de assistirmos às aulas da orientadora pedagógica, também participamos nas aulas da turma sempre que foi solicitado, e ajudamos os alunos na concretização de trabalhos e actividades. À medida que fomos participando nas aulas, a orientadora pedagógica, foi-nos dando sugestões, relacionadas com a postura, orientação dos alunos, forma de actuar, transmissão de conhecimentos, entre outros. Estas sugestões foram uma mais-valia no sentido de nos preparar para as aulas que iríamos leccionar.

8.6.2. Observação das aulas das colegas em estágio

As aulas de cada colega de estágio foram assistidas pelas restantes colegas e pela orientadora pedagógica. A observação destas aulas consistiu num “exercício” de reflexão sobre a prática pedagógica. No decorrer das aulas de cada elemento do grupo de estágio, as restantes colegas do grupo observaram e reflectiram sobre aspectos denotados na aula como menos correctos, mas também sobre os aspectos positivos.

Através da observação, foram analisadas pelo grupo, questões relacionadas com os conteúdos abordados, a forma como estes tinham sido transmitidos durante a aula; por exemplo, se a forma como cada elemento do grupo de estágio fez a sua abordagem teórica teria despertado a curiosidade dos alunos, levando-os, assim, a desenvolverem as propostas com empenho e interesse. Também foram analisadas de forma crítica, outras questões inerentes à aula, nomeadamente: a postura, a dicção, a confiança, a segurança, a entoação, o desempenho na aula, entre outros.

As aulas da maioria das colegas incidiram em componentes práticas, tendo em conta as finalidades do programa da disciplina de Desenho. No início de cada aula existiu uma breve componente teórica, com o objectivo de transmitir aos alunos alguns conteúdos sobre a temática em questão, proporcionado aos alunos um melhor entendimento sobre a realização da proposta de trabalho.

Porém, a aula de uma colega de estágio foi uma excepção, pois foi unicamente de componente teórica. Esta aula serviu de introdução ao projecto de grupo, em que foram transmitidas aos alunos algumas noções e conceitos relacionados com a Arte Contemporânea. Esta aula foi pertinente, na medida em facultou alguns conhecimentos, necessários para a compreensão e realização de um projecto de grupo.

Relativamente à prestação das colegas, nas suas aulas verificou-se que houve uma preocupação na transmissão dos conteúdos teóricos e práticos, de forma clara e objectiva, levando os alunos à reflexão sobre algumas questões relacionadas com a arte na actualidade. Sempre que os alunos colocaram questões, as professoras tentaram colmatar as dúvidas através de explicações, utilizando uma linguagem correcta.

Contudo, constatou-se que os alunos não revelaram muito interesse pela componente teórica abordada nas aulas, talvez devido à falta de conhecimentos históricos e a dificuldade em analisar conteúdos que carecem de uma reflexão para conduzir à compreensão. Em contrapartida, demonstraram mais interesse pela

componente prática das aulas, visto ser nesta parte que os alunos mostram estar mais preparados, para a realização e criação das propostas que lhes eram requeridas.

Ainda, através da observação das aulas, foi perceptível uma certa divergência entre a prática pedagógica de três elementos em relação aos outros dois elementos do grupo. Foi possível reconhecer que três elementos do grupo de estágio têm experiência no ensino (já exercem a profissão a alguns anos), enquanto os outros dois elementos não têm experiência devido ao facto de nunca terem leccionado anteriormente. O facto desses três elementos terem experiência no ensino, proporcionou um melhor desempenho nas suas aulas, e isso foi visível porque tiveram uma intervenção mais cuidada, no que concerne à transmissão de conteúdos, estratégias adoptadas, o que transmitiu segurança e confiança.

De um modo geral, o grupo de estágio teve um bom desempenho, o que transmitiu aos alunos confiança, fez com que estes mantivessem sempre o respeito pelo professor, e por conseguinte proporcionou um agradável ambiente de aula.

Nas aulas das colegas do grupo de estágio, foi visível a existência de uma coadjuvação de todos os elementos, de forma a ajudar a colega que estava a leccionar a sua aula. Por vezes, quando os alunos tinham dúvidas relativamente a alguma questão ou à proposta de trabalho, quer a orientadora pedagógica, quer as colegas, também prestavam ajuda para que fossem esclarecidas as dúvidas. Esta entreajuda do grupo permitiu aos alunos desenvolverem uma maior aprendizagem e por conseguinte, obterem melhores resultados na realização de cada proposta de trabalho.

Os alunos demonstraram um grande respeito pelas professoras estagiárias, o que contribui para que as aulas decorressem com normalidade. Constatei que durante as aulas os alunos se sentiam à vontade, deslocando-se pela sala de acordo com as necessidades. Estes evidenciaram a capacidade de trabalhar em grupo e demonstraram espírito de equipa, desenvolvendo assim trabalhos muito criativos.

Ao estar no papel de observador, constatei que para quem está a começar a leccionar, existem por vezes situações inesperadas e às vezes complicadas que nem sempre são resolvidas da melhor maneira, dada a inexperiência. O que é essencial é que o professor esteja consciente do seu desempenho e, à medida que vai adquirindo experiência melhora a sua prestação cativando o respeito e o interesse dos alunos.

Também é de realçar que um bom professor não é aquele que tem “verdades feitas”, mas sim aquele está sempre aberto a novas aprendizagens e à aquisição de novos conhecimentos.

8.7. Acção Didáctica e Pedagógica

A acção pedagógica destas aulas foi organizada pelo grupo de trabalho e desenvolvida na unidade de trabalho: “Manifestações Artísticas Contemporâneas”. Para a planificação das aulas, existiu um trabalho de grupo e juntamente com a orientadora pedagógica foi feita uma análise daquilo poderia ser estruturado para levar os alunos a uma melhor compreensão do projecto. Para tal, começamos por ver quais as necessidades dos alunos e as dificuldades que poderiam ter no desenvolvimento do projecto, de modo a eliminar as falhas, que poderiam advir ao longo do projecto (nas prestações de cada elemento do grupo) e que os alunos iriam encontrar, ao longo das várias fases do projecto.

Estas aulas organizadas pelo grupo foram pertinentes, na medida em que, serviram de certa forma, de introdução ao projecto e também serviram como motivação. Para além disso, contribuíram para percebermos as dificuldades que os alunos iriam ter no entendimento do projecto. Uma vez percebido que seria melhor a turma alargar os seus conhecimentos teóricos no campo das artes, propusemos uma visita a uma exposição de arte contemporânea, para que os alunos compreendessem as temáticas que iriam ser abordadas no projecto.

O grupo de estágio ponderou e decidiu que seria uma mais-valia levar os alunos a visitar a exposição “Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea - A experiência da forma”, que se encontrava patente no Centro das Artes - Casa das Mudanças. Em diálogo com a turma, o grupo de estágio apercebeu-se que muito poucos alunos já tinham visitado um museu, uma galeria de Arte ou uma exposição. O objectivo desta visita foi levá-los a conhecer um dos espaços onde temos acesso à arte e o que tem sido feito no campo das artes actualmente. Assim, esta veio possibilitar o contacto real com as obras de arte e também estimular o interesse por visitar espaços dedicados à arte.

Devido à escassez de entendimentos culturais, históricos e artísticos que os alunos demonstraram na visita de estudo, o grupo de trabalho ponderou e decidiu desenvolver um teste que averiguasse os conhecimentos dos alunos relativamente à história da arte, do design e da arquitectura dos Séculos XX e XXI. Com a realização deste teste, foi possível detectar as lacunas dos alunos, permitindo a cada elemento do grupo colmatar essa ausência de conhecimento nas suas aulas através de abordagem sobre determinados conteúdos.

8.7.1. O projecto desenvolvido com a turma

O projecto inicialmente desenvolvido, tratava-se da aplicação da investigação que tinha sido desenvolvida no primeiro ano lectivo do Mestrado. Este projecto deveria ser introduzido nas aulas do estágio, que cada elemento do grupo de estágio iria leccionar consoante a sua investigação. Na reunião organizada em Setembro, tivemos conhecimento que as aulas a leccionar não seriam muitas e, segundo a orientadora pedagógica cooperante, deveríamos articular todos os projectos, de modo a não prejudicar o processo de aprendizagem dos alunos.

Posteriormente, em reunião com as colegas do grupo de estágio, optamos por realizar um projecto de grupo que integrasse as temáticas das nossas investigações. Apenas uma colega do grupo optou por trabalhar individualmente, levando a cabo o projecto apresentado inicialmente. Assim sendo, informámos a orientadora pedagógica cooperante e, esta concordou com a nossa opção.

A realização deste projecto de grupo permitiu-nos organizar melhor as aulas, estabelecendo uma sequência lógica de acordo com os conteúdos da disciplina, de modo a não quebrar o processo de aprendizagem dos alunos.

No início da realização do projecto procuramos seleccionar estratégias em conjunto para que pudéssemos concretizar o projecto de forma organizada e adequada. Deste modo, para nos organizarmos melhor, planificamos a unidade de trabalho que se intitulou “Manifestações Artísticas Contemporâneas”, e que englobava as várias manifestações abordadas por nós, nomeadamente: *Performance*, a Poesia Visual e a Arte Pública.

Nesta unidade de trabalho, procuramos orientar os trabalhos e as tarefas a serem realizadas por cada uma de nós, daí que dividimos os conteúdos e estratégias por cada elemento do grupo, de modo a não haver repetições nas aulas.

Assim, o projecto desenvolvido em grupo visava a criação de um exercício performativo num espaço que teria um cenário realizado pelos alunos, no qual se projectavam exercícios ligados à Poesia Visual. Posteriormente, este projecto teria uma ligação com a Arte Pública, na medida em que, todo o exercício seria filmado e depois seria colocado na internet ou poderia ser visualizado num evento público da Escola. Infelizmente, não foi possível concluir o projecto, uma vez que, a orientadora pedagógica teve que se ausentar temporariamente.

8.7.2. Organização da visita de estudo

O grupo de estágio começou por se reunir com a orientadora pedagógica para discutir e definir as questões burocráticas a serem resolvidas para a realização da visita de estudo. Inicialmente tratou-se da questão do horário da turma, uma vez que, estava previsto a visita acontecer numa quinta-feira (22 de Outubro) e os alunos, durante a parte da manhã, teriam aulas de Desenho A com a orientadora cooperante, e Oficinas de Artes com a professora Teresa Jardim.

Em virtude de ser necessário uma manhã inteira para a visita de estudo, surgiu um problema, visto os alunos não poderem comparecer à aula de Oficinas de Arte. Então, a orientadora cooperante conversou com a professora da disciplina de Oficinas de Artes da turma, e esta prontamente cedeu a sua aula para a visita de estudo, não colocando entraves, e ainda fazendo questão de nos acompanhar.

Seguidamente, começamos a tratar da questão do transporte necessário para irmos até a Calheta. Daí que começamos a fazer um levantamento de orçamentos das várias companhias de transportes públicos, com a finalidade de alugarmos um autocarro para a deslocação.¹²³

O autocarro alugado possibilitou levar a turma de vinte e dois alunos, quatro professoras estagiárias, a professora orientadora cooperante e a professora de Oficinas de Arte, que perfazia o total de apenas vinte e oito pessoas, sobrando ainda sete lugares.

Tendo em conta que o total do valor do aluguer seria dividido pelo número de ocupantes do veículo, optamos por convidar alguns professores da escola para virem connosco, isto para possibilitar aos alunos o pagamento de um preço mais baixo, pela deslocação. Esta situação foi assentada durante uma reunião com a orientadora, de modo a que esta convidasse os professores que achasse pertinente nos acompanharem durante esta visita de estudo.

Seguidamente, tratamos do preenchimento das autorizações quer da escola, quer dos encarregados de educação, para o desenvolvimento da visita de estudo. O preenchimento dessas autorizações foi realizado em parceria com a professora Filipa Venâncio e com a professora Teresa Jardim, uma vez que estas teriam de assumir a responsabilidade pela actividade a ser desenvolvida naquele dia com a turma.

¹²³ Esta questão foi rapidamente resolvida e o melhor orçamento obtido foi o da companhia de transportes SAM (Sociedade de Automóveis da Madeira), em que um autocarro com 35 lugares, realizando o trajecto entre o Funchal/Casa das Mudanças - Calheta/Funchal, ficaria pelo valor de 200 euros (ver anexo 1).

O formulário da realização de actividades de visitas de estudo (ver anexo 1), foi analisado na direcção executiva, e depois foi emitido o parecer. Logo a seguir do preenchimento do formulário de autorização, tivemos de preencher o formulário dos alunos (ver anexo 1), informando os encarregados de educação da actividade que se iria desenvolver.

A direcção executiva emitiu o parecer a aprovar a realização da visita de estudo. Posto isto, entramos em contacto com a direcção do Centro da Artes Casa das Mudas, que nos informou que os alunos e os professores acompanhantes não necessitavam de pagar para poderem visitar a exposição.¹²⁴

Seguidamente, contactamos e informamos o director do Centro das Artes e também procuramos saber se existiam os serviços educativos, foi-nos dito que não existiam, mas que a recepcionista, inicialmente iria fazer uma pequena abordagem, acerca do edificio, e também acerca da exposição.

Deste modo, o grupo organizou-se e ficou definido que a professora estagiária Carolina faria uma abordagem sobre o exterior do edificio (aspectos relacionados com a Arte Pública) e que os restantes elementos intervinham na exposição de acordo as obras que estavam relacionadas com as temáticas das nossas investigações.

8.7.3. Aulas de grupo

8.7.3.1. Primeira aula assistida: Preparação para a visita de estudo

Esta aula de componente teórica teve a duração de noventa minutos e ocorreu no dia 21 de Outubro na sala 418. Foi leccionada pelo grupo de estágio e teve como objectivo preparar os alunos para a visita de estudo ao Centro das Artes na Calheta.

Inicialmente foi estabelecido diálogo entre os alunos e as professoras estagiárias acerca do Centro das Artes. Os alunos mencionaram os seus conhecimentos, expectativas e motivações; enquanto as professoras estagiárias, estabeleceram *feedback* com estes. Com o decorrer do diálogo, perguntamos aos

¹²⁴ Em reunião com a orientadora pedagógica, esta informou-nos no dia antes da visita de estudo, que teríamos de enviar um e-mail, ou telefonar para o Centro das Artes, com o intuito de saber se estes teriam serviços educativos. Também referiu que devíamos intervir explicando aos alunos tudo aquilo que eles veriam, desde o princípio até ao fim da exposição. A orientadora pedagógica também referiu que seria simpático da nossa parte, informar o Director do Centro das Artes - Casa das Mudas, o Escultor Ricardo Velosa, de que iríamos ver a exposição no dia seguinte com uma turma da escola secundária Francisco Franco e que esta actividade era integrada no Mestrado em Ensino de Artes Visuais, que estava a ser desenvolvido pela Universidade da Madeira.

alunos se já tinham visitado um museu de arte, e a maioria dos alunos referiu que nunca tinha visitado um museu e que desconheciam o Centro das Artes na Calheta.

Posteriormente, os alunos foram informados de que esta visita de estudo tinha sido organizada com o intuito de lhes oferecer a oportunidade de vivenciar a experiência de fruir uma exposição de Arte Contemporânea.

Também os alunos foram informados relativamente à hora e local de partida e chegada, materiais a levar e outras informações relativas à visita de estudo. Seguidamente foi apresentado aos alunos o catálogo da exposição “A Experiência da Forma: Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea – I”.

Após os alunos terem visualizado de forma breve o catálogo, foi solicitado como trabalho de casa, que reunissem algumas informações sobre o edifício a visitar, nomeadamente as especificidades da arquitectura, assim como outras linguagens que este espaço oferece ao público fruidor.

Aproximando-se do final da aula, perguntamos aos alunos se tinham alguma questão para colocar. Visto que estes não colocaram nenhuma questão, comunicámos aos alunos que podiam abandonar a sala.

8.7.3.2. Segunda aula assistida: Visita de estudo ao Centro das Artes

Esta aula consistiu na visita de estudo ao Centro das Artes na Calheta, que ocorreu no dia 22 de Outubro de 2009. A exposição visitada foi “A Experiência da Forma – Um Olhar sobre o museu de Arte Contemporânea”.

Como estava previsto na confirmação fornecida pela empresa, nós partimos do Funchal às 8h 30m e chegamos à Calheta por volta das 9h e 30m. Quando chegamos ao Centro das Artes, as professoras, juntamente com os alunos estiveram a admirar a paisagem daquele local e o edifício em si.

A professora estagiária Carolina, logo na entrada do edifício, fez uma breve abordagem sobre a parte exterior do mesmo, sobre as obras de arte presentes no exterior daquele espaço, fazendo referência à Arte Pública.

Após a breve abordagem da professora Carolina, foi solicitado aos alunos para fazerem registos no diário gráfico e registos fotográficos de obras ou formas que eles achassem interessantes. Para a realização destas actividades, foi comunicado aos alunos que teriam cerca de meia hora. Posteriormente, os alunos dispersaram-se pelo espaço exterior e deram início às actividades propostas.

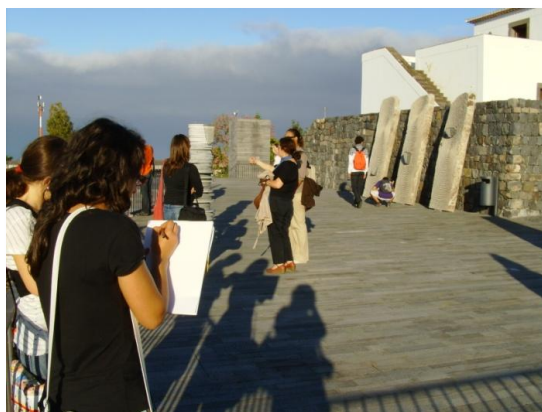


Figura 19 - Visita de estudo - os alunos no exterior do Centro das Artes na Calheta.

Com a abertura do espaço interior, deu-se início à visita guiada pelas professoras estagiárias. Inicialmente, a guia do Centro das Artes fez uma pequena introdução sobre a exposição que estava a decorrer no interior daquele espaço. Após esta introdução, a visita foi guiada apenas pelas professoras estagiárias. À medida que as professoras, foram percorrendo o espaço, foram fazendo uma breve abordagem sobre as obras, fazendo referência também aos materiais e às técnicas utilizadas pelos artistas.



Figura 20 - Visita de estudo - os alunos no espaço interior do Centro das Artes na Calheta.

A professora estagiária Neide falou sobre as obras em geral, mas deu destaque às obras da artista Lourdes de Castro, uma vez que esta estava relacionada com a sua investigação. A professora estagiária Teresa Barros falou também sobre as obras em geral, dando ênfase aos artistas: Ana Hatherly, António Aragão, Manuel João Vieira. A professora Carolina falou também sobre as obras ao longo da

exposição, chamando a atenção dos alunos para a questão dos materiais, das técnicas, entre outros.

Relativamente à minha parte, também chamei a atenção dos alunos para algumas questões relacionadas com os materiais, as técnicas e os suportes. Fiz também referência às obras de Helena de Almeida, que de certa forma estão relacionadas com a minha temática de investigação. Ao longo da exposição, pedimos a atenção dos alunos para referir alguns aspectos de algumas obras, tendo em conta as múltiplas linguagens utilizadas na criação artística Contemporânea.

Quando chegamos ao fim da visita de estudo, propusemos aos alunos uma actividade que consistiu no registo gráfico de uma ou duas obras que se encontravam patentes naquele espaço, assim como do espaço envolvente e inerente ao próprio *Centro das Artes*. O objectivo era que estes representassem, de forma crítica e criativa, os espaços, momentos, sensações, entre outros. Para a realização da proposta os alunos tiveram cerca de meia hora.



Figura 21 - Visita de estudo - os alunos no espaço interior do Centro das Artes na Calheta.

Quando os alunos concluíram o trabalho, dirigiram-se para o exterior do espaço, e em seguida, falamos sobre a exposição, se tinham gostado ou não do que tinham visto, o que acharam mais interessante, entre outras coisas.

Em seguida, a professora Teresa Jardim fez uma breve abordagem sobre alguns aspectos pertinentes para as suas aulas. Esta também, ao longo da exposição, fez intervenções acerca das obras de alguns artistas. Infelizmente, não fomos informadas desta situação, o que gerou por vezes uma certa descoordenação nos trabalhos. Aproximando-se da hora de partirmos, dirigimo-nos ao autocarro para regressarmos ao Funchal.

8.7.3.3. Terceira aula assistida: Preenchimento de um Teste Diagnóstico

Nesta aula, começamos por informar aos alunos que iria ser distribuído um teste diagnóstico a cada aluno (ver apêndice 7). A criação do teste diagnóstico serviu para averiguar os conhecimentos destes relativamente à história da arte, do design e da arquitectura dos Séculos XX e XXI. Posteriormente, procedemos à distribuição dos testes diagnósticos e em seguida os alunos deram início ao preenchimento do teste.

Durante a realização do teste diagnóstico, os alunos solicitaram a nossa ajuda para esclarecer o que era pretendido em certas questões. Numa última questão, em que percebemos que os alunos estavam com muitas dificuldades, ponderamos e decidimos que se os alunos não soubessem o nome do artista, poderiam referir se a imagem correspondia à Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e também a técnica, o suporte utilizado.

Após o preenchimento e entrega do teste diagnóstico, foi estabelecido um diálogo entre professoras e alunos sobre a visita de Estudo ao Centro das Artes. À medida que foi decorrendo o diálogo, colocamos ao dispor dos alunos dois catálogos da exposição para consultarem e relembrem as obras visualizadas no Centro das Artes. Aproximando-se do final da aula, os alunos entregaram os catálogos e dando a aula por finalizada autorizamos os alunos a abandonarem a sala da aula.

Após uma breve análise dos testes diagnósticos (ver apêndice 8), constatamos que, no geral, os alunos apresentam muitas lacunas referentes aos conhecimentos da área específica das Artes. Verificamos que muitas questões ficaram por preencher, e outras questões foram respondidas incorrectamente. Um factor que contribui certamente para a ausência de conhecimentos nesta área é o facto de não terem tido História da Arte. Para além disso, alguns alunos não revelam muito interesse pelas componentes teóricas.

8.7.4. Análise crítica das aulas

As aulas leccionadas pelo grupo decorreram sem grandes dificuldades relativamente à sua organização e desempenho. Os elementos do grupo de trabalho procuraram sempre se organizar devidamente, cativando o interesse dos alunos, e conseqüentemente, proporcionando um agradável ambiente de aula. No trabalho do grupo existiu uma grande entrosajuda e cooperação, por parte de todos os elementos do grupo, com intuito de contribuir para que toda a dinâmica de grupo funcionasse na íntegra.

As aulas decorreram sem grandes dificuldades relativamente ao comportamento dos alunos. Estes cumpriram as regras da sala de aula contribuindo para que as mesmas fossem bastante produtivas.

Nestas três aulas leccionadas pelo grupo de trabalho, os alunos demonstraram um grande interesse, principalmente na aula da visita ao Centro das Artes, uma vez que, segundo o que apurámos na aula anterior, apenas alguns alunos já tinham visitado um museu, a maior parte deles nunca tinha visitado uma exposição artística. O contacto real com as obras de arte levou-os a reflectir sobre vários aspectos relacionados com a concepção de uma obra (materiais, técnicas, dimensões da obra, a intenção do artista...). Foi evidente que esta experiência foi muito enriquecedora para os alunos, pois levou-os a pensar de forma mais consciente sobre a Arte e as questões inerentes a esta.

Na aula de preenchimento do teste diagnóstico, os alunos não mostraram muito interesse, talvez pelo facto, de nunca terem tido a disciplina de História de Arte e preferirem actividades práticas nas aulas.

8.7.5. Aula individual

A aula individual decorreu no dia 29 de Outubro e teve a duração de 135 minutos. Esta mesma aula foi leccionada duas vezes, pois a turma foi dividida em dois grupos e enquanto um grupo está a ter a aula de Desenho A, o outro está a ter Oficinas de Arte. De tal modo, ao fim da primeira aula, os grupos trocaram de sala para terem a outra disciplina.

De acordo com as indicações da orientadora pedagógica, foi preparado o plano de aula (ver apêndice 10) tendo em conta o plano de unidade (ver apêndice 6) realizado pelo grupo. Esta aula foi assistida pela orientadora pedagógica e pelas colegas de estágio.

A aula foi quase totalmente de natureza prática, tendo havido no princípio da aula uma breve abordagem teórica sobre a linguagem artística *Performance*. Esta parte teórica foi complementada pela apresentação em *powerpoint* de imagens e vídeos¹²⁵ (ver apêndice 11) sobre trabalhos realizados por alguns artistas. Na parte prática da aula, os alunos realizaram a proposta de trabalho.

8.7.5.1. Primeira aula assistida: O corpo na linguagem performativa

Esta aula foi iniciada informando os alunos que a temática abordada seria - a *Performance* - que teria uma breve componente teórica e incidiria essencialmente numa componente prática.

Inicialmente, propus aos alunos a análise do poema de Lourdes de Castro (ver apêndice 5), uma vez que a professora estagiária Neide não conseguiu analisar o poema na sua aula, como estava previsto. Foi solicitado aos alunos a leitura do poema e referirem as palavras-chave deste. À medida que os alunos foram mencionando as palavras, estas foram registadas no quadro. Depois, visualizando as palavras que se encontravam no quadro, os alunos começaram a reflectir sobre as mensagens do texto, extraindo conclusões. Por fim, sistematizei as ideias dos alunos fazendo uma síntese do que tinha sido referido por eles.

Após a análise do poema, foi colocada uma questão aos alunos, estabelecendo assim a ligação para o tema, a *performance*, a questão colocada foi a seguinte: - Será que no trabalho artístico de Lourdes de Castro está presente a transdisciplinaridade? A resposta dos alunos foi “sim”, em seguida, tendo sido referido que a transdisciplinaridade também está presente no tema - a *Performance* - e que já iam

¹²⁵ Ver pasta 2 e 3 do cd encartado neste volume.

perceber porquê, através da visualização de imagens e de vídeos de trabalhos de artistas da linguagem performativa.

Seguidamente, os alunos visualizaram imagens (ver apêndice 11) e vídeos com trabalhos de alguns artistas da linguagem artística abordada. À medida que as obras foram apresentadas, foi realizada uma breve contextualização sobre as mesmas.

Após a visualização destas imagens e vídeos, foi efectuada uma breve abordagem sobre a *Performance*, e em seguida, foi estabelecido um diálogo com os alunos sobre esta temática.

Seguidamente, foi apresentada a proposta de trabalho, que consistiu na exploração e realização de uma narrativa através de registos gráficos das expressões corporais que transmitissem as ideias transcritas do poema, tendo no máximo de seis posições por grupo. Uma vez que, os alunos não colocaram dúvidas relativamente à proposta, iniciaram os trabalhos de grupo.

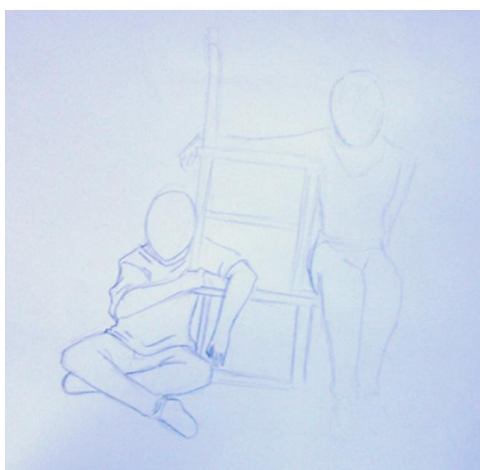


Figura 22 - Trabalho elaborado pelo grupo I.

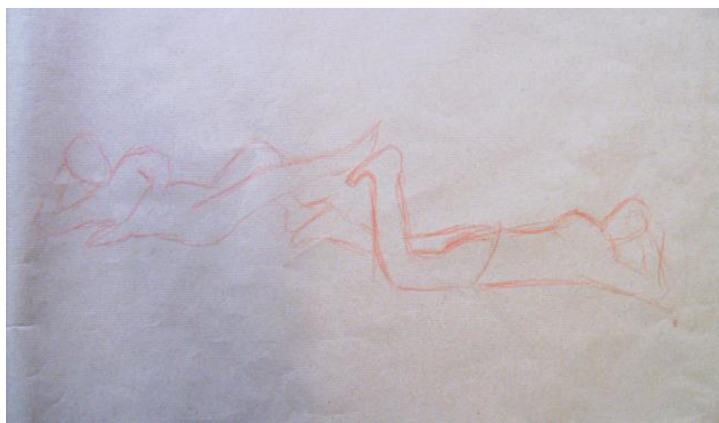


Figura 23 - Trabalho elaborado pelo grupo VI.

Na execução da proposta de trabalho, uma vez que os alunos não tinham muito espaço na sala para trabalharem, foi permitido com indicações da orientadora pedagógica que estes fossem para uma sala que dá acesso à sala principal, denominada de arrecadação, onde os alunos guardam trabalhos e que também utilizam para realizarem actividades. Também foi permitido que estes trabalhassem para o corredor. Isto sucedeu porque a sala principal não é muito grande e os alunos precisavam de espaço para realizarem as expressões e usarem o cavalete para desenharem.

Ao longo da aula, as dúvidas colocadas pelos alunos foram sempre esclarecidas. Estes foram apoiados quando aparentavam estar confusos e quando era necessário. Aproximando-se do final da aula, os alunos foram informados para arrumarem a sala e deixarem esta limpa e arrumada como tinham iniciado a aula. Após a sala estar toda arrumada e uma vez que já tinha terminado a aula, os alunos foram autorizados a abandonar a sala.

8.7.6. Análise crítica da aula

Relativamente à aula leccionada individualmente, considero que não consegui cumprir todos os objectivos, pois no plano da aula estava previsto os alunos concluírem todas as fases da proposta de trabalho (elaboração dos registos gráficos, selecção dos registos fotográficos e elaboração do guião de acção) dado que era uma aula de cento e trinta e cinco minutos. No entanto, tendo em conta que os alunos precisaram de mais tempo para a realização dos registos gráficos, não foi possível concretizar nesta aula todas as fases, sendo necessária mais uma aula para finalizar a proposta. Os alunos apenas concluíram, nesta aula, a fase dos registos gráficos, mas faltou procederem à selecção dos registos e à elaboração do guião de acção.

Na fase dos registos gráficos, uma vez que os alunos não tinham espaço suficiente na sala de aula, um grupo ficou na sala, outro na sala ao lado (denominada de “arrecadação”) e outro no corredor. Tendo em conta que os alunos tiveram de transportar o cavalete e os materiais, estes perderam imenso tempo, fazendo com esta actividade demorasse mais tempo do que o previsto.

Também me apercebi, quando preparei a minha aula, que os alunos não têm armários suficientes ou capas em formato grande para guardarem os trabalhos, o que considerei um aspecto negativo, pois uma vez que, na minha aula os alunos trabalharam com formato A2, e no fim da aula tiveram que enrolar as folhas. Devido a

este facto, os alunos não puderam explorar alguns materiais (carvão, tinta-da-china) e ainda perderam algum tempo no fim da aula a enrolar os trabalhos com cuidado para não danificá-los.

Quanto à minha relação com os alunos, considero que mantive um bom relacionamento com todos; tentei esclarecer as dúvidas colocadas por eles; ajudei-os sempre que sentiram dificuldades em resolver um problema e incentivei-os quando achei necessário. Ao longo da aula, tentei sempre motivá-los para a compreensão e resolução da proposta de trabalho.

Durante toda aula, os alunos tiveram um bom comportamento e participaram sempre que foi solicitado e quando consideraram pertinente. Os alunos demonstraram interesse e estiveram empenhados na realização da proposta de trabalho, atingindo resultados muito interessantes (ver apêndice 13 e 14); mostrando que apreenderam os conteúdos abordados em aula e compreenderem o que era pretendido na proposta.

Tendo em conta que esta aula foi a primeira na experiência da prática pedagógica, ocorreram algumas falhas quanto à prestação na sala de aula. Porém, é de lembrar que isto se deveu à falta de experiência e só poderá ser colmatado com uma prática pedagógica assídua.

No geral, considero que a aula individual decorreu positivamente, embora reconheça que há muito para aprender, quer em termos de postura, quer em termos da condução da própria aula. Pois um professor consciente, é aquele que reconhece os seus erros e está aberto a mudanças, transmitindo o conhecimento sempre de forma correcta.

8.7.7. Análise do trabalho dos alunos

No geral, o trabalho desenvolvido na aula pelos alunos demonstra uma grande expressividade e um certo domínio do desenho. No desenvolvimento da proposta, os alunos solicitaram muito poucas vezes a ajuda da professora, e em contrapartida, revelaram autonomia e capacidade de cooperarem com o seu grupo de trabalho.

No que concerne à realização das expressões corporais, os alunos foram muitos criativos, uns mais do que outros, mas atingiram todos resultados satisfatórios. Os alunos, na parte dos registos, exploraram vários materiais (grafite, caneta de feltro, marcadores...) procurando diversificar os resultados.

Relativamente aos registos gráficos, alguns alunos dominam com alguma facilidade o desenho, fazendo esboços rápidos que revelam uma boa expressividade.

Os outros alunos revelaram alguma dificuldade, nomeadamente em: noção das proporções, tempo da realização dos esboços, enquadramento da composição na folha, entre outros.

Relativamente à organização do trabalho de grupo, os alunos revelam autonomia na realização das tarefas. Cooperam uns com outros, procurando assim responder da melhor forma ao que é pretendido.



Figura 24 - Trabalho elaborado pelo grupo II.



Figura 25 - Trabalho elaborado pelo grupo II.

8.8. Avaliação em Desenho A

No que diz respeito à avaliação, o grupo disciplinar da escola Secundária Francisco de Franco estipulou os critérios de avaliação desta disciplina (ver anexo 2) com base nos objectivos do programa de Desenho A.

Deste modo, para avaliar os alunos na minha aula, tive em conta os critérios estipulados pelo grupo disciplinar, criando uma grelha de avaliação (ver apêndice 16) e seleccionando os critérios adequados à minha aula, atribuindo as percentagens devidas. Contudo, esta grelha acabou por não ser utilizada, uma vez que a orientadora pedagógica teve que se ausentar, acabando esta por avaliar os trabalhos dos alunos realizados nas aulas das professoras estagiárias.

Apesar de não termos efectuado a avaliação dos trabalhos dos alunos, a construção da grelha de operacionalização de avaliação foi pertinente para o grupo de estágio, no sentido de percebermos como funciona o processo de avaliação.

9. SEGUNDA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

9.1. Introdução

A segunda parte da prática de Ensino Supervisionado decorreu na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, situada em São Martinho, teve início a 04 de Janeiro e terminou a 25 de Março 2010. O Núcleo de Estágio foi constituído por cinco estagiárias: Andreia Tomás, Carolina Martins, Helena Rodrigues, Teresa Barros e Neide Ferreira.

A professora cooperante da escola, Cristina Duarte, não era conhecida por todas nós, de modo que, a maioria do grupo ficou a conhecê-la na reunião organizada no mês de Julho pela Prof.^a Dr.^a Idalina Sardinha. Nesta reunião, nós tivemos conhecimento formal da orientadora pedagógica cooperante que íamos ter no 2º período. Esta informou-nos que a disciplina com a qual iríamos trabalhar era Educação Visual, disciplina específica do 3º ciclo do ensino básico.

Nesta segunda fase da prática pedagógica, nenhum elemento do grupo tinha conhecimento da prática educativa da Escola. Posteriormente, quando conhecemos a mesma, constatamos que não se encontrava ligada a tradições e fornecia um serviço de formação e educação em áreas diversas.

No fim de Dezembro, ficou acordado que o grupo assistiria às aulas do dia 07 e 11 de Janeiro com o intuito de conhecer a turma, e só nas aulas seguintes é que começaria a leccionar as aulas.

No início de Janeiro, foi organizada uma reunião com a orientadora pedagógica, com o objectivo organizar e planificar o desenvolvimento das aulas. Nessa reunião ficou assente que o grupo de estágio começaria a leccionar as suas aulas a partir do dia 14 de Janeiro.

As aulas do grupo de estágio decorreram do dia 07 de Janeiro até 25 de Março, e cada elemento do grupo leccionou mais de uma aula, de acordo com o que estava planeado realizar com a turma.

Quando se iniciou o estágio, a Escola foi muito receptiva e disponibilizou ao grupo todos os serviços e recursos (instalações, material técnico, espaços...). Todos os esforços realizados por parte da Escola para que o estágio fosse produtivo foram uma mais-valia para o grupo, pois influenciou positivamente os resultados dos trabalhos realizados pelos alunos.

As aulas leccionadas pelo grupo de estágio foram uma mais - valia, na medida em que possibilitou ampliar a nossa experiência no que concerne à prática pedagógica.

9.2. Caracterização da Escola

A presente Escola é denominada por “Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco”, localiza-se no Caminho da Fé, em São Martinho, no Funchal. A cor do actual edifício da Escola tem sido, desde sempre, o branco; contudo, as cores identificativas da Escola são a magenta e o azul.

O logótipo apresentado pela escola e que deve ser usado em todos os Documentos oficiais é o seguinte:



Figura 26 - Logótipo da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

9.2.2. Dados Históricos



Figura 27 - Fotografia da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

A “Escola Básica e Secundária da Gonçalves Zarco” (ver figura 24) foi a primeira escola construída na região da Madeira, onde, pela primeira vez, se forneceu o designado “ciclo preparatório”.

Esta Escola foi criada em 1968, e desde então, ocupou vários edifícios, designadamente: a Escola Industrial e Comercial do Funchal (actualmente designada

por Escola Secundária Francisco Franco), o Liceu Nacional do Funchal (actualmente denominada por Escola Secundária Jaime Moniz), o edifício anexo à Igreja do Colégio (situada na Praça do Município), a Quinta da Ribeira (situada na Calçada da Cabouqueira). Posteriormente, foi construído em 1989, um edifício nos Barreiros, na freguesia de São Martinho em que a escola se estabeleceu definitivamente.

Em homenagem ao descobridor Gonçalves Zarco, a escola nomeou este homem a patrono da mesma, adoptando a designação de “Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco”. Segundo Consta no Regulamento Interno (2006 -2010) da Escola:

“Gonçalves Zarco descobridor oficial do Arquipélago da Madeira, em 1419, é a personalidade patrono da Escola, facto que remete o universo de referência da mesma para o imaginário da descoberta e da superação e que identifica este espaço com os ideais humanistas do século XV.

Valorizando os saberes, nas vertentes curricular e extracurricular, no âmbito das competências, capacidades, atitudes e valores indispensáveis à sua formação global como jovens estudantes e futuros cidadãos, assim como a valorização pessoal e académica dos cidadãos adultos que frequentam o Ensino Recorrente, a Escola Gonçalves Zarco privilegia o estabelecimento de um projecto integrador no meio, sempre que possível, na dinamização de protocolos e parcerias com diversas instituições de relevo sócio cultural e educativo.”¹²⁶

Actualmente, a Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco abarca a escolaridade desde o segundo ciclo do ensino básico até ao ensino secundário, promovendo a aprendizagem em várias áreas e níveis para as crianças e jovens que a frequentam. Esta Escola valoriza o trabalho desenvolvido pelos alunos, promovendo eventos e exposições, estabelecendo uma maior interligação entre o envolvimento da escola com os alunos.

A experiência nesta Escola acaba por ser marcante, quer para os professores, quer para os alunos, pelos seus aspectos positivos, designadamente: pelo seu dinamismo, pelo empenho de todos os membros desta comunidade escolar, pelas suas evoluções técnicas e tecnológicas, e pelas relações sociais.

¹²⁶ Retirado do Regulamento Interno 2006 -2010, Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

9.2.3. Caracterização do Meio Sócio-Económico

A Escola situa-se na freguesia de S. Martinho, no concelho do Funchal e que se localiza na costa sul da Ilha da Madeira.

A freguesia de São Martinho abrange uma grande área (cerca de setecentos e oitenta e dois hectares/ 8, 06 Km²) e é composta por vários sítios, designadamente: Ajuda, Areeiro, Igreja, Nazaré, Pico de São Martinho, Piornais, Quebradas, Virtudes, Amparo, Casa Branca, Lombada, Pico do Funcho, Pilar, Poço Barral, Vargem e Vitória. Ao longo dos anos, o número de habitantes nesta freguesia tem aumentado, e de acordo com dados estatísticos, em 2006, esta freguesia tinha 26 540 habitantes.

Antigamente, os habitantes desta freguesia viviam essencialmente da exploração agrícola em que se praticava o cultivo da banana. Posteriormente, o cultivo da cana-de-açúcar veio substituir a plantação da banana que perdurou por muitos anos. Recentemente, uma parte da população de São Martinho, ainda trabalha na actividade agrícola, explorando o cultivo da banana e da uva. Contudo, a indústria hoteleira é que prevalece na economia local, destacando-se vários hotéis, nomeadamente: o Hotel Reid's, vários hotéis do Grupo Pestana, Porto Bay, CS, Tivoli, entre outros.

Nesta freguesia também é praticada outras actividades em várias áreas, designadamente: Lacticínios, Cimenteira, Padaria, Confecção de Vestuário, Pré-Fabricação de materiais de Construção Civil, Central Térmica e Central Hidroeléctrica, laboratório Regional de Engenharia Civil, Laboratório de Veterinária e Indústria de Alimentos e Bebidas.

No que concerne a serviços e ao comércio, esta freguesia está servida de uma grande variedade de estabelecimentos, especificamente: bancos, oficinas de reparação de automóveis, posto de abastecimento de gás e combustível, centros comerciais, hipermercados, rent-a-car, ferragens, peixarias, floristas, sapatarias, cabeleireiros, pastelarias, papelarias, farmácias, perfumarias, correios, entre outras.

Esta freguesia é curiosamente constituída por dois pólos residenciais totalmente opostos, sob o ponto de vista económico-social, ou seja, dois dos seus sítios, são constituídos por dois tipos de riqueza económicas diferentes. O sítio da ajuda, é um dos sítios economicamente mais caros no que respeita ao ponto de vista imobiliário, e económico-social, que se pode encontrar na periferia da cidade do Funchal. Curiosamente, o outro pólo contrário que também pertence a esta freguesia é o bairro da Nazaré, que é um bairro social e pobre. Este factor já nos adverte para os dois tipos de alunos que vão frequentar a Escola.

Também, esta freguesia está bem servida ao nível do Comércio, Indústria, Serviços, Agricultura, Lazer e onde se encontra situada a maioria do sector hoteleiro da Região Autónoma da Madeira.

É ainda de referir, que esta freguesia faz parte das denominadas freguesias da periferia da Cidade do Funchal. A cidade do Funchal centraliza as sedes dos equipamentos sociais e administrativos, e concentra a oferta de bens e serviços mais qualificados e especializados. Também está fortemente ligada ao sector turístico, assumindo-se como agente impulsionador da economia da ilha.

9.2.4. Alunos e Docentes

Na presente escola, estudam cerca de 1800 alunos, variando a faixa etária entre os 10 anos de idade e a idade adulta. Os estudantes encontram-se distribuídos por vários níveis de ensino, nomeadamente: 2º Ciclo, 3º Ciclo e Ensino Secundário (diurno e nocturno), Percursos Curriculares Alternativos, Cursos de Educação, Formação e Cursos Técnico-Profissionais.

Segundo o que consta no projecto curricular da escola, os agregados familiares dos alunos são considerados relativamente numerosos. O universo socioprofissional dos pais e encarregados de educação é diversificado, situando-se sobretudo no funcionalismo público, nas actividades ligadas à hotelaria e construção civil, estando a maioria em situação profissional estável.

No que concerne ao nível de escolarização dos pais verifica-se uma prevalência de níveis básicos (1º Ciclo). Relativamente aos alunos, um grande número de alunos beneficia da Acção Social Escolar (Classe 1, 2 e 3).

Estão ao serviço da Escola uma média de duzentos e quarenta e oito professores, dos quais, cento e cinquenta e cinco são do quadro de nomeação definitiva da Escola, cinquenta e sete são do quadro de zona pedagógica, vinte e seis contratados e dez estagiários da Universidade da Madeira.

Relativamente ao pessoal não docente, estão ao serviço da escola cerca de noventa e três pessoas, distribuindo-se da seguinte maneira: serviços de administração escolar (vinte), acção social (três), auxiliares da acção educativa (vinte e sete), técnicos de biblioteca (dois), técnicos de informática (dois) técnico de laboratório (um) telefonista (um), auxiliares técnicos (dois), auxiliares de limpeza (oito), auxiliares de apoio (dezasseis), cozinha (seis) manutenção (um), serralheiro (um) e jardineiros (três).

9.2.5. Serviços e Espaços

Os serviços e espaços¹²⁷ que a Escola dispõe são os seguintes:

Serviços: Conselho Executivo, Secretaria, Acção Social, Economato, Gabinete do Ensino Recorrente, Reprografia, Papelaria, Audiovisuais, Biblioteca, Técnicos de Informática, Cantina, Bar dos Alunos, Sala/Bar dos Professores, Telefonista.

Salas específicas: Educação Visual e Tecnológica, Educação Tecnológica, Educação Visual, Educação Musical, Informática, Direcção de Turma (sala de atendimento aos encarregados de educação/actividades administrativas do nocturno e sala de actividades administrativas do diurno), Departamentos curriculares, Gabinete de formação, Professores, Funcionários e Gabinete de apoio psicopedagógico/psicológico.

Laboratórios: Biologia, Física e Química, Fotografia, Informática e Meteorologia.

Outros espaços: Salas de aula, Sala de Sessões, Cave, Gabinete de audiovisuais, Instalações desportivas, Rádio escolar, Zarcociência, Espaços de lazer, Portaria, Central telefónica e Enfermaria.

9.2.6. Horário de Funcionamento

A Escola funciona todos os dias úteis da semana das 08h10 às 23h 40m e os períodos lectivos estão organizados em três partes:

- **Período da manhã:** das 08:10 às 13:10;
- **Período da tarde:** das 13:20 às 18:20;
- **Período da noite:** das 19:00 às 23:40.

Esta poderá também estar aberta ao sábado e ao domingo para actividades não lectivas e de formação.

¹²⁷ Informação que consta no Regulamento Interno da Escola.

9.3. Caracterização da disciplina de Educação Visual

9.3.1. Caracterização do Programa

*“A Educação Visual constitui-se como uma área de saber que se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade de Educação Visual como educação do olhar e do ver.”*¹²⁸

A disciplina de Educação Visual faz parte do currículo dos três ciclos do ensino básico. No 9º ano, esta disciplina tem conteúdos teóricos e práticos, tendo uma maior incidência numa componente prática. Esta disciplina no 9º ano é de carácter opcional, tendo uma carga horária semanal de 90+45 minutos.

No programa de Educação Visual, que abarca o 7º, 8º e 9º ano, estão presentes, os conteúdos e os resultados pretendidos. De acordo com o programa, esta disciplina está inserida na área de Educação Artística, porque esta *“situa-a nos domínios concretos da expressão Plástica e do Desenho, entendido este como uma escrita visual de uma específica das artes. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a “EDUCAÇÃO global do cidadão.”*¹²⁹

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico, esta disciplina está intimamente ligada à Arte, de modo que neste refere-se que *“A Arte como forma de apreender o mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura.”*¹³⁰ Através desta disciplina pretende-se desenvolver as capacidades de comunicação e de interpretação dos significados, recorrendo à utilização das linguagens específicas inerentes à mesma. Pretende-se levar os alunos ao entendimento da obra de arte e as questões subjacentes a esta, promovendo o interesse dos alunos na aquisição de conhecimentos a nível artístico.

Relativamente às competências gerais da disciplina, esta visa a apropriação das linguagens elementares da arte, a capacidade de expressão e comunicação,

¹²⁸ Currículo Nacional do Ensino Básico, Educação Artística, Competências Essenciais, p.155.

¹²⁹ S.a, Educação Visual, Ajustamento do programa de Educação Visual 3º ciclo. Departamento da Educação Artística.

¹³⁰ Currículo Nacional do Ensino Básico, op.cit, p.155.

tendo nas artes uma forma de aproximação e comunicação das diferentes culturas, e entendendo-as como parte significativa do património cultural da Humanidade.

Esta disciplina pode ser considerada como impulsionadora de abordagens transdisciplinares, uma vez que, pois fomenta as capacidades resultantes da interacção de múltiplas inteligências, e de transferências de saberes das várias áreas, recorrendo muitas vezes ao apoio das tecnologias de informação.

As competências específicas visam o desenvolvimento do indivíduo em vários campos, através da: fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação.

No que concerne à fruição/contemplação, pretende-se desenvolver no aluno a capacidade de perceber e reconhecer as artes visuais como valor cultural primordial para o seu desenvolvimento; conduzindo assim o aluno à apreciação crítica no que concerne à compreensão das diversas manifestações artísticas, promovendo a capacidade de análise crítica, com base nas experiências e nos conhecimentos adquiridos.

Quanto à produção/criação, o objectivo é desenvolver a capacidade do entendimento do mundo real, através da representação, promovendo o desenvolvimento da criatividade através da materialização das ideias. Como tal, pretende-se também desenvolver a capacidade do aluno dominar meios e técnicas, através da selecção e da utilização correcta dos materiais e dos instrumentos; adaptando-os às mais diversas situações, e realizando, assim, produções que utilizem os elementos da comunicação visual.

Relativamente à reflexão/interpretação, visa desenvolver no aluno a sensibilidade estética, no que concerne às diferentes formas da expressão visual e promover uma posição crítica em relação aos meios de comunicação visual.

Desta disciplina fazem parte cinco conteúdos programáticos, nomeadamente: comunicação, espaço, estrutura, forma e luz-cor. Estes conteúdos devem ser desenvolvidos durante os três anos do 3º ciclo, e deverão ser abordados de forma lógica. Esta disciplina tem como áreas de exploração: o desenho, a pintura, escultura, design, entre outras. O desenho é talvez a área mais explorada ao longo do ano lectivo, constituindo uma ferramenta que é desenvolvida através de: registos livres, registos de observação e representação rigorosa de um objecto.

O professor desta disciplina deverá fomentar a exploração e utilização dos diferentes meios de expressão, explorando diferentes instrumentos em vários suportes, facultando aos alunos novas aprendizagens. Também deve ser estimulada a criatividade, através da exploração da linguagem digital, tendo em conta as tecnologias da informação e da comunicação.

Ao longo do percurso escolar do aluno, esta disciplina é de grande relevância, visto que contribui para o desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. Para além disso, estimula o aluno a participar em desafios colectivos e pessoais que concorrem para a edificação da identidade pessoal e social.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico de Educação Artística, *“a relação entre o Universo Visual e os conteúdos das competências formuladas para a educação visual pressupõe uma dinâmica propiciadora de descoberta, da dimensão crítica e participativa e da procura da linguagem apropriada à interpretação estética do Mundo.”*¹³¹ Em suma, esta disciplina apresenta uma grande importância na educação e formação dos alunos, visto que permite alcançar um nível cultural e artístico mais elevado.

9.4. Caracterização da sala de Educação Visual

A organização da sala de aula é um aspecto que influencia o processo de ensino/aprendizagem. Se for um lugar agradável, organizado, bem equipado, influencia positivamente o desempenho dos alunos.

Os alunos desta turma têm uma aula de noventa minutos na sala A11 e outra aula de quarenta e cinco minutos na sala C9 (sala de computadores).

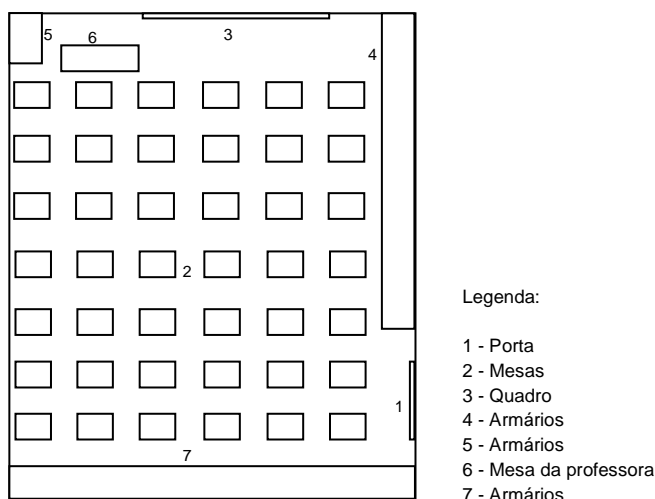


Figura 28 - Sala de aula da disciplina de Educação Visual.

A sala A11, situa-se no 2º piso, e a nível de recursos, tem todas as condições necessárias para o funcionamento desta disciplina. Esta encontra-se em bom estado

¹³¹ *Currículo Nacional do Ensino Básico, Educação Artística, Competências Essenciais, p.156.*

de conservação, o que permite o desenvolvimento normal das aulas. O nível de luminosidade que existe é o apropriado, visto que a sala tem luz natural das várias janelas (que se encontram revestidas por uma película escura, que permite condicionar a quantidade de luz exterior que entra na sala), sendo complementada com luz artificial. A sala dispõe de um quadro, mesas, cadeiras, armários de arrumação e lavatórios. Encontra-se organizada com as mesas em fila, colocadas de forma individual e dispostas em 4 colunas, estando a mesa da professora ao lado do quadro, de frente para os alunos. A organização da sala possibilita uma comunicação eficaz do professor com os alunos e permite ao professor ter uma maior controlo do que se passa na sala de aula.

Relativamente ao espaço físico, esta possui um espaço amplo, que permite organizar as mesas, de modo a que os alunos circulem pela sala sem problemas.

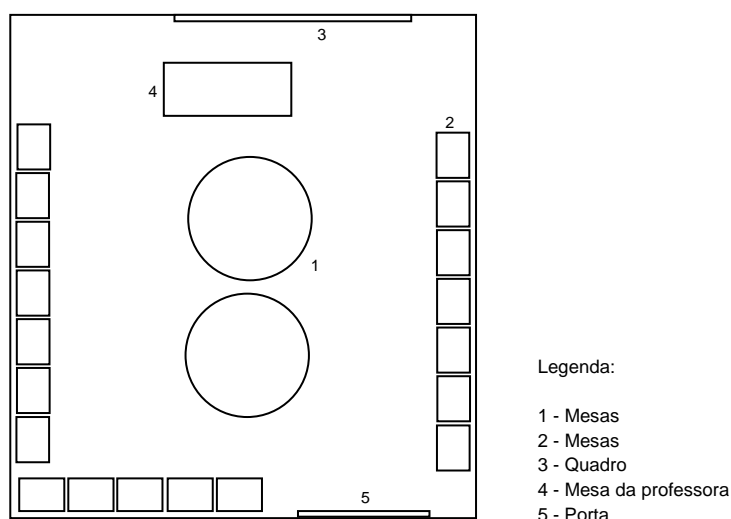


Figura 29 - Sala de informática da disciplina de Educação Visual.

No que concerne à sala C7, trata-se de uma sala de informática, ou seja, é uma sala com computadores adequada para aulas em que os alunos precisam de usar este meio para realizar um determinado trabalho. No caso específico, esta turma, tem aulas nesta sala para realizar trabalhos no software *Corel Photo-Paint* e *Corel Draw*, e também para realizar eventuais pesquisas sobre uma dada temática. A sala dispõe ainda de um quadro de giz, mesas com os computadores, cadeiras e tela de projecção.

No que se refere à arrumação da sala, as mesas estão dispostas em U, e no centro da sala existem duas mesas com cadeiras para os alunos poderem escrever. Assim como, a sala A11, a sala tem um nível de luminosidade que é apropriada.

Como podemos verificar, ambas as salas utilizadas para esta disciplina estão bem equipadas, são funcionais e oferecem boas condições para que se proceda aos trabalhos relativos à mesma.

9.5. Caracterização da Turma

9.5.1. Análise de dados referentes aos alunos

A turma em análise tem um total de dezoito estudantes, mas apenas 11 alunos se encontram a frequentar a disciplina de Educação Visual, dos quais, sete alunos são do género feminino e quatro alunos são do género masculino. Na turma verifica-se, pois, um equilíbrio entre o género feminino e masculino. Estes alunos estão a frequentar o 9ºano pela primeira vez, não têm um percurso escolar com retenções, e têm idades compreendidas entre os 13-15 anos.

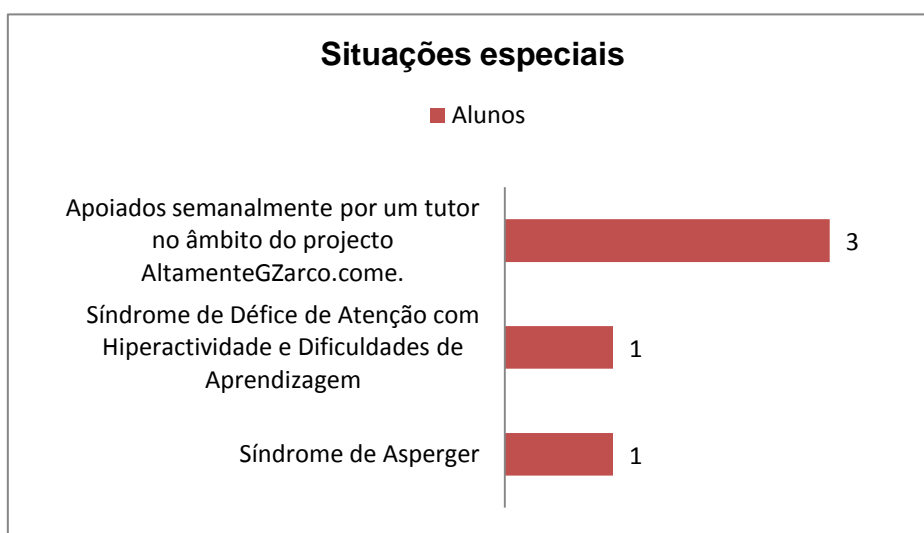


Gráfico 8 - Distribuição dos alunos com situações especiais.

Na turma em questão, existem três alunos que apresentam situações especiais, e carecem de uma maior atenção por parte do professor, uma vez que o processo de ensino/aprendizagem não ocorre da mesma maneira que os alunos que apresentam uma situação normal. Estes alunos têm por vezes um processo de aprendizagem mais lento, apresentam dificuldades em perceber os conteúdos e atingir os objectivos pretendidos, daí que, é necessário o professor dar uma maior orientação em relação aos outros alunos da turma.

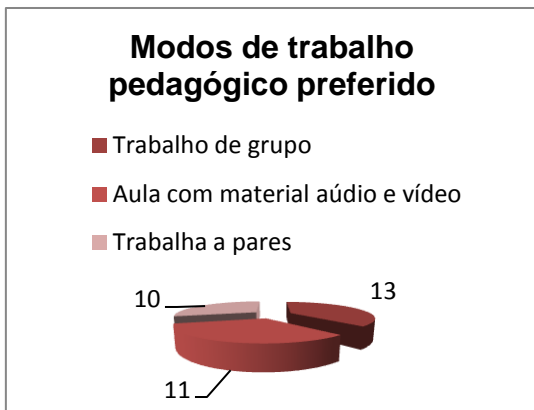


Gráfico 9 - Distribuição dos alunos por modos de trabalho pedagógico preferido.

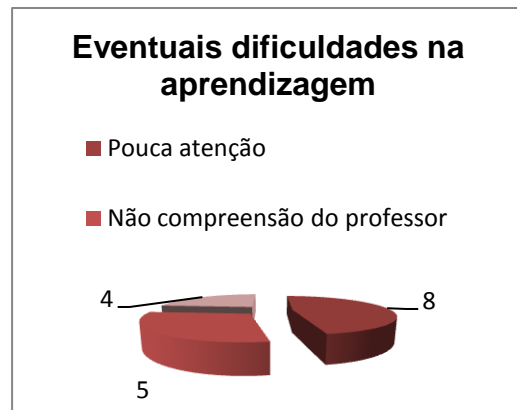


Gráfico 10 - Distribuição dos alunos por eventuais dificuldades na aprendizagem.

Relativamente ao gráfico 9, é de constatar que a maioria dos alunos prefere realizar trabalhos de grupo, no entanto, também gostam das aulas com material de áudio e vídeo.

Observando o gráfico 10, verifica-se que a dificuldade que a maioria da turma apresenta deve-se ao facto de prestarem pouca atenção nas aulas, o que pode estar associado ao desinteresse dos alunos pelos conteúdos abordados ou a maneira como é abordado os conteúdos pelo professor.

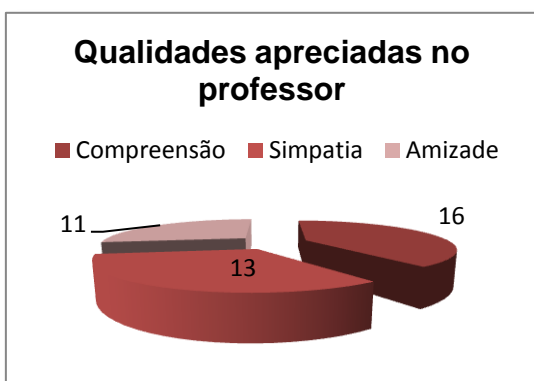


Gráfico 11 - Distribuição dos alunos por qualidades apreciadas no professor.

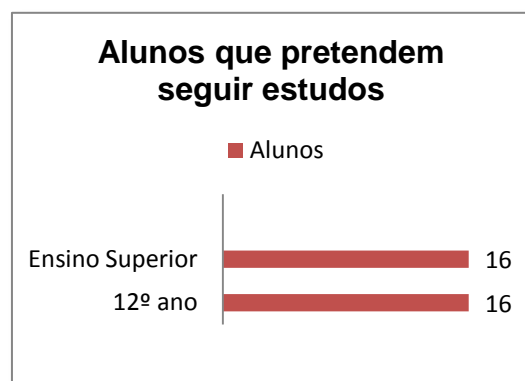


Gráfico 12 - Distribuição dos alunos por escolha de prosseguir os estudos.

No que se refere às qualidades apreciadas no professor, verifica-se que os alunos tendem mais a enaltecer um professor que seja compreensivo e simpático. Os alunos desta turma valorizam um professor que através da simpatia favoreça um ambiente agradável na sala de aula.

No que diz respeito ao prosseguimento dos estudos, a maioria dos alunos da turma querem prosseguir os estudos, adquirindo uma licenciatura, Mestrado ou

Doutoramento. Isso demonstra que os alunos desta turma são, de certo modo ambiciosos e pretendem ter um papel preponderante na sociedade.

9.5.2. Análise do trabalho com os alunos

No que se refere à observação das aulas, esta turma apresenta um comportamento correcto, pois raramente perturbam as aulas, à excepção do caso especial de um aluno que tem o *Síndrome de Asperger* e apresenta um comportamento imprevisível. Este aluno muitas vezes acaba por desconcentrar os colegas e faz intervenções sem ser solicitado.

Relativamente à relação professor/aluno, existiu sempre uma relação amigável, e uma grande aceitação relativamente ao grupo de estágio. Demonstraram sempre um enorme respeito pelas professoras.

Esta turma evidencia um grande interesse pelas aulas, gosto pela aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos. Nas componentes práticas das aulas, revelam um grande empenho e motivação na execução das actividades propostas. Demonstraram ser alunos aplicados e criativos, na medida em trabalham activamente e procuram explorar situações novas.

9.6. Formação Pedagógica

No que concerne à observação das aulas da orientadora pedagógica Cristina Duarte, ficou acordado na reunião em Dezembro que o grupo de estágio iria assistir à aula da professora orientadora no dia 07 e 11 de Janeiro. O grupo não assistiu a aula do dia 04 de Janeiro, uma vez que, por solicitação da orientadora, pois ela queria falar com a turma a sós, para informá-los de que iria um grupo de professoras estagiárias, e para orientá-los previamente para uma nova fase de trabalho.

As aulas a que o grupo de estágio assistiu serviram para conhecer a turma em questão, o que foi uma mais-valia para a preparação das aulas do grupo, no sentido em que permitiu observar a turma, conhecer os alunos, e reflectir sobre as estratégias a adoptar em aulas.

Para além de observamos a turma, também observamos a postura, a dicção, as estratégias utilizadas em aula pela orientadora pedagógica, o que foi enriquecedor no sentido em que permitiu-nos reflectir sobre a atitude de um professor nas suas aulas.

9.6.1. Observação das aulas da orientadora pedagógica cooperante

Assim como, sucedeu na escola anterior, e graças à disponibilidade da professora Cristina, foi possível que as professoras estagiárias assistissem às suas aulas, nos dias 07 e 11 de Janeiro, antes de iniciarem a leccionação.

A primeira aula ocorreu no dia 07 de Janeiro, e realizou-se na sala A11. Inicialmente, a orientadora pedagógica apresentou o grupo de estágio à turma, e após esta apresentação, a professora prosseguiu com a aula. O grupo de estágio observou a aula, a maneira como a turma se comportava, e as estratégias utilizadas pela professora na transmissão de conteúdos; assim como a postura da professora e a sua entoação de voz.

Esta aula, assistida pelo grupo de estágio foi de componente prática, e consistiu na criação de uma personagem para um filme de animação. Na criação da personagem, os alunos utilizaram suporte de papel e material riscador. No final da aula, a professora pediu aos alunos que concluíssem o trabalho em casa, e que posteriormente, o enviassem por e-mail, ou que o trouxessem na aula seguinte. Também informou-os que, na aula seguinte, teriam de realizar as suas personagens em suporte digital.

A segunda aula, a que o grupo de estágio assistiu, decorreu no dia 11 de Janeiro, na sala C8. A observação desta aula, também foi uma mais-valia para o grupo de estágio, na medida em que permitiu observar a turma, noutra contexto de aula. A professora iniciou a aula informando aos alunos que, tendo em conta a personagem criada na aula anterior, deveriam desenhá-la em suporte digital, através da utilização do software *Corel Draw*. Esta aula permitiu ao grupo de estágio entender como é que a turma trabalhava com o programa informático em questão, e quais as ferramentas que estes conheciam e dominavam.

Também, o grupo observou a maneira como a professora encaminhava os alunos nas dificuldades apresentadas em relação ao programa, assim como, as estratégias adoptadas para motivá-los na realização do trabalho.

As duas aulas observadas pelo grupo de estágio, permitiram a reflexão sobre como abordar e incentivar a turma, no desenvolvimento das propostas de trabalho que iriam ser atribuídas por cada elemento do grupo de estágio. As observações destas duas aulas foram muito enriquecedoras, visto que permitiu ao grupo uma melhor preparação para as aulas que iam ser leccionadas pelo mesmo.

9.6.2. Observação das aulas das colegas em estágio

Nesta escola, à semelhança do que sucedeu na primeira fase do estágio, todas as aulas foram assistidas pelos elementos do grupo de estágio. Estas aulas permitiram novamente reflectir sobre a prestação de todos os elementos do grupo de estágio, em relação a vários aspectos da aula, nomeadamente: conteúdos abordados, estratégias utilizadas e métodos utilizados.

As aulas de todas as colegas foram iniciadas com uma componente teórica, sendo abordada posteriormente a componente prática de cada proposta de trabalho. Contudo, duas aulas de uma colega que foram excepção, pois foram essencialmente teóricas, embora tivesse abordado alguns jogos didácticos, acerca dos conteúdos dados em aula.

Em qualquer uma das aulas que observei das colegas, constatei que existiu sempre uma preocupação em transmitir os conteúdos e informações de forma clara e objectiva. As colegas transmitiram os conteúdos utilizando uma linguagem simples e correcta e sempre que surgiam dúvidas por parte dos alunos, tentaram colmatá-las através de explicações.

Relativamente aos alunos que apresentam situações especiais, na maioria das vezes, as colegas lidaram bem com estes alunos, apesar de em algumas ocasiões sentirem uma certa dificuldade em comunicar com eles. Estas dificuldades resultam do facto do grupo não conhecer a turma com antecedência suficiente, para poder escolher a melhor forma de comunicar com estes e adquirir *feedback*.

Ao longo das aulas, foi possível verificar que a turma, em geral, demonstrou motivação e interesse por cada uma das componentes teóricas abordadas nas aulas. No entanto, demonstrou mais interesse pelas componentes práticas, revelando um grande empenho e dedicação. Estes evidenciaram a capacidade de trabalhar em grupo; demonstraram espírito de equipa, desenvolvendo assim trabalhos muito criativos. Também revelaram um grande respeito pelas professoras estagiárias, o que contribui para que as aulas decorressem com normalidade.

Relativamente aos trabalhos práticos desenvolvidos nas aulas, os alunos trabalharam sem grandes perturbações, com excepção dos casos especiais, que precisaram de um acompanhamento mais específico. Tendo em conta que estes casos especiais apresentam um factor de imprevisibilidade, surgiram por vezes dificuldades para lidar com algumas situações da forma mais adequada. Este factor, por vezes, dificultou o trabalho de qualquer elemento do grupo quando estava a leccionar a sua aula.

Nas primeiras aulas, leccionadas pelo grupo, os alunos aparentavam estar pouco à vontade na presença do grupo, pois não se deslocavam muito pela sala. Com o decorrer das aulas, isso foi-se atenuando, e os alunos começaram a se deslocar pela sala de acordo com as necessidades.

Relativamente à prestação das colegas, de um modo geral, transmitiram confiança e tiveram um bom desempenho. Isso transmitiu aos alunos segurança, e fez com que estes mantivessem sempre o respeito pelo professor, o que gerou um agradável ambiente de aula. Quanto à gestão das aulas, as colegas tentaram sempre respeitar o ritmo de trabalho dos alunos, de forma a não interferir no processo de aprendizagem deles.

Através da observação das aulas, foi possível reconhecer quais as colegas que possuem uma certa experiência no ensino (já exercem a profissão a alguns anos) e as colegas que são inexperientes, devido a nunca terem leccionado anteriormente. Isso foi evidente, pelo facto de três elementos do grupo (Helena, Teresa e Neide) não terem a menor dificuldade na sua prática pedagógica, transmitindo segurança e confiança. Enquanto os outros dois elementos do grupo (eu e a Carolina) demonstraram uma certa dificuldade na condução e desempenho na aula. Ao passar por esta experiência do estágio, percebi que para quem está a iniciar a prática pedagógica, existem por vezes situações inesperadas e complicadas que nem sempre são resolvidas da melhor maneira, dada a inexperiência. O que é relevante é que o professor esteja consciente do seu desempenho e, à medida que vai adquirindo experiência, melhore a sua prestação cativando o respeito e o interesse dos alunos. E que, também, transmita os conhecimentos de uma mais forma correcta e motivadora para os alunos.

Neste contexto é de realçar que um bom professor não é aquele que tem verdades feitas, mas sim aquele está sempre aberto a novas experiências e aberto à aquisição de novos conhecimentos.

9.7. Acção Didáctica e Pedagógica

9.7.1. O projecto desenvolvido com a turma

Assim como sucedeu no estágio realizado na “Escola Secundária Francisco Franco”, também no estágio realizado na “Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco”, optamos por realizar um projecto de grupo. Assim sendo, informámos a orientadora pedagógica cooperante, em reunião, e esta concordou com a nossa

opção. O grupo manteve-se com os mesmos elementos, ficando a colega Helena Rodrigues, de novo a trabalhar individualmente. Deste modo, procuramos adaptar o projecto à turma em questão, integrando as temáticas das nossas investigações.

Tal como na outra Escola, a realização deste projecto de grupo (ver apêndice 18), pressupôs organizar as aulas, estabelecendo uma sequência lógica das mesmas de acordo com os conteúdos da disciplina, de modo a não quebrar o processo de aprendizagem dos alunos. Para nos organizarmos melhor, planificamos a unidade de trabalho (ver apêndice 21) que se intitulou “Manifestações Artísticas Contemporâneas”, e que englobava as várias manifestações por nós abordadas na investigação científica, nomeadamente: *Performance*, a Poesia Visual e a Arte Pública. Nesta unidade de trabalho procuramos orientar os trabalhos e as tarefas a serem realizadas por cada uma de nós, pelo que dividimos os conteúdos e estratégias por cada elemento do grupo, de modo a não haver repetições nas aulas causando o desinteresse dos alunos.

No decorrer do projecto, procuramos arranjar estratégias para desenvolvê-lo de forma organizada e adequada, com o intuito de levá-lo este à sua concretização final. O projecto desenvolvido em grupo visava a criação de um exercício performativo num espaço que teria um cenário realizado pelos alunos, e no qual se projectavam exercícios ligados à Poesia Visual. Consequentemente, este projecto teria uma ligação com a Arte Pública, na medida em que todo o exercício seria filmado e depois seria colocado na internet e poderia ser visualizado num evento público da Escola.

No estágio realizado nesta Escola, foi possível concluir todas as etapas do projecto e levá-lo até o fim. A concretização deste decorreu na cave da Escola, no dia 05 de Março de 2010. O resultado final do projecto foi muito interessante e os alunos demonstraram uma grande criatividade.

9.7.2. Aulas individuais

As aulas individuais decorreram nos dias 21, 25, 28 de Janeiro e 01 de Fevereiro. Foram leccionadas quatro aulas no total, em que duas foram de 90 minutos e as outras duas foram de 45. Integradas no projecto de grupo, estas aulas vieram na sequência das leccionadas pela da professora estagiária Neide, professora que iniciou o projecto.

Relativamente a estas aulas individuais, e de acordo com as indicações da orientadora pedagógica, preparei o plano de aula (ver apêndice 23) tendo em conta o

plano de unidade realizado pelo grupo. As aulas foram assistidas pela orientadora pedagógica e pelas colegas de estágio, e foram essencialmente de componente prática, contendo, no princípio da aula, uma breve abordagem teórica.

9.7.2.1. Primeira aula assistida

Esta aula foi de componente teórico-prática com a duração de 90 minutos e ocorreu no dia 21 de Janeiro na sala A11.

Inicialmente, os alunos foram informados que a aula seria leccionada pela professora estagiária em questão e o que o tema abordado seria a *Performance*, tendo como sub-tema: a expressão corporal. Para não se tornar uma aula exaustiva para os alunos, uma vez que, as duas aulas anteriores já tinham sido de componente-teórica, a aula propriamente dita teve início com um exercício prático (ver apêndice 26). Seguidamente, foi distribuída uma folha a cada aluno com o exercício proposto e foi indicado aos alunos que se reunissem com o grupo, previamente definido na aula da professora estagiária Neide.

Posto isto, foi explicado sucintamente o que era pretendido no exercício, foi referido que cada grupo teria de analisar as imagens e fazer corresponder cada palavra (que se encontrava na parte inferior da folha) a cada imagem. Ou seja, através do diálogo e da reflexão, os alunos teriam de associar as expressões corporais às imagens. Após os alunos terem um determinado tempo para realizarem o exercício, procedeu-se à correcção do mesmo em conjunto, onde cada grupo expôs as suas respostas e ideias.

Posteriormente, foi feita uma breve abordagem sobre as expressões corporais (expressão corporal como uma de comunicação que permite transmitir sentimentos, emoções, ideias, etc). Continuando esta abordagem, foi estabelecida a ligação com as expressões corporais presentes nas *performances* dos artistas. Foi também feita uma breve abordagem sobre a *Performance*, estabelecendo a ligação com a expressão corporal. Para complementar esta abordagem, foram apresentados aos alunos alguns exemplos em *powerpoint* (ver apêndice 27), de trabalhos de alguns artistas da *performance*. Foram vistos um vídeo da *performance* “*The Singing Sculpture*” de Gilbert and George, um vídeo do trabalho performativo “*Rosas Danst Rosas*” da artista Anne Teresa De Keersmaeke, e por último, imagens de alguns trabalhos da artista Helena de Almeida.¹³² Mostrou-se que, através de registos fotográficos, ela cria uma sequência narrativa explorando intensamente a expressão corporal através da acção,

¹³² Ver pasta 4 e 5 do cd encartado neste volume.

do movimento, adquirindo as suas obras, de certo modo, um carácter performativo. Foi feita, por mim, uma síntese do que tinha sido falado até então, e, uma vez que os alunos não colocaram dúvidas acerca da abordagem teórica, continuei a aula entregando a cada aluno uma folha com a proposta de trabalho (ver apêndice 28).

Posteriormente, foi explicada aos alunos a proposta de trabalho e o que era pretendido que eles fizessem. Assim, numa primeira, os alunos teriam que explorar três expressões com base no poema de Lourdes de Castro. Numa segunda fase teriam que fazer a selecção de três expressões corporais, e numa terceira fase teriam que realizar o guião de acção. Também, foi referido aos alunos que esta proposta seria realizada em grupo, de acordo com os grupos que tinham ficado definidos na aula da professora estagiária Neide. Após ter esclarecido algumas questões colocadas pelos alunos sobre a proposta de trabalho, e restando algum tempo para o fim da aula, foi indicado aos alunos que procedessem à realização da primeira fase da proposta.

Aproximando-se do final da aula, foi indicado aos alunos para deixarem a sala arrumada como quando tinham iniciado a aula. Após a sala estar toda arrumada e uma vez que já tinha terminado a aula, foi referido aos alunos que podiam abandonar a sala.

9.7.2.2. Segunda aula assistida

Esta aula foi de componente prática, com a duração de 45 minutos, e ocorreu no dia 25 de Janeiro na sala C7 (sala com computadores).

Inicialmente, foi feita uma síntese da aula anterior e em seguida foi referido aos alunos que nesta aula iriam continuar a realizar a primeira fase da proposta de trabalho (exploração de três expressões corporais através de registos fotográficos criando assim uma sequência narrativa). Seguidamente, foi indicado aos alunos que começassem a trabalhar.

Como o espaço da sala de aula era muito reduzido para todos os alunos, e com a aprovação da professora orientadora, foi permitido que os alunos trabalhassem no corredor. Então, no decorrer da aula, um grupo acabou por ficar na sala e os outros dois no corredor.

Ao longo da aula, o trabalho desenvolvido pelos alunos foi sempre acompanhado e, quando surgiram dificuldades, foi fornecido apoio da minha parte, tentando ajudá-los da melhor forma. Nesta primeira fase da proposta os alunos exploraram várias situações e revelaram criatividade e expressividade. Apenas o

grupo III foi exceção, pois revelou alguma dificuldade. Nesse grupo, dois alunos demonstravam pouco interesse e não cooperaram muito com o grupo. Contudo, com o decorrer da aula, as dificuldades foram ultrapassadas e os alunos obtiveram resultados interessantes.



Figura 30 - Registro fotográfico de uma expressão corporal realizada pelo grupo I.



Figura 31 - Registro fotográfico de uma expressão corporal realizada pelo grupo II.

Os alunos conseguiram concluir o trabalho proposto e, no fim da aula, cada grupo já estava a visualizar as imagens no computador e a seleccionar as três expressões corporais. Aproximando-se do final da aula, foi indicado aos alunos para arrumarem a sala e desligarem os computadores. Uma vez que já tinha terminado a aula, os alunos foram autorizados a abandonar a sala.

9.7.2.3. Terceira aula assistida

Esta aula foi de componente prática, com a duração de 90 minutos e ocorreu no dia 28 de Janeiro na sala C9 (sala com computadores).

Inicialmente, foi feita uma síntese da aula anterior e em seguida foi referido aos alunos que nesta aula iriam proceder à realização da terceira fase da proposta de trabalho. Para tal, foi entregue uma folha a cada aluno com indicações do que teriam que fazer nesta terceira fase da proposta (ver apêndice 30).

Seguidamente, foi explicado aos alunos que, após terem feito a selecção das três expressões corporais, cada um teria de alterar estas imagens no programa *Corel Photo-Paint* explorando novas situações (como por exemplo: pintar o rosto, alterar o vestuário, o cabelo, adicionar novos objectos...). Também foi referido que após terem explorado as imagens, cada grupo de trabalho deveria reunir-se e fazer a selecção das três imagens finais para a criação do guião final (ver apêndice 32). Foi ainda referido que, após cada grupo ter seleccionado as três imagens finais, deveriam criar o guião final no programa *Corel Draw*, e que deveria conter: imagens, acção descrição da expressão corporal, expressão verbal/musical. Após esta explicação, os alunos não colocaram dúvidas e começaram a ligar os computadores para trabalhar.

Para procederem à realização do que tinha sido solicitado, forneceram as imagens uns aos outros através da *pen usb*, o que levou algum tempo. Quando obtiveram as imagens, os alunos começaram logo a trabalhar. De vez em quando, estes sentiram a necessidade de dialogar com os colegas do grupo acerca das imagens. Os elementos do grupo II, ao visualizarem as imagens, não ficaram satisfeitos com as expressões corporais realizadas, pelo que solicitaram a máquina fotográfica novamente para refazerem algumas expressões corporais. Quando regressaram, começaram a trabalhar nas novas imagens obtidas.

Ao longo da aula, os alunos pediram, de vez em quando, ajuda na utilização de determinadas ferramentas do programa, tendo sido facultada essa ajuda através de explicações e exemplificações, levando o aluno a compreender eficazmente como se utilizava determinada ferramenta. No geral, foi visível que os alunos dominam razoavelmente o programa, mas alguns ainda sentem algumas dificuldades a utilizarem algumas ferramentas. Os alunos exploraram diferentes situações e revelaram criatividade. Contudo, os alunos estiveram apenas a explorar as imagens e a maioria não conseguiu concluir esta fase da proposta. Daí que, na parte inicial da aula seguinte, os alunos deveriam finalizar os trabalhos.



Figura 32 - Exploração digital de uma imagem realizado pelo grupo III.



Figura 33 - Exploração digital de uma imagem realizado pelo grupo I.

Aproximando-se do final da aula, foi indicado aos alunos para enviarem o trabalho para o e-mail da professora orientadora e da professora estagiária em questão, e também para guardarem o trabalho na *pen usb* que foi entregue aos mesmos. Seguidamente, foi indicado aos alunos para desligarem os computadores e arrumarem a sala. Uma vez que já tinha terminado a aula, os alunos foram autorizados a abandonar a sala.

9.7.2.4. Quarta aula assistida

Esta aula foi de componente prática com a duração de 45 minutos e ocorreu no dia 01 de Fevereiro na sala C7 (sala com computadores).

Inicialmente, procedeu-se a uma síntese da aula anterior e em seguida foi referido aos alunos que, na parte inicial da aula, iriam continuar e finalizar a exploração das imagens no programa *Corel Photo-Paint*. Depois, cada grupo iria proceder à selecção das imagens alteradas e criar o seu guião de acção. Contudo, os alunos demoraram, novamente, mais tempo do que o previsto para finalizar a exploração das imagens e não conseguiram criar o guião de acção no programa *Corel Draw*. De modo que foi sugerido aos alunos que se reunissem com os seus colegas do grupo, e no tempo restante da aula, seleccionassem as três imagens finais. Seguidamente, utilizando a folha que foi entregue com o exemplo de um guião, os alunos deveriam inserir os dados na grelha (ver apêndice 33).

Posteriormente, foi pedido aos alunos que guardassem as imagens que tinham no computador numa pasta e as numerassem pela sequência correcta e, em seguida,

as colocassem na *pen usb* que tinha lhes sido fornecida. Também, foi referido aos alunos que, quando terminassem tudo, entregassem as folhas preenchidas e a *pen usb*. Aproximando-se do final da aula, foi indicado aos alunos para desligarem os computadores e arrumarem a sala. Posto isto, os alunos foram autorizados a abandonar a sala.

9.7.3. Aula de grupo

Nesta aula tratou-se da concretização do projecto final (ver apêndice 34), que ocorreu no dia 05 de Março de 2010, na cave da escola cooperante. A cave, onde decorreu a realização do projecto final, é um espaço que se encontra preparado para desenvolver eventos de várias naturezas. Esta cave, por vezes, é utilizada para os professores darem as suas aulas. Relativamente ao espaço, possui uma grande área e uma boca de cena com características propícias ao desenvolvimento de técnicas dramáticas.

A orientadora pedagógica falou com a professora Adelaide Oliveira (professora de teatro), para saber se esta podia disponibilizar o espaço e esta, sem colocar nenhum entrave, cedeu-nos a cave para concluirmos o projecto. O grupo de estágio começou a preparar o espaço pelas 13h e, numa hora, os materiais necessários ficaram montados. Numa primeira fase, colocamos o papel de cenário sobre os suportes, de modo a que este servisse de tela sobre a qual os alunos viriam a intervir. Numa segunda fase, preparamos todo o material audiovisual, assim como as ferramentas necessárias para a intervenção gráfica.

Após o grupo ter montado tudo, foi feita uma série de testes aos equipamentos e aos espaços. Nesta fase, os alunos da turma foram chegando e colaborando nas restantes tarefas. À medida que os alunos foram ajudando, também foram-se integrando no espaço inerente à realização do exercício performativo. Foi feito com os alunos um conjunto de testes, concernentes às sombras que iriam ser projectadas sobre o papel de cenário, tendo em conta o distanciamento entre os corpos e o suporte de utilização.



Figura 34 - Sombra dos alunos projectadas sobre o papel de cenário.

Depois de estar tudo preparado para iniciar o projecto final, as professoras estagiárias orientaram os alunos no que respeita às várias fases do desenvolvimento do trabalho. Informamos os alunos, de que modo iriam decorrer as actividades e quantos elementos do grupo seriam necessários em cada fase.

Inicialmente, foi indicado aos alunos para escolherem o cenário que viria a ser utilizado no projecto final. Nesta parte, a professora estagiária Carolina Martins alertou-os para que a escolha fosse consciente, e que seguisse as directrizes atribuídas na proposta de trabalho dada em aula. Em seguida, foi proposto pelas professoras que os alunos explicassem e defendessem os seus trabalhos.



Figura 35 - Realização do desenho dos contornos a guache negro da imagem projectada no papel de cenário.

Logo a seguir, os alunos fizeram a selecção do cenário através de votação, sendo o cenário do grupo II, o que teve mais votos. Seguidamente, cada grupo

seleccionou um elemento, o qual teve de desenhar a guache negro os contornos das formas, que visualizava na projecção frontal, sobre o suporte.

No momento em que os alunos estavam a desenhar os contornos, os restantes colegas da turma foram convidados a assistir. A professora estagiária Teresa Barros explicou aos alunos convidados o que iriam visualizar e em que consistia o projecto. Após esta breve explicação, foi dada continuidade aos trabalhos.

Posteriormente, foram distribuídos, por mim, os guiões de acção que os alunos realizaram nas aulas, em que orientei-os na organização das expressões corporais. Nesta parte, à medida que os alunos foram colocando questões, o grupo apercebeu-se de que a realização das três expressões corporais por grupo não seria viável, uma vez que criaria uma amálgama de sobreposições complexas e confusas. Então, o grupo de professoras reflectiu e chegou à conclusão de que seria melhor os alunos realizarem apenas uma expressão corporal. Após uma conversa com os alunos, estes concordaram com a sugestão das professoras.

Seguidamente, a “tela” onde os alunos iriam intervir foi dividida em três partes, para que os três grupos efectuassem a intervenção em simultâneo. Para a realização dos contornos, foi facultada uma cor primária a cada grupo. A atribuição de cores diferentes serviu para identificar os registos gráficos elaborados por cada grupo. Para registar, na parte dianteira do suporte, os contornos das silhuetas dos colegas que se encontravam em retro-projecção, foi seleccionado um elemento de cada grupo.



Figura 36 - Realização dos contornos das silhuetas dos colegas que estavam em retro projecção.

Quando os alunos finalizaram os registos, os grupos juntaram-se e analisaram o trabalho, ponderando se deveriam efectuar alguma alteração ao registo gráfico elaborado. Deste modo, os grupos I e II acrescentaram alguns aspectos ao trabalho; já o grupo III optou por não fazer nenhuma modificação, considerando que alcançaram o

pretendido. Após esta fase do projecto, a professora estagiária Neide Ferreira dialogou com os alunos, questionando-os acerca das satisfações e sensações relativamente ao exercício até então realizado. Estes mencionaram que estavam satisfeitos com os resultados e que este exercício performativo estava a ser interessante.

Dando continuidade à realização do projecto final, foram projectadas sobre a composição gráfica as três animações *infopoéticas*, correspondentes a cada grupo de trabalho. Estas animações foram elaboradas na aula da professora estagiária Teresa Barros, que abordou a temática - Poesia Visual. Este conjunto resultou numa simbiose entre a expressão plástica tradicional, e a linguagem *infoexpressiva*, concretizando-se assim o objectivo geral do projecto de estabelecer ligações paralelas entre as três manifestações artísticas contemporâneas, abordadas nas aulas desta escola cooperante.

Finalizada a visualização das animações *infopoéticas*, a professora estagiária Neide estabeleceu diálogo com os alunos, referindo à turma, que o projecto já se encontrava inserido no contexto da Arte pública, uma vez que os colegas já tinham assistido à sua apresentação. Referiu também que este projecto seria inserido em vários espaços cibernéticos (no blogue de Inglês da turma, do projecto MacEscolas, no *youtube*), e também em espaços físicos, (exposição organizada pelo grupo disciplinar de História, no projecto Eco-Escolas) entrando assim no domínio da Arte Pública.

Por fim, a professora estagiária Neide referiu que o vídeo do projecto seria editado pelas professoras estagiárias e sugeriu que escolhessem uma música para colocar nesta edição. A aluna Joana Martins sugeriu que, com o apoio do professor Manuel Rodrigues, a turma realiza-se e compusesse a música. Como tal, a proposta foi aceite quer pelas professoras estagiárias, quer pela turma, sendo concretizada nessa semana.

Uma semana depois, o vídeo estava editado e foi apresentado aos alunos na aula da professora estagiária Neide, no dia 25 de Março. Estes, ao visualizarem o vídeo, demonstraram uma grande satisfação quanto ao trabalho realizado.

9.7.4. Análise crítica das aulas

As aulas que foram leccionadas individualmente foram assistidas pelas colegas do grupo de estágio e pela orientadora pedagógica.

Relativamente à primeira aula, considero que esta podia ter corrido melhor, uma vez que me encontrava um pouco ansiosa e apreensiva, pois não conhecia bem a turma. No início da aula, quando forneci o exercício aos alunos para realizarem em grupo apercebi-me, na parte da correcção, que este poderia ter sido elaborado de outra forma, sobretudo quando a orientadora pedagógica interveio, referindo que uma imagem é passível de diversas interpretações, entre outras coisas. Nesse momento, tentei remediar a situação referindo que, apesar de ser pedido para fazer corresponder uma palavra a cada imagem, quando visualizamos uma imagem, ela é passível de múltiplas interpretações. Com este exercício pretendi levar os alunos a compreenderem que, quando realizamos uma expressão corporal, transmitimos uma ideia, sentimento, ou emoção, daí a correspondência de uma palavra a uma imagem.

É de referir o facto da orientadora pedagógica não ter chamado a atenção para esta questão anteriormente, uma vez que tinha conhecimento prévio do exercício. Após a intervenção da orientadora pedagógica perante a turma e colegas, senti-me desacreditada e a aula não correu como tinha previsto, pois fiquei insegura. No entanto, na parte teórica, considero que os conteúdos foram transmitidos de forma clara e sucinta. Para tal, foi utilizada uma linguagem simples, de modo a ser perceptível para os alunos. Contudo, considero que se não estivesse apreensiva, a transmissão dos conteúdos teria sido transmitida de forma mais motivadora para os alunos.

Por outro lado, nesta aula, senti uma certa dificuldade em comunicar com um aluno que apresenta uma situação especial (*Síndrome de Asperger*), pois dada a minha inexperiência não sabia qual a melhor maneira de lidar com determinadas situações (mau comportamento, desrespeito pela autoridade do professor, desinteresse...), pois não queria ser autoritária com os alunos, mas também não queria ter uma atitude de passividade. Este aluno apresentou um comportamento irrequieto e fez intervenções constantes sem pedir autorização, circulando, por vezes pela sala, também sem pedir autorização. Perante esta situação, procurei dialogar com o aluno num tom normal, alertando para fazer o que era solicitado e apenas intervir quando fosse necessário. Apesar das chamadas de atenção ao aluno, ele continuou a ter a mesma atitude ao longo da aula. Apenas quando a orientadora pedagógica interveio, falando com o aluno em particular, é que este mudou de atitude,

manifestando respeito pela professora e uma certa atenção pela aula. Desde então, o aluno nas aulas seguintes, apresentou um comportamento aceitável.¹³³

Na segunda aula, considero que a minha prestação correu razoavelmente bem, apesar de no início da mesma estar um pouco nervosa. Utilizei uma linguagem simples e objectiva para comunicar com os alunos. Nesta aula, acompanhei o trabalho dos alunos e procurei dar apoio aos alunos sempre que solicitado.

A terceira aula, também correu razoavelmente bem, na minha opinião, pois utilizei uma linguagem simples e objectiva para comunicar com os alunos. Quando os alunos colocaram dúvidas relativamente à utilização de determinadas ferramentas do programa *Corel Photo-Paint*, ajudei-os e procurei explicar como funcionavam as ferramentas em questão. Tentei ajudá-los sempre que foi necessário e algumas das sugestões que dei foram tidas em consideração na realização do trabalho.

Quanto à última aula, julgo que esta decorreu positivamente, à excepção do facto de não ter gerido o tempo, de modo que, os alunos pudessem ter concluído a última fase da proposta de trabalho. Se tivesse dado menos tempo no início da aula para eles concluírem a exploração digital das imagens, certamente teriam conseguido realizar o guião de acção no programa *Corel Draw*.

Em relação às minhas aulas, no geral, julgo que atingi os objectivos pretendidos, à excepção da última aula, que não foi bem gerida e, daí os objectivos da aula não terem sido todos cumpridos. Articulei os conteúdos com as aulas anteriores da professora estagiária Neide, estabelecendo a ligação com os conteúdos abordados por esta. Ao longo das quatro aulas procurei diversificar as estratégias, utilizando: abordagens teóricas, registos no quadro, visualização de vídeo e de imagens, fichas de apoio e síntese das aulas.

Dada a inexperiência e uma certa insegurança perante o acto de leccionar uma turma que conhecia há pouco tempo, reconheço que poderia ter comunicado mais nas aulas com alunos, e, conseqüentemente ter motivado mais os alunos. Contudo, os alunos não manifestaram dúvidas e realizaram a proposta de trabalho com empenho, criando trabalhos diversificados e interessantes. Nas aulas em que os alunos trabalharam com os programas informáticos, não manifestei dificuldade em trabalhar com os programas, esclarecendo sempre as dúvidas expostas pelos alunos em relação à utilização das ferramentas do programa.

¹³³ Apesar de o aluno apresentar um comportamento imprevisível, e difícil de lidar, com o decorrer das aulas evidenciou-se que o aluno, à medida que foi conhecendo as professoras e lidando com as mesmas, a sua atitude foi-se modificando positivamente, manifestando respeito pelos colegas e professoras.

Com estas aulas, apercebi-me que a entoação é um elemento de grande relevância, pois para além de ser importante na transmissão de conteúdos, é através da entoação que o aluno reconhece e identifica o que o professor pretende transmitir.

Relativamente ao comportamento dos alunos, quase todos cumpriram as regras da sala de aula contribuindo para que estas fossem bastante produtivas, à excepção do aluno acima referido, que tem um comportamento inconstante e imprevisível. Em resumo, mantive um bom relacionamento com todos, tentei esclarecer as dúvidas colocadas por eles, ajudei-os sempre que sentiram dificuldades em resolver um problema. Os alunos demonstraram interesse pela aula e realizaram a proposta de trabalho de forma criativa e interessante. Isso evidenciou-se nos resultados dos trabalhos que os alunos realizaram (ver apêndice 29 e 32), mostrando que apreenderam os conteúdos abordados em aula e perceberam a proposta de trabalho.

Com a leccionação destas aulas, percebi que o professor tem de analisar a sua turma e deve procurar entender o aluno, estando sempre

*“...consciente acerca das suas próprias opiniões, perspectivas, concepções e sentimentos enquanto cidadão e professor numa sociedade multicultural. O envolvimento comprometido e intencional do professor na via multicultural garante-lhe maior sensibilidade na percepção das mudanças que vão ocorrendo e melhorar o processo de mudança das suas práticas em sentidos multiculturais.”*¹³⁴

Concluindo, penso que, embora ainda tenha muito que aprender, quer em termos de postura, quer em termos da condução da própria aula, só com a experiência é que podemos melhorar o nosso desempenho na leccionação.

9.7.5. Análise do trabalho dos alunos

No que concerne à observação realizada nas aulas leccionadas, foi possível constatar que a maioria dos alunos dominam razoavelmente os conteúdos trabalhados, realizam as actividades que lhe são propostas de forma autónoma, mostram-se interessados e participam adequadamente. Porém, alguns alunos não se destacam, revelando desinteresse, relacionando e adquirindo os conhecimentos de uma forma mais lenta. Estes alunos também precisam de mais tempo para realizar as

¹³⁴ CARDOSO, Carlos Manuel Neves. *Referências no percurso do multiculturalismo: Do assimilacionismo ao Pluralismo*. (7 - 20) Lisboa: Revistado Instituto de Inovação Educacional, 9, 1996, pp. 46- 47.

actividades que são propostas. Por vezes apresentam muitas dificuldades ao nível da concentração. Em geral, os alunos cumprem sistematicamente o trabalho que lhes é proposto, havendo por vezes, a necessidade de apoio do professor ou dos colegas.

Relativamente aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na realização das expressões corporais, no geral os alunos revelaram criatividade e expressividade, explorando diversas situações, em que até, houve um grupo que trouxe materiais para a aula, com o propósito de realizar narrativas mais elaboradas.

Quanto à exploração digital das imagens, a maioria dos alunos não revelaram grandes dificuldades na utilização do programa *Corel Photo-Paint*, dominando as ferramentas necessárias para obterem o efeito pretendido. Apenas houve uma excepção, que foi o caso da aluna que apresenta também uma situação especial, que consiste no Síndrome de Défice de Atenção com Hiperactividade e Dificuldades de Aprendizagem, em que a aluna sentiu mais dificuldades com o programa e necessitou frequentemente do apoio da professora.

No geral, os alunos foram criativos, à excepção de um caso ou outro em que os alunos poderiam ter explorado mais as ferramentas do programa, obtendo assim resultados mais interessantes.

9.8. Avaliação

No que concerne à avaliação, foi proposto pela professora orientadora, que cada professora estagiária avaliasse as suas aulas, tendo em linha de conta, os critérios de avaliação (ver anexo 4) adoptados pela escola para avaliar os alunos na disciplina de Educação Visual. Tendo em conta todos esses critérios de avaliação, cada professora estagiária procedeu à selecção dos critérios adequados para a avaliação do trabalho realizado pelos alunos nas suas aulas.

Após uma reflexão e escolha dos critérios adequados para as aulas do dia 21, 25, 28 de Janeiro e 01 de Fevereiro, foram seleccionados todos os critérios (ver anexo 4), à excepção do critério - material, uma vez que não foi solicitado aos alunos trazerem materiais para essas aulas. Todos os restantes critérios foram utilizados, visto que se trataram de aulas que incidiram mais numa componente prática do que teórica, daí que, foi necessário avaliar o processo criativo, as técnicas utilizadas e os conceitos (ver apêndice 35).

Relativamente à avaliação do projecto final, este foi avaliado pelo grupo, e foram tidos em conta os critérios necessários para procedermos à avaliação do mesmo (ver apêndice 37 e 38).

10. ANÁLISE CRÍTICA DO ESTÁGIO

Relativamente a este novo sistema de estágio, considero que este nos prejudica de certa forma, pois temos muito poucas aulas assistidas, e não temos uma fase de adaptação e preparação em que não estamos a ser avaliados. O que sucede é que quando iniciamos a nossa prática pedagógica, já estamos a ser avaliadas, e não temos uma preparação prévia perante uma actividade que é exigente e complexa.

Na primeira fase do estágio, e no que concerne à coordenação da orientadora pedagógica, é de lamentar esta não ter tido mais disponibilidade para nos dar orientação, e ter transmitido mais informação relativamente a vários aspectos que envolvem a leccionação de uma turma. Contudo, sempre que foi necessário prestou apoio, esclareceu sempre as dúvidas colocadas pelo grupo e respondeu sempre às questões colocadas pelo mesmo. Quanto à prática pedagógica, é de lamentar o facto de cada elemento do grupo só ter leccionado uma aula, o que impossibilitou adquirir mais experiência. Também é de referir o facto de não ter sido possível, na ausência da orientadora pedagógica, termos assistido às aulas da turma durante o resto do período, na presença do professor(a) de substituição. Se isso tivesse sido possível, a observação dessas aulas certamente iria trazer algo de novo à nossa aprendizagem.

Na segunda fase do estágio, quanto à coordenação da orientadora pedagógica, a disponibilidade prestada por esta foi uma mais-valia. Nas aulas, sempre que foi necessário, prestou apoio, esclareceu sempre as dúvidas e questões colocadas pelo grupo.

É de referir que as reuniões em grupo com a orientadora pedagógica (após as aulas assistidas) foram pertinentes, visto que, possibilitaram a discussão e análise das aulas de cada elemento do grupo. Foram discutidos os aspectos positivos e menos positivos das aulas, e foram dadas sugestões relativamente a estratégias a adoptar nas aulas, à postura, dicção, entre outros. Estas reuniões foram muito enriquecedoras, pois propiciaram a reflexão, e por conseguinte, a aprendizagem.

No que concerne ao trabalho desenvolvido com a turma, considero que este foi muito gratificante, visto que os alunos revelaram interesse e os resultados foram satisfatórios. O objectivo do grupo foi propor a expressão livre, a espontaneidade, a inspiração e criação, tendo proporcionado o estímulo necessário, não restringindo os alunos apenas às artes visuais. O objectivo foi proporcionar uma educação que, se possível, englobasse todas as formas de expressão de arte, como a música, dança, poesia, entre outras.

Com a experiência da prática pedagógica, percebi que o professor deve motivar toda e qualquer criação artística e saber tirar partido disso. Nas aulas, os alunos devem ser encorajados a abordarem o mundo de uma forma criativa, que os torne capazes de desenvolver sentimentos, ideias e impulsos e responder-lhes através de formas e meios.

No que se refere ao relacionamento com as minhas colegas de estágio, muitas vezes trabalhamos em equipa, ajudamo-nos mutuamente, quer nos momentos de antecedência da prática pedagógica, quer durante a leccionação das aulas de estágio. A entreatajuda manifestada pelo grupo baseou-se no auxílio, na colaboração e na atitude de quase todos os elementos, para que toda a dinâmica da aula funciona-se na sua plenitude.

No geral, o estágio decorreu positivamente; cada elemento do grupo leccionou várias aulas e estas permitiram-nos reflectir sobre várias questões inerentes ao ensino, contribuindo para que nos tornemos professores conscientes, disponíveis a novas aprendizagens e à aquisição de novos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da presente dissertação, pude concluir que, tendo em conta as criações dos artistas contemporâneas, é possível desenvolver no ensino propostas de trabalho diversificadas, promovendo o encontro com outras experiências. Na arte contemporânea, os artistas têm desafiado as técnicas e suportes, têm utilizado materiais diversificados e, entre outras coisas, o corpo deixou de servir de modelo, para passar a ser utilizado como objecto de arte. O mesmo deve acontecer no ensino das artes. O professor deve proporcionar novas experiências, permitindo aos alunos o contacto com novas técnicas, novos suportes e novos materiais. Assim como na *performance*, em que o artista explora essencialmente o corpo, como matéria e suporte de arte, também na Escola, devem ser proporcionadas experiências com o corpo, favorecendo a comunicação e a exploração da expressão corporal, verbal, musical, entre outras. Os trabalhos dos alunos não se devem ficar apenas pela expressão plástica tradicional; deve ser promovido o contacto com outros tipos de expressão facultando o desenvolvimento cognitivo integral do aluno. O corpo, em si mesmo, é uma forma de comunicação e transmite ideias, sentimentos, emoções; daí que é importante trabalhar nas aulas a expressão corporal, fazendo com os alunos desenvolvam a vertente comunicativa.

Também sendo a *performance* uma manifestação artística que utiliza qualquer disciplina, empregando-as nas mais diversas combinações, na Escola também devem ser proporcionadas experiências que envolvam diversas disciplinas. Só assim, os alunos terão a possibilidade de alargar a sua imaginação e criatividade ampliando os seus conhecimentos. É essencial, pois, promover a interdisciplinaridade na Escola. Através da interdisciplinaridade, os alunos irão interagir com várias áreas, e isso levará a que adquiram uma consciência de que esta interacção permitirá alcançar resultados mais interessantes do ponto de vista artístico.

Com a realização deste estágio compreendi que o professor não é apenas aquele que transmite conteúdos na sala de aula, mas é sim aquele que pretende “*estimular a curiosidade e a vontade de saber mais e promover o encontro com outras experiências/pessoas/culturas de modo a podermos recriar o nosso vocabulário de formas sempre cada vez mais proveitosas.*”¹³⁵ Também, é aquele que pretende

¹³⁵ ANTUNES, Maria da Conceição. *Teoria e Prática Pedagógica*. Horizontes Pedagógicos, sob a direcção de António Oliveira Cruz, Instituto Piaget, s.l, 2001, p.233.

*“incentivar o diálogo, o respeito pela opinião dos outros, a diversidade cultural e a diversidade de pontos de vista alternativos.”*¹³⁶

É necessário cada vez mais o professor levar os alunos a *“compreender que é o contacto com o novo, desconhecido e não familiar que permite alargar a nossa imaginação, os nossos horizontes de visibilidade ou, dito de outro modo, que fomenta a recontextualização, a nossa edificação, o nosso crescimento.”*¹³⁷ É essencial que o futuro professor reflecta continuamente acerca do funcionamento do ensino tradicional e o encaminhe *“por uma exploração multiforme das motivações humanas intrínsecas como a necessidade de experimentação, a descoberta e a reconstrução criativa.”*¹³⁸

Actualmente, o professor não deve se limitar meramente à transmissão de conhecimentos, o seu papel deve ir para além disso, este deve facultar aos alunos, aprendizagem de maneiras diversificadas, em lugares diversos, de formas diversas. Para Belmira Santos, *“os professores, ao protagonizarem novas práticas de ensino, promovem novas exigências à organização escolar. Surgem desta forma os professores como agentes de mudança e a escola como centro e motor da mesma [...]”*¹³⁹ O processo de ensino-aprendizagem deve transformar-se em possibilidade de experimentação, e neste os alunos devem ser activos e curiosos, aprendendo no contacto com as coisas e não apenas através de exposições teóricas. Neste processo o professor tem um papel fulcral, pois só ele pode promover esse campo da experimentação e de novas aprendizagens.

Em suma, a realização desta dissertação que engloba a investigação científica e o relatório irá ser uma mais-valia no futuro, pois contribuirá para que eu seja uma professora mais consciente e que esteja disponível a novas experiências e aprendizagens. Como Belmira Santos refere *“ser professor no século XXI requer uma atitude pessoal e profissional de tipo crítico-reflexivo que o leva a repensar e a reajustar o seu desempenho face às situações imprevisíveis e ambíguas da sua prática pedagógica.”*¹⁴⁰

¹³⁶ ANTUNES, Maria da Conceição. op.cit., p.233.

¹³⁷ Ibid, p.233.

¹³⁸ MENDONÇA, Alice, BENTO, António. *Educação em Tempo de Mudança*. 1º ed. Madeira: Grafimadeira, 2008, p.250.

¹³⁹ SANTOS, Belmira. *Comunidade Escolar e Inclusão. Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Portugal: Instituto Piaget, 2007, p.198.

¹⁴⁰ Ibid, p.200.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- ANTUNES, Maria da Conceição. *Teoria e Prática Pedagógica*. Horizontes Pedagógicos, sob a direcção de António Oliveira Cruz, Instituto Piaget, s.l, 2001.
- ABRAMOVIC, Marina, apud TURIM, Maureen. *Marina Abramovic's Performance: Stresses on The Body and Psyche in Installation Art*. In *Camera Obscura* - 54 (Volume 18, Nº 3), 2003.
- BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- BARRET, Maurice. *Educação em arte*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- CARDOSO, Carlos Manuel Neves. *Referências no percurso do multiculturalismo: Do assimilacionismo ao Pluralismo*. (7 - 20) Lisboa: Revistado Instituto de Inovação Educacional, 9, 1996.
- CARDOSO, Maria de Fátima, SILVA, Marta Ferreira, BASTOS, Pedro André. *Educação pela Arte*. Instituto da Inovação Educacional; Lisboa, 2002.
- CANONGIA, Ligia. *O legado dos anos 60 e 70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- COHEN, Renato. *Work in Progress na Cena Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva., 2009.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo - espaço de experimentação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- COUTO, Edvald Sousa. *Além do Homem, além da máquina*. In: *Atrator Estranho*, NTC, ECA-USP, n.29, 1998.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005, p.94.
- DOMINGUES, Diana (Org.) *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP; 1997.
- FONSECA, Maria. *Concepções e práticas dos professores de educação visual e tecnológica do distrito de Castelo Branco*. Castelo Branco: Escola Superior de Educação do Instituto de Castelo Branco, 1998.

- GARCIA, Wilton. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GOLDBERG, Roselee. *A Arte da Performance. Do Futurismo ao Presente*. 1º ed., Lisboa: Orfeu Negro, 2007.
- GARDNER, James. *Cultura ou Lixo?*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.202.
- MEDEIROS, Maria Beatriz. *Aisthesis: estética, comunicação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha. *Didática no ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer Arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- MENDONÇA, Alice, BENTO, António. *Educação em Tempo de Mudança*. 1º ed. Madeira: Grafimadeira, 2008.
- NITSCH, Hermann. *The Blood Organ (1962)*. In WARR and JONES, Amelia, eds. *The Artist's Body*. London: Phaidon, 2000.
- PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- PINTO, Ana Lúcia, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela Cernadas. *Cadernos de História de Arte*. História de Arte 12º ano. Portugal: Porto Editora, s.d.
- ROUGE, Isabelle de Maison. *A Arte Contemporânea*. Mira - Sintra: Editorial Inquérito, 2003.
- READ, Herbert. *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70, 1982, p.18.
- RAMOS, Elza, PORFÍRIO, Manuel. *Manual do Desenho*. Ensino Secundário 12º ano. 1º ed.. Portugal: Edições ASA, 2009.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

- SANTOS, Belmira. *Comunidade Escolar e Inclusão. Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Portugal: Instituto Piaget, 2007.
- STELARC. *Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética a robótica e a existência remota*. In: Domingues, Diana (org.). *A arte no século XXI. A humanização das tecnologias*. São Paulo: Unesp, 1997.
- Sousa, Alberto B. *Educação pela arte e artes na educação*. 1º volume. Lisboa: Instituto Piaget – Horizontes pedagógicos, 2003.
- TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.
- VERGINE, Lea. *Body language (1974)*. In WARR and JONES, Amelia, eds. *The Artist's Body*. London: Phaidon, 2000.
- WALKER, John. *A Arte desde o Pop*. Editora Labor, S.A, 1977.
- WEITEMEIER, Hannah. *Klein*. Koln: Taschen, 2001.

ARTIGOS

- COHEN, Renato. *Performáticos, Performance & Sociedade*. Transe, Departamento de Sociologia da UnB . 66-69, 1999.
- FERNANDES, Ciane. *Em algum lugar do presente: performance, performance art, ou prática espetacular? Repertório Teatro e Dança*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 5, 2001.
- SHECHNER, Richard. *O que é a performance? Revista O Percevejo*, Tradução Dandara, Rio de Janeiro: Uni-Rio, 2000.
- SCHECHNER, Richard. *O que é Performance?*. Texto apresentado na aula do Prof. Zeca Ligiéro. Teatro na Comunidade, em novembro de 2003. UNIRIO Pós-Graduação em Teatro. Tradução de Dandara.
- SANTOS, José. *Breve Histórico da "Performance Art" no Brasil e no mundo*. Revista Ohun, Brasil, n.4, 2008.

DISSERTAÇÕES

- BIRIBA, Ricardo Barreto. *Nordestinados: uma performance armorial. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.*

- LABRA, Daniela Hochmann. *O artista-personagem*. Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

DOCUMENTOS ON-LINE

- ANTONELLO, Carla Medianeira. *A performance como linguagem cénica em realidade virtual*, 2004, disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/teedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1030 Acedido a 1 de Setembro.
- PALUDO, Luciana. *Corpo, fenómeno e manifestação: performance*, 2006, disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/38068633.html Acedido a 16 de Agosto de 2009.
- STELARC. *Extended-Body: Interview with Stelarc*. disponível em: <http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=354> Acedido a 15 de Agosto de 2009.
- STELARC. disponível em: <http://www.stelarc.va.com.au/>. Acedido a 15 de Agosto de 2009.
- MACIEL, Andréa. *A performance e seus diálogos com as vanguardas*. 2º Congresso Científico de UniverCidade, 2007, disponível em: http://www.univercidade.br/uc/pesqcient/pdf/2007/com_performance.pdf
- OLIVEIRA, Wagner Lacerda de, *Poéticas Visuais Híbridas de Um Corpo Mutável*, 2008, http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/9/TDE-2008-07-18T121045Z-621/Publico/diariodepassagrmseg.pdf
- PALUDO, Luciana. *Corpo, fenómeno e manifestação: performance*. (Mestrado em Artes Visuais)- Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7556/000548138.pdf?sequenc e=1>
- SILVA, Priscilla Ramos da. *Corpo e Artes Visuais nos anos de 1990: Panorama de 97 e Bienal de 98*. (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, 2007, disponível em: <http://www.scribd.com/doc/8666049/Corpo-e-Artes-Visuais-nos-Anos-1990>
- Grupo Sistemas Multimédia (s.d.). *A Tecnologia do Computador e a Formação de Professores: um contributo para a avaliação do Projecto Minerva*. Disponível em <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200352145924A%20%20Tecnologia%20do%20Computador.pdf> Acedido a 15 de Setembro de 2009.

- CALDEIRA, Solange. *Corpo: Expressão estética no Tanztheater de Pina Bausch*. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom. Disponível em :
<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Solange%20Caldeira.pdf> Acedido a 20 de Setembro de 2009.

PROGRAMAS CURRICULARES

- RAMOS, Artur, QUEIROZ, João Paulo, BARROS, Sofia Namora, et al. *Programa de Desenho A 10º Ano - Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais*, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001.
- s.a, *Educação Visual, Ajustamento do programa de Educação Visual 3º ciclo*. Departamento da Educação Artística.

IMAGENS ON- LINE

- Marcel Duchamp, *Tonsure*, 1919. Disponível em:
<http://graindemusc.blogspot.com/2008/11/humiecki-graef-par-christophe-laudamiel.html> Acedido a 6 de Setembro de 2009
- Marcel Duchamp, *Rrose Sélavy*, 1920. Disponível em:
http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf Acedido 03 de Setembro de 2009.
- Jackson Pollock, *Action Painting*, 1950. Disponível em:
http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf Acedido 03 de Setembro de 2009.
- Murakami Saburo, *Passage*. 1955. Disponível em:
http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf Acedido 03 de Setembro de 2009.
- Allan Kaprow, *18 happenings in 6 parts*, 1959. Disponível em:
<https://www.msu.edu/course/ha/452/18happenings.jpg> Acedido 03 de Setembro de 2009.
- Yves Klein, *Salto para o Vazio*, 1960. Disponível em:
<http://www.iconica.com.br/wp-content/uploads/2010/02/Yves-Klein-Salto-no-Vazio-1960-foto-Harry-Shunk.jpg> Acedido 03 de Setembro de 2009.

- Yves Klein, *Antropometria do Período Azul*, 1960.
http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf
- Hermann Nitsch's, *The Orgien Mysterien Theaters*, 1984. Disponível em:
<http://voffi08.wordpress.com/2009/09/14/documentation-ii/> Acedido a 8 de Setembro de 2009.
- Gilbert & George. *The sing sculpture* ,1969. Disponível em:
http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf, acedido 03 de Setembro de 2009.
- Joseph Beuys, *Coyote: I like America and America likes me*, 1974. Disponível em: <http://voffi08.wordpress.com/2009/09/14/documentation/> Acedido a 8 de Setembro de 2009.
- Marina Abramovic, *Art must be beautiful*, 1975.
http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.medienkunstnetz.de/assets/img/data/39/bild.jpg&imgrefurl=http://www.medienkunstnetz.de/works/art-must-be/&usq= TPftQLD_jxUnpBH0C7Bt2O9523E=&h=240&w=320&sz=10&hl=pt-PT&start Acedido a 10 de Outubro de 2009.
- Anne Teresa De Keersmaeker, *Rosas Danst Rosas*, 1983. Disponível em:
<http://www.guardian.co.uk/stage/2009/sep/13/de-keersmaeker-rosas-sadlers-wells>. Acedido a 13 de Outubro de 2009.
- Vanessa Beecroft, *Still Death Darfur Still Death*, 2007. Disponível em:
http://www.timesonline.co.uk/multimedia/archive/00611/rosas_385x185_611550a.jpg Acedido a 13 de Outubro de 2009.
- Stelarc, *Terceira Mão*, 1982. Disponível em:
<http://crossings.tcd.ie/issues/1.2/Longavesne/>, acedido a 10 de Setembro de 2009.
- Stelarc, *Exoskeleton*, 1998. Disponível em:
http://www2.kulturprozent.ch/scienceandfuture/fotos/v/medienkunst/stelarc_exoskeleton.jpg.html Acedido a 14 de Setembro de Setembro de 2009.
- Escola Secundária Francisco de Franco. Escola Secundária Francisco de Franco. Disponível em: <http://www.esffranco.edu.pt/>. Acedido a 20 de Janeiro de 2010.
- Fotografia da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco. Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, Disponível em: <http://www01.madeira-edu.pt/estabensino/ebsgz/docs/PROJECTOEDUCATIVO.pdf>. Acedido a 15 de Janeiro de 2010.

DECRETOS DE LEI

- Decreto de Lei nº 344/90 de 2 de Novembro de 1990.

VÍDEOS ON-LINE

- Gilbert and George. *On Living Sculpture*. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=-Hfg7qIGd-A> Acedido a 23 de Outubro de 2009.
- Marina Abramovic. *Art must be beautiful*. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=zOuzzzItSOA> Acedido a 24 de Outubro de 2009.
- Joseph Beuys. *Joseph Beuys w_ Coyote*. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=e5UXAqpSJDk> Acedido a 24 de Outubro de 2009.
- Anne Teresa de Keersmaecker. *Rosas Danst Rosas*. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=D5TcCNEG-Ro> Acedido a 24 de Outubro de 2009.
- Sterlarc. *The Body is Obsolete - Contemporary Arts Media*. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=OKEfJRe4uys>



Centro de Competências de Artes e Humanidades

**Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Ensino de Artes
Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário**

Volume II

Orientador:

Professor Doutor Carlos Valente

Andreia Patrícia Rodrigues Tomás

Julho de 2010

Índice

APÊNDICES	5
PRIMEIRA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	6
Apêndice 1 - Gráficos com resultados da análise da turma	7
Apêndice 2 - Caracterização da turma	10
Serviços especializados de apoio educativo	10
Oferta Educativa	10
Apêndice 3 - Fotografias da visita de estudo ao Centro das Artes na Calheta.....	11
Apêndice 4 - Observações das aulas da orientadora pedagógica	12
Apêndice 5 - Proposta do projecto de grupo	23
Apêndice 6 - Planificação geral das aulas de estágio.....	29
Apêndice 7 - Teste diagnóstico	33
Apêndice 8 - Correção do teste diagnóstico	38
Apêndice 9 - Observação das aulas das colegas de estágio.....	49
Apêndice 10 - Plano de aula	53
Apêndice 11 - Apresentação de <i>Powerpoint</i> “O corpo na performance”	55
Apêndice 12 - Grupos de trabalho.....	56
Apêndice 13 - Registos fotográficos da proposta de trabalho.....	58
Apêndice 14 - Registos gráficos da proposta de trabalho.....	59
Apêndice 15 - Base de Dados.....	60
Apêndice 16 - Operacionalização da avaliação na aula do dia 29 de Outubro	63
SEGUNDA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	64
Apêndice 17 - Caracterização da escola	65
Serviços Especializados de Apoio Educativo	65
Oferta Educativa	67
Apêndice 18 - Proposta do projecto de grupo.....	68
Apêndice 19 - Observação das aulas da orientadora pedagógica	75
Apêndice 20 - Observação das aulas das colegas de estágio.....	76
Apêndice 21 - Planificação a médio prazo das aulas.....	81
Apêndice 22 - Planificação a curto prazo das aulas	83
Apêndice 23 - Planos de aula.....	85
Apêndice 24 - Grupos de trabalho.....	93
Apêndice 25 - Grelha de Observação das aulas	94

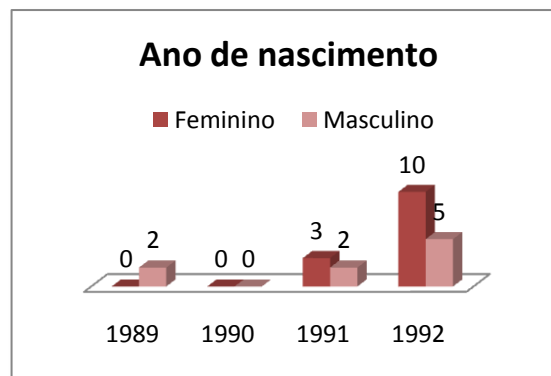
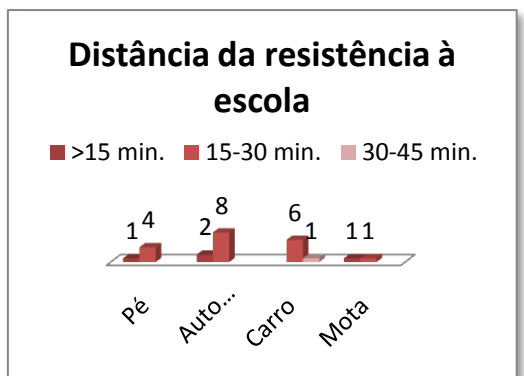
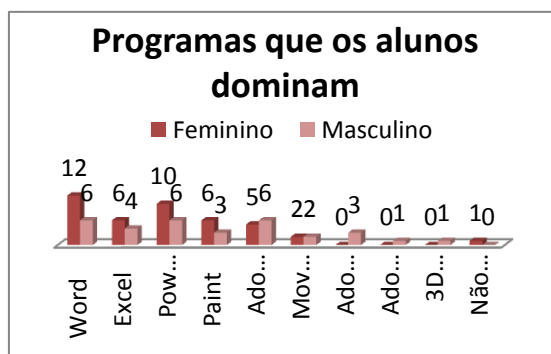
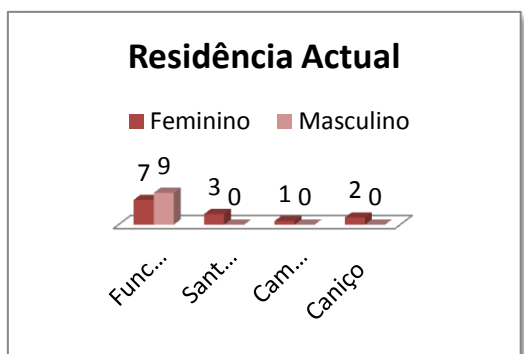
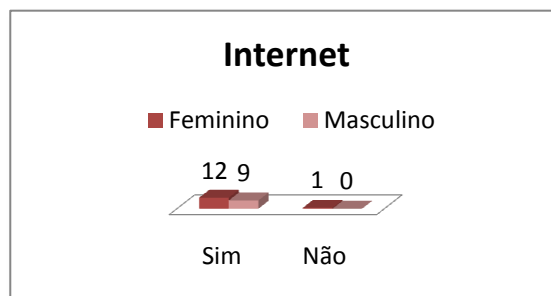
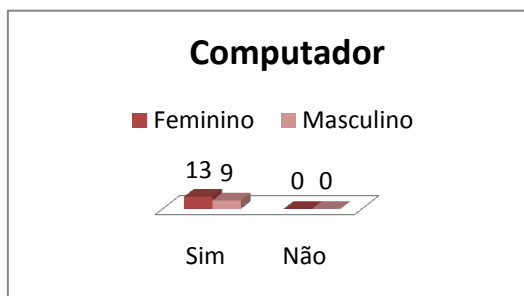
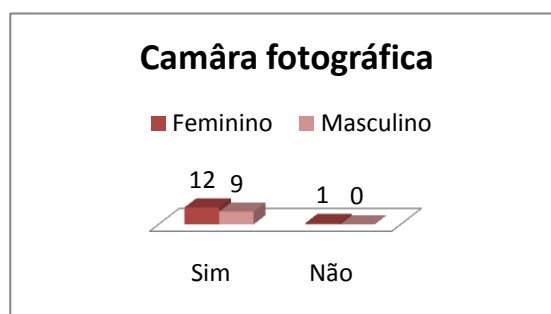
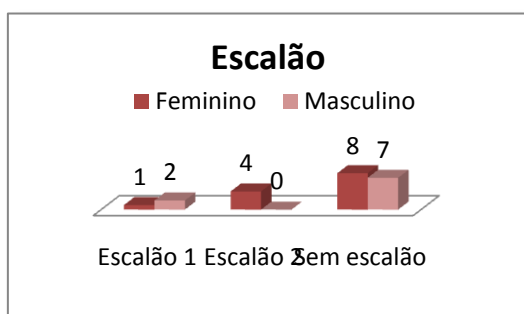
Apêndice 26 - Exercício proposto na aula	95
Apêndice 27 - Apresentação do <i>Powerpoint</i> na aula	97
Apêndice 28 - Proposta de trabalho	98
Apêndice 29 - Registos Fotográficos	99
Apêndice 30 - Terceira Fase da proposta de trabalho	100
Apêndice 31 - Exemplo de um guião de acção.....	101
Apêndice 32 - Explorações digitais das imagens.....	102
Apêndice 33 - Guião da acção realizado por cada grupo	103
Apêndice 34 - Projecto Final	106
Apêndice 35 - Critérios de avaliação	107
Apêndice 36 - Observações da turma	109
Apêndice 37 - Avaliação das aulas individuais	112
Apêndice 38 - Avaliação do projecto final.....	113
ANEXOS	114
Anexo 1 - Documentos referentes à preparação da visita de estudo ao Centro das Artes	115
Anexo 2 - Critérios de avaliação do grupo disciplinar	117
Anexo 3 - Caracterização da turma	124
Anexo 4 - Planificação anual da escola	126

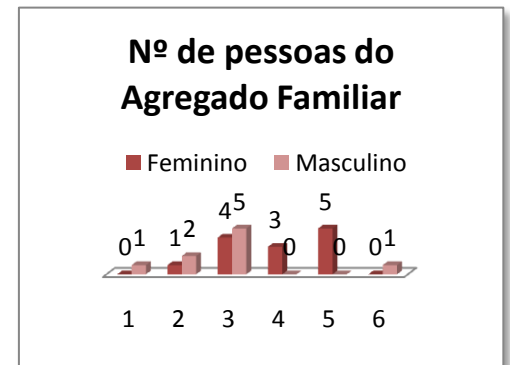
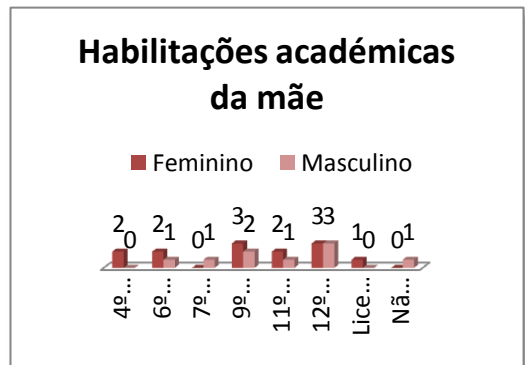
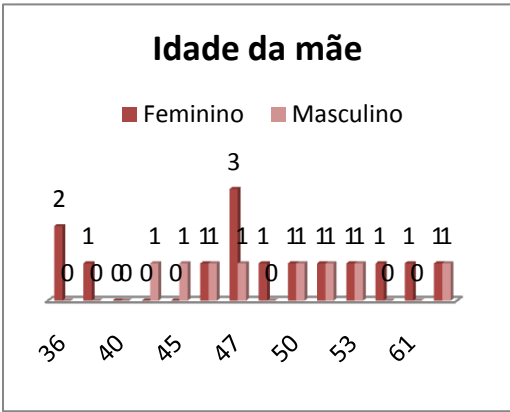
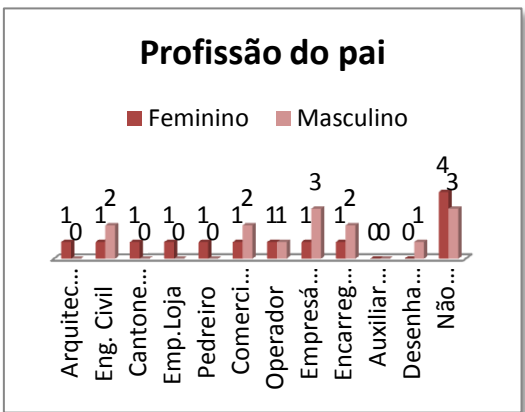
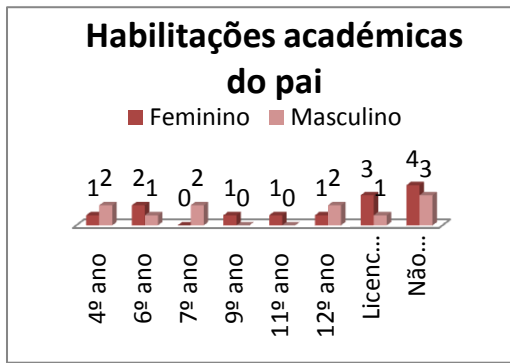
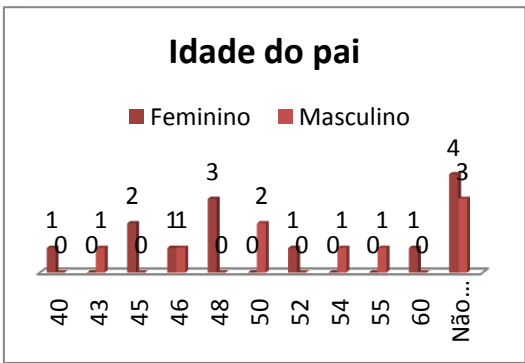
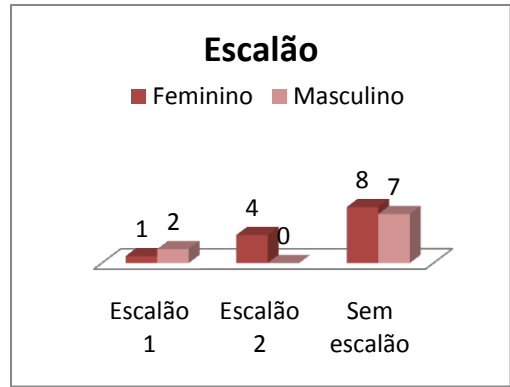
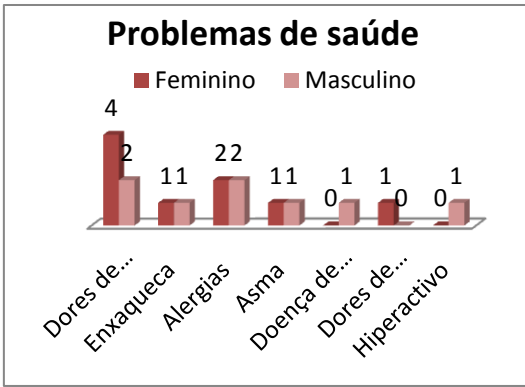
APÊNDICES

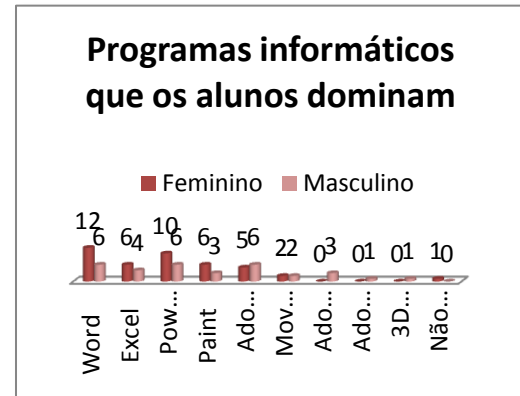
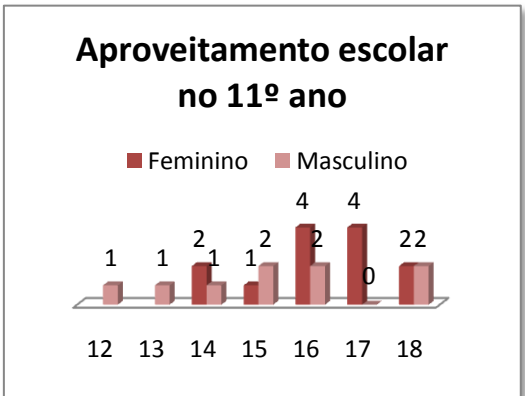
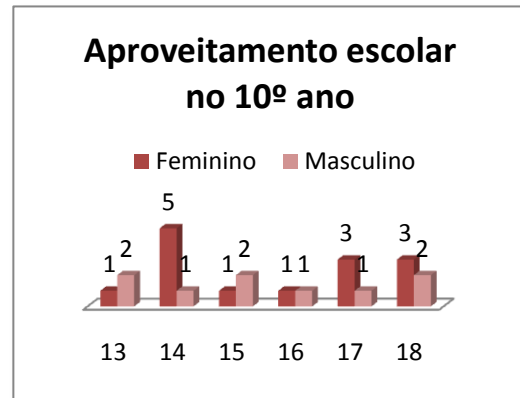
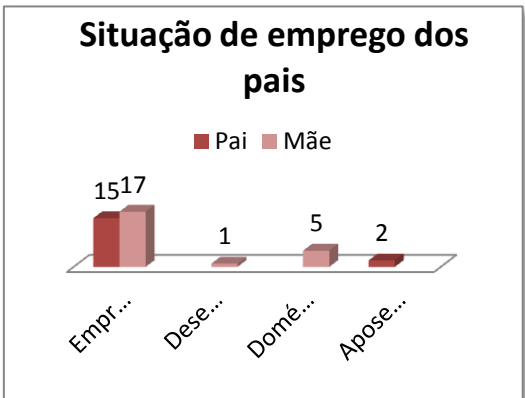
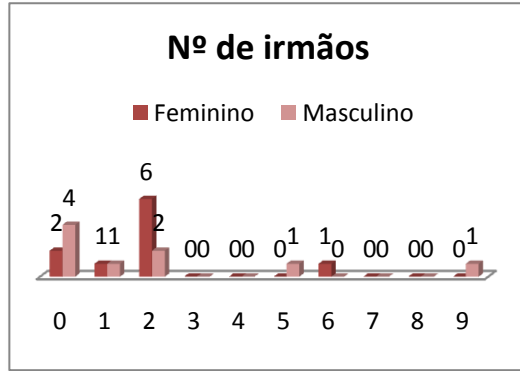
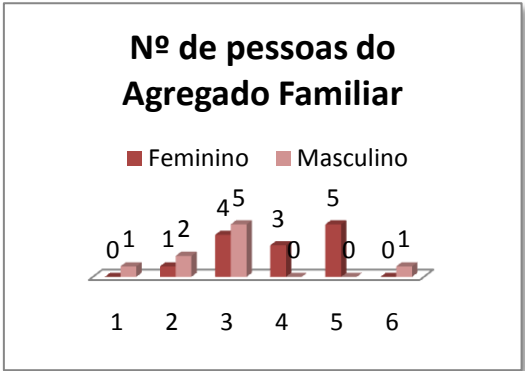
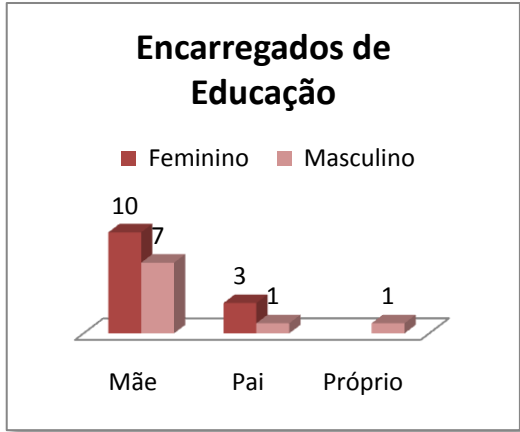
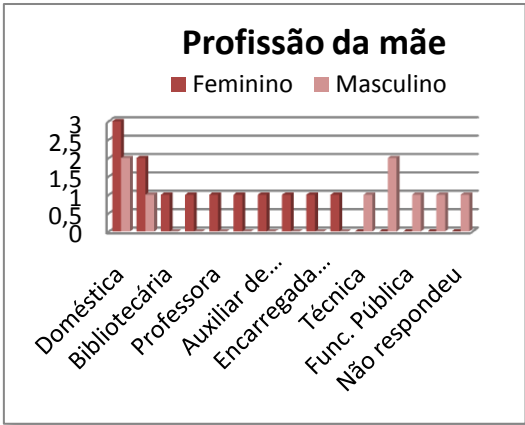
PRIMEIRA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Apêndice 1 - Gráficos com resultados da análise da turma

Os gráficos abaixo representados, foram realizados a partir de documentos fornecidos ao núcleo de estágio pela directora de turma pela directora de turma. A análise realizada permite uma melhor contextualização da turma com a qual foi realizado o estágio pedagógico.







Apêndice 2 - Caracterização da turma

• Serviços especializados de apoio educativo

Os serviços especializados que a presente Escola dispõe são os seguintes: Serviços de Psicologia e Orientação, Núcleo de Apoio Educativo, Acção Escolar, Seguro Escolar.

Os serviços de Psicologia e Orientação promovem o atendimento especializado, a realização de acções de informação, a orientação escolar e fornecem apoio na inserção dos alunos no meio escolar.

O núcleo de Apoio Educativo é constituído por professores que fornecem apoio pedagógico, por professores das modalidades especiais de educação e professores que integram a equipa pedagógica de acompanhamento de estudos.

A acção escolar tem como função contribuir para a melhoria das condições dos alunos, fornecendo apoios materiais aos alunos oriundos de famílias com menores recursos económicos.

O serviço do seguro escolar é um sistema de protecção que visa garantir a cobertura dos danos resultantes do acidente escolar.

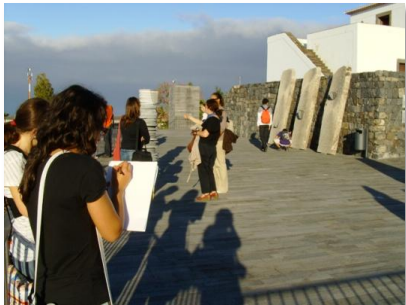
• Oferta Educativa

Relativamente à oferta educativa a escola tem a oferecer:

TABELA 1 – Oferta educativa da Escola Secundária de Francisco Franco

Cursos Científico - Humanísticos	Cursos Tecnológicos	Cursos de Educação e Formação
Cursos diurnos: <ul style="list-style-type: none">▪ Ciências e Tecnologias;▪ Artes Visuais;▪ Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades. Cursos nocturnos: <ul style="list-style-type: none">▪ Ciências e Tecnologias;▪ Ciências Socioeconómicas;▪ Ciências Sociais e Humanas.	Cursos diurnos: <ul style="list-style-type: none">▪ Curso de Informática;▪ Curso de Electrotecnia e Electrónica;▪ Curso de Administração▪ Curso de Multimédia. Cursos nocturnos: <ul style="list-style-type: none">▪ Curso de Informática;▪ Curso de Electrotecnia e Electrónica;▪ Curso de Administração.	<ul style="list-style-type: none">▪ Técnico de Controlo de Qualidade Alimentar (Tipo 6);▪ Técnico de Instalações Eléctricas (Tipo 5);▪ Técnico de Informática - Instalação e Gestão de Redes (Tipo 5);▪ Técnico de Electrónica Industrial (Tipo 5);▪ Técnico de Apoio à Gestão (Tipo 5).

Apêndice 3 - Fotografias da visita de estudo ao Centro das Artes na Calheta



Apêndice 4 - Observações das aulas da orientadora pedagógica

Estas observações das aulas da orientadora pedagógica foram realizadas conjuntamente por dois elementos do núcleo de estágio, nomeadamente pelas professoras estagiárias Andreia Tomás e Carolina Martins. Esta observação advém das aprendizagens prévias cumpridas concernentes à acção pedagógica realizada posteriormente por cada uma destas professoras estagiárias.



Professoras estagiárias: Andreia Tomás e Carolina Martins

Aula assistida – 1ª Aula

▪ 30/ 09/ 2009 ▪ 8h15m-9h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

1. Apresentação dos Professores em Mestrado.
 2. Trabalho Diagnóstico
-

Observação da aula:

- A professora iniciou a aula com a apresentação das professoras estagiárias do mestrado. Seguidamente, informou os alunos que a partir daquele dia o grupo de professoras estagiárias, iriam assistir às aulas seguintes e leccionar algumas aulas.
- Posteriormente, os alunos foram buscar os seus materiais ao armário comum, para darem continuidade ao trabalho realizado na aula anterior. Antes de os alunos procederem à realização do trabalho, a professora solicitou que se apresentassem individualmente às professoras estagiárias e que cada um mostrasse o trabalho que tinha realizado na aula anterior (trabalho diagnóstico – desenho do nome com um material riscador). Os alunos na apresentação

individual também referiram as suas disciplinas preferidas, assim como os cursos que gostariam de seguir.

- Após a apresentação dos alunos, as professoras estagiárias também se apresentaram à turma.
- Terminada as apresentações, a professora Filipa propôs uma nova actividade (actividade diagnóstica), que consistiu no desenho do nome de cada aluno, com diferentes materiais riscadores (esferográfica, marcadores distintos, grafite macios, entre outros). A professora sugeriu que fosse tido em conta os elementos da linguagem visual, isto é, que desenhassem o nome explorando as diversas possibilidades, recorrendo à linha, mancha, textura e forma. E também, que o nome deveria ser entendido como uma identidade própria, ou seja, deveria ser imaginado como uma estrutura própria.

PROPOSTA DE TRABALHO DIAGNÓSTICO:

Explorar o grafismo do seu nome, e construí-lo como se este tivesse uma identidade própria.

Materiais necessários:

- Folhas de desenho A3
- Materiais riscadores (grafites de diferentes durezas, esferográficas, marcadores distintos)

Recursos didácticos utilizados:

- Livro:
“Héller, S., Ilic, M., Escrito A Mano- Diseno de Letras Manuscritas en la era digital”
 - Computador
 - Vídeo Projector
- Durante a aula, foram transmitidos os conteúdos relacionados com a criação/realização de **texturas, linha, forma e mancha**, através da visualização de imagens de letras, e de outras composições de amontoados de

formas e de texturas, mostrando assim, várias situações de exploração de elementos da linguagem visual.

- Pretendeu-se mostrar aos alunos, que a utilização desses mesmos elementos fazia toda a diferença na construção formal do nome e na sua caracterização como uma identidade própria.
- Esta abordagem foi realizada, enquanto os alunos executavam os seus trabalhos, a professora foi intervindo, conforme denotou as dificuldades de articulação dos mesmos elementos, ao longo da execução dos trabalhos.
- Também nesta aula, foi-lhes mostrado o livro “*Diseno de Letras Manuscritas en la era digital*” para que pudessem visualizar vários exemplos de palavras que foram exploradas através do desenho.
- Após a visualização e a abordagem dos conteúdos, os alunos continuarem a desenvolver o trabalho até ao final da aula.
- Aproximando-se do final da aula, a professora indicou à turma que arrumassem os materiais nos respectivos lugares e que se preparassem para saírem. Terminando a aula, os alunos abandonaram a sala.

Aula assistida – 2ª Aula

▪ 01/ 10/ 2009 ▪ 8h15m-13h15m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

1. Trabalho diagnóstico.
 2. Exploração dos elementos da linguagem plástica. Linha, mancha e textura.
-

Observação da aula:

- A professora Filipa iniciou a aula indicando à turma para prosseguirem com a proposta da aula anterior (exercício diagnóstico). A finalização deste exercício teve a duração aproximadamente de trinta minutos.
- Dando continuidade à aula, a professora lançou uma nova proposta de trabalho que consistiu no desenho do nome com o objectivo de entenderem este como uma identidade própria, através da exploração dos elementos da linguagem visual (linha, mancha, textura e forma). Para tal, os alunos deveriam utilizar diversos materiais riscadores (esferográficas, marcadores distintos e grafites macios, entre outros). Esta parte da aula teve a duração aproximadamente de 45 minutos. Durante este tempo a professora foi percorrendo a sala de aula, observando o desenvolvimento do trabalho dos alunos e dando sugestões aos mesmos quando achou necessário.
- Após a conclusão desta proposta de trabalho, a professora utilizando o computador e o projector, mostrou algumas imagens aos alunos relacionadas com os conteúdos da aula.
- Seguidamente, a professora propôs outra actividade de trabalho, que consistiu em “Desenhar Rasgando”. Para tal, forneceu aos alunos um pedaço de cartolina e pediu-lhes que tentassem recortar os seus nomes com as letras todas juntas, sem utilizarem nenhum objecto cortante, utilizando apenas as mãos para cortarem o papel. Para a concretização desta actividade a professora deu cinco minutos.
- Após a realização da actividade de trabalho e aproximando-se o final da aula, a professora indicou como trabalho de casa, que realizassem uma pesquisa de tipos de letra e várias situações de exploração de palavras. E ainda, referiu o material necessário para a aula seguinte (o manual tinta da china e pincéis).
- Em seguida, os alunos arrumaram os materiais nos devidos lugares e terminando a aula, os alunos abandonaram a sala.

Aula assistida – 3ª Aula

▪ 07/10/ 2009 ▪ 8h15m-9h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

1. Desenho.
 2. Conceitos e aplicações.
 3. Análise de um texto de Alberto Caeiro.
-

Observação da aula:

- A professora iniciou a aula indicando aos alunos que abrissem o manual na página dois e lessem o texto de Alberto Caeiro. Logo a seguir, referiu que a actividade de trabalho consistia em fazer a análise do texto. Para tal, os alunos deveriam apontar frases ou palavras do texto, que definissem o que é desenho. Também, referiu que no fim da actividade os alunos deveriam entregar o trabalho realizado numa folha A4, estipulando um limite de tempo de 30 minutos para a realização desta actividade de trabalho.
- Após terem realizado o trabalho, foi estabelecido um momento de reflexão conjunta entre os alunos e a professora, com o intuito de realizar uma análise do texto. À medida que os alunos referiram as palavras-chave do texto, as professoras estagiárias Andreia Tomás e Carolina Martins foram registando as palavras no quadro.

- **Palavras registadas no quadro:**

<ul style="list-style-type: none">• Representação;• Conjunto de figura;• Processo;• Manuseamento de instrumentos;• Desenvolvimento de ideias;• Suportes e técnicas;• Expressão humana;	<ul style="list-style-type: none">• Prática;• Criação de imagens;• Desenho com estrutura;• Realização livre e criativa;• Sujeito e objecto do desenho;• Ordenação de ideias;• Unificação;• Conjunto de figuras;
--	--

<ul style="list-style-type: none"> • Desenho com expressão; • Entendimento da realidade exterior e interior; 	<ul style="list-style-type: none"> • Manuseamento de instrumentos;
--	---

- O objectivo desta actividade de trabalho foi abordar questões relacionadas com os aspectos práticos do desenho. Terminada esta actividade, a professora forneceu aos alunos uma folha A4 com a lista de materiais necessários para a disciplina. Em seguida, fez uma abordagem sobre os materiais, referindo a importância dos materiais.
- Aproximando-se do final da aula, a professora disse aos alunos para trazerem na próxima aula, tinta-da-china, pincéis e folhas. Depois, os alunos arrumaram os materiais, e quando a aula terminou, abandonaram a sala.

Aula assistida – 4ª Aula

▪ 08/10/ 2009 ▪ 8h15m-13h15m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

-
1. Trabalho Diagnóstico.
 2. Exercícios gráficos.
-

Observação da aula:

- A professora iniciou a aula indicando aos alunos que fossem buscar as suas capas ao armário. Depois, os alunos aguardaram indicações da professora para começarem a trabalhar.
- A professora propôs a primeira actividade da aula que consistia em:
 - Desenhar o nome, através de valores lineares, texturais e de mancha.

- Os materiais necessários seriam: tinta-da-china, pincéis, folha de papel cavalinho.
- Teriam que desenhar o nome numa folha com tinta-da-china, em que teriam de desenhar o seu nome deslizando o pincel, sem levantá-lo durante o processo.
- A professora referiu que o objectivo destas actividades, tinham como intuito, os alunos explorarem as várias formas de desenharem o seu próprio nome, levando-os a descobrir novos resultados.
- Depois, sem colocarem nenhuma dúvida relativamente à proposta de trabalho, começaram a trabalhar. Nesta actividade, foi-lhes dado um espaço de tempo entre 10 a 15 minutos.
- Após terminarem a primeira actividade, a professora propôs a segunda actividade que consistiu em:
 - Desenhar o nome com o pincel pegando na parte superior do mesmo.
 - Tempo: 5 a 10 minutos
- Depois de terem terminado esta actividade, a professora propôs a terceira actividade que consistiu em:
 - Desenhar o nome, pegando na parte superior do pincel, mas de olhos fechados.
 - Tempo: 5 minutos
- Após terem terminado esta actividade, a professora propôs a quarta actividade que consistiu no seguinte:
 - Desenhar o nome, pegando na parte superior do pincel, mas com a mão contrária à que habitualmente é usada.
 - Tempo: 5 minutos
- À medida que a professora foi circulando pela sala, foi observando os trabalhos dos alunos, indicando-lhes que, à medida que fossem realizando as várias actividades, registassem na folha o processo.

- Os alunos, após terem terminado a quarta actividade, a professora propôs a quinta actividade que consistiu em:
 - Desenhar o nome com dois pincéis, um em cada mão. Deveriam começar pelo extremo da folha e convergir o desenho para o centro, onde as mãos se encontrassem.
 - Tempo: 5 a 10 minutos.

- Após terem terminado a quinta actividade, a professora propôs a sexta actividade que consistiu no seguinte:
 - Desenhar o nome numa folha, fazendo o mesmo exercício anterior, apenas com uma diferença, os alunos tinham de cruzar os braços para desenhar.
 - Tempo: 5 a 10 minutos.

- Após a conclusão desta actividade, a professora ao observar os trabalhos conjuntamente com os alunos, perguntou-lhes – O que é que se concluí olhando para os primeiros trabalhos e para os últimos?

As conclusões tiradas foram as seguintes:

- menor legibilidade – maior expressividade
 - mais alongado
 - imperfeição
 - separação da forma
 - menos consistência
 - borrado (quando no fim do nome já não se via a tinta).
-
- Após a reflexão acerca dos trabalhos desenvolvidos, a professora mostrou alguns desenhos, referindo que são mais expressivos, porque foram utilizados processos menos convencionais, onde a linha e a mancha esbatem-se, obtendo-se resultados mais interessantes, referindo ainda que, quando se tem menos controlo do pincel obtêm-se resultados mais expressivos.

 - Prosseguindo a aula, e após um breve diálogo com os alunos, a professora propôs outra actividade, que consistiu em:
 - Desenhar o nome, com o pincel mais grosso, no canto superior do lado direito da folha que se encontrava colocada no extremo oposto da

mesa, em relação à colocação dos corpos dos alunos nas suas carteiras. Sendo assim, estes teriam de esticar a mão, para conseguirem desenhar.

- Tempo: 5 minutos

- Após terem terminado esta actividade, a professora propôs outra actividade que consistiu em:

- Desenhar o nome com o pincel, dando a noção de textura.

- Tempo: 5 minutos

- Após a realização da actividade de trabalho e, aproximando-se do final da aula, a professora indicou aos alunos para arrumarem os materiais nos devidos lugares e depois abandonarem a sala.

Aula não assistida

▪ 12/10/ 2009 ▪ 8h15m-9h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

1. Trabalho Diagnóstico.
 2. Conclusões
 3. Análise dos elementos visuais da linguagem plástica.
-

Aula assistida – 5ª Aula

▪ 14/10/ 2009 ▪ 8h15m-9h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

1. Diário gráfico.
 2. Observação de alguns modos de registo.
-

Observação da aula:

- A professora iniciou a aula, mostrando algumas imagens de trabalhos de artistas num diário gráfico.
- À medida que a professora começou a mostrar as imagens, foi estabelecido um diálogo entre ambas as partes, onde esta foi advertindo-os para algumas questões, tais como:
 - Prestar atenção à ocupação das folhas, e à concepção dos diários gráficos.
 - O diário gráfico não tem de ter apenas um desenho em cada folha e não deve ser monótono.
 - Um diário com o mesmo papel não dá a possibilidade de explorar várias técnicas, daí que, muitos artistas têm vários diários gráficos com diferentes tipos de papel.
 - Por vezes, o que está no diário gráfico são apenas apontamentos de ideias, não tem de ser apenas desenho.
- Após a visualização das imagens e do diálogo, aproximou-se o final da aula. A professora disse aos alunos para trazerem na próxima aula diversos materiais riscadores (marcadores, canetas) e para abandonarem a sala.

Aula assistida – 6ª Aula

▪ 14/10/ 2009 ▪ 8h15m-9h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

-
1. Diferentes modos de registo.
-

Observação da aula:

- A professora iniciou a aula, indicando aos alunos que fossem buscar as suas capas para trabalharem. Em seguida, pediu para colocarem em cima da mesa todos os objectos que tinham no estojo, e disse para escolherem apenas um único objecto riscador.
- Dando prosseguimento à aula, propôs aos alunos que utilizando o objecto riscador escolhido, criassem e desenhassem uma composição com os restantes dos objectos que tinham no estojo.
- Esta proposta durou aproximadamente 120 minutos. Depois, no final da aula, foi indicado que arrumassem as capas e os materiais, e que abandonassem a sala.

Aula não assistida

▪ 19/10/ 2009 ▪ 8h15m-09h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Filipa Venâncio

Sumário

1. Diferentes modos de registo.
 2. Estudos gráficos.
-

Apêndice 5 - Proposta do projecto de grupo

Disciplina de Desenho A

Unidade Didáctica: Visão Diacrónica – Movimentos Artísticos Contemporâneos

Proposta de Actividade em sala de aula: Arte Contemporânea/ *Performance*/ Poesia Digital/ Arte pública/ Arte Efémera

Objectivos: Nesta actividade é proposto um exercício de uma *performance* enriquecido com poesia digital. Para tal, os alunos, a partir de um texto de Lourdes de Castro, deverão criar um guião de acção. Deste modo, este ensaio tem como objectivo final a criação de uma arte efémera, registada apenas por meios audiovisuais de forma a consciencializar os alunos para as problemáticas inerentes à Arte Contemporânea.

21 de Outubro

1. Preparação da visita de estudo ao **Centro das Artes - Casa das Mudas**, com o objectivo de oferecer aos alunos a oportunidade de vivenciar uma exposição. Deste modo, procuraremos sensibilizá-los para as múltiplas manifestações artísticas, em particular para a Arte Contemporânea, promovendo, a aprendizagem na educação artística. Para tal, os alunos deverão, como trabalho de casa, reunir algumas informações pertinentes acerca do local a visitar; qual é a espécie de obras que este espaço apresenta ao público.

Como material essencial, os alunos deverão levar materiais riscadores (grafites, canetas, marcadores, lápis de cor...) assim como o diário gráfico.

22 de Outubro

2. Visita de estudo ao Centro das Artes - Casa das Mudas à exposição “**A Experiência da forma: Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea - I**”, que encontrar-se-á patente ao público até ao dia 15 de Novembro de 2009.

“Esta exposição permite ter pela primeira vez uma visão do conjunto alargado da colecção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal. Apesar da sua dimensão, não esgota os fundos da colecção. Em exposição não estão também presentes, por razões de espaço, todas as obras referenciadas em catálogo. Foram criados separadores temáticos, estando a colecção distribuída por Abstracção, Não Figuração, Figuração, Retrato e Paisagem. (...) Encontram-se nomes maiores da produção contemporânea portuguesa como Joaquim Rodrigo, Artur Rosa, Helena Almeida, António Areal, Lourdes de Castro, Jorge Martins, René Bértholo, Ângelo Sousa, Álvaro Lapa, Eduardo Batarida, Pedro Calapez, Pedro Proença, Graça Pereira Coutinho, Rui Sanches, Rui Chafes, Fernanda Fragateiro, Manuel Rosa, Joana Vasconcelos, Sofia Areal, João Queiroz, Jorge Queiroz e muitos outros.¹”

3. Os alunos deverão registar graficamente de forma crítica e criativa, espaços, momentos, sensações, entre outros.

28 de Outubro (aula planificada por Neide Ferreira)

4. Na sala de sessões, através de uma aplicação multimédia em *PowerPoint*, fazer-se-á a introdução e apresentação da unidade didáctica “Movimentos Artísticos Contemporâneos” no contexto nacional, recorrendo para tal, aos métodos diálogo, regressivo e comparativo. A título de exemplo, proporcionar-se-á a visualização e análise de alguns pequenos vídeos, assim como de algumas criações conceptuais de Lourdes de Castro ou de outros artistas que possuam obras igualmente marcantes e elucidativas.

Esta acção tem como objectivo consciencializar e motivar os alunos para as tarefas que lhes serão apresentadas posteriormente, bem como munir os alunos de alguns conhecimentos diacrónicos. Ao longo desta breve abordagem, os discentes serão convidados a verbalizar as suas análises e reflexões sobre as obras apresentadas, consideradas significativas e, de certa forma, marcantes a nível estético-artístico.

¹ (2008) Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea - I. In *Centro das Artes – Casa das Mudanças*. Acedida em Setembro 29, 2009, de: <http://www.centrodasartes.com/Exposicoes-4.aspx> “Exposição comissariada por Francisco Clode de Sousa, que reúne mais 180 entradas de catálogo, cerca de 300 obras de arte, da colecção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal-Fortaleza de São Tiago, e algumas outras a instituições públicas como Câmara Municipal do Funchal, IGA, Instituto de Gestão das Águas da Madeira, Madeira Têcnopolo-Pólo Científico e Tecnológico da Madeira, Biblioteca Pública Regional da Madeira, Museu de Arte Sacra do Funchal e Museu Quinta das Cruzes.”

5. Proposta de trabalho de casa; introdução da Poesia Visual, *Performance* e Arte Pública. Será entregue a cada aluno um conjunto de três imagens referentes às manifestações artísticas referidas anteriormente, sendo-lhes sugerido um estudo/ pesquisa e redacção de um texto sobre cada uma destas temáticas. Para tal, os alunos deverão recorrer ao manual escolar de 12º ano adoptado pela Escola, para além de outros recursos de forma a identificar as imagens e a que contexto artístico elas se inserem. O docente apresenta alguma fontes/ bibliografia de referência.
6. Apresentação da proposta de trabalho a desenvolver nas aulas seguintes.
 - 6.1- Os alunos serão informados sobre as etapas a desenvolver no projecto.
 - 6.2- Introdução do texto de Lourdes de Castro de 1961, onde a artista fala sobre o seu processo criativo. O docente fará a leitura do mesmo, solicitando posteriormente aos alunos, como trabalho de casa, que procedam à sua reflexão.

**“Eu faço objectos
Eu faço esculturas
Eu faço relevos
Eu colo coisas
Eu colo tudo o que é para deitar fora,
todas as coisas que já não servem para nada,
velhas coisas usadas, novas, muito novas,
sem graça;
coloco-as umas ao lado das outras,
empilhadas ou seguindo linhas, não sei
quais: espaços em volta ou espaços nenhuns,
cheios.
Pinto de alumínio. É tudo².”**

- 6.3- Visualização de um trabalho performativo do grupo **Pilobolus Dance Theater**, “AmazingWorld.wmv”³, tendo como objectivo a

² CASTRO, L. (1961). Álbum de Família, vol III. In CASTRO, L. (1992). *Lourdes de Castro: além da sombra*. Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna, Lisboa.

apresentação de um exemplo concreto sobre algo semelhante a ser desenvolvido pelos alunos neste projecto.

7. Formação de quatro grupos de trabalho, dois com seis e dois com cinco elementos.

O docente deverá solicitar aos alunos os seguintes materiais a utilizar na aula seguinte: materiais riscadores, papel de cenário, papel pardo (A2).

29 de Janeiro (aula planificada por Andreia Tomás)

8. Os alunos deverão discutir a mensagem inerente ao texto apresentado na aula anterior.
9. O docente introduzirá, através da visualização do filme “Singling Sculpture” de Gilbert & George (1969) a *Performance*. Posteriormente, será aberto o debate à turma sobre a linguagem performativa.
10. Em grupo os alunos, a partir do texto de Lourdes de Castro, e tendo em conta esta linguagem específica, deverão explorar e realizar um *storyboard*, através de registo gráficos sobre cavalete, as expressões corporais que transmitam as ideias transcritas (máximo de seis posições por grupo). Estas expressões deverão ser ensaiadas de forma a criar uma sequência. Ter em conta que, esta *performance* poderá e deverá incluir várias expressões em simultâneo, tais como: visual, corporal, verbal e/ ou musical.
11. Análise dos registos fotográficos feitos pelo docente, de modo a seleccionar as posições mais representativas para a *performance*.
12. Elaboração do guião de acção referente a cada grupo de trabalho.

O docente deverá solicitar aos alunos os seguintes materiais a utilizar na aula seguinte: pincéis, tinta da china, acrílicos, guaches entre outros.

04 de Novembro (aula planificada por Teresa Barros)

13. Introdução à Poesia Visual versus Infopoesia, através de um *PowerPoint*.

³ O grupo norte-americano Pilobolus Dance Theater, cujos espectáculos misturam dança, acrobacia e sombras chinesas, é actualmente a companhia de bailado Norte-Americana com maior influência internacional contando já com mais de três décadas a fazer da dança o mais forte testemunho do seu estatuto artístico. Têm vindo a expandir o seu trabalho para o desenvolvimento de programas pedagógicos nos Estados Unidos. <http://www.pilobolus.org/>

14. Visualização de excertos do vídeo “A mão inteligente de Ana Hatherly”, de Luís Alves de Matos.⁴
15. Experimentação e exploração do conteúdo do texto de Lourdes de Castro, através, da linguagem alfabética em registo gráfico, de acordo com o método *brainstorming*. Para tal, serão usados os seguintes materiais: pincéis, tinta da china, acrílicos, guaches entre outros.

05 de Novembro (aula planificada por Teresa Barros)

16. Os alunos deverão, se assim o entenderem passar alguns destes registos para formato digital, de forma a criarem uma composição infopoética, com a duração sequencial de 2 minutos mínimo e máximo de 3 minutos, tendo em conta as composições da linguagem alfabética criadas na aula anterior. Esta composição textual deverá ser executada com as ferramentas do *software PowerPoint*.

Data a definir – dependerá se haverá parceria com a disciplina de Oficinas Multimédia (aula planificada por Teresa Barros)

17. Continuação e conclusão dos trabalhos desenvolvidos na infopoesia.
18. Visionamento dos mesmos, de forma a corrigir possíveis falhas.

O docente deverá solicitar aos alunos os seguintes materiais riscadores a utilizar na aula seguinte: grafites, marcadores, canetas, pincéis, tinta da china, acrílicos, guaches entre outros.

11 de Novembro (aula planificada por Carolina Martins)

19. Breve introdução ao conceito de Arte Pública numa apresentação em *PowerPoint*.
20. Através de um *brainstorming*, tendo em conta o contexto da *Performance* e da Poesia Visual, os alunos, em grupo, deverão construir fisicamente vários espaços cénicos, tendo em conta os objectos presentes na sala de aula, a utilização do projector de vídeo.
21. Os discentes deverão registar graficamente os múltiplos espaços cénicos, de modo a antever os enquadramentos visuais possíveis do espaço criado.
22. O docente fará o registo fotográfico desses mesmos espaços.

⁴ MATOS, L. A. (2002). *A mão inteligente de Ana Hatherly*. Produção Amatar Filmes em co-produção com a RTP2.

12 de Novembro (aula planificada por Carolina Martins)

23. Visualização dos registos fotográficos colhidos pela professora na aula anterior e selecção do cenário que melhor se adequa ao objectivo pretendido pelos quatro grupos de trabalho, de modo a recriar o mesmo, no dia da *performance*.
24. Iniciação ao exercício de preenchimento de uma proposta modelo de catalogação a aplicar num Museu de Arte Contemporânea, apresentada por Magalhães (2007)⁵, na Revista “@pha.Boletim nº5 – Preservação da Arte Contemporânea” de modo a estabelecer estratégias e planos de acção, tanto a nível de gestão, conservação e exposição de obras conceptuais.
25. No espaço Escola (a definir), os alunos deverão proceder à recriação do cenário escolhido.

Data a definir pela Professora Filipa Venâncio (aula planificada pelo grupo)

26. No espaço cénico, cada grupo deverá representar as sequências de expressão corporal, trabalhando em conjunto e simultaneamente, será projectado a composição infopoética executada anteriormente. Deste modo, a composição digital aliar-se-á à representação corporal, interferindo de igual forma, no espaço cénico.
27. Esta *performane* será registada em suporte vídeo. A captura de imagem será estática, em plano geral, sem deturpar o acto performativo. Ou seja, a máquina encontrar-se-á sobre o tripé, onde permanecerá imóvel desde o início até ao fim da *performance*.
28. À posteriori, e em momento oportuno, o filme será apresentado à Comunidade Escolar.

Data a definir (aula planificada por Neide Ferreira)

29. A turma deverá observar os trabalhos desenvolvidos, debatendo e interpretando todo o processo criativo, verbalizando a forma como vivenciaram esta experiência.
30. Para finalizar, os alunos deverão concluir o preenchimento do protótipo da “base de dados” sobre todo o processo criativo deste projecto. Deste modo, pretendemos consciencializá-los das particularidades inerentes à inserção de obras artísticas num Museu de Arte Contemporânea.

⁵ MAGALHÃES, A. (Dezembro, 2007). Proposta para um modelo de catalogação como estratégia de gestão e conservação de obras de arte de imagem em movimento. In @pha. Boletim nº 5 – Preservação da Arte Contemporânea. Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA).

Apêndice 6 - Planificação geral das aulas de estágio



Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais

Disciplina: Desenho A

12º ano, Turma 13

ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO FRANCO DESENHO A (12º ano) 2009/2010 PLANIFICAÇÃO GERAL DAS AULAS DE ESTÁGIO Inseridas no Mestrado em Ensino das Artes Visuais do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário			PLANO DE UNIDADE DE TRABALHO: Manifestações Artísticas Contemporâneas				Professoras: Andreia Tomás, Carolina Martins, Neide Ferreira, Teresa Barros.
			Domínios: Saber; Saber-fazer; Atitudes e Valores				
COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS ("Ver-Criar-Comunicar")	CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	ATIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	RECURSOS DIDÁTICOS	RECURSOS MATERIAIS	AValiação
(1) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;	OBSERVAR E ANALISAR	VISÃO	Reconhecer a importância do desenho face ao comportamento da sociedade actual.	- Preparação da visita de estudo ao Centro das Artes - Casa das Mudas . - Os alunos deverão, como trabalho de casa, reunir algumas informações pertinentes sobre o edifício a visitar; especificidades da arquitectura assim como outras linguagens plástico-artísticas que este espaço oferece ao público fruidor.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do catálogo da exposição "A Experiência da Forma: Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea - I". 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro negro - Giz 	AQUISIÇÃO DE CONCEITOS e CONCRETIZAÇÃO DE PRÁTICAS 95% <ul style="list-style-type: none"> - Portfólio - Diário gráfico, com carácter plástico-expressivo e experimental - Trabalhos práticos (desenhos, concretizações gráficas, projecto desenvolvidos no âmbito da disciplina) - Trabalhos extra aula (recolha e pesquisa teórica e visual) - Trabalhos de grupo/ individuais - Textos produzidos (comentários, textos de reflexão, verbalização da experiência) - Auto e heteroavaliação
			Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e reflexão.	- Visita de estudo ao Centro das Artes - Casa das Mudas , à exposição " <u>A Experiência da forma - Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea - I</u> ". - Apresentação por parte dos docentes de algumas obras de artistas marcantes e relevantes, tendo em conta as múltiplas linguagens utilizadas nas criações artísticas. - Registo gráfico por parte dos alunos de uma ou duas obras que se encontram patentes, assim como do espaço envolvente e inerente ao próprio Centro das Artes ; representação de forma crítica e criativa, espaços, momentos, sensações, entre outros.			
(2) Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;	MANIPULAR E SINTETIZAR	MATERIAIS	Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficácia os				VALORES E ATITUDES GERAIS 5% <ul style="list-style-type: none"> - Motivação - Interesse
(3) Pesquisar, seleccionar e organizar							

<p>informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>(4) Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;</p> <p>(5) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;</p> <p>(6) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;</p> <p>(7) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e</p>	<p>sistemas simbólicos a que pertencem.</p> <p>- Reconhecer composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual.</p> <p>- Desenvolver a capacidade de observação, interrogação, interpretação e intervenção perante a sociedade actual.</p> <p>- Reconhecer os recursos multimédia como meios de expressão artística.</p> <p>- Formular leituras críticas das manifestações conceptuais, de acordo com os seus aspectos morfológicos, técnicos, semânticos e estilísticos.</p> <p>- Compreender a necessidade de uma</p>	<p>INTERPRETARE E COMUNICAR</p>	<p>PROCEDIMENTOS</p>	<p>Técnicas - modos de registo; processos de análise e processos</p>	<p>diversos recursos do desenho.</p>	<p>- Distribuição e preenchimento de "<u>Actividade de Diagnóstico</u>" por cada um dos alunos.</p>	<p>- Visualização do catálogo da exposição "A Experiência da Forma: Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea – I".</p> <p>- Apresentação de dezoito imagens a cores, presentes na ficha "Actividade de Diagnóstico"</p> <p>- 22 folhas com a "Actividade de Diagnóstico".</p>	<p>- Quadro negro</p> <p>- Giz</p>	<p>- Organização</p> <p>- Autonomia e espírito de equipa</p> <p>- Superação de obstáculos</p> <p>- Empenho</p> <p>- Assiduidade</p> <p>- Pontualidade</p> <p>- Material</p> <p>- Comportamento</p> <p>- Capacidade de iniciativa</p>
					<p>Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas em função das suas propriedades físicas.</p>	<p>- Introdução da unidade de trabalho "Manifestações Artísticas Contemporâneas".</p> <p>- Apresentação da proposta de trabalho/ projecto a desenvolver nas alunas seguintes.</p> <p>- Proposta de trabalho extra-aula; recolha e pesquisa teórica sobre Poesia Visual, <i>Performance</i> e Arte Pública.</p> <p>- Formação de grupos de trabalho, jogo didáctico, "O mês e dia em que nasci".</p>	<p>- Apresentação de <i>PowerPoint</i>, "Manifestações Artísticas à luz dos séculos XX e XXI: Arte Contemporânea".</p> <p>- 1 folha por cada aluno com três imagens referentes às temáticas: <i>Performance</i>, Poesia Visual e Arte Pública.</p> <p>- 22 folhas com o texto de Lourdes de Castro.</p>	<p>- Projector de vídeo</p> <p>- Computador portátil</p> <p>- Colunas de som</p>	<p>- Responsabilidade, higiene e segurança no trabalho</p> <p>- Respeito pelos materiais e bens colectivos</p>
					<p>Compreender a importância do factor económico considerando como condicionantes os materiais, o tempo e a conservação.</p>	<p>- Discussão das mensagens inerentes ao texto de Lourdes de Castro apresentado na aula anterior.</p> <p>- Introdução da linguagem performativa através da visualização de imagens e de alguns vídeos.</p>	<p>- 22 folhas, cada uma com três imagens referentes a: <i>Performance</i>, Poesia Visual e Arte Pública.</p> <p>- 22 folhas com a proposta de trabalho extra-aula e referências bibliográficas.</p>	<p>- Quadro negro</p> <p>- Giz</p> <p>- Projector de vídeo</p> <p>- Computador portátil</p> <p>- Máquina fotográfica</p>	<p>(considerar o que consta no programa da disciplina)</p>
					<p>Desenvolver capacidades de avaliação e a sua comunicação,</p>	<p>- Apresentação da actividade de trabalho a desenvolver na aula.</p> <p>- A partir do texto de Lourdes de Castro, exploração e realização uma narrativa, através de registos gráficos de expressões corporais.</p>	<p>- Análise do texto de Lourdes de Castro.</p> <p>- Apresentação de <i>PowerPoint</i>, "O corpo na performance".</p>		

da qualidade de vida.		nova postura activa dos Museus de Arte Contemporânea perante o objecto artístico efémero. - Reflectir sobre o paradigma da Arte Contemporânea. - Estimular a criação e fruição de manifestações artísticas contemporâneas.		de síntese (transformação infográfica e invenção)	aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado individualmente ou em grupo.	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de um <i>storyboard</i>. - Análise dos registos fotográficos feita pelos alunos, de modo a seleccionar as posições mais representativas para a realização do exercício da <i>performance</i> final. - Elaboração do guião de acção referente a cada grupo de trabalho. 	- Apresentação de <i>PowerPoint</i> , "Registos gráficos e fotográficos".	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro negro - Giz - Projector de vídeo - Computador portátil 	
						<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da linguagem da Arte Pública, e do seu contexto sociológico. - Abertura de um debate sobre a linguagem da Arte Pública. - A partir do texto de Lourdes de Castro, criação um cenário, utilizando os objectos da sala de aula. - Execução de registos gráficos do cenário feito em grupo. 	- Apresentação de <i>PowerPoint</i> , "Arte Pública e o seu contexto sociológico".	<ul style="list-style-type: none"> - Computador portátil - Projector de vídeo - Máquina fotográfica 	
				SINTAXE	Domínios e conceitos estruturais da linguagem plástica.	<ul style="list-style-type: none"> - Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. 			
				SENTIDOS	Visão sincrónica e diacrónica do Desenho	Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.	<ul style="list-style-type: none"> - Visualização de um excerto do vídeo "A mão inteligente de Ana Hatherly", de Luís Alves de Matos. - Introdução à Poesia Visual/poesia digital, através de um <i>PowerPoint</i>. - Experimentação e exploração da linguagem alfabética em registo gráfico, com base no texto de Lourdes de Castro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Excerto do vídeo "A mão inteligente de Ana Hatherly", de Luís Alves de Matos. - Apresentação de <i>PowerPoint</i> (Poesia Visual) 	<ul style="list-style-type: none"> - Projector de vídeo - Computador portátil - Tela de projecção - Máquina fotográfica - Quadro negro - Giz
						Respeitar e apreciar modos	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da Poesia Digital. - Execução da Poesia Visual, em formato digital, conjugando com texto do software; composições da linguagem alfabética, criadas na aula anterior. 	- Apresentação de <i>PowerPoint</i> (Poesia Digital)	<ul style="list-style-type: none"> - 3 extensões eléctricas - 4 computadores portáteis - Máquina fotográfica

				de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação e conclusão dos trabalhos desenvolvidos na infopoésia. - Visionamento dos mesmos, de forma a corrigir possíveis falhas. 	- Não foram utilizados recursos didácticos.	<ul style="list-style-type: none"> - 3 extensões eléctricas - 4 computadores portáteis - Máquina fotográfica 	
					<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios Performativos com projecções de composições infopoéticas no espaço cénico. 	- Não foram utilizados recursos didácticos.	<ul style="list-style-type: none"> - Computador portátil - Projector de vídeo - Colunas de som 	
					<ul style="list-style-type: none"> - Observação dos trabalhos desenvolvidos pelos grupos. - Preenchimento do protótipo da "base de dados", espécie de memória descritiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de PowerPoint, "Memória Descritiva". - Fichas de trabalho de grupo, "Memória Descritiva". 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador portátil; - Projector de vídeo 	

Apêndice 7 - Teste diagnóstico



Escola Secundária de
Francisco
Franco

12º ano, Turma 13

Disciplina: Desenho A

Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais

Professora Orientadora: Filipa Venâncio

ACTIVIDADE DE DIAGNÓSTICO

Actividade proposta pelas professoras em prática de ensino supervisionado:

Andreia Tomás; Carolina Martins; Neide Ferreira; Teresa Barros

Nome: _____ Nº _____ Data: ____/____/____

Consigo identificar personalidades de relevo no meio artístico...

Relacione os nomes dos criadores à esquerda com as actividades estético -artísticas referenciadas à direita.

- | | | |
|----------------------|--------------------------|---|
| A. Lourdes de Castro | <input type="checkbox"/> | Fundador do Cubismo, foi um dos maiores artistas plásticos do século XX. |
| B. Miguel Ângelo | <input type="checkbox"/> | Escritor e artista plástico, autor do <i>Manifesto Anti-Dantas</i> (1915). |
| C. Pedro Almodóvar | <input type="checkbox"/> | Engenheiro, autor da <i>Estatua da Liberdade</i> e de uma famosa torre. |
| D. Paulo David | <input type="checkbox"/> | Arquitecto do <i>Museu de Arte Contemporânea de Serralves</i> , Porto. |
| E. Gustave Eiffel | <input type="checkbox"/> | Artista plástica que, nas suas criações, usa o corpo enquanto elemento identificador da sua cultura. |
| F. Charlie Chaplin | <input type="checkbox"/> | Artista que referiu: “tudo pode ser usado como uma obra de arte”. |
| G. Siza Vieira | <input type="checkbox"/> | Artista plástico e músico, figura incontornável da <i>Pop Art</i> . |
| H. Vanessa Beecroft | <input type="checkbox"/> | Artista contemporânea que realiza <i>performances</i> e que começou a sua carreira no início dos anos 70. |
| I. Marcel Duchamp | <input type="checkbox"/> | Escritor e realizador do filme <i>Tudo sobre a minha Mãe</i> . |
| J. Pablo Picasso | <input type="checkbox"/> | Artista portuguesa que realiza trabalhos de fotografia em que o corpo é uma constante nos seus trabalhos. |
| L. Almada Negreiros | <input type="checkbox"/> | Genial criador de <i>Charlot</i> , o maior ícone da história do cinema. |
| M. Andy Warhol | <input type="checkbox"/> | Escritor, poeta, historiador e pintor português. |
| N. António Aragão | <input type="checkbox"/> | Artista contemporânea portuguesa que trabalhou a <i>temática</i> das sombras. |
| O. Christo | <input type="checkbox"/> | Arquitecto português, autor do <i>Centro das Artes – Casa das Mudas</i> (Calheta). |
| P. Helena Almeida | <input type="checkbox"/> | Artista que envolve temporariamente os monumentos. |

Q. Marina Abramovic



Autor dos frescos da Capela Sistina (Roma).

Sei distinguir as principais expressões/técnicas artísticas...

Elabore uma definição simples para cada uma das expressões/técnicas artísticas.

A. Desenho: _____

B. Pintura: _____

C. Escultura: _____

D. Arquitectura: _____

E. Arte Pública: _____

F. Performance: _____

Sei analisar e interpretar uma obra de arte...

Observe a **figura nº. 1** e responda às seguintes questões.

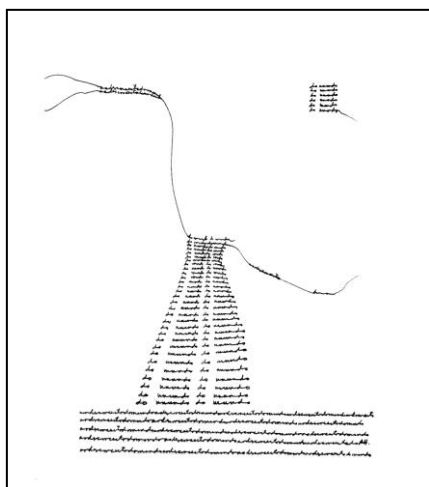


Figura 1
ANA HATHERLY
Caligrama, 1997

Tinta da China sobre papel
30 x 21 cm

Museu de Arte Contemporânea do Funchal



Figura 2
LEONARDO DA VINCI
A Última Ceia, 1495-98

Pintura mural com têmpera
244x234 cm

Indique:

- Nome do artista: _____;
- Data de produção: _____;
- Título: _____; Técnica: _____;

- Suporte: _____; Dimensões (aproximadas): _____;
- Localização: _____.

Esta imagem representa um desenho:

a) Figurativo Não figurativo Abstracto

b) Que cria uma nova realidade ou que representa o mundo visível

Caracterize sucintamente a composição do quadro representado.

É fundamental ler/ identificar o que a artista escreve/ desenha?

Que sentimentos, emoções e/ou ideias lhe transmite a obra representada?

Observe as duas pinturas apresentadas anteriormente:

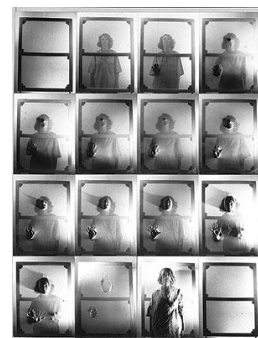
Entre a **figura 1 e a figura 2**, indique qual das duas obras se aproxima mais da realidade, justificando com base nos conhecimentos adquiridos em anos anteriores.

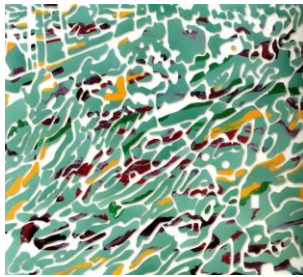
Sei identificar obras-primas da arquitectura, da pintura e da escultura...

Indique os autores das seguintes obras de arte.









Apêndice 8 - Correção do teste diagnóstico



Escola Secundária de
Francisco
Franco

Turma: 13, 12ºano
Ano lectivo 2009/2010
Curso Científico -Humanístico de Artes Visuais
Disciplina: Desenho A
Professora orientadora: Filipa Venâncio
Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás

Unidade de trabalho: “Movimentos Artísticos Contemporâneos” (*Performance/ Poesia Digital/ Arte Pública*)

ACTIVIDADE DE DIAGNÓSTICO - (correção/preparação para a aula)

Professoras em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás; Carolina Martins; Neide Ferreira; Teresa Barros

CONSIGO IDENTIFICAR PERSONALIDADES DE RELEVO NO MEIO ARTÍSTICO...

RELACIONE OS NOMES DOS CRIADORES À ESQUERDA COM AS ACTIVIDADES ESTÉTICO - ARTÍSTICAS REFERENCIADAS À DIREITA

1-J ; 2- L; 3- E; 4- G; 5- H; 6- I; 7- M; 8- Q; 9- C; 10- P; 11- F; 12- N; 13- A; 14- D; 15- O; 16- B

SEI DISTINGUIR AS PRINCIPAIS EXPRESSÕES/TÉCNICAS ARTÍSTICAS....

ELABORE UMA DEFINIÇÃO SIMPLES PARA CADA UMA DAS EXPRESSÕES/TÉCNICAS ARTÍSTICAS

A. Desenho: é um suporte artístico ligado à produção de obras bidimensionais, diferindo, porém da pintura e da gravura. Neste sentido, o desenho é encarado tanto como processo quanto como resultado artístico. No primeiro caso, refere-se ao processo pelo qual uma superfície é marcada aplicando-se sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, caneta ou pincel) e movendo-a, de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas. O resultado deste processo (a imagem obtida), portanto, também pode ser chamada de desenho. Desta forma, um desenho manifesta-se essencialmente como uma composição bidimensional formada por linhas, pontos e formas, e que se apropria essencialmente de materiais secos.

O desenho envolve uma atitude do desenhador (o que poderia ser chamado de desígnio) em relação à realidade: o desenhador pode desejar imitar a sua realidade sensível, transformá-la ou criar uma nova realidade com as

características próprias da bidimensionalidade ou, como no caso do desenho de perspectiva, a tridimensionalidade.

B. Pintura: é a técnica de aplicar pigmento em forma líquida sobre uma superfície, afim de colori-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas.

Num sentido mais específico, é a arte de pintar uma superfície, tais como papel, tela, ou uma parede (pintura mural ou de frescos). Existe várias técnicas de pintura, desde pintura em acrílico, pintura a óleo, aguarela, ... entre outras. A pintura a óleo é considerada por muitos como um dos suportes artísticos tradicionais mais importantes. A pintura, diferencia-se do desenho pelo uso dos pigmentos líquidos e o uso constante da cor.

No entanto, há controvérsias sobre essa definição de pintura. Com a variedade de experiências entre diferentes meios e o uso da tecnologia digital, a ideia de que pintura não precisa de se limitar à aplicação do "pigmento em forma líquida". Actualmente o conceito de pintura pode ser ampliado para a representação visual através das cores. Mesmo assim, a definição tradicional de pintura não deve ser ignorada.

C. Escultura: é uma linguagem da arte que se representa em relevo total ou parcial. Pode ser realizada segundo várias técnicas de trabalhar os materiais, como por exemplo, a fundição, a moldagem ou a aglomeração de partículas para a criação de um objecto.

Os diversos materiais podem ser utilizados por esta linguagem artística, uns mais perenes como o bronze ou o mármore, outros mais efémeros, e muitas vezes mais fáceis de trabalhar, como a argila, a cera ou a madeira, e outros materiais.

Esta técnica está mais sujeita à representação do real, nos seus primórdios e tradicionalmente, esta linguagem plástica, visava a representação do copo humano, ou a divindade antropomórfica. Contudo, na actualidade esta linguagem plástica serve para executar vários tipos de representações.

Esta linguagem é considerada a quarta, das artes clássicas.

D. Arquitectura: é a arte ou técnica de projectar e edificar o ambiente habitado pelo Homem. Quando se fala em arquitectura fala-se, entre muitas outras coisas, da organização do espaço.

A arquitectura é uma forma universal de ordenar o mundo que nos rodeia, para a qual contribuíram, através dos tempos, artistas, artesãos, cientistas, os quais - em conjunto com a população anónima - construíram obras por todo o mundo.

Esta disciplina deixou de ser um tema exclusivo dos arquitectos assumindo um papel cada vez mais interdisciplinar e transdisciplinar, bem como uma gradual transformação do seu campo de acção, pois na actualidade podemos identificar a arquitectura de não habitacional, existindo entre um limiar da escultura de tamanho XXL, e a fronteira da arquitectura utópica.

E. Arte Pública: é uma manifestação artística interdisciplinar e transdisciplinar que traduz-se em todas as intervenções artísticas realizadas num espaço público de livre acesso rua, praça, jardim, metro, fachada de edifício, internet, etc. Esta engloba uma múltipla diversidade de géneros artísticos, desde a escultura, pintura, grafite, mosaico, mural, *hapenning*, performance, instalação, entre outras formas de expressão.

Reivindica do seu público uma participação, uma análise, uma compreensão. Cria muitas vezes situações polémicas, essencialmente pela sua abrangência urbana, pelos locais onde surge, pelos públicos que contacta, pois diariamente pode ser frequentada por milhares de transeuntes ou de fruidores.

F. Performance: é uma manifestação artística interdisciplinar, assim como o *happening*. Pode combinar teatro, musica, poesia ou vídeo. É característica da segunda metade do século XX. A sua origem está ligada aos movimentos de Vanguarda (dadaísmo, futurismo...). Difere do *happening* por ser mais cuidadosamente elaborada, não envolvendo necessariamente a participação dos espectadores. Em geral, segue um guião previamente definido, podendo ser reproduzida em momentos e locais diversos. É realizada para uma plateia quase sempre restrita ou mesmo ausente, assim depende de registos, através de fotografias, vídeos e/ou memórias descritivas, para que, desta forma, se torne conhecida do público.

SEI ANALISAR E INTERPRETAR UMA OBRA DE ARTE...

OBSERVE A FIGURA Nº. 1 E RESPONDA ÀS SEGUINTEs QUESTÕES.

INDIQUE:

Nome do artista: Ana Hatherly.

Data de produção: 1997.

Título: *Caligrama*

Técnica: Tinta-da-china

Suporte: Papel

Dimensões (aproximadas): 30x21cm

Localização: Museu de Arte Contemporânea do Funchal

ESTA IMAGEM REPRESENTA UM DESENHO:

- a) Figurativo
- b) Que cria uma nova realidade
- c) A composição traduz, através da construção de frases um objecto – uma jarra, (através da poesia visual, o observador/fruidor tem noção da imagem.)
- d) Não é fundamental ler o que o artista escreve, pois isso não altera a leitura da imagem no seu sentido visual, altera somente o seu sentido simbólico, e esse sentido, vai depender daquilo que o artista quer transmitir.
- e) A obra traduz a ideia de que a artista quis transmitir através da utilização da escrita uma nova forma de construção de compor os objectos.

OBSERVE AS DUAS PINTURAS APRESENTADAS ANTERIORMENTE:

ENTRE A FIGURA 1 E A FIGURA 2, INDIQUE QUAL DAS DUAS OBRAS SE APROXIMA MAIS DA REALIDADE, JUSTIFICANDO COM BASE NOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS EM ANOS ANTERIORES

A obra que se aproxima mais da realidade, é a figura, pois esta traduz uma realidade visível tal como a conhecemos, enquanto que a figura 1 traduz-nos uma nova realidade, um novo figurativismo, que só lemos no conjunto da composição.

SEI IDENTIFICAR OBRAS-PRIMAS DA ARQUITECTURA, DA PINTURA E DA ESCULTURA....

INDIQUE OS AUTORES DAS SEGUINTE OBRAS DE ARTES

Frank Owen Gehry nasceu em Toronto, 28 de Fevereiro de 1929 é um arquitecto canadiano, naturalizado estado-unidense. Vencedor do Pritzker Prize, que é tido como

o Nobel da arquitectura. É conhecido pelo seu design arrojado na arquitectura, repleto de estruturas curvas, geralmente em metal. Os seus projectos, tornaram-se atracções turísticas e incluem residências, museus e sedes de empresas. A obra da “actividade diagnóstico”, “Museu Guggenheim Bilbao”, situa-se em Bilbao, Espanha. É uma das suas obras mais famosas todo revestido de titânio. Outros projectos importantes são o Walt Disney Concert Hall no centro de Los Angeles, entre outros.

Joana Vasconcelos nasceu em Paris, 8 de Novembro de 1971.

Formou-se no AR.CO, em 1996. Já ganhou diversos prémios, incluindo o concurso do Museu Berardo. É uma artista plástica portuguesa contemporânea, considerada como uma das mais marcantes da última década. Trabalha frequentemente com a escultura e a instalação. A sua mais famosa obra, Néctar pertencente à Coleção Berardo e está exposta no Museu Coleção Berardo, instalado no CCB. Muitos dos seus trabalhos estão patentes em colecções privadas europeias. Na Bienal de Veneza, em 2005, a artista representou Portugal com A Noiva (candeeiro de tampões).

A obra da “actividade diagnóstico”, “Cinderela”, 2007, em aço inox e cimento, trata-se de sandália de salto alto construída em escala ampliada com centena e meia de painéis e tachos e as respectivas tampas. A famosa escultura “Cinderela” foi adquirida pela empresa Amorim Turismo como peça de referência para o seu mais recente projecto, o “Tróia Design Hotel”.

Pablo Picasso nasceu em Málaga, 25 de Outubro de 1881 e faleceu a 8 de Abril de 1973. Conhecido como sendo o co-fundador do Cubismo, junto com Georges Braque. Foi reconhecidamente um dos mestres da Arte do século XX. É considerado um dos artistas mais famosos e versáteis de todo o mundo, tendo criado milhares de trabalhos, desde pinturas, esculturas e cerâmica, usando, todos os tipos de materiais. A obra da “actividade diagnóstico” “Guernica”, é uma das obras mais conhecidas de Picasso, encontra-se em exposição no Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, em Madrid. Esta obra retrata a cidade basca de Guernica, aquando o bombardeio pelos aviões da Luftwaffe de Adolf Hitler. Esta grande tela representa para muitos a desumanidade, brutalidade e desesperança da guerra.

Marina Abramovic nasceu em Belgrado, a 30 de Novembro de 1946.

É uma artista que começou sua carreira no início dos anos 70 e que se encontra activa a três décadas, ela recentemente começou a se descrever como a “Avó da arte da performance”. O trabalho da Abramovic explora a relação entre a performance e o público, os limites do corpo, e as possibilidades da mente.

Spencer Tunick nasceu nos E.U.A., a 1 de Janeiro de 1967.

Desde 1992 que documenta a nudez de multidões. As suas instalações consistem de dezenas ou mesmo centenas de figurantes voluntários que posam em locais públicos; sendo as fotografias um documentário do evento em si. A obra da “actividade diagnóstico”

Paulo David nasceu no Funchal, em 1959, é arquitecto.

Recebeu o Prémio de Arquitectura Cidade do Funchal – 96, 1º Edição. Nomeado para o Prémio Europeu de Arquitectura Contemporânea Mies Van Der Rohe 2005. A obra da “actividade diagnóstico”, “Centro de Artes – Casa das Mudanças” na Calheta, na Ilha da Madeira, 2004, foi concebida por este arquitecto, este edifício foi nomeado para o prémio Mies Van der Rohe 2005, conta com uma área coberta de construção de 12.000m², tendo sido construído como expansão da já existente Casa da Cultura da Calheta. Com um núcleo de construção completamente novo e autónomo, o novo Centro inclui área para exposições temporárias e permanentes, auditório, biblioteca, loja/livraria, cafetaria, restaurante, áreas de administração, uma ampla zona de animação cultural com ateliês e oficinas artísticas e um parque de estacionamento subterrâneo com capacidade para 92 lugares.

Lourdes de Castro nasceu no Funchal, em 1930.

Ao longo do seu percurso artístico, fiel a uma linha exploratória, trabalhou a *temática* das sombras sobre vários suporte e aplicando múltiplas técnicas. As suas primeiras experiências com o *plexiglass* surgem em 1964, indo até 1968 aproximadamente. A obra da “actividade diagnóstico”, sem título, datada de 1965. Encontra-se inserido na temática “Figuração”. Pertence à colecção da Câmara Municipal do Funchal.

Almada Negreiros nasceu em S. Tomé e Príncipe em 1893 e faleceu em 1970.

Para além de artista plástico, foi escritor, poeta, ensaísta, dramaturgo e romancista, ligado ao grupo Modernista. A obra da “actividade diagnóstico”, “Auro-retrato com Citações”, datada de 1948, com a técnica do desenho s/ papel. Encontra-se inserido na temática “Figuração”.

Frank Lloyd Wright nasceu em 1867, nos Estados Unidos e faleceu em 1959. Considerado um dos arquitectos mais importantes do século 20, destacando-se como figura mestra da arquitectura orgânica. Acreditava que a arquitectura não era só uma questão de habilidade e criatividade, mas deveria transmitir felicidade. Defendia que o projecto deve ser individual, de acordo com a localização e finalidade. Dizia que "a forma e a função são uma só". A obra da "actividade diagnóstico", "Casa da Cascata ou Casa Kaufmann", datada de 1936, residência construída com materiais experimentais da época, no meio de um bosque nos Estados Unidos. Actualmente é um Museu. A sua principal característica é o facto de ter sido construída sobre uma pequena queda d'água, utilizando os elementos naturais ali presentes (como as pedras, vegetação e a própria água) como constituintes da composição arquitectónica.

Helena Almeida nasceu em Lisboa em 1934. Tirou o curso de Pintura da ESBAL. A sua obra é muito diversificada (pintura, desenho, instalação, escultura e gravura), tem um denominador comum: a fotografia.

A obra da "actividade diagnóstico", "Tela Habitada", 1976, representa e utiliza o seu próprio corpo numa sequência de imagens em que simula romper a tela e, ainda que aparentemente o consiga, na penúltima fotografia, percebe-se que o seu objectivo não é alcançado, sugerindo depois o recomeço de modo cíclico, infundável.

No seio de uma sociedade e de uma cultura onde pesa um passado ancilosado, a obra de Helena Almeida é uma abertura à contemporaneidade. Partindo, como muitos outros artistas, duma prática da pintura na qual transitou com insofismável autoridade, ela enveredaria nos últimos cinco anos por novos meios de expressão que não têm, em Portugal e no estrangeiro, equivalentes possíveis.

Rui Chafes nasceu em Lisboa, em 1966.

A obra da "actividade diagnóstico", "Bolor Pólen XII", datada de 1998, onde utilizou ferro pintado e bolas de golfe. Encontra-se inserido na temática "Abstracção". Pertence à colecção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal.

Pedro Gomes nasceu em Moçambique, em 1972. Vive e trabalha em Lisboa. A obra da "actividade diagnóstico" sem título, datada de 1997, onde utilizou a esferográfica sobre tela. Encontra-se inserido na temática "Abstracção". Pertence à colecção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal.

O seu trabalho encontra-se presente em diversas colecções públicas, tais como: Fundação Calouste Gulbenkian, António Calhola Collection, PLMJ Associados.

Pedro Calapez nasceu em Lisboa em 1953. É um artista plástico português, vive e trabalha em Lisboa. Começou a participar em exposições nos anos 1970, tendo realizado a sua primeira individual em 1982. O seu trabalho tem sido mostrado em diversas galerias e museus tanto em Portugal como no estrangeiro.

A obra da “actividade diagnóstico”, “Uma breve visão” insere-se na temática da paisagem.

Pedro Tudela nasceu em Viseu em 1962, vive e trabalha no Porto. É licenciado em Artes Plásticas - Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde é Assistente no departamento de Pintura desde 1999.

Expõe com regularidade, individual e colectivamente, em Portugal e no estrangeiro desde 1982. Ingressa na Virose, associação cultural e recreativa em 2000. É co-fundador e editor da media label Crónica. É membro da associação Granular. Trabalha com vários suportes e materiais. Realização instalações. Espora de igual forma o vídeo e o som. A obra da “actividade diagnóstico”, sem título, insere-se na temática do retrato.

Rigo - Ricardo Gouveia é um artista madeirense residente em São Francisco. Um verdadeiro cidadão do mundo, sempre pronto a apontar o dedo ao que está mal, a realizar a crítica social. Podia fazê-lo por escrito, filmar as suas críticas, fazer um discurso nos media... Mas não, fá-lo nas ruas, nas paredes, obrigando quem passa a ver, a não ignorar. É um artista urbano que faz das paredes a sua voz, é nelas que faz as suas denúncias, acusações, apelos...

O trabalho deste artista tem sempre motivações activistas ou político-culturais de uma ironia aguçada, caracteriza-se por uma sensibilidade especial para se integrar no contexto urbano, tem sido incansável na denúncia dos direitos civis, tendo já uma obra substancial, relacionada com as comunidades e os contextos culturais por onde viajou.

A obra da “actividade diagnóstico”, “Chess Players”, da serie Market Street Tales inserida na temática do figurativo.

Gaëtan nasceu em Luanda em 1944. É um dos artistas que mais problematizaram a questão do desenho, num país em que esta disciplina se erigiu, desde a década de 60, como o campo mais fértil em termos de conceptualização e de indagação dos

limites linguísticos e disciplinares da arte. Gaëtan tem feito uma desconstrução radical do seu próprio rosto, numa perturbante e misteriosa investigação, cujos contornos se situam no âmago do ser, na experiência da transcendência, “a única revelação possível da maravilha da ideia e do infinito”. A obra da “actividade diagnóstico”, sem título, insere-se na temática do retrato.

Philippe Patrick Starck nasceu a 18 de Janeiro de 1949 em Paris. É um designer industrial Francês e provavelmente um dos mais conhecidos no New Design. Os seus trabalhos vão desde objectos do quotidiano a grandes iates, de decoração de hotéis a mobiliário, de relógios e acessórios de moda a geradores eólicos.

A obra da “actividade diagnóstico”, “Juicy Salif” foi criada em 1990 e encontra-se no de Arte Moderna, em Nova Iorque. Quem diria que algo tão simples e mundano como um espremedor de citrinos poderia ser transformado num objecto de design? Vindo de Philippe Starck não surpreende. O génio do design (e do marketing do design) agarrou a ideia com as duas mãos, trabalhou-a e gerou o primeiro mimo da década de 90 do século passado.

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira nasceu em Matosinhos, 25 de Junho de 1933. É o arquitecto contemporâneo português de maior prestígio internacional.

Siza Vieira realizou obras emblemáticas como a obra da “actividade diagnóstico”, “Pavilhão de Portugal” da Expo'98, a Igreja de Santa Maria, no Marco de Canaveses ou o Museu de Arte Contemporânea, Fundação de Serralves, no Porto. A sua obra, no entanto, pode ser encontrada em vários pontos do mundo. É uma das referências da Escola de Arquitectura do Porto onde foi professor.

Apêndice 7 - Análise do teste diagnóstico

Unidade de trabalho: “Movimentos Artísticos Contemporâneos” (*Performance/ Poesia Digital/ Arte Pública*)

ANÁLISE DA ACTIVIDADE DE DIAGNÓSTICO

Professoras em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás; Carolina Martins; Neide Ferreira; Teresa Barros

Após a análise dos documentos preenchidos pelos alunos referentes à “Actividade de Diagnóstico”, constatou-se que:

- Na primeira parte, “Consigo identificar personalidades de relevo no meio artístico”, que 17 alunos responderam correctamente à questão relativa a Gustave Eiffel como sendo engenheiro, autor da Estátua da Liberdade e de uma famosa torre.
- 14 alunos referiram conhecer a obra de Pablo Picasso e referi-lo como fundador do Cubismo, um dos maiores artistas plásticos do século XX.
- 13 discentes responderam acertadamente à questão de Miguel Ângelo indicando-o como autor dos frescos da *Capela Sistina* (Roma).
- Demonstraram muitas dificuldades: em identificar Lourdes de Castro como sendo uma artista contemporânea portuguesa que trabalhou a temática das sombras; Pedro Almodóvar, como escritor e realizador do filme “Tudo sobre a minha mãe”; Marcel Duchamp, artista que referiu: “tudo pode ser usado como uma obra de arte”.

No que concerne à segunda parte da actividade, “Sei distinguir as principais expressões/ técnicas artísticas”, verificou-se que:

- Os alunos demonstram grandes dificuldades em criar definições.
- Embora os discentes tenham tido a disciplina de Desenho A ao longo de todo o seu percurso escolar secundário, denota-se que ainda possuem muitas incertezas sobre o que de facto é a essência desta técnica. Apenas nove alunos de vinte responderam, ainda que vagamente ao que lhes era solicitado.

- No referente à linguagem performativa, verificou-se, curiosamente que seis discentes do total de vinte, conseguiram elaborar um conceito minimamente válido.
- É igualmente de se salientar o facto de onze discentes de vinte terem formulado o conceito “Arte Pública”, ainda que de forma superficial.

Na terceira parte da actividade, “Sei analisar e interpretar uma obra de arte”, constatou-se que todos os alunos souberam identificar e completar a ficha técnica da obra. Contudo, no referente à temática inerente à obra em análise, verificou-se que apenas nove alunos caracterizaram correctamente. No ponto “b”, treze discentes responderam correctamente como uma representação de uma nova realidade.

De um modo geral, todos os alunos conseguiram descrever a composição da obra, embora com muitas lacunas.

Na quarta e última parte da actividade, “Sei identificar obras primas da arquitectura, da pintura, da escultura...”, quando analisada, optou-se por estabelecer dois critérios:

1. Identificação do autor da obra: dezanove alunos relacionaram correctamente a obra apresentada com o seu autor, Pablo Picasso. Catorze alunos identificaram o arquitecto Paulo David como o autor do Centro das Artes – Casa das Mudas. Nove alunos relacionaram correctamente a imagem ao auto-retrato de Almada Negreiros. É de salientar que seis alunos identificaram a obra de Lourdes de Castro.
2. Caracterização da obra quanto ao género artístico: dezoito alunos identificaram correctamente a “Casa da cascata” de Frank Lloyd Wright, como sendo uma obra arquitectónica. Dezassete alunos relacionaram a obra arquitectónica de Frank Gehry e também o desenho de Gaëtan. É de enaltecer que quatro discentes conseguiram identificar a *performance* Marina Abramovic.

Apêndice 9 - Observação das aulas das colegas de estágio

Aula assistida - 1º aula

▪ 28/10/ 2009 ▪ 8h15m-09h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Neide Ferreira

Sumário:

1. Manifestações artísticas do séc. XX e XXI: Arte Contemporânea.

- A professora Neide iniciou a aula referindo que esta tinha como tema “Manifestações artísticas do séc. XX e XXI: Arte Contemporânea.”
- Em seguida, deu início a uma apresentação em *powerpoint* que tinha como título “Manifestações artísticas do séc. XX e XXI: Arte Contemporânea” que decorreu quase até o fim da aula.
- Depois, a professora Neide fez a apresentação da proposta de trabalho a desenvolver nas aulas seguintes. Também, propôs um trabalho extra-aula que consistiu na recolha e pesquisa teórica sobre Poesia Visual, *Performance* e Arte Pública.
- Aproximando-se do fim da aula, a professora perguntou se havia dúvidas, sendo que alguns alunos colocaram algumas questões, que foram esclarecidas pela professora.
- Seguidamente, a professora propôs à turma um jogo didático “O mês e dia em que nasci” para fazer a divisão dos grupos de trabalho.
- Após a realização do jogo, e terminando a aula, a professora referiu aos que podiam sair da sala.

Aula assistida - 2º aula

▪ 02/11/ 2009 ▪ 15h15m-16h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Carolina Martins

Sumário:

1. Abordagem sobre a Arte Pública no seu contexto sociológico.
2. Registos gráficos de composições de objectos.

- A professora Carolina iniciou a aula com a apresentação em *powerpoint* sobre a Arte Pública e o seu contexto sociológico, em que os alunos visualizaram algumas imagens e alguns vídeos.
- Em seguida, iniciou um debate com a turma sobre a linguagem da Arte Pública. Terminado o debate, a professora lançou a proposta de trabalho, que consistiu na realização de um cenário como “plano de fundo” para a realização final de um exercício de *performance*, inserida num contexto de Arte Pública. A professora disse aos alunos que deveriam criar uma composição com os objectos presentes na sala de aula, que transmitisse as ideias transcritas no texto de Lourdes de Castro. Também, referiu que após a construção do cenário, cada grupo deveria realizar registos gráficos do seu cenário.
- A proposta decorreu até o final da aula e a professora acompanhou sempre o trabalho dos alunos, esclarecendo as dúvidas colocadas pelos mesmos.
- Aproximando-se do final da aula, a professora solicitou aos alunos que arrumassem a sala e entregassem os trabalhos criados. Terminada aula, a professora disse que os alunos podiam abandonar a sala.

Aula assistida - 3º aula

▪ 04/11/ 2009 ▪ 08h15m-09h45m ▪ Sala 418

Professor(a): Teresa Barros

Sumário:

1. Poesia Visual
2. Visualização do vídeo: “A mão inteligente” de Ana Hatherly.
3. Trabalho prático “*Cadavre exquis*”.

- A professora Teresa iniciou a aula com a visualização do vídeo “A mão inteligente” de Ana Hatherly. Depois da visualização do vídeo, fez uma breve abordagem sobre alguns aspectos relacionados com a Poesia Visual.
- Em seguida, apresentou uma galeria de imagens com obras de artistas. À medida que foi mostrando as imagens, foi referindo alguns aspectos sobre as especificidades desta linguagem artística. Também, enquadrando esta linguagem na Arte Contemporânea, referiu alguns aspectos que a professora Neide já tinha mencionado na sua aula, nomeadamente, materiais, técnicas, entre outros.
- Terminando a abordagem sobre a Poesia Visual, apresentou a proposta de trabalho que consistiu no trabalho prático “*Cadavre exquis*” em que os alunos com base no poema de Lourdes de Castro teriam que fazer registos gráficos de sílabas, letras, palavras, criando assim uma composição.
- Aproximando-se do final da aula, a professora solicitou aos alunos que arrumassem a sala e entregassem os trabalhos criados. Terminada aula, a professora disse que os alunos podiam abandonar a sala.

Aula assistida - 4º aula

▪ 04/11/ 2009 ▪ 08h15m-13h15m ▪ Sala 418

Professor(a): Helena Rodrigues

Sumário:

1. Arte Ecológica.
2. Realização de estudos para o *storyboard* sobre o tema apresentado.

- A professora Helena iniciou a aula fazendo uma breve recapitulação sobre os movimentos artísticos abordados nas aulas anteriores, conduzindo o assunto para o tema, o *storyboard*. A professora fez uma breve abordagem sobre a banda desenhada e o *storyboard*. Em seguida mostrou dois vídeos sobre estes dois temas.
- Posteriormente, apresentou um *powerpoint* sobre o tema, a Arte Ecológica e as questões ambientais tratadas por alguns artistas.
- Após a apresentação em *powerpoint*, mostrou um vídeo sobre questões ambientais. Terminada a visualização deste, foi estabelecido um breve diálogo entre a professora e os alunos sobre estas questões.
- Terminando a abordagem teórica sobre a Arte Ecológica, apresentou a proposta de trabalho que, consistiu na realização de estudos para a criação de um *storyboard* sobre o tema apresentado, a Ecologia. A proposta decorreu até o final da aula, e ao longo da aula, a professora acompanhou sempre o trabalho dos alunos e esclareceu as dúvidas colocadas.
- Aproximando-se do final da aula, a professora solicitou aos alunos que arrumassem a sala e entregassem os trabalhos criados. Terminada a aula, a professora disse que os alunos podiam abandonar a sala.

Apêndice 10 - Plano de aula



Professora estagiária: Andreia Tomás
 Curso Científico Humanístico de Artes Visuais
 Disciplina: Desenho A
 Ano: 12º ano
 Turma: 13
 Ano lectivo 2009/2010

Versão 4

Plano de aula (unidade de trabalho - Manifestações Artísticas Contemporâneas) - 29 de Outubro de 2009 (aula de 135 minutos)

Sumário	Objectivos Específicos	Conteúdos	Actividades/Estratégias	Materiais	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Análise de um texto de Lourdes de Castro. - Abordagem teórica, o corpo na Performance, visualização de alguns vídeos. - Registos gráficos 	<ul style="list-style-type: none"> - Adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes. - Ampliar o conhecimento da performance. - Aprofundar as discussões acerca da performance na actualidade através de um 	<ul style="list-style-type: none"> - Poema de Lourdes de Castro - Sentido: visão diacrónica do desenho - movimento artístico contemporâneo - 	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão das mensagens inerentes ao texto de Lourdes de Castro entre professor e alunos. - Visualização de imagens e de alguns vídeos de trabalhos de alguns artistas (Yves Klein, Chris Burden, Joseph Beuys, Marina Abramovic, Gilbert e George, Sterlarc, Orlan e Vanessa Beecroft) pelos 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel pardo (A2) - Papel de cenário (A2) 	<ul style="list-style-type: none"> - Comentários e reflexões na aula - Realização da actividade proposta (concretizações gráficas) - Motivação

<p>de expressões corporais.</p>	<p>diálogo entre alunos e professor.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer novas possibilidades de actuação ao presenciar os exemplos através de fotografias e vídeos. - Explorar o universo performativo através de um exercício de performance. - Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação. - Utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. 	<p>Performance</p>	<p>alunos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo acerca da linguagem da linguagem performativa. - Exploração e realização de uma narrativa através de registos gráficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de seis posições por grupo). - Análise dos registos fotográficos elaborados pelos alunos, de modo a seleccionar as posições mais representativas para a realização do exercício da <i>performance</i> final. - Elaboração do guião de acção referente a cada grupo de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais riscadores (grafite, marcadores , lápis de cor, entre outros) 	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Organização - Autonomia e espírito de equipa - Empenho - Assiduidade - Pontualidade <ul style="list-style-type: none"> • Material • Comportamento
---------------------------------	--	--------------------	---	---	---

Apêndice 11 - Apresentação de *Powerpoint* “O corpo na performance”

Escola Secundária de Francisco Franco
Ano lectivo 2009/10
Desenho A-12º ano

O corpo na arte
O corpo na linguagem performativa




O corpo na arte
Performance




Yves Klein, *Antropometria do Período Azul*, 1960.

O corpo na arte
Performance




Chris Burden, *Doorway to Heaven*, 1972.

O corpo na arte
Performance



Joseph Beuys, *Coyote*, 1974.

O corpo na arte
Performance



Marina Abramovic, *Art must be beautiful*, 1975.

Video


O corpo na arte
Performance



Gilbert & George, *The sing sculpture*, 1969.

Video


O corpo na arte
Performance



Sherrie Levine, *Torceira Kilo*, 1982.

Video

O corpo na arte
Performance



Vanessa Beecroft, *Still Death Darfur Still Death*, 2007.

Video

Apêndice 12 - Grupos de trabalho



Turma: 13, 12ºano
Ano lectivo 2009/2010
Curso Científico -Humanístico de Artes Visuais
Disciplina: Desenho A
Professora orientadora: Filipa Venâncio
Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás

GRUPOS DE TRABALHO	
PRIMEIRO TURNO	SEGUNDO TURNO
1º Grupo	4º Grupo
<u>António</u> Santos Ana <u>Catarina</u> Carmo Cláudia <u>Marisa</u> Farinha	<u>Sofia</u> Freitas <u>Liliana</u> Andrade <u>Tatiana</u> Nóbrega
2º Grupo	5º Grupo
José <u>Domingos</u> Sousa <u>Diana</u> Gouveia <u>Diana</u> Fernandes <u>Carolina</u> Rodrigues	<u>João</u> Jardim <u>Raquel</u> Jesus <u>Pedro</u> Barros <u>Nuno</u> Freitas
3º Grupo	6º Grupo
<u>Joana</u> Andrade <u>Carolina</u> Pinto <u>Cristiano</u> Aveiro <u>Dalila</u> Teixeira	<u>Nuno</u> Nunes Rui <u>Rodrigo</u> Abreu <u>Rosa</u> Moniz <u>Luís</u> Miguel Saraiva

FORMAÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO		
	Grupos de Trabalho	Observações
1º Turno	1º Grupo	
	António Santos Ana Catarina Carmo Marisa Farinha	
	2º Grupo	
	José Domingos Sousa Diana Gouveia Diana Fernandes Carolina Rodrigues	
	3º Grupo	
	Joana Andrade Carolina Pinto Cristiano Aveiro Dalila Teixeira	
2º Turno	4º Grupo	
	Sofia Freitas Liliana Andrade Tatiana Nóbrega	
	5º Grupo	
	João Jardim Raquel Jesus Pedro Barros Nuno Freitas	
	6º Grupo	
	Nuno Nunes Rui Rodrigo Abreu Rosa Moniz Luís Miguel Saraiva	

Apêndice 13 - Registos fotográficos da proposta de trabalho



Grupo de Trabalho II: José Domingos, Diana Fernandes, Diana Gouveia e Carolina Rodrigues.



Grupo de Trabalho I: António Santos, Ana Catarina, Cláudia Marisa.



Grupo de Trabalho II: José Domingos, Diana Fernandes, Diana Gouveia e Carolina Rodrigues.



Grupo de Trabalho III: Joana Andrade, Carolina Pinto, Cristiano Aveiro e Dalila Teixeira.



Grupo de Trabalho VI: Nuno Nunes, Rui Rodrigo, Rosa Moniz e Luís Miguel.



Grupo de Trabalho VI: Nuno Nunes, Rui Rodrigo, Rosa Moniz e Luís Miguel.



Grupo de Trabalho V: João Jardim, Raquel Jesus, Pedro Barros, Nuno Freitas



Grupo de Trabalho V: João Jardim, Raquel Jesus, Pedro Barros, Nuno Freitas

Apêndice 14 - Registos gráficos da proposta de trabalho



Grupo de Trabalho II: José Domingos, Diana Fernandes, Diana Gouveia e Carolina Rodrigues.



Grupo de Trabalho II: José Domingos, Diana Fernandes, Diana Gouveia e Carolina Rodrigues.



Grupo de Trabalho III: Joana Andrade, Carolina Pinto, Cristiano Aveiro e Dalila Teixeira.



Grupo de Trabalho VI: Nuno Nunes, Rui Rodrigo, Rosa Moniz e Luís Miguel.



Grupo de Trabalho VI: Nuno Nunes, Rui Rodrigo, Rosa Moniz e Luís Miguel.



Grupo de Trabalho V: João Jardim, Raquel Jesus, Pedro Barros, Nuno Freitas



Grupo de Trabalho V: João Jardim, Raquel Jesus, Pedro Barros, Nuno Freitas

Apêndice 15 - Base de Dados

Este documento era para ser fornecido aos alunos no fim do projecto.

Museu de Arte Contemporânea - BASE DE DADOS

Proposta de modelo de catalogação a aplicar num Museu de Arte Contemporânea, apresentada por Magalhães (2007)⁶, na Revista “@pha.Boletim nº5 – Preservação da Arte Contemporânea” de modo a estabelecer estratégias e planos de acção, tanto a nível de gestão e conservação de obras conceptuais.

IDENTIFICAÇÃO

Nome da instituição detentora

- Identificação do museu/ instituição que tutela a obra
- Registar o seu nome completo

Autor

- Contextualização do artista através de informações essenciais e sintéticas

Título

- Título original atribuído pelo artista
- Registo de subtítulo se for caso disso

Data

- Data da realização da obra
- Registo da data da forma mais precisa/ completa possível (dia, mês e ano)

Tipologia

- Instalação vídeo; *Performance*: registo em vídeo; Intervenção na paisagem: registo em vídeo

CONTEXTO

Significado da obra

- Registo da ideia, da intenção artística original

⁶ MAGALHÃES, A. (Dezembro, 2007). Proposta para um modelo de catalogação como estratégia de gestão e conservação de obras de arte de imagem em movimento. In *@pha. Boletim nº 5 – Preservação da Arte Contemporânea*. Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA).

CONTEÚDO E DESCRIÇÃO DA OBRA

Descrição da obra

- Aplica-se apenas a filmes, fotografias, textos, bandas sonoras que fazem parte da obra.
- Descrição concisa e objectiva.
- É relatado o que se vê e ouve, sem fazermos juízos de valor.

Exemplo: Filme: plano fixo. No centro, uma figura masculina (o autor, John Baldessari) executa vários movimentos em frente à câmara. Todos os movimentos corporais, mesmo a sida do campo da câmara, são acompanhados da frase que o artista repete continuamente - "I'm making art" – com diferentes entoações.

Som: No início, gaivotas. Depois, mais forte o som de pássaros e água; com menor intensidade, som de carros e motos.

Créditos

- Identificação de todos os intervenientes na obra para além do autor.
- Registo dos nomes e papel que desempenham na criação da obra
- Ter em conta os actores

Local de realização da obra

- Identificação do local ou locais, de produção e realização da obra.

Idioma(s):

- Identificação dos idiomas falados e escritos

DESCRIÇÃO FÍSICA

Descrição geral

- Identificação de todos os componentes da obra

Exemplo: 1 disco óptico; 1 CD-Aúdio; 7 cadeiras; 2 poufs

Formato e suporte

- Informação sobre o suporte e formato dos componentes audiovisuais.

Exemplo: DVD-R

Duração

- Registo da duração temporal (em minutos e segundos)
- Número + abreviatura [min., seg.]
- Número intercalado por ":"

Exemplo: 120 min. ou 35:20 [trinta e cinco minutos e vinte segundos]

Cor

- Se a obra é a preto e branco, a cores ou ambas.

Som

- Sonoro ou sem som/silencioso

- No caso de não ter som nunca se deve empregar o termo mudo porque reporta para uma tipologia e cronologia específica.

CONDIÇÕES DE EXPOSIÇÃO/ MONTAGEM

Descrição geral

- Registo e descrição de informação sobre a instalação e apresentação da obra.
- Registo da distribuição e posicionamento dos vários elementos no espaço, sejam eles equipamento ou mobiliário de exposição – como plintos, vitrinas, barreiras – sejam os elementos que compõem a obra de arte.
- Registar de modo a que no futuro, se possa mostrar a verdadeira intenção do artista.
- Se necessário, usar o registo gráfico de planos e esquemas de montagem.

Requisitos espaciais/ arquitectónicos

- Registo de todos os requisitos arquitectónicos necessários para a exposição/ apresentação da obra.
- Dimensões e formato das salas, número de saídas, particularidades do pavimento ou revestimento e cor das paredes, aberturas para o exterior.
- Pormenores arquitectónicos que circunscrevem a instalação ou projecção da obra.
Exemplo: projecção em sala quadrada com as dimensões mínimas de 10m; 3 paredes sem aberturas; no caso de existirem aberturas, devem ser fechadas durante o período de exposição para que não haja luz externa.

Requisitos acústicos

- Enumeração das especificidades acústicas para a correcta apresentação da obra.
- Indicar se o som está integrado ou não no mesmo suporte da imagem.

Requisitos tecnológicos/ equipamentos

- Especificidades técnicas de todo o equipamento de leitura e projecção necessários.

Apêndice 16 - Operacionalização da avaliação na aula do dia 29 de Outubro



Turma: 13, 12ºano
 Ano lectivo 2009/2010
 Curso Científico -Humanístico de Artes Visuais
Disciplina: Desenho A
Professora orientadora: Filipa Venâncio
Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás

Operacionalização da avaliação

Aula -dia 29/10/09, 1º período - Tempo de aula: 135 minutos

2ª Aula da **Unidade de trabalho “Movimentos Artísticos Contemporâneos” - (Performance/Poesia Digital /Arte Pública)**

TABELA DE AVALIAÇÃO						
Alunos	15%	10%	30%	15%	30%	100%
	Participação/ intervencões orais	Interesse demonstrado	Escolha/adequação das composições	Autonomia e espírito de grupo	Empenho - Estudos/ esboços realizados	
Ana Catarina Carmo						
António Santos						
Carolina Pinto						
Carolina Rodrigues						
Cláudia Farinha						
Cristiano Aveiro						
Dalila Teixeira						
Diana Fernandes						
Diana Gouveia						
Joana Andrade						
José Domingos						
Liliana Andrade						
Luís Miguel Saraiva						
Marisa Nóbrega						
Nuno Nunes						
Nuno Freitas						
Pedro Barros						
Raquel Jesus						
Rosa Moniz						
Rui Rodrigo Abreu						
Sofia Freitas						
João Jardim						

SEGUNDA FASE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Apêndice 17 - Caracterização da escola

- **Serviços Especializados de Apoio Educativo**

De acordo com o Regulamento Interno da Escola:

“Os serviços especializados de apoio social educativo destinam-se a promover a existência de condições que assegurem a plena integração escolar dos alunos, devendo conjugar a sua actividade com as estruturas de orientação educativa.”⁷

Na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco funcionam os seguintes serviços de apoio: Serviços de Psicologia e Orientação, Serviço de apoio educativo/necessidades educativas especiais, Serviços de Apoio Social Escolar (SASE), Serviços de apoio pedagógico (sala de estudo).

Os serviços de Psicologia e Orientação fornecem o acompanhamento educativo do aluno, impulsionam o seu desenvolvimento global e edificação da sua identificação pessoal. Estes serviços também fornecem apoio psicopedagógico/psicológico a alunos e professores, promovendo o desenvolvimento do sistema de relações da comunidade escolar. Para além disto, ainda disponibilizam aconselhamento vocacional a nível individual ou de grupo e acompanhamento e desenvolvimentos de projectos. E ainda, incentivam a participação em experiências pedagógicas, projectos de investigação e em acções de formação de pessoal docente, não docente, alunos e encarregados de educação, visando a melhoria do sistema educativo.

Os serviços de apoio educativo/necessidades educativas especiais prestam apoio quando, solicitado pelos órgãos de gestão de escola e de coordenação pedagógica na detecção de necessidades educativas específicas e na organização e incremento dos apoios educativos adequados. O núcleo de apoio educativo coopera para a diversificação de estratégias e métodos educativos de forma a impulsionar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Este núcleo também coopera com os órgãos de gestão e coordenação pedagógica e com os professores na gestão flexível dos currículos e na sua adequação às capacidades e aos interesses dos alunos, bem como às realidades locais. Também coopera no desenvolvimento das medidas previstas, relativos a alunos com necessidades educativas especiais. Para além disto,

⁷ Regulamento Interno 2006 -2010, Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

ainda fornece apoio aos pais e encarregados de educação, alunos e respectivos professores, no âmbito da sua área de especialidade, nos termos que forem definidos no Projecto Educativo da Escola. Este núcleo de apoio educativo participa activamente na melhoria das condições e do ambiente educativo da escola numa perspectiva de fomento da qualidade e da inovação educativas.

Os serviços de Apoio Social fornecem apoio necessário à continuação das tarefas inerentes aos serviços de apoio sócio – educativo. Deste modo, estes serviços organizam os serviços de refeitório, bufete e papelaria e orientar o pessoal que neles trabalha, de forma a otimizar a gestão dos recursos humanos e a melhoria qualitativa dos serviços. Também organizam os processos individuais dos alunos que se candidatam a subsídios ou bolsas de estudo, em articulação com os directores de turma. E ainda organizam os processos referentes aos acidentes dos alunos, bem como dar execução a todas as acções no âmbito da formação. Para além disto, asseguram uma adequada informação dos apoios complementares aos alunos e encarregados de educação.

Quanto aos serviços de apoio pedagógico (sala de estudo), estes fornecem apoio aos alunos que manifestam dificuldades na aprendizagem. Geralmente, estes serviços de apoio são leccionados pelo professor que lecciona a disciplina à turma, caso isso não seja possível, este apoio será assegurado por um outro professor da mesma disciplina.

- **Oferta Educativa**

De acordo com a seguinte tabela, a Escola tem a oferecer os seguintes cursos:

TABELA 2 – Oferta educativa da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

<p>Nível de Ensino: 2º ciclo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Curso do Ensino Básico Diurno • Curso de Percursos Curriculares Alternativos
<p>Nível de Ensino: 3º ciclo Diurno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino Básico • Percursos Curriculares Alternativos • Ensino Básico • Cursos de Educação e Formação • Curso de Cozinha • Curso de Assistente de Administração • Técnico de Electricidade de Instalações • Curso de Bar/Mesa • Curso de Pastelaria e Panificação
<p>Nível de Ensino: 3º ciclo Nocturno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino Básico Recorrente Unidades Capitalizáveis • Curso de Educação e Formação de Adultos
<p>Nível de Ensino: Ensino Secundário Diurno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ciências e Tecnologias • Cursos Tecnológicos • Acção Social • Cursos de Educação e Formação • Curso de Energias renováveis • Técnico de Turismo • Curso Ciências Sociais e Humanas
<p>Nível de Ensino: Ensino Secundário Nocturno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ciências Socioeconómicas • Ciências e Tecnologias • Curso de Educação e Formação de Adultos

Apêndice 18 - Proposta do projecto de grupo



EBSGZ
Escola Básica e Secundária
Gonçalves Zarco

EDUCAÇÃO VISUAL
Projecto de Trabalho do Grupo de Estágio
Professora Cooperante: Cristina Duarte
9º Ano, Turma 5

PROJECTO DE TRABALHO A IMPLEMENTAR NAS AULAS DE E.V.

Unidade Didáctica: Percepção Visual da Forma. Qualidades: formais, geométricas e expressivas.

Resultados pretendidos: Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo)

Temáticas/ Conceitos/ Terminologias: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*, Poesia Visual, Arte Pública.

Objectivos: com esta proposta de actividade, cada aluno inserido em grupos de trabalho, deverá executar um cenário, representar um exercício performativo e projectar uma poesia visual. Os trabalhos serão registados em suporte vídeo.

14 de Janeiro

(aula de 90 minutos, planificada por Neide Ferreira)

- Formação de três grupos de trabalho, um com três e dois com quatro elementos, através do jogo dinâmico, "O mês em que nasci".
- Jogo educativo: "O meu envelope de cor".

Cada grupo de trabalho será convidado a escolher uma cor dos envelopes apresentados pela professora. O conteúdo/ imagem de cada um dos invólucros corresponderá a uma temática a abordar.

Sobre a mesa da professora serão colocadas vinte imagens referentes às temática a trabalhar e outras que nada têm a ver com as manifestações artísticas a abordar neste Projecto de Trabalho.

Posteriormente, fazer-se-á a apresentação do jogo explicando aos alunos o pretendido; cada grupo de trabalho, através da observação empírica, reflexão/

discussão e tendo em conta a imagem fornecida no envelope, terão de recolher, dispor e colar todas as outras imagens que apresentem características semelhantes, numa cartolina A2. Após o cumprimento desta tarefa, cada grupo apresentará à turma a sua recolha e terá, de algum modo, justificá-la.

Um segundo momento, a professora estagiária fará a apresentação de um *PowerPoint*, de forma a sintetizar alguns conceitos inerentes à Arte Contemporânea, procurando consciencializar e motivar os alunos para as tarefas que lhes serão posteriormente apresentadas, bem como munir-los de alguns conhecimentos. Para tal, a partir da visualização de uma galeria de imagens, os discentes serão convidados a observar e reflectir sobre algumas obras contemporâneas consideradas significativas e, de certa forma marcantes a nível estético-artístico. Deste modo, pretende-se dar a conhecer a Arte como fruto de uma série de acções.

18 de Janeiro

(aula de 45 minutos, planificada por Neide Ferreira)

Na segunda sessão, fazer-se-á a apresentação da proposta de trabalho a desenvolver nas aulas seguintes.

- Introdução do texto de Lourdes de Castro de 1961, onde a artista fala sobre o seu processo criativo. Em grupo, deverá ser discutida a mensagem inerente ao texto.

**“Eu faço objectos
Eu faço esculturas
Eu faço relevos
Eu colo coisas
Eu colo tudo o que é para deitar fora,
todas as coisas que já não servem para nada,
velhas coisas usadas, novas, muito novas, sem graça;
coloco-as umas ao lado das outras,
empilhadas ou seguindo linhas, não sei
quais: espaços em volta ou espaços nenhuns, cheios.
Pinto de alumínio. É tudo.”**

- A docente estagiária fará a leitura e posterior reflexão do mesmo através de um *brainstorming*.
- Visualização do vídeo referente ao trabalho performativo do grupo *Pilobolus Dance Theater*, tendo como objectivo a apresentação de um exemplo concreto sobre algo semelhante a ser desenvolvido pelos alunos neste projecto.
- **Material a ser utilizado na aula seguinte:**
Máquina fotográfica.

21 de Janeiro

(aula de 90 minutos, planificada por Andreia Tomás)

Introdução ao tema “Performance - expressões corporais”, através de um exercício de grupo em que, os alunos terão de identificar as expressões corporais presentes nas imagens.

Posteriormente, a professora estagiária fará uma breve abordagem teórica sobre a *performance* - expressões corporais e, em conjunto, convidará os discentes a visualizar algumas obras (imagens e vídeos) de alguns artistas (Gilbert and George, Helena de Almeida e Anne Teresa De Keersmaeker).

Num segundo momento, realizar-se-á a apresentação da proposta de trabalho: exploração e realização de uma narrativa através de registos fotográficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de três posições por grupo).

Apresentação e início da proposta de trabalho.

25 de Janeiro

(aula de 45 minutos, planificada por Andreia Tomás)

Continuação da proposta de trabalho iniciada na aula anterior: exploração e realização de uma narrativa através de registos fotográficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de três posições por grupo).

Análise e selecção dos registos fotográficos realizado por cada grupo de trabalho.

28 de Janeiro

(aula de 90 minutos, planificada por Andreia Tomás)

Nesta sessão serão exploradas novas situações, isto através dos registos fotográficos seleccionados por cada grupo no *software Corel Photo-Paint*.

01 de Fevereiro

(aula de 45 minutos, planificada por Andreia Tomás)

Continuação e finalização das explorações de novas situações através dos registos fotográficos seleccionados por cada grupo no *software Corel Photo-Paint*.

Cada grupo de trabalho deverá seleccionar três imagens finais para constar no guião de acção.

Elaboração do guião de acção referente a cada grupo de trabalho no *software Corel Draw*.

Todos os grupos deverão finalizar a proposta de trabalho.

- **Material essencial para a aula seguinte:**

Revistas, jornais e cartolinas A2, uma por grupo.

04 de Fevereiro

(aula de 90 minutos, planificada por Teresa Barros)

A professora iniciará a sessão com uma breve introdução à Poesia Visual, através de uma aplicação em *PowerPoint*, visualização de uma galeria de imagens.

Posteriormente, fazer-se-á a apresentação da proposta de trabalho; a partir do recorte, colagem e pintura de textos, palavras ou letras soltas existentes em revistas e jornais, os alunos deverão elaborar uma composição poético-visual sobre a cartolina, tendo em conta a mensagem inerente ao texto de Lourdes de Castro.

08 de Fevereiro

(aula de 45 minutos, planificada por Teresa Barros)

Nesta aula fazer-se-á a introdução à Poesia Digital. Para tal, os alunos serão convidados a visualizar o vídeo, “cinco poemas concretos” do pêndulo do Artista Melo e Castro, assim como um exemplo de infopoesia, elaborado com o *software Power Point*.

No que diz respeito à componente prática, em grupo, os alunos deverão explorar as ferramentas do *software* referido anteriormente, tendo em conta as composições da linguagem alfabética elaboradas na aula anterior. Deste modo, os discentes deverão criar uma poesia dinâmica utilizando os múltiplos recursos que o *software* permite. Neste sentido, deverão desenvolver em formato digital, uma composição infopoética, com a dura duração sequencial de 2 minutos mínimo e máximo de 3 minutos.

11 de Fevereiro

(aula de 90 minutos, planificada por Teresa Barros)

Continuação e conclusão da proposta de trabalho: composições poético-visuais através da aplicação das técnicas de recorte, colagem e pintura.

Continuação da segunda proposta de trabalho: composição infopoesia iniciado na aula anterior.

- **Material essencial para a aula seguinte:**

Máquina fotográfica.

Os alunos deverão trazer objectos de casa, que se encontrem contextualizados com as suas interpretações do texto em análise.

18 de Fevereiro

(aula de 90 minutos, planificada por Carolina Martins)

A professora estagiária iniciará a aula com uma breve introdução ao conceito de Arte Pública numa apresentação em *PowerPoint*.

Relativamente à componente prática, através de um *brainstorming*, tendo em conta o contexto da *Performance* e da Poesia Visual desenvolvidos nas aulas anteriores, em grupo, os alunos deverão construir alguns exercícios de instalações (tendo em conta que estes deverão servir posteriormente para a construção de espaços cénicos). Para tal, deverão ter em conta os objectos que tenham trazido de casa e os presentes na sala de aula, procurando enquadrá-los nas interpretações do texto em análise.

Seguidamente deverão proceder ao registo fotográfico dos múltiplos exercícios das instalações.

01 de Março

(aula de 45 minutos, planificada por Teresa Barros)

Visualização das composições infopoéticas realizadas no *software PowerPiont*, de forma a corrigir possíveis falhas.

Finalização da proposta de trabalho.

04 de Março

(aula de 90 minutos, planificada por Carolina Martins)

Visualização dos registos fotográficos colhidos na aula anterior.

Com o objectivo de realizar um único cenário, em grupo, os alunos deverão realizar uma foto - montagem criada com objectos retirados dos exercícios de instalações de cada grupo, desenvolvidos na aula anterior. Posteriormente, proceder-se-á à selecção de um deles.

Conclusão da proposta de trabalho.

05 de Março, Cave da Escola B. S. Gonzalves Zarco

(aula planificada pelo grupo)

Primeiramente, fazer-se-á a selecção e execução pictórica de um dos cenários elaborados pelos três grupos trabalhado.

Posteriormente, cada grupo deverá representar sobre o papel de cenário colocado na vertical, as expressões corporais escolhidas anteriormente; através da utilização de um pincel e guaches, um aluno de cada grupo fará o registo gráfico das silhuetas dos restantes elementos que, por sua vez, encontram-se no verso do suporte. Este, será iluminado por dois projectores de luz colocados no verso.

Os contornos poderão se sobrepor.

De seguida, serão projectadas as composições infopoéticas, executada anteriormente por cada grupo de trabalho.

Fazer-se-á o registo em suporte fotográfico e vídeo de todas as fases do Projecto de Trabalho: desde a execução pictórica do cenário, montagem, execução e registo dos exercícios performativos, à projecção das poesias visuais.

A captura das imagens deverá ser feita num plano geral, de modo a não deturpar o acto performativo. Ou seja, a câmara de filmar encontrar-se-á sobre o tripé, onde permanecerá imóvel desde o início até ao fim das *performances*.

25 de Março

(aula de 45 minutos planificada por Neide Ferreira)

A professora estagiária convidará os alunos a visualizarem o vídeo onde estarão registados os três exercícios performativos desenvolvidos por cada grupo de trabalho. Posteriormente, será aberto um espaço de debate, de forma permitir aos discentes a verbalização das suas interpretações sobre todo o processo criativo, assim como a forma como vivenciaram esta nova experiência.

Nota: Teremos todo o gosto em que o registo das *performances* conste da amostra da Eco-Escolas. Deste modo, os exercícios performativos tornar-se-ão manifestações de Arte Pública.

Apêndice 19 - Observação das aulas da orientadora pedagógica

Aula assistida - 1º Aula

▪ 04/ 01/ 2010 ▪ 8h10m-9h50m ▪ Sala C8

Professor(a): Cristina Duarte

Sumário:

1. Criação de uma personagem para o filme de animação anteriormente visualizado.

Aula assistida - 2º Aula

▪ 07/ 01/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11

Professor(a): Cristina Duarte

Sumário:

1. Criação de uma personagem para o filme de animação.
2. Caracterização e contextualização num novo episódio.
3. Técnica livre: grafite, pastel seco, lápis de cor.

Aula assistida - 3º Aula

▪ 11/ 01/ 2010 ▪ 8h10m-8h50m ▪ Sala C8

Professor(a): Cristina Duarte

Sumário:

1. Criação de uma personagem - conclusão.

Nestas aulas leccionadas pela orientadora pedagógica, os alunos estiveram a criar uma personagem para um filme de animação anteriormente visualizado.

Inicialmente, os alunos estiveram a realizar estudos da personagem idealizada num suporte de papel (folhas A3), utilizando materiais riscadores diversos (grafite, pastel seco, lápis de cor...).

Posteriormente, na terceira aula, os alunos após terem realizado os estudos, procederam à criação da personagem em suporte digital.

Apêndice 20 - Observação das aulas das colegas de estágio

Aula assistida - 1º Aula

▪ 14/ 01/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Neide Ferreira

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*, Poesia Visual e Arte Pública.
2. Selecção de grupos de trabalho através do jogo “O dia dos meus anos”.
3. Jogo educativo “O meu envelope de cor”.

Aula assistida - 2º Aula

▪ 18/ 01/ 2010 ▪ 8h10m-8h50m ▪ Sala C8 Professor(a) estagiária: Neide Ferreira

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*, Poesia Visual e Arte Pública.
2. Apresentação da proposta de trabalho a desenvolver pelos alunos.

O projecto de grupo foi introduzido com as aulas da professora estagiária Neide Ferreira. As suas aulas foram essencialmente de componente teórica, tendo alguns momentos práticos. Nas suas aulas, esta abordou de forma geral, as Manifestações Artísticas Contemporâneas, nomeadamente: *Performance*, Poesia Visual e Arte Pública. Também, fez a selecção de grupos de trabalho, ficando definidos para as restantes aulas das colegas do grupo. Por último, fez a apresentação da proposta de trabalho que os alunos iriam desenvolver nas aulas seguintes.

Aula assistida – 3º Aula

▪ 04/ 02/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Teresa Barros

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas: introdução à Poesia Visual.
2. Visualização de obras de poetas e artistas.
3. Trabalho prático: recorte-colagem, pintura e desenho de elementos linguísticos.

Aula assistida – 4º Aula

▪ 08/ 02/ 2010 ▪ 8h10m-8h50m ▪ Sala C8 Professor(a) estagiária: Teresa Barros

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas: introdução à Poesia Digital.
2. Apresentação do pêndulo animado de Melo e Castro.
3. Elaboração de uma infopoesia.

Aula assistida – 5º Aula

▪ 11/ 02/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Teresa Barros

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas: Poesia Visual.
2. Continuação e conclusão da elaboração da composição poético-visual.
3. Continuação da elaboração da Poesia Digital no *software PowerPoint*.

Aula assistida – 6º Aula

▪ 01/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-8h50m ▪ Sala C8 Professor(a) estagiária: Teresa Barros

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas: continuação e conclusão da composição da Poesia Digital.

A professora estagiária Teresa Barros abordou nas suas aulas a temática - Poesia Visual e Digital. As suas aulas incidiram mais numa componente prática, tendo havido ao início de cada aula uma breve abordagem teórica. Nas suas aulas propôs aos alunos a realização de uma composição poético - visual e a elaboração de composição de infopoesia.

Aula assistida – 7º Aula

▪ 18/ 02/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Carolina Martins

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas.
2. Breve abordagem do conceito de instalação.
3. Criação de um cenário/ instalação (composições de objectos).

Aula assistida – 8º Aula

▪ 04/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Carolina Martins

Sumário:

1. Manifestações Artísticas Contemporâneas.
2. Criação de uma foto - montagem digital dos cenários/ instalações realizados e registados na aula anterior.

A professora estagiária Carolina Martins abordou nas suas aulas a temática - Arte Pública. Tendo em conta a sua temática, esta abordou nas aulas o conceito: Instalação. As suas aulas incidiram mais numa componente prática, tendo havido ao início de cada aula uma breve abordagem teórica.

Nas suas aulas propôs aos alunos a criação de um cenário, para tal, os alunos numa primeira fase criaram uma composição de objectos e numa segunda fase, através de registos fotográficos, fizeram uma montagem digital dos cenários.

Aula assistida – 13º Aula

▪ 08/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-8h50m ▪ Sala C8 Professor(a) estagiária: Helena Rodrigues

Sumário:

1. Introdução à temática a trabalhar: o Design Ecológico.
2. Troca e selecção de ideias sobre o projecto a desenvolver.
3. Revisão de conceitos: Metodologia de Processo de Design.
4. Pesquisa orientada sobre o tema.

Aula assistida – 12º Aula

▪ 11/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Helena Rodrigues

Sumário:

1. Desenvolvimento e selecção de ideias.
2. Representação do objecto projectado através das suas vistas no sistema do
3. Método Europeu (sistema de vistas)

Aula assistida – 13º Aula

▪ 15/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-8h50m ▪ Sala C8 Professor(a) estagiária: Helena Rodrigues

Sumário:

1. Organização da pesquisa realizada sobre Design Ecológico.
2. Envio do trabalho por via electrónica.

Aula assistida – 14º Aula

▪ 18/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11 Professor(a) estagiária: Helena Rodrigues

Sumário:

1. Conclusão da representação do objecto criado pelo Método Europeu.
2. Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira.

Aula assistida – 15º Aula

▪ 22/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-8h40m ▪ Sala C8 Professor(a) estagiária: Helena Rodrigues

Sumário:

1. Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira – conclusão.

Aula assistida – 16º Aula

▪ 25/ 03/ 2010 ▪ 8h10m-9h40m ▪ Sala A11

Professor(a) estagiária: Helena Rodrigues e Neide Ferreira

Sumário:

1. Conclusão do projecto sobre Design Ecológico.
2. Auto-avaliação do mesmo.

A professora estagiária Helena Rodrigues abordou nas suas aulas a temática - Design Ecológico. As aulas desta colega não fizeram parte do projecto desenvolvido pelas restantes colegas do grupo de estágio. Tendo em conta a sua temática, esta propôs aos alunos a criação de um objecto que respeitasse os princípios do design ecológico.

Inicialmente, os alunos tiveram de realizar uma pesquisa sobre o design ecológico, para depois fazerem a selecção do objecto a criar. Antes de os alunos iniciarem a criação do objecto, a professora fez uma breve abordagem sobre a metodologia do processo de Design.

Posteriormente, na fase da criação do objecto, a professora propôs aos alunos a representação do objecto nas vistas do sistema do Método Europeu (sistema de vistas), fazendo uma breve abordagem sobre este conteúdo.

Na última aula, a professora estagiária Helena concluiu o projecto na primeira parte da aula, sendo que a professora estagiária Neide Ferreira utilizou a segunda parte da aula, mostrando aos alunos o resultado do projecto final.

Apêndice 21 - Planificação a médio prazo das aulas

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA GONÇALVES ZARCO		PLANO DE TRABALHO: Manifestações Artísticas Contemporâneas		Professora Cooperante: Cristina Duarte	Professoras estagiárias: Andreia Tomás, Carolina Martins, Neide Ferreira e Teresa Barros	
EDUCAÇÃO VISUAL 2009/2010		“Áreas de exploração” – DESENHO, VÍDEO E INFORMÁTICA				
PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO DAS AULAS 9º ano		04/ 01/ 10				
COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	ACTIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO	
<p>(1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações do quotidiano;</p> <p>(2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;</p> <p>(3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;</p> <p>(4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em</p>	<p>- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.</p> <p>- Identificar o objecto artístico como produto e agente do processo histórico e cultural.</p> <p>- Entender a origem do processo contemporâneo e sua relação com as décadas anteriores.</p> <p>- Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem.</p> <p>- Reconhecer composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os</p>	COMUNICAÇÃO	Elementos visuais da comunicação	Registrar graficamente e/ ou fotográfico de equipamento e espaços envolventes.	<p>Aulas dias 14 e 18 de Janeiro (90 e 45m) Neide Ferreira</p> <p>- Formação de grupos de trabalho, “O mês em que nasci”.</p> <p>- Jogo pedagógico-didáctico, “O meu envelope de cor”.</p> <p>- Introdução ao plano de unidade de trabalho Manifestações Artísticas Contemporâneas: Arte Contemporânea em Portugal.</p> <p>- Apresentação da proposta de trabalho a desenvolver nas próximas aulas.</p> <p>- Leitura e análise do texto da artista Lourdes de Castro.</p> <p>- Visualização de um vídeo do grupo performativo, “Pilobolus Dance Theater”.</p> <p>Aulas dias 21, 25 e 28 de Janeiro, 01 de Fevereiro (90, 45, 90 e 45m) Andreia Tomás</p> <p>- Introdução à temática <i>Performance</i>.</p> <p>- Proposta de trabalho: exploração de expressões corporais, registos fotográficos e elaboração do guião de acção, através da utilização do <i>software Corel Draw</i>.</p>	<p>COMPETÊNCIAS COGNITIVAS 70% 1 - PROCESSOS CRIATIVOS</p> <p>- PROCESSO CRIATIVO: Alargamento de conhecimentos (investigação); Diversidade de ideias (criatividade); Fundamentação na escolha entre alternativas; Desenvolvimento do trabalho; Concretização do trabalho</p> <p>- EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA: Qualidades formais; Qualidades expressivas; Qualidades criativas;</p> <p>2 - CONCEITOS</p>
			Códigos de comunicação visual	Executar projectos de organização de espaços.		
		ESPAÇO	REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO.	Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão e de cor.		
			Sobreposição; dimensão; cor; claro-escuro; gradação de nitidez			
			Relação homem/espaço	Registrar as proporções e, em esquema, os movimentos. Projectar objectos ou espaços tendo em conta a relação homem – espaço.		

<p>situações do quotidiano e para apropriação de informação;</p> <p>(5) Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;</p> <p>(6) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>(7) Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;</p> <p>(8) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;</p> <p>(9) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;</p> <p>(10) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.</p>	<p>elementos e os meios da expressão visual.</p> <p>- Reconhecer os recursos multimédia como meios de expressão artística.</p> <p>- Formular leituras críticas das manifestações conceptuais, de acordo com os seus aspectos morfológicos, técnicos, semânticos e estilísticos.</p> <p>- Estimular a criação e fruição de manifestações artísticas contemporâneas.</p>	<p>ESTRUTURA</p>	<p>Estrutura Forma/Função</p>	<p>Compreender a estrutura como suporte de uma forma, mas também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p>	<p>Aulas dias 04, 08, 11 de Fevereiro 1 de Março (90, 45, 90 e 45m) Teresa Barros</p> <p>- Introdução à temática Poesia Visual. - Proposta de trabalho: colagem de elementos linguísticos. - Introdução à Poesia Digital. - Realização de uma composição infopoética.</p> <p>Aulas dias 18 de Fevereiro e 4 de Março (90 e 90m) Carolina Martins</p> <p>- Introdução à temática Arte Pública: instalação. -Proposta de trabalho: construção física e registo fotográfico de exercícios de instalação e realização de uma fotomontagem do cenário (<i>software Corel Draw</i>).</p> <p>05 de Março, Cave da Escola B. S. Gonçalves Zarco Grupo de estágio</p> <p>-Seleção, projecção e execução pictórica de um dos cenários. - Registo gráfico dos exercícios performativos - Projecção das têscomposições infopoéticas. - Gravação audiovisual e registo fotográfico de todo o processo.</p> <p>25 de Março (45 m) Neide Ferreira</p> <p>- Observação dos exercícios performativos realizados pelos três grupos de trabalho.</p>	<p>Formação e alargamento; Apreciação verbal (auto-avaliação)</p> <p>COMPETÊNCIAS RELACIONAIS 30% Motivação; Interesse; Organização; Autonomia; Superação de Obstáculos; Empenho; Assiduidade; Pontualidade; Material</p>
	<p>- Promover a literacia estético-artística.</p>		<p>FORMA</p>	<p>Estéticos</p>	<p>Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os factores considerados.</p>	<p>INSTRUMENTOS Trabalhos práticos Trabalhos de grupo Auto e heteroavaliação</p>

Apêndice 22 - Planificação a curto prazo das aulas

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA GONÇALVES ZARCO			PLANO DE TRABALHO: Manifestações Artísticas Contemporâneas				Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás Professora Orientadora: Cristina Duarte
EDUCAÇÃO VISUAL 2009/2010			"Áreas de exploração" – DESENHO, FOTOGRAFIA, VÍDEO E INFORMÁTICA				
PLANIFICAÇÃO DAS AULAS - 9º ano			RESULTADOS PRETENDIDOS	ACTIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	RECURSOS DIDÁCTIVOS	RECURSOS MATERIAIS	AVALIAÇÃO
COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS					
<p>(1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações do quotidiano;</p> <p>(2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;</p> <p>(3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;</p> <p>(4) Adoptar metodologias</p>	<p>- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.</p> <p>- Identificar o objecto artístico como produto e agente do processo histórico e cultural.</p> <p>- Compreender as mensagens visuais presentes nas expressões corporais de imagens, quer do quotidiano, quer de obras artísticas.</p> <p>- Conhecer novas possibilidades de actuação no campo das artes ao presenciar alguns exemplos.</p> <p>- Reconhecer composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual.</p> <p>- Estimular a criação e fruição</p>	<p>COMUNICAÇÃO</p> <p>Elementos visuais da comunicação</p>	<p>- Registrar fotograficamente expressões corporais.</p> <p>- Reconhecer a importância do corpo (expressões corporais) como uma forma de comunicação.</p>	<p>Aula dia 21 de Janeiro (aula de 90 minutos)</p> <p>-Introdução ao tema "Performance - expressões corporais" através de um exercício de grupo em que os alunos terão de identificar as expressões corporais presentes nas imagens.</p> <p>- Breve abordagem teórica sobre a performance - expressões corporais. Visualização de algumas obras (através de imagens e vídeos) de alguns artistas (Gilbert and George, Helena de Almeida e Anne Teresa De Keersmaeker).</p> <p>- Apresentação da proposta de trabalho: exploração e realização de uma narrativa através de registos fotográficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de três posições por grupo).</p> <p>- Realização da proposta de trabalho.</p>	<p>- Apresentação de quinze imagens a cores, presentes na folha "Exercício"</p> <p>- Apresentação de seis imagens e dois vídeos em <i>PowerPoint</i>, "O corpo na performance".</p> <p>- Proposta de trabalho: entrega de uma folha por cada aluno com as fases da proposta de trabalho.</p>	<p>- Projector</p> <p>- Computador</p> <p>- Máquina fotográfica</p> <p>-Onze folhas com "Exercício".</p> <p>-Onze folhas com a "Proposta de Trabalho".</p>	<p>COMPETÊNCIAS COGNITIVAS 70%</p> <p>1 - PROCESSOS CRIATIVOS</p> <p>- PROCESSO CRIATIVO:</p> <p>Diversidade de ideias (criatividade);</p> <p>Fundamentação na escolha entre alternativas;</p> <p>Desenvolvimento do trabalho;</p> <p>Concretização do trabalho</p> <p>- EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA:</p> <p>Qualidades formais;</p> <p>Qualidades expressivas;</p> <p>Qualidades criativas;</p> <p>2 - CONCEITOS</p> <p>Apreciação verbal (auto-</p>

<p>personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;</p> <p>(5) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>(6) Adohtar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;</p> <p>(7) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;</p> <p>(8) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;</p> <p>(9) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.</p>	<p>de manifestações artísticas contemporâneas.</p> <p>- Promover a literacia estético-artística.</p>				<p>Aula dia 25 de Janeiro (aula de 45 minutos)</p> <p>- Continuação da proposta de trabalho: exploração e realização de uma narrativa através de registos fotográficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de três posições por grupo).</p> <p>- Análise e selecção dos registos fotográficos realizado por cada grupo de trabalho.</p>	<p>- Apresentação de exemplo prático: entrega de uma folha a cada aluno com um exemplo de estrutura de um guião.</p>	<p>- Máquina fotográfica</p> <p>- Computador</p>	<p>avaliação)</p> <p>COMPETÊNCIAS RELACIONAIS 30%</p> <p>Motivação;</p> <p>Interesse;</p> <p>Organização;</p> <p>Autonomia;</p> <p>Superação de Obstáculos;</p> <p>Empenho;</p> <p>Assiduidade;</p> <p>Pontualidade;</p> <p>Material</p> <p>INSTRUMENTOS</p> <p>Trabalhos práticos</p> <p>Trabalhos de grupo</p> <p>Auto e heteroavaliação</p>
					<p>Aula dia 28 de Janeiro (aula de 90 minutos)</p> <p>- Explorações de novas situações através dos registos fotográficos seleccionados por cada grupo no software "Corel Photo-Paint".</p>	<p>- Terceira fase da proposta de trabalho: entrega de uma folha por cada aluno com as etapas da terceira fase da proposta de trabalho.</p>	<p>- Máquina fotográfica</p> <p>- Computador</p>	
					<p>Aula dia 01 de Fevereiro (aula de 45 minutos)</p> <p>- Continuação e finalização das explorações de novas situações através dos registos fotográficos seleccionados por cada grupo no software "Corel Photo-Paint".</p> <p>- Selecção das três imagens finais para o guião de acção.</p> <p>- Elaboração do guião de acção referente a cada grupo de trabalho no software "Corel Draw".</p> <p>Finalização da proposta de trabalho.</p>	<p>- Não foram utilizados recursos didácticos.</p>	<p>- Computador</p>	

Apêndice 23 - Planos de aula



Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás

Professora Orientadora: Cristina Duarte

Disciplina: Educação Visual

Turma: 5, 9º ano

Ano lectivo 2009/2010

Versão 2

Plano de aula: quinta-feira, 21 de Janeiro de 2010 (aula de 90 minutos)

Sumário:

- Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.
- Introdução à *Performance* através de exercício acerca das expressões corporais.
- Breve abordagem teórica sobre a *Performance* - expressões corporais.
- Proposta de trabalho: registos fotográficos de expressões corporais.

Objectivos Específicos:

- Compreender as mensagens visuais presentes nas expressões corporais de imagens, quer do quotidiano, quer de obras artísticas.
- Conhecer novas possibilidades de actuação na linguagem da performance (expressões corporais) ao presenciar alguns exemplos através de imagens.
- Explorar o universo performativo através de um exercício de expressões corporais.

Conteúdos:

- Comunicação Visual: elementos da comunicação visual.

Actividades/Estratégias:

- Introdução ao tema “*Performance* - expressões corporais”, através de um exercício de grupo em que os alunos terão de identificar as expressões corporais presentes nas imagens.

- Breve abordagem teórica sobre a *performance* - expressões corporais. Visualização de algumas obras (através de imagens e vídeos) de alguns artistas (Gilbert and George, Helena de Almeida e Anne Teresa De Keersmaeker).
- Apresentação da proposta de trabalho: exploração e realização de uma narrativa através de registos fotográficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de três posições por grupo). Realização da proposta de trabalho.

Recursos:

- Materiais: projector de vídeo, computador e máquina fotográfica.

Avaliação:

Na avaliação será tido em conta:

Competências cognitivas	Competências relacionais
<p>PROCESSO CRIATIVO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alargamento de conhecimentos; - Diversidade de ideias; - Fundamentação na escolha entre alternativas; - Desenvolvimento do trabalho; - Concretização do trabalho. <p>EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qualidades formais; - Qualidades expressivas; - Qualidades criativas. <p>EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>TÉCNICAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Domínio; - Adequação; <p>Expressão não condicionada;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rigor. <p>CONCEITOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação a alargamento; - Apreciação verbal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação; - Interesse; - Organização; - Autonomia; - Superação de Obstáculos; - Empenho; - Assiduidade; - Pontualidade.

Plano de aula: segunda-feira, 25 de Janeiro de 2010 (aula de 45 minutos)

Sumário:

- Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.
- Continuação dos trabalhos de grupo: exploração de expressões corporais.
- Análise dos registos fotográficos.

Objectivos Específicos:

- Ampliar o conhecimento da *performance* - expressões corporais.
- Explorar o universo performativo através de um exercício de *performance*.

Conteúdos:

- Comunicação Visual: elementos da comunicação visual.

Actividades/Estratégias:

- Continuação da proposta de trabalho: exploração e realização de uma narrativa através de registos fotográficos das expressões corporais que transmitam as ideias transcritas do poema (máximo de três posições por grupo).
- Análise dos registos fotográficos feita por cada grupo de trabalho.

Recursos:

- Materiais: máquina fotográfica, computador.

Avaliação:

Na avaliação será tido em conta:

Competências cognitivas	Competências relacionais
<p>PROCESSO CRIATIVO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alargamento de conhecimentos; - Diversidade de ideias; - Fundamentação na escolha entre alternativas; - Desenvolvimento do trabalho; - Concretização do trabalho. <p>EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qualidades formais; - Qualidades expressivas; - Qualidades criativas. <p>EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>TÉCNICAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Domínio; - Adequação; <p>Expressão não condicionada;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rigor. <p>CONCEITOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação a alargamento; - Apreciação verbal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação; - Interesse; - Organização; - Autonomia; - Superação de Obstáculos; - Empenho; - Assiduidade; - Pontualidade.

Plano de aula: quinta-feira, 28 de Janeiro de 2010 (aula de 90 minutos)

Sumário:

- Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.
- Continuação dos trabalhos de grupo: explorações de expressões corporais.
- Análise dos registos fotográficos.
- Elaboração do guião de acção.

Objectivos Específicos:

- Ampliar o conhecimento da *performance* - expressões corporais.
- Explorar o universo performativo através de um exercício de *performance*.

Conteúdos:

- Comunicação Visual: elementos da comunicação visual.

Actividades/Estratégias:

- Análise e selecção dos registos fotográficos feita por cada grupo de trabalho.
- Explorações de novas situações através dos registos fotográficos seleccionados por cada grupo no software “*Corel Photo-Paint*”.

Recursos:

- Materiais: máquina fotográfica e computador.

Avaliação:

Na avaliação será tido em conta:

Competências cognitivas	Competências relacionais
<p>PROCESSO CRIATIVO:</p> <ul style="list-style-type: none">- Alargamento de conhecimentos;- Diversidade de ideias;- Fundamentação na escolha entre alternativas;- Desenvolvimento do trabalho;- Concretização do trabalho. <p>EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA:</p> <ul style="list-style-type: none">- Qualidades formais;- Qualidades expressivas;- Qualidades criativas. <p>EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>TÉCNICAS:</p> <ul style="list-style-type: none">- Domínio;- Adequação; <p>Expressão não condicionada;</p> <ul style="list-style-type: none">- Rigor. <p>CONCEITOS:</p> <ul style="list-style-type: none">- Formação a alargamento;- Apreciação verbal.	<ul style="list-style-type: none">- Motivação;- Interesse;- Organização;- Autonomia;- Superação de Obstáculos;- Empenho;- Assiduidade;- Pontualidade.

Plano de aula: segunda-feira, 01 de Fevereiro de 2010 (aula de 45 minutos)

Sumário:

- Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.
- Continuação dos trabalhos de grupo: elaboração do guião de acção.
- Finalização da proposta de trabalho.

Objectivos Específicos:

- Ampliar o conhecimento da *performance* - expressões corporais.
- Explorar o universo performativo através de um exercício de *performance*.

Conteúdos:

- Comunicação Visual: elementos da comunicação visual.

Actividades/Estratégias:

- Continuação e finalização das explorações de novas situações através dos registos fotográficos seleccionados por cada grupo no software “*Corel Photo-Paint*”.
- Selecção das três imagens finais para o guião de acção.
- Elaboração do guião de acção referente a cada grupo de trabalho no software “*Corel Draw*”.
- Finalização da proposta de trabalho.

Recursos:

- Materiais: computador.

Avaliação:

Na avaliação será tido em conta:

Competências cognitivas	Competências relacionais
<p>PROCESSO CRIATIVO:</p> <ul style="list-style-type: none">- Alargamento de conhecimentos;- Diversidade de ideias;- Fundamentação na escolha entre alternativas;- Desenvolvimento do trabalho;- Concretização do trabalho. <p>EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA:</p> <ul style="list-style-type: none">- Qualidades formais;- Qualidades expressivas;- Qualidades criativas. <p>EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>TÉCNICAS:</p> <ul style="list-style-type: none">- Domínio;- Adequação; <p>Expressão não condicionada;</p> <ul style="list-style-type: none">- Rigor. <p>CONCEITOS:</p> <ul style="list-style-type: none">- Formação a alargamento;- Apreciação verbal.	<ul style="list-style-type: none">- Motivação;- Interesse;- Organização;- Autonomia;- Superação de Obstáculos;- Empenho;- Assiduidade;- Pontualidade.

Apêndice 24 - Grupos de trabalho



Educação Visual: 9º Ano, turma 5

Professora Orientadora: Cristina Duarte

Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás

Grupos de Trabalho

Grupo I

Temática: <u>POESIA VISUAL</u>	
Elementos	Nº
Débora Caíres	3
Diogo João Ferreira	5
Manuel Nascimento	15
Sara Sousa	17

Grupo II

Temática: <u>PERFORMANCE</u>	
Elementos	Nº
Cláudia Brito	2
Estela Franco	7
Joana Martins	10

Grupo III

Temática: <u>ARTE PÚBLICA</u>	
Elementos	Nº
Diogo André Pestana	4
Fabiana Rodrigues	8
Leandro Moniz	13
Mafalda Marques	14

Apêndice 25 - Grelha de Observação das aulas



Educação Visual: 9º Ano, turma 5

Professora Orientadora: Cristina Duarte

Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás

FORMAÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO		
	Grupos de Trabalho	Observações
1º Turno	1º Grupo	
	<ul style="list-style-type: none">• Débora Caires• Diogo João• Manuel Nascimento• Sara Sousa	
	2º Grupo	
	<ul style="list-style-type: none">• Cláudia Brito• Estela Franco• Joana Martins	
	3º Grupo	
	<ul style="list-style-type: none">• Diogo André• Fabiana Rodrigues• Leandro Moniz• Mafalda Marques	

Apêndice 26 - Exercício proposto na aula

EXERCÍCIO

1. Associe cada palavra a cada uma das seguintes imagens, fazendo corresponder cada palavra a cada uma das expressões corporais.

Escreva nas linhas abaixo das imagens, as palavras que caracterizam as imagens.





REFLEXÃO

ANSIEDADE

ISOLAMENTO

CUMPRIMENTO

ALEGRIA

MEDO

CANSAÇO

FÉ

CONCENTRAÇÃO

CONTEMPLAÇÃO

SILÊNCIO

LOUVOR

TRISTEZA

RAIVA


VERGONHA

Apêndice 27 - Apresentação do *Powerpoint* na aula

Escola Secundária Gonçalves Zarco
Ano lectivo 2009/10
Educação Visual-9º ano

O corpo na arte
O corpo na linguagem performativa

O corpo na arte
Performance



Gilbert and George, *The singing sculpture*, 1968.

[Video](#)


O corpo na arte
Performance



Anne Teresa De Keersmaeker, *Rosas Danst Rosas*, 1983.


[Video](#)

O corpo na arte
Performance




Helena Almeida, *Tela habitada*, 1976.

O corpo na arte
Performance



Helena de Almeida, *Ouvrime*, 1979.

O corpo na arte
Performance



Helena Almeida, *série de 9 fotografias pintadas*, 1979.

Apêndice 28 - Proposta de trabalho

PROPOSTA DE TRABALHO

2. Tendo em conta, o tema abordado na aula, nomeadamente, a “Performance - expressões corporais”, realize as seguintes actividades:
- a) **Crie uma sequência narrativa**, através da exploração de três expressões corporais, com base no poema de Lourdes de Castro, utilizando a máquina fotográfica digital para a captação das expressões. Este exercício de *performance* poderá incluir várias expressões em simultâneo, tais como: corporal, verbal e/ ou musical.

Poema de Lourdes de Castro:

“Eu faço objectos
Eu faço esculturas
Eu faço relevos
Eu colo coisas
Eu colo tudo o que é para deitar fora,
todas as coisas que já não servem para nada,
velhas coisas usadas, novas, muito novas,
sem graça;
coloco-as umas ao lado das outras,
empilhadas ou seguindo linhas, não sei
quais: espaços em volta ou espaços nenhuns,
cheios.
Pinto de alumínio. É tudo.”

- b) **Seleccione as expressões corporais** para o exercício final da performance.
- c) **Crie o guião de acção** no software “Corel Draw”.

Apêndice 29 - Registos Fotográficos



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho III: Diogo Pestana, Fabiana Rodrigues, Leandro Moniz, Mafalda Marques.



Grupo de Trabalho II: Cláudia Brito, Estela Franco, Joana Martins.



Grupo de Trabalho II: Cláudia Brito, Estela Franco, Joana Martins.



Grupo de Trabalho III: Diogo Pestana, Fabiana Rodrigues, Leandro Moniz, Mafalda Marques.



Grupo de Trabalho III: Diogo Pestana, Fabiana Rodrigues, Leandro Moniz, Mafalda Marques.

Apêndice 30 - Terceira Fase da proposta de trabalho



EBSGZ
Escola Básica e Secundária
Gonçalves Zarco

Educação Visual: 9º Ano, turma 5

Professora Orientadora: Cristina Duarte

Professora em prática de ensino supervisionada: Andreia Tomás


PROPOSTA DE TRABALHO

Terceira fase da proposta de trabalho

1. **Crie um guião de acção**, tendo em conta as seguintes fases:
 - a) Com base nas três imagens seleccionadas anteriormente, no software “Corel Photo-Paint”, altere as imagens originais, explorando novas situações (como por exemplo, pintar o rosto, alterar o vestuário, o cabelo, adicionar novos objectos...) para a concretização do exercício final de performance.
 - b) Com o seu grupo de trabalho seleccione as imagens para a criação do guião final, com base nas alterações efectuadas anteriormente.
 - c) Crie um guião de acção no software “Corel Draw” contendo:
 - Imagens;
 - Acção/Descrição da expressão corporal (inclua também a emoção que a imagem transmite);
 - Expressão verbal/musical.

Apêndice 31 - Exemplo de um guião de acção

Exemplo de uma estrutura do guião de acção:

GUIÃO		
IMAGEM	ACÇÃO	TEXTO/SOM
	A menina está sentada numa cadeira, com os braços cruzados, com a cabeça inclinada para baixo.	A menina enquanto está sentada verbaliza: “Eu não quero ir! Eu não quero ir...”

Apêndice 32 - Explorações digitais das imagens



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho I: Débora Caires, Diogo Ferreira, Manuel Nascimento, Sara Sousa.



Grupo de Trabalho II: Cláudia Brito, Estela Franco, Joana Martins.



Grupo de Trabalho III: Diogo Pestana, Fabiana Rodrigues, Leandro Moniz, Mafalda Marques.



Grupo de Trabalho III: Diogo Pestana, Fabiana Rodrigues, Leandro Moniz, Mafalda Marques.




Grupo de Trabalho III: Diogo Pestana, Fabiana Rodrigues, Leandro Moniz, Mafalda Marques.

Apêndice 33 - Guião da acção realizado por cada grupo


Diogo João, Manuel Tommas, Diadora Soares, Sara Sousa
9º5

Exemplo de uma estrutura do guião de acção:

GUIÃO		
IMAGEM	ACÇÃO	TEXTO/SOM
	A menina está sentada numa cadeira, com os braços cruzados, com a cabeça inclinada para baixo.	A menina enquanto está sentada verbaliza: "Eu não quero ir! Eu não quero ir..."
3 sentados	Estamos sentados numas cadeias, como se fossemos estátua. Todas as posturas estão a transmitir uma reflexão/pensamento na sua vida.	Enquanto estão sentados, pensam: "Quem eu sou?"
3 virados de costas	Estamos a olhar e a construir realizando um novo objeto na parede.	Enquanto estão a construir falam sobre a utilização.
	Formamos um só objeto "juntamos tudo o que é para deixar fora".	Pensamos na união e





delboracaires2@hotmail.com
n_saraquel@hotmail.com

Exemplo de uma estrutura do guião de acção: *Claudia, Joana e estela 9.ºs*

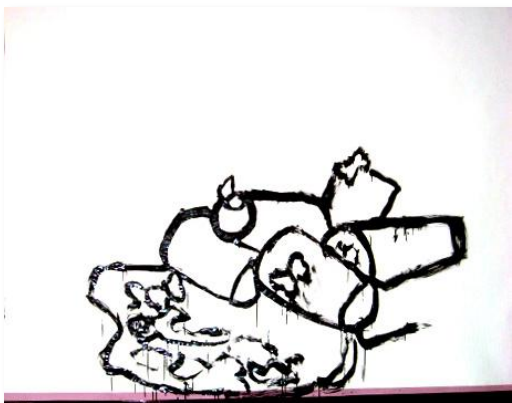
GUIÃO		
IMAGEM	ACÇÃO	TEXTO/SOM
	A menina está sentada numa cadeira, com os braços cruzados, com a cabeça inclinada para baixo.	A menina enquanto está sentada verbaliza: "Eu não quero ir! Eu não quero ir..."
1	Transmite objectos empilhados, o susto e a sobra.	A claudia verbaliza: "Esta é a minha..."
2	Estou a cantar e a fazer movimentos com os braços, a claudia não estava a gostar	Enquanto cantava a claudia verbaliza: "Uhhh... Cantas mal"
3	Transmite a forma de uma escultura	escultura viva

Diogo A., Fabiana, Adando, Katalda

Exemplo de uma estrutura do guião de acção:

GUIÃO		
IMAGEM	ACÇÃO	TEXTO/SOM
	A menina está sentada numa cadeira, com os braços cruzados, com a cabeça inclinada para baixo.	A menina enquanto está sentada verbaliza: "Eu não quero ir! Eu não quero ir..."
	O Diogo está deitado no chão, como morto. Sentimentos: Dor, fadiga	
	A Katalda tenta ajudar o Diogo, e o Adando (vestido de forma leve - o moço caminha...) Sentimentos: tristeza, aflicção, ódio	Katalda enquanto ajuda o Diogo diz: "Não morras!"
	A Katalda isola-se, dá a morte do amigo. Sentimentos: raiva, culpa, tristeza, solidão, isolamento.	Som: triste ... música triste.

Apêndice 34 - Projecto Final



Apêndice 35 - Critérios de avaliação

Critérios de avaliação		
COMPETÊNCIAS COGNITIVAS 70%		
PROCESSOS CRIATIVOS	<p>PROCESSO DE DESIGN:</p> <p>Alargamento de conhecimentos - compreender conceitos relacionados com a Performance. =10%</p> <p>Diversidade de ideias - exploração de expressões corporais/ explorações digitais dos registos fotográficos = 5%</p> <p>Fundamentação na escolha entre alternativas – selecção das expressões corporais para a elaboração do guião de acção = 10 %</p> <p>Desenvolvimento do trabalho = 10%</p> <p>Concretização do trabalho = 10%</p>	45%
	<p>EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA:</p> <p>Qualidades formais = 1,5%</p> <p>Qualidades expressivas = 1,5%</p> <p>Qualidades criativas = 2 %</p>	5%
	<p>EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR = 5%</p>	5%
TÉCNICAS	<p>Domínio = 2,5%</p> <p>Adequação = 2,5 %</p> <p>Expressão não condicionada = 2,5 %</p>	10%

	Rigor = 2,5 %	
CONCEITOS	Formação e alargamento = 2,5 % Apreciação verbal = 2,5%	5%
COMPETÊNCIAS RELACIONAIS 30%		
	Motivação = 3% Interesse = 5% Organização = 3% Autonomia; 3% Superação de Obstáculos = 4% Empenho = 5% Assiduidade = 4% Pontualidade = 3% Material	30%
<p>Proponho não avaliar materiais, visto que não foi solicitado aos alunos trazerem materiais para as aulas.</p>		
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO		
Trabalhos práticos; Trabalhos de grupo; Grelhas de observação; Auto e heteroavaliação.		

Apêndice 36 - Observações da turma

Tabela de observação das avaliações das aulas do dia 21 de Janeiro a 01 de Fevereiro de 2010, inseridas na Unidade de Trabalho:

“Manifestações Artísticas Contemporâneas – Performance, Poesia Visual, Arte Pública”

Percentagem	0 – 19 NS	20 – 49 NS	50 – 69 S	70 – 89 SB	90 – 100 SP
Nota	1	2	3	4	5

Nome do aluno	Observações	Nota Final (1-5)
Claúdia	<p>Positivo: Demonstrou interesse e empenho ao longo das aulas. Revelou criatividade na exploração das expressões corporais. Realizou todas as fases da proposta sem recorrer ao apoio do professor. Forneceu ideias e sugestões. Cooperou no trabalho de grupo. Revelou criatividade na exploração digital das imagens.</p> <p>Negativo: Por vezes não teve muito em conta a opinião das colegas relativamente ao trabalho de grupo desenvolvido ao longo das aulas.</p>	92% = 5
Débora	<p>Positivo: Esteve bem ao longo do trabalho realizado. Revelou interesse e empenho na exploração das expressões corporais. Utilizou as ferramentas do programa “Corel Photo-Paint” sem apresentar grandes dificuldades.</p> <p>Negativo: Demonstrou por vezes estar desinteressada na exploração digital das imagens.</p>	86% = 4
Diogo André	<p>Positivo: Demonstrou dominar bem as ferramentas do programa na exploração digital das imagens. Revelou criatividade na exploração digital das imagens que trabalhou.</p>	

	<p>Negativo: Revelou desinteresse na primeira fase da proposta (exploração das expressões corporais). Não participou com empenho nas tarefas do trabalho de grupo.</p>	<p>67% = 3</p>
<p>Diogo João</p>	<p>Positivo: Esteve bem ao longo do trabalho realizado. Demonstrou interesse e empenho na realização da proposta. Utilizou as ferramentas do programa “Corel Photo-Paint” sem grandes dificuldades.</p> <p>Negativo: Não revelou muita criatividade na exploração digital dos registos fotográficos.</p>	<p>83% = 4</p>
<p>Estela</p>	<p>Positivo: Demonstrou interesse na realização da proposta de trabalho. Revelou criatividade na realização das expressões corporais.</p> <p>Negativo: Por vezes abstraiu-se do trabalho de grupo. Algumas vezes não teve muito em conta a opinião das colegas na realização da proposta de trabalho. Revelou algumas dificuldades na utilização das ferramentas do programa “Corel Photo-Paint” na exploração digital das imagens.</p>	<p>79% = 3</p>
<p>Fabiana</p>	<p>Positivo: Esteve muito bem ao longo da realização da proposta de trabalho. Demonstrou interesse e empenho ao longo das aulas. Dinamizou e organizou o trabalho de grupo. Forneceu ideias e sugestões. Cooperou no trabalho de grupo. Revelou criatividade na exploração digital das imagens.</p> <p>Negativo: Demonstrou algumas dificuldades na utilização das ferramentas do programa “Corel Photo-Paint”.</p>	<p>90% = 4</p>
<p>Joana</p>	<p>Positivo: Demonstrou interesse e empenho na realização da proposta de trabalho. Estabeleceu uma boa dinâmica de grupo. Revelou criatividade na exploração das expressões corporais.</p> <p>Negativo: Não explorou muito as ferramentas do programa procurando atingir resultados mais criativos.</p>	<p>82% = 4</p>

Leandro	<p>Positivo: Argumentou e defendeu verbalmente as suas ideias relativamente ao seu trabalho.</p> <p>Negativo: Não participou com empenho nas tarefas do trabalho de grupo. Não cooperou na exploração de expressões corporais. Fez intervenções pouco pertinentes. Revelou pouca criatividade nas explorações digitais das imagens.</p>	69% = 3
Mafalda	<p>Positivo: Esteve muito bem ao longo da realização da proposta de trabalho. Colaborou no trabalho de grupo. Revelou interesse e empenho. Revelou criatividade na exploração digital das imagens. Dominou razoavelmente as ferramentas do programa “Corel Photo-Paint”.</p> <p>Negativo: Na exploração das expressões corporais não revelou muita criatividade.</p>	85 % = 4
Manuel	<p>Positivo: Utilizou as ferramentas do programa “Corel Photo Paint” sem apresentar dificuldades. Revelou criatividade na exploração digital das imagens.</p> <p>Negativo: Não revelou interesse e motivação ao longo das aulas. Não participou com empenho nas tarefas do trabalho de grupo.</p>	72% =4
Sara	<p>Positivo: Demonstrou interesse e empenho na primeira fase da proposta. Colaborou no trabalho de grupo. Estabeleceu uma boa dinâmica de grupo. Utilizou as ferramentas do programa “Corel Photo-Paint” sem apresentar grandes dificuldades.</p> <p>Negativo: Não explorou muito as ferramentas do programa procurando atingir resultados mais criativos. Na exploração digital das imagens não mostrou muito interesse.</p>	80% =4

Apêndice 37 - Avaliação das aulas individuais



Nr.	Nome	COMPETÊNCIAS COGNITIVAS - 70%															%	COMPETÊNCIAS RELACIONAIS - 30%										%	30%	100%	Atual																								
		1- Processos criativos										2- Técnicas						3- Conceitos																																					
		10%	10%	5%	10%	10%	1.5%	1.5%	2%						2.5%	2.5%		2.5%	2.5%	2.5%	2.5%	3%	5%	3%	3%	4%	3%					5%	0%	4%																					
		Atuação e criatividade em apresentações	Diversidade de ideias	Fluência e originalidade de ideias e argumentos	Demonstração de trabalho	Conclusão do trabalho	Qualidade formal	Qualidade argumentativa	Qualidade criativa	Capacidade de representar	Domínio	Adequação	Exatidão e detalhamento	Engajamento	Formação e aprimoramento	Apreciação visual		Motivação	Interesse	Organização	Autonomia	Busca de informações	Participação	Empenho	Material	Ausultidade																													
2	Claudia Brito	90	90	90	90	4,5	90	90	90	85	1,3	90	1,4	90	1,8	90	4,5	90	2,3	90	2,3	90	2,3	95	2,4	90	2,3	80	2,0	62,8	95	2,9	95	4,8	100	3,0	95	2,9	90	3,6	100	3,0	95	4,8	100	0	100	4,0	28,8	92	5				
3	Débora Cairns	85	8,5	85	8,5	80	4,0	85	8,5	85	8,5	85	8,5	75	1,1	80	1,2	80	1,6	85	4,3	80	2,0	80	2,0	80	2,0	80	2,0	80	2,0	70	1,8	57,9	90	2,7	90	4,5	100	3,0	80	2,4	90	3,6	100	3,0	90	4,5	100	0	100	4,0	27,7	86	4
4	Diogo André Pestana	70	7,0	60	6,0	60	3,0	70	7,0	70	7,0	70	7,0	60	0,9	60	0,9	70	1,4	70	3,5	70	1,8	60	1,5	60	1,5	66	1,7	65	1,6	46,2	60	1,8	60	3,0	60	1,8	60	1,8	65	2,6	100	3,0	65	3,3	100	0	100	4,0	21,25	67	3		
5	Diogo João Ferreira	80	8,0	80	8,0	75	3,8	85	8,5	85	8,5	85	8,5	65	1,0	70	1,1	70	1,4	75	3,8	75	1,9	80	2,0	70	1,8	75	1,9	75	1,9	80	2,0	55,3	90	2,7	90	4,5	90	2,7	80	2,4	90	3,6	100	3,0	85	4,3	100	0	100	4,0	27,15	82	4
7	Estela Franco	70	7,0	80	8,0	70	3,5	80	8,0	80	8,0	80	8,0	70	1,1	85	1,3	85	1,7	85	4,3	75	1,9	80	2,0	85	2,1	80	2,0	70	1,8	65	1,6	54,2	85	2,6	85	4,3	65	2,0	80	2,4	75	3	80	2,4	80	4,0	100	0	75	3,0	13,55	78	4
8	Fabiana Rodrigues	90	9,0	85	8,5	90	4,5	90	9,0	90	9,0	90	9,0	80	1,2	85	1,3	85	1,7	90	4,5	90	2,3	90	2,3	80	2,0	85	2,1	82	2,1	83	2,1	61,4	90	2,7	90	4,5	90	2,7	95	2,9	90	3,6	100	3,0	95	4,8	100	0	100	4,0	28,1	96	5
10	Joana Martins	80	8,0	75	7,5	75	3,8	85	8,5	85	8,5	85	8,5	70	1,1	80	1,2	80	1,6	80	4,0	75	1,9	80	2,0	80	2,0	80	2,0	70	1,8	69	1,7	55,5	90	2,7	90	4,5	90	2,7	80	2,4	80	3,2	100	3,0	85	4,3	100	0	100	4,0	24,75	82	4
13	Leandro Moniz	75	7,5	70	7,0	75	3,8	60	6,0	60	6,0	60	6,0	30	0,8	35	0,8	35	1,1	70	3,5	60	1,5	60	1,5	80	2,0	60	1,5	76	1,9	75	1,8	46,7	60	1,8	60	3,0	60	1,8	92	2,8	65	2,6	100	3,0	70	3,5	100	0	100	4,0	21,46	69	3
14	Nafalda Marques	90	9,0	80	8,0	75	3,8	85	8,5	85	8,5	85	8,5	70	1,1	80	1,2	80	1,6	80	4,0	85	2,1	85	2,1	80	2,0	80	2,0	78	2,0	69	1,7	57,5	90	2,7	90	4,5	90	2,7	90	2,7	90	3,6	100	3,0	90	4,5	100	0	100	4,0	27,7	85	4
15	Manuel Nascimento	70	7,0	70	7,0	60	3,0	70	7,0	70	7,0	70	7,0	65	1,0	75	1,1	75	1,5	75	3,8	75	1,9	75	1,9	80	2,0	75	1,9	72	1,8	62	1,6	49,3	60	1,8	60	3,0	75	2,3	75	2,3	70	2,8	100	3,0	70	3,5	100	0	100	4,0	22,6	72	4
17	Sara Sousa	80	8,0	75	7,5	70	3,5	75	7,5	80	8,0	80	8,0	70	1,1	80	1,2	80	1,6	80	4,0	80	2,0	80	2,0	75	1,9	80	2,0	76	1,9	68	1,7	53,8	90	2,7	90	4,5	90	2,7	80	2,4	80	3,2	100	3,0	80	4,0	100	0	100	4,0	26,5	80	4

Apêndice 38 - Avaliação do projecto final

Nr.	Nome	COMPETÊNCIAS COGNITIVAS - 70%														%	COMPETÊNCIAS RELACIONAIS - 30%										%	100%	Nível										
		1- Processos criativos					2- Técnicas					3- Conceitos																											
		10%	10%	5%	10%	10%	1.5%	1.5%	2%	5%	2.5%	2.5%	2.5%	2.5%	2.5%		2.5%	5%	5%	4%	5%	5%	0%	6%	0%	0%													
		Ataques mentais de contra-ataques	Divisão de ideias de ideias	Formas alternativas de ideias	Desenvolvimento de ideias de ideias	Quantidade de ideias	Qualidade de ideias	Qualidade de ideias	Qualidade de ideias	Qualidade de ideias	Domínio	Adequação	Exatidão de ideias	Rigor	Formação e desenvolvimento	Adequação e utilidade	70%	Matemática	Interesse	Organização	Autonomia	Sensação de realização	Participação	Empenho	Resistência	Acolhimento	30%												
2	Claudia Brito	100	10	100	10	80	4	100	10	100	10	100	10	100	3	80	2	68,5	100	5	100	4	100	4	100	5	100	5	100	0	100	6	100	0	100	0	29	98	5
3	Débora Cairas	90	9	90	9	80	4	95	10	95	10	90	2	90	2	70	2	62,5	90	4,5	100	4	100	4	100	5	90	4,5	100	0	100	6	100	0	100	0	28	91	4
4	Diogo André Pestana	90	9	70	7	60	3	75	8	75	8	70	1	70	2	65	2	50,7	60	3	60	2,4	60	2,4	60	3	70	3,5	100	0	60	3,6	100	0	100	0	17,9	69	3
5	Diogo João Ferreira	85	9	80	8	90	5	82	8	80	8	65	1	60	3	60	3	54,0	100	5	100	4	90	3,6	80	4	80	4	100	0	100	6	100	0	100	0	26,6	81	4
7	Estela Franco	90	9	90	9	80	4	95	10	100	10	90	2	95	5	65	2	63,3	95	4,8	95	3,8	70	2,8	80	4	80	4	100	0	95	5,7	100	0	100	0	24,85	88	4
8	Fabiana Rodrigues	95	10	95	10	95	5	100	10	100	10	90	2	90	5	65	2	66,8	100	5	100	4	95	3,8	100	5	100	5	100	0	100	6	100	0	100	0	28,8	96	4 ou 3
10	Joana Martins	90	9	90	9	80	4	95	10	95	10	80	2	80	2	70	2	61,3	90	4,5	90	3,6	90	3,6	80	4	80	4	100	0	90	5,4	100	0	100	0	25,1	85	4
13	Leandro Meniz	90	9	75	8	100	3	90	9	90	9	90	2	95	5	60	2	62,1	60	3	60	2,4	60	2,4	100	5	85	4,3	100	0	80	4,8	100	0	100	0	21,85	84	4
14	Nafalda Marques	90	9	90	9	90	5	95	10	95	10	90	2	90	2	70	2	63,5	90	4,5	100	4	100	4	95	5	95	4,8	100	0	100	6	100	0	100	0	28	92	4
15	Manuel Nascimento	80	8	70	7	70	4	80	8	85	9	75	1	80	4	60	2	55,0	70	3,5	75	3	75	3	90	5	80	4	100	0	80	4,8	100	0	100	0	22,8	78	3 ou 4
17	Sara Sousa	90	9	80	8	80	4	90	9	90	9	80	2	80	2	60	2	58,9	75	3,8	80	3,2	90	3,6	90	5	85	4,3	100	0	80	4,8	100	0	100	0	24,1	83	4

ANEXOS

Anexo 1 - Documentos referentes à preparação da visita de estudo ao Centro das Artes

 REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
 SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO

VISITA DE ESTUDO

Os professores FILIPA VENÂNCIO e TERESA ZADIM comunicam que no(s) dia(s) 22 do mês de OUTUBRO os alunos da turma 13 ano 12^o agrupamento DAS ARTES VISUAIS realizarão uma visita de estudo a CENTRO DAS ARTES - CASA DOS MUDAS, CALHETA.

ESTA ACTIVIDADE É INTEGRADA NO MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS
 com a finalidade de VISITAR A EXPOSIÇÃO "UM OLHAR SOBRE O MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA"

Hora de partida: 8H30m
 Hora de chegada: 13H



Nomes e números dos alunos: Todos os alunos da Turma das disciplinas de Desenho A e Oficina das Artes.

a) Professores em missão:
Andréia Tomás
Paulina Ilustras
Hélena Rodrigues
Mércia Ferreira
Ricardo Barros

Escola Secundária de Francisco Franco, 15 de OUTUBRO de 2009.
 O professor: Filipa Venâncio

Nota: Após a visita, o professor deverá comunicar quais os alunos que faltaram e as anomalias verificadas.

Rua João do Deus, 9 - 9064-027 Funchal - Tel.: 291 22020/11203 - Fax 291 230342 - edufunco@madeira.edu.pt

 REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
 SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO

VISITA DE ESTUDO

(A preencher pelo professor responsável pela visita de estudo)

No(s) dia(s) 22 de OUTUBRO os alunos da Turma 13 Ano 12^o, Curso ARTES VISUAIS realizarão uma visita de estudo a CENTRO DAS ARTES - CASA DOS MUDAS, CALHETA com a finalidade VISITAR A EXPOSIÇÃO "UM OLHAR SOBRE O MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA". A partida está prevista para as 8h30 horas e a chegada às 13H. Os alunos deverão levar DIÁRIO GRÁFICO OU BLOCO DE DESENHO, MATERIAL RISCADORES E LÁPIS.

* A EXPERIÊNCIA DA TURMA" O RESPONSÁVEL PELA VISITA DE ESTUDO
Filipa Venâncio Teresa ZADIM

ACTIVIDADE INTEGRADA NO MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS
 (A devolver ao professor)

DECLARAÇÃO

(A preencher pelo Encarregado de Educação)

Declaro que autorizo o meu educando (F) _____ nº _____ do turma _____ do _____º Ano, Curso: _____ a tomar parte na visita de estudo acima referida.

Data: _____/_____/_____

O ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO



Confirmamos a reserva de 1 serviço a realizar no dia 22-10-2009, com um autocarro de 35 lugares entre o Funchal/Casa das Mudas Calheta e regresso, pelo valor de € 200,00 (Duzentos euros)

Funchal, 19 de Outubro de 2009
 SOCIEDADE DE AUTOMÓVEIS DA MADEIRA (SAM), LDA.

Sociedade de Automóveis da Madeira, Lda.
 Caminho do Regedor, Nazare - 948 Matos - 9000-000 Funchal - Portugal - Tel: 291 705 750 - Fax: 291 775 207 - E-mail: sam@samfunchal.com
 Capital Social: 4.000 000€ - MCRF Funchal Nº 1165 - NIPC: 511 000 903



Venda a dinheiro	
ORIGINAL	
Número	20090240
Data	21-10-2009

Pág. 1 / 1

Caminho do Regedor, Nazare
 FUNCHAL
 9000-000
 Telefone: 291201 151
 Telex: 291742573
 Contribuinte: 511008503
 Capta Societ: 4000090
 Curs. Reg. Com: Reg. Com. do Funchal
 Com o número: 1163

EXMA. SRA. FILIPA VENÂNCIA
 FUNCHAL

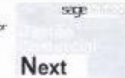
Cliente	Contribuinte	Desconto	zona	Vendedor	Referência	Expedição	Vencim.
9599	CIF		MD	000			21/10/09
Artigo	Descrição	Qtd.	Preço	Desc.	IVA	Valor	
030201	Aluguer - CASA DAS MUDAS GALHETA -22-10-	1.000	200,00		4	192,31	
Total				1.000		192,31	

Incidência	Taxa	Valor imposto	Observações	Total Mercadoria	192,31
	0		Documento liquidado através do recibo REC - N.º Exp.º Serie: 8 - de 2009	Despesas	
192,31	4	7,69		Adiantamentos	
	8			Desc. Cabeçalho	
	14			Desc. Linhas	
				Total IVA	7,69
				Total em EUR	200,00

I.V.A. incluído
 Os artigos/serviços constantes deste documento foram colocados à disposição do adquirente nesta data, ao abrigo do Art.38.º N.º5, Alínea f do CIVA Estreito
 Duzentos Euros

Data Carga	21-10-2009	Hora Carga	15:13
Local Carga			
Descarga			
Transporte			

Processado por computador
 Emitido pela aplicação



MCO FACTLI

Anexo 2 - Critérios de avaliação do grupo disciplinar

E s c o l a S e c u n d á r i a d e F r a n c i s c o
F r a n c o

Grupo Disciplinar de Desenho A e B e Oficina de Artes

Desenho A e Desenho B

Critérios de Avaliação

10º Ano

11º Ano

12º Ano

Ano lectivo 2009/2010

Desenho A

Cursos Científico – Humanístico de Artes Visuais

Disciplina da Componente de Formação Específica - 10º, 11º e 12º Anos

Disciplina Teórico-prática trienal com carga horária semanal de 90 + 90 + 135 minutos

Desenho B

Cursos Tecnológico de Multimédia

Disciplina da Componente de Formação Tecnológica - 10º, 11º e 12º Anos

Disciplina Teórico-prática trienal com carga horária semanal de 90 + 90 minutos

3-Interpretar e Comunicar	Domínio				
	Sócio -afectivo		- Provas de carácter prático (recomendado pelo Programa) e Provas teórico-práticas	10%	10%
		- Valores e Atitudes gerais (os específicos são os constantes do Programa, em anexo e estão articulados com as práticas de aprendizagem)	<ul style="list-style-type: none"> - assiduidade - comportamento - capacidade de iniciativa - autonomia e espírito de grupo - responsabilidade, higiene e segurança no trabalho - respeito pelos materiais, equipamentos e bens colectivos - participação e intervenção na comunidade escolar e extra-escolar 	10 %	5%

1- Avaliação

Em termos gerais a avaliação na Disciplina de Desenho, no que se refere a aprendizagens, princípios e processos de avaliação, pauta-se pela legislação em vigor, e pelos Critérios Gerais de Avaliação da Escola.

Em consonância com estes princípios a avaliação na Disciplina de Desenho deve ser contínua, global, integrando as modalidades formativa e sumativa; deve ser uma avaliação fiável e diversificada, com base na observação de actividades em processo e em produtos.

Os instrumentos de avaliação deverão ser diversificados e transparentes, adequados às diferentes situações do Ensino Aprendizagem, organizado preferencialmente em “Unidades de trabalho” conciliadoras da actividade oficial com a aquisição de conteúdos. Pressupõe a utilização de grelhas de registo de observação e de auto-avaliação.

E s c o l a S e c u n d á r i a d e F r a n c i s c o
F r a n c o

Grupo Disciplinar de Desenho A e B e Oficina de Artes

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

OFICINA DE ARTES – 12º Ano

Disciplina Anual da Componente de Formação Específica

Disciplina Teórico-Prática com carga horária semanal de 90 + 90 + 135 minutos

Cursos Científico-Humanístico de Artes Visuais

Ano Lectivo 2009/2010

Âmbito	Oficina de Artes é uma disciplina cujo nome releva da noção de ofício, no sentido que lhe é conferido actualmente pelo operador plástico, enquanto agente de intervenção crítica que, mediante o conhecimento e a valorização do património, é capaz de agir, de modo integrado, na sociedade em que está inserido.
Finalidades	<p>O programa de Oficina de Artes pretende proporcionar aos alunos a aquisição e o desenvolvimento de saberes no âmbito das artes visuais, através da prossecução das seguintes finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none">. Desenvolver a sensibilidade e a consciência crítica, mediante a mobilização do aluno para os conteúdos específicos das diferentes áreas das artes visuais.. Fomentar a capacidade de manipulação sensível e técnica dos materiais, dos suportes e dos instrumentos, visando um melhor entendimento do espaço bidimensional e tridimensional em vários domínios da expressão plástica.. Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.. Proporcionar aos alunos o acesso aos fundamentos e pressupostos científicos essenciais que determinam grande parte da fenomenologia das artes visuais, desde o acto criativo em si à perspectiva crítica e de intervenção no âmbito da comunidade.

<p style="text-align: center;">Competências</p>	<p>Nesta disciplina, pretende-se que o aluno desenvolva competências que o tornem capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representar bi- e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou informáticos. - Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual. - Utilizar adequadamente os materiais, os suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual. - Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projecto, nas diversas áreas em estudo. - Trabalhar em equipa, gerindo as competências necessárias à concretização de um projecto artístico. - Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido.
<p style="text-align: center;">Avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação Sumativa: classificação de 0 a 20 valores , a atribuir no final de cada período - Avaliação Formativa: avaliação contínua e sistemática com função diagnóstica, com vista a que alunos e professor ajustem processos e estratégias, por forma a contribuir para a evolução do aluno. <p>São utilizados vários e adequados instrumentos de avaliação (assentes no diálogo, observação, sentido de transparência, fidelidade e contextualização, como por exemplo as grelhas de registo de observação e de auto-avaliação, portfólios e outros produtos com incidência avaliativa.</p> <p>A avaliação das Atitudes e Valores processa-se adentro dos vários componentes de trabalho.</p> <p>Será dada relevância à assiduidade.</p>

Avaliação	<p>Os referenciais de avaliação a seguir enunciados são porventura observáveis ao longo da aprendizagem prevista e deles se isolam, para cada Módulo, os mais significativos. Assim, pretende-se avaliar, global ou pontualmente, os seguintes aspectos de formação, evolução e práticas de aprendizagem em termos de saberes, saberes-fazer e saberes-ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Poder de observação aliado à capacidade de interpretar e registar; . Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais; . Capacidade de leitura e análise de imagens; . Domínio dos meios de representação; . Invenção criativa aplicada a trabalhos e projectos; . Interesse pelos fenómenos de índole artística; . Formulação de questões pertinentes; . Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo; . Persistência na aprendizagem; . Empenho no trabalho realizado; . Aquisição e compreensão de conhecimentos; . Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações. 	
Pesos	<p>- “Propostas de trabalho” em consonância com o elenco temático.</p>	80%
	<p>- Trabalho extra-aula, recolha e pesquisa teórico-visual</p> <p>- Relatórios, memórias descritivas, exposições orais e escritas</p>	15%

	Atitudes e Valores Gerais (os específicos são inerentes às práticas de aprendizagem e dela não se podem dissociar)	5%
--	--	-----------

Avaliação por portfólio do “Projecto Artístico” (2º /ou 3ºperíodos)

(2º Módulo)

Componentes		Pesos
Processo	Descrição do projecto Investigação/ Preparação Dossier de pesquisa Estudos e notas preparatórias Estudos de desenvolvimento Registos do processo	60%
Produto	O portfólio como um todo. Produtos finais e Relatório ou Memória Descritiva	30%
Auto-avaliação.	Relatório de auto-avaliação Notas sobre auto-avaliação dos processos	10%

Anexo 3 - Caracterização da turma

Os dados sobre a turma que se encontram na tabela foram fornecidos pela orientadora pedagógica Cristina Aguiar.

PERFIL DA TURMA			
ALUNOS	Número de alunos: Sexo feminino 9 Sexo masculino 9 Total: 18		
	Média de idades dos alunos até final do ano lectivo		
	Número de alunos	com idade fora da escolaridade obrigatória	2
		retidos no ano lectivo anterior	0
		retidos noutra ano lectivo	1
		que usufruíram de apoio pedagógico no ano transacto	9
		com necessidades educativas especiais	2
		beneficiários dos Serviços de Apoio Sócio-Educativo	7
		que frequentaram o Ensino pré-escolar	18
		que frequentam esta escola pela primeira vez	0
		que frequentam actividades complementares	0
		que sofreram medidas educativas disciplinares	1
		que pretendem prosseguir estudos	
. até ao 9º ano _____			
. até ao 12º ano _____			
Situações especiais (identificação e síntese):			
Um aluno diagnosticado com Síndrome de Asperger			
Uma aluna diagnosticada com Síndrome de Défice de Atenção com Hiperactividade e Dificuldades de			
Modos de trabalho pedagógico preferidos:			
1º - Trabalho de grupo _____		13	
2º - Aula com material áudio e vídeo _____		11	
3º - Trabalho a pares _____		10	
Eventuais dificuldades de aprendizagem:			
1º - Pouca atenção _____		8	
2º - Não compreensão do professor _____		5	
Qualidades mais apreciadas no professor:			
1º - Compreensão _____		16	
2º - Simpatia _____		13	

Actividades de tempos livres	Gosta de ler _____	10
	Gosta de ver documentários _____	12
	Gosta de ver noticiários _____	14
	Pratica desporto _____	6
	É atleta de Alta Competição _____	1
	Escutismo _____	2
	Catequese _____	10
	Conservatório de música _____	2
Número de alunos cujo agregado familiar obedece às seguintes constituições		
<input type="checkbox"/> 1 Agregado monoparental (ou pai ou mãe) <input type="checkbox"/> 3 Agregado biparental (pai e mãe)		
<input type="checkbox"/> 12 Agregado biparental, mais irmã(o) <input type="checkbox"/> 2 Agregado biparental mais irmãos		
<input type="checkbox"/> 1 Outras constituições. Quais? <u>Madrinha, Irmã adulta, filha da madrinha e sobrinha</u>		
Número de alunos cujos pais obedecem às seguintes características		
Habilitações académicas do pai	Habilitações académicas da mãe	
<input type="checkbox"/> 3 4ª classe ou inferior	<input type="checkbox"/> 5 4ª classe ou inferior	
<input type="checkbox"/> 4 6º ano de escolaridade	<input type="checkbox"/> 1 6º ano de escolaridade	
<input type="checkbox"/> 4 9º ano de escolaridade	<input type="checkbox"/> 1 9º ano de escolaridade	
<input type="checkbox"/> 11º ano de escolaridade	<input type="checkbox"/> 2 11º ano de escolaridade	
<input type="checkbox"/> 3 12º ano de escolaridade	<input type="checkbox"/> 6 12º ano de escolaridade	
Idade do pai	Idade da mãe	
<input type="checkbox"/> < 30 anos <input type="checkbox"/> 4 entre 30-40 anos	<input type="checkbox"/> < 30 anos <input type="checkbox"/> 4 entre 30-40 anos	
Situação profissional do pai	Situação profissional da mãe	
<input type="checkbox"/> 10 Efectivo <input type="checkbox"/> 1 Contratado	<input type="checkbox"/> 10 Efectiva <input type="checkbox"/> 2 Contratada	
<input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Desempregado	<input type="checkbox"/> Reformada <input type="checkbox"/> 1 Desempregada	

Agregados Familiares

Anexo 4 - Planificação anual da escola

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA GONÇALVES ZARCO EDUCAÇÃO VISUAL 2009/2010 PLANIFICAÇÃO ANUAL 9º ano			"Áreas de exploração" – DESENHO, PINTURA, ESCULTURA, BANDA DESENHADA, FOTOGRAFIA E VÍDEO, GRAVURA E IMPRESSÃO, INFORMÁTICA			
COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	ACTIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	AValiação	
<p>(1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;</p> <p>(2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;</p> <p>(3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;</p> <p>(4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;</p> <p>(5) Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;</p> <p>(6) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>(7) Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;</p> <p>(8) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;</p> <p>(9) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;</p> <p>(10) Relacionar harmoniosamente o corpo com o</p>	<p>Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.</p> <p>Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, da banda desenhada ou do guionismo visual.</p> <p>Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento.</p> <p>Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem.</p> <p>Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição.</p> <p>Entender o desenho como meio de representação expressiva e rigorosa de formas.</p> <p>Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada.</p> <p>Representar expressivamente a figura humana compreendendo relações básicas de estrutura e proporção.</p> <p>Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas.</p> <p>Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento, ergonomia e antropometria.</p> <p>Entender</p>	COMUNICAÇÃO	Elementos visuais da comunicação	Registar graficamente equipamento, habitação, paisagens, pessoas, actividades, etc. Utilizar lápis, esferográfica, carvão, quaches, marcadores, etc.		<p>COMPETÊNCIAS COGNITIVAS 70%</p> <p>1 - PROCESSOS CRIATIVOS - PROCESSO DE DESIGN: Alargamento de conhecimentos (investigação); Diversidade de ideias (criatividade); Fundamentação na escolha entre alternativas; Desenvolvimento do trabalho; Concretização do trabalho</p> <p>- EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA: Qualidades formais; Qualidades expressivas; Qualidades criativas;</p> <p>- EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>2 - TÉCNICAS Domínio; Adequação; Expressão não condicionada; Rigor</p> <p>3 - CONCEITOS Formação e alargamento; Apreciação verbal (auto-avaliação)</p> <p>COMPETÊNCIAS RELACIONAIS 30%</p> <p>Motivação; Interesse; Organização; Autonomia; Superação de Obstáculos; Empenho; Assiduidade; Pontualidade; Material</p> <p>INSTRUMENTOS</p> <p>Trabalhos práticos Trabalhos de casa Trabalhos de grupo/individuais Questionários orais Relatórios Grelhas de observação Auto e heteroavaliação</p>
			Códigos de comunicação visual	Elaborar gráficos e esquemas. Executar projectos de equipamento, organização de espaços, etc...fazendo esboço cotado, vistas ortogonais, maquetas ou modelos tridimensionais.		
			Papel da imagem na comunicação	Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas.		
		ESPAÇO	REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO Sobreposição; dimensão; cor; claro-escuro; gradação de nitidez	Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão, de cor e de claro-escuro ou as gradações de nitidez.		
			Vistas: cubo envolvente, sistema europeu	Representar objectos pelas suas vistas no sistema europeu: desenhando as vistas necessárias para compreensão de um objecto (noções de contorno e de corte); registando as suas medidas (escalas, cotas); utilizando linguagem gráfica convencional (linhas contínuas e interrompidas, de espessuras diferentes, etc.).		
			Perspectiva de observação (livre e rigorosa)	Conhecer sistematizações geométricas da perspectiva de observação (linhas e pontos de fuga, direcções principais e auxiliares, divisões proporcionais, etc.).		
			Axonometrias	Conhecer vários sistemas de representação axonométrica. Representar um objecto simples em perspectiva cavaleira. Converter a representação e pelas vistas numa representação axonométrica e vice-versa.		
			Relação homem/espaço	Registar as proporções e, em esquema, os movimentos. Projectar objectos ou espaços tendo em conta a relação homem - espaço		

<p>espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.</p>	<p>visualmente a perspectiva central ou cónica recorrendo à representação, através do desenho de observação.</p> <p>Conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais.</p> <p>Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume.</p> <p>Compreender a estrutura das formas naturais e dos objectos artísticos, relacionando-os com os seus contextos.</p> <p>Perceber os mecanismos perceptivos da luz/cor, síntese aditiva e substractiva, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p> <p>Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas.</p> <p>Criar composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual.</p>	ESTRUTURA	<p>Estrutura Forma/Função</p> <p>o Estruturas naturais e criadas pelo homem.</p>	<p>Compreender a estrutura como suporte de uma forma, mas também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p> <p>Relacionar a forma e a função dos objectos com a sua estrutura</p>		
			FORMA	<p>Percepção Visual da Forma</p> <p>Qualidades: formais, geométricas e expressivas.</p>		
		<p>Factores que determinam a forma dos objectos</p> <p>Físicos – Propriedades dos materiais</p>		<p>Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas de design, em função das suas propriedades físicas.</p>		
		<p>Económicos – Mão-de-obra, materiais, tempo, conservação, produção industrial e prod. artesanal, produção em série e elementos e módulos.</p>		<p>Compreender a importância do factor económico considerando como condicionantes do design a mão-de-obra, os materiais, o tempo e a conservação.</p>		
		<p>Funcionais – Função principal e subfunções, antropometria e ergonomia.</p>		<p>Distinguir entre a função principal e as subfunções de um objecto (por expl. guarda chuva, pega, etc.)</p> <p>Relacionar a forma dos objectos com as medidas e os movimentos do homem.</p>		
		<p>Estéticos</p>		<p>Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os factores considerados.</p>		
		LUZ-COR	<p>A COR-LUZ NO AMBIENTE</p>	<p>Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente.</p> <p>Utilizar os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente.</p> <p>Aplicar os conhecimentos adquiridos sobre a cor sensação e a influência da cor no comportamento</p>		

